

MORGAN RICE

EPISÓDIO N.º 3 DA SÉRIE O ANEL DO FETICEIRO

UM
REINADO
DE
RAINHAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MORGAN RICE

LIVRO N. 13 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO

UM
REINADO
DE
RAINHAS

UM reinado DE rainhas

(LIVRO n 13 da série O Anel do Feiticeiro)

Morgan Rice

Morgan Rice

Morgan Rice é a autora bestseller nº1 do USA Today da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série bestseller nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, composta por onze livros (em progresso); da série bestseller nº1

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em

progresso); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por dois livros (e contando). Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em 25 idiomas.

[TRANSFORMADA](#) (Livro n 1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência) e

[EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e fazer parte da lista de correspondência, receber um livro gratuito, ganhar brindes, fazer o download do aplicativo gratuito, receber notícias exclusivas, conectar-se através do Facebook e Twitter e manter contato!

Críticas aos Livros de Morgan Rice

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga em seu enredo. *Em Busca de Heróis* é uma história sobre a busca pela coragem e um propósito na vida que leve ao crescimento, à maturidade e à excelência... Para aqueles em busca de aventuras substanciais, os protagonistas e suas ações e estratégias fornecem um conjunto vigoroso de conflitos que se concentra na evolução de Thor de um rapaz sonhador a um jovem adulto que precisa enfrentar dificuldades impressionantes em sua luta pela sobrevivência. Esse é apenas o começo do que promete ser uma série épica para jovens adultos."

Midwest Book Review (D. Donovan, crítico de E-books)

"O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: intrigas, conspirações, mistério, cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, traições e decepções. Ele vai deixar você entretido por horas, e vai satisfazer públicos de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

-- *Books e Movie Reviews*, Roberto Mattos

"A fantasia épica de Rice (O ANEL DO FEITICEIRO) inclui as características clássicas do gênero - um cenário forte, altamente inspirado na Escócia antiga e sua história - e uma boa dose de intriga."

— *Kirkus Reviews*

"Adorei a forma como Morgan Rice construiu o personagem de Thor e o mundo em que ele vive. O cenário e as criaturas que nele habitam são muito bem descritas... gostei muito (da trama). A história é curta e doce - com o número perfeito de personagens secundários para que não se torne confusa. Há aventuras e momentos impressionantes, mas a ação descrita não é excessivamente grotesca. O livro é perfeito para o público adolescente... Esse é o começo de algo extraordinário..."

--*San Francisco Book Review*

"Nesse livro inicial recheado de ação da série O Anel do Feiticeiro (que atualmente conta com 14 livros), Rice introduz os leitores a Thorgrin "Thor" McLeod, cujo sonho é se juntar à Legião Prata, a elite dos cavaleiros que servem ao Rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa é intrigante."

--Publishers Weekly

"(EM BUSCA DE HERÓIS) é de leitura rápida e fácil. Os finais dos capítulos fazem com que você tenha que ler o que acontece a seguir e você não consegue abandonar o livro. Há alguns erros de digitação e alguns nomes estão trocados, mas isso não tira o mérito da estória. O final do livro me fez querer o livro seguinte imediatamente e foi isso o que eu fiz. Todos os nove atuais livros da série O Anel do Feiticeiro podem ser adquiridos na Kindle Store e Em Busca de Heróis pode ser adquirido gratuitamente! Se você está procurando algo rápido e divertido para ler nas férias esse livro é uma boa dica."

--FantasyOnline.net

Livros de Morgan Rice

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)

O PESO DA HONRA (Livro nº3)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n 3)

UM GRITO DE HONRA (Livro n 4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n 5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro n 6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro n 7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n 8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n 9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro n 10)

UM REINADO DE AÇO (Livro n 11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro n 12)

UM REINADO DE RAINHAS (Livro n 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro n 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro n 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

RENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro n 1)

ARENA DOIS (Livro n 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n 1)

AMADA (Livro n 2)

TRAÍDA (Livro n 3)

PREDESTINADA (Livro n 4)

DESEJADA (Livro n 5)

COMPROMETIDA (Livro n 6)

PROMETIDA (Livro n 7)

ENCONTRADA (Livro n 8)

RESSUSCITADA (Livro n 9)

ALMEJADA (Livro n 10)

DESTINADA (Livro n 11)

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)



[Ouça](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Copyright © 2014 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado apenas para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Direitos autorais da imagem de capa de propriedade de Slava Gerj, usada sob licença a partir de Shutterstock.com

ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO UM

A cabeça de Thorgrin bate contra as pedras e contra a lama à medida que ele despenca em queda livre montanha abaixo, caindo centenas de metros enquanto a montanha desmorona. Seu mundo gira enquanto ele tenta interromper sua queda, tentando orientar-se sem sucesso. Pelo canto dos olhos, ele vê que seus irmãos também estão caindo ao mesmo tempo em que tentam desesperadamente agarrar-se a raízes, pedras - qualquer coisa - na tentativa de amenizar a queda.

A cada segundo que passa, Thor percebe que está ficando mais distante do topo do vulcão - e mais longe de seu filho Guwayne. Ele pensa em todos aqueles selvagens lá em cima - preparando-se para sacrificar seu bebê, e arde de ódio. Ele se esforça para se segurar na terra, gritando desesperado para voltar para o topo.

Mas por mais que ele tente, há muito pouco que ele possa fazer. Thor mal consegue enxergar ou respirar - e muito menos proteger-se à medida que uma montanha de terra continua a chover em cima dele. É como se o peso do universo inteiro estivesse caindo sobre seus ombros.

Tudo está acontecendo muito rápido - rápido demais para que Thor consiga processar e, ao olhar para baixo, ele vê um monte de pedras afiadas. Ele sabe que assim que ele e seus companheiros atingirem o solo, todos morrerão.

Thor fecha os olhos e tenta se lembrar de seu treinamento, dos ensinamentos de Argon e das palavras de sua mãe, tentando encontrar a calma no meio da tempestade e invocar o poder do guerreiro interior dentro dele. Assim que ele faz isso, ele sente sua vida passar diante de seus olhos. Ele se pergunta se aquele é o seu teste final.

Por favor, Deus, Thor reza, se você existe mesmo, salve-me. Não permita que eu morra assim. Permita que eu invoque os meus poderes. Permita que eu salve o meu filho.

Ao pensar nessas palavras, Thor sente que está sendo testado, sendo forçado a recorrer a sua fé - a buscar uma fé maior do que ele jamais havia tido. Como sua mãe havia lhe avisado, ele agora é um guerreiro, e está sendo forçado a passar pelo teste de um guerreiro.

Quando Thor fecha os olhos, seu mundo começa a passar em câmera lenta e, para sua surpresa, ele começa se sentir mais calmo, e é tomado por uma grande sensação de paz no centro da tempestade. Ele sente um calor crescendo dentro dele, atravessando suas veias na direção das palmas de suas mãos. E começa a sentir maior que seu próprio corpo.

Thor sente que está fora de seu corpo e olhando para si mesmo, e se vê caindo montanha abaixo. Ele percebe naquele momento que ele não está mais dentro daquele corpo, e que havia se tornado algo maior.

Thor de repente volta para dentro de seu corpo e, ao fazer isso, ergue as palmas das mãos acima de sua cabeça, e vê uma luz branca brilhante emanando delas. Ele direciona a luz e cria uma bolha ao redor dele e de seus irmãos, e de repente o deslizamento de terra é interrompido e o monte de terra bate no escudo e não consegue mais avançar na direção deles.

Eles continuam escorregando, mas agora bem mais devagar, diminuindo o ritmo até pararem em um platô próximo à base da montanha. Thor olha para baixo e vê que havia parado em águas rasas, e percebe ao ficar em pé que a água alcança os seus joelhos.

Ele olha ao seu redor com uma expressão de surpresa nos olhos. Ele olha para cima da montanha e vê o monte de terra suspenso no ar - como se estivesse prestes a despencar a qualquer instante, ainda bloqueado por sua bolha de luz. Ele observa toda a cena, surpreso por ter sido capaz de fazer aquilo.

"Estão todos bem?" O'Connor pergunta.

Thor vê Reece, O'Connor, Conven, Matus, Elden e Indra, todos machucados e abalados, levantando-se lentamente, mas milagrosamente vivos e sem grandes lesões. Eles se abraçam - cobertos de

poeira e parecendo ter rastejado para fora de uma mina de carvão. Thor pode ver que todos estão gratos por estarem vivos, e percebe em seus olhares que eles acreditam ter sido salvos por ele.

Thor, lembrando-se, se vira e imediatamente olha para o topo da montanha com um único pensamento em sua mente: seu filho.

"Como vamos voltar para cima-" começa Matus.

Mas antes que ele possa terminar de falar, Thor de repente sente algo se enrolar em torno de seus tornozelos. Ele olha para baixo surpreso, e vê uma criatura grossa e viscosa enrolando-se em volta de seus tornozelos e pernas, várias e várias vezes. Ele percebe horrorizado que se trata de uma criatura parecida com uma enguia, com duas cabeças pequenas, que fica chiando com suas línguas compridas ao mesmo tempo em que olha para ele e continua enrolando seus tentáculos em suas pernas. A pele da criatura começa a queimar as pernas de Thor.

Os reflexos de Thor finalmente são ativados, e ele pega sua espada e a golpeia, assim como fazem seus companheiros - que também são atacados ao seu redor. Thor tenta cuidadosamente golpear de forma a não atingir sua própria perna, e consegue se livrar de uma das criaturas; a enguia o solta e a dor horrível em seu tornozelo é amenizada. A enguia desliza de volta para a água sibilando.

O'Connor pega seu arco, atirando várias flechas e errando o alvo, enquanto Elden grita quando três criaturas o atacam ao mesmo tempo.

Thor corre e golpeia a enguia que está subindo pela perna de O'Connor, enquanto Indra dá um passo adiante e grita para Elden. "Não se mova!"

Ela ergue seu cardo e atira três flechas em rápida sucessão, matando três enguias com tiros certos - apenas arranhando a pele de Elden.

Ele olha para ela em estado de choque.

"Você está louca? ele grita. "Você quase arrancou a minha perna!"

Indra sorri para ele.

"Mas eu não arranquei, arranquei?" ela responde.

Thor ouve mais barulhos na água e ao olhar ao seu redor fica chocado ao ver mais dezenas de enguias se aproximando. Ele percebe que todos precisam tomar uma decisão e sair dali o mais rápido possível.

Thor está exausto - esgotado por ter invocado seus poderes, e sabe que lhe resta muito pouco de sua força interior; ele sabe que ainda não é forte o bastante para usar seus poderes de forma contínua. Ainda assim, ele sabe que precisa usá-los uma última vez, fossem quais fossem as consequências. Se ele não

fizer isso, ele sabe que eles jamais conseguiriam chegar ao topo da montanha a tempo, e morreriam ali

naquela lagoa de enguias, e não haveria salvação para seu filho. Talvez fosse preciso usar todas as forças que ainda lhe restam e talvez ele fosse ficar fraco por vários dias - mas ele não se importa. Ele pensa em Guwayne sozinho no topo daquela montanha com aqueles selvagens, e sabe que seria capaz de fazer qualquer coisa.

Quando outro grupo de enguias começa a se aproximar dele, Thor fecha os olhos e ergue as palmas das mãos para o céu.

"Em nome do único e sagrado Deus," ele diz em voz alta, "eu ordeno que o céu se abra para nós! Eu ordeno que o céu nos envie nuvens para nos levarem até o topo da montanha!"

Thor enuncia as palavras com uma voz profunda e sombria - sem mais qualquer receio de aceitar suas raízes Druidas, e sente seu comando vibrando dentro de seu peito e ressoando pelo ar. Ele sente um forte calor no centro de seu peito ao proferir aquelas palavras, e tem certeza de que seu comando será atendido.

Há um grande rugido e, ao olhar para cima, Thor vê o céu começando a mudar de cor - transformando-se em um tom roxo escuro, ao mesmo tempo em que as nuvens começam a crescer e a girar. Um grande buraco redondo surge - uma abertura no céu, e de repente uma luz escarlate dispara em direção ao solo, seguida por uma nuvem em formato de funil que desce na direção deles.

Dentro de instantes, Thor e seus irmãos se vêem arrastados por um tornado. Thor sente a umidade das nuvens macias girando ao redor dele, e dentro de alguns momentos, ele tem a sensação de que está sendo içado pelo ar e se sente mais leve do nunca. Ele realmente se sente um só com o universo ao seu redor.

Thor sente que está subindo cada vez mais alto pela lateral da montanha, passando pela terra, por sua bolha, todo o caminho até o topo. Em pouco tempo, a nuvem leva Thor e seus companheiros até o topo do vulcão e os coloca gentilmente no chão. Então, ela desaparece da mesma forma que havia surgido.

Thor fica parado ao lado de seus irmãos, que olham para ele absolutamente com espanto, como se ele fosse um deus.

Mas Thor não está pensando neles; ele se vira e rapidamente analisa o platô com um único pensamento em sua mente: os três selvagens parados diante dele e o pequeno berço em seus braços - que eles seguram sobre a borda do vulcão.

Thor dá um grito de batalha ao mesmo tempo em que começa a avançar. O primeiro selvagem se vira para encará-lo com espanto e, quando ele faz isso, Thor não hesita e sem perder tempo arranca a cabeça do homem.

Os outros dois homens se viram e olham para ele com expressões horrorizadas ao mesmo tempo em que Thor perfura o coração de um deles, e então estica o braço e bate no rosto do outro com o punho de sua espada, empurrando-o para dentro do vulcão.

Thor se vira e rapidamente agarra o pequeno berço antes que o homem o derrube. Ele olha para baixo com o coração batendo acelerado de gratidão por tê-lo segurado a tempo, preparado para tirar Guwayne de dentro dele e finalmente segurá-lo em seus braços.

Mas ao olhar para dentro do berço, o coração de Thor se parte.

Ele está vazio.

O mundo de Thor se desfaz, e ele fica parado ali - completamente entorpecido.

Ele olha para dentro do vulcão e vê as chamas erguendo-se de dentro dele. E sabe naquele momento que seu filho está morto.

"NÃO!" Thor grita.

Thor cai de joelhos gritando para os céus; ele chora convulsivamente e dá um grito que ecoa pela montanha - o grito primitivo de um homem que acaba de perder o único motivo pelo qual ainda continua vivo.

“GUWAYNE!”

CAPÍTULO DOIS

Bem acima da ilha solitária no meio do oceano, um único dragão voa sozinho; ele ainda é pequeno - não está completamente desenvolvido, e seu grito estridente dá sinais do grande dragão que ele um dia

se tornará. Ele voa triunfante com suas escamas brilhantes - crescendo a cada minuto, batendo suas asas e segurando em suas garras o bem mais precioso que ele já tinha visto em sua curta vida.

O dragão olha para baixo sentindo o calor entre suas garras e observa sua preciosa posse. Ele ouve o choro e sente sua carga se movimentando, tranquilizando-se ao ver que o bebê ainda está a salvo e intacto em suas garras.

Guwayne, o homem havia gritado.

O dragão ainda pode ouvir os gritos ecoando pelas montanhas ao voar bem acima das nuvens. Ele está exultante por ter salvado o bebê a tempo, antes que aqueles homens pudessem tê-lo matado com suas adagas. Ele havia arrancado *Guwayne* de suas mãos apenas alguns segundos antes do golpe fatal. Ele tinha realizado - com sucesso, a tarefa que lhe tinha sido atribuída.

O dragão voa cada vez mais alto sobre a ilha, atravessando as nuvens e já fora do campo de visão dos humanos abaixo dele. Ele sobrevoa a ilha, passando por cima de vulcões e cadeias de montanhas, atravessando nevoeiros e distanciando-se cada vez mais.

Logo ele está voando acima do oceano, deixando a ilha para trás. Diante dele, há apenas a imensidão do oceano e do céu, nada além da monotonia por um milhão de quilômetros.

O dragão sabe exatamente onde ele está indo. Ele sabe onde deve levar aquela criança - aquela criança que ele já ama mais do que seria capaz de dizer.

Um lugar muito especial.

CAPÍTULO TRÊS

Volússia observa o corpo inerte de *Romulus* no chão com uma expressão de satisfação no rosto enquanto o sangue dele escorre sobre os dedos de seus pés e sob suas sandálias. A cena lhe proporciona enorme prazer. Ela não consegue se lembrar de quantos homens - mesmo com sua pouca idade - ela já havia matado, quantos ela já havia surpreendido daquela forma. Eles sempre a subestimavam - e mostrar como ela poderia ser brutal é um de seus maiores prazeres na vida.

E agora, ela havia matado o Grande *Romulus* - e com suas *próprias* mãos, e não pelas mãos de um de

seus homens - o Grande Romulus, a grande lenda, o guerreiro que havia matado Andronicus e assumido o seu lugar no trono. O Líder Supremo do Império.

Volúcia sorri com grande prazer. Ali está ele, o líder supremo, reduzido a uma poça de sangue aos seus pés - e por suas próprias mãos.

Volúcia se sente entusiasmada. Ela sente um fogo pulsando em suas veias, ardendo para destruir tudo à sua frente. Ele sente as forças do destino agindo dentro dela. Sua hora havia chegado. Ela sabe, com a mesma certeza que havia tido de que um dia mataria a mãe com suas próprias mãos, que um dia lideraria todo o Império.

"Você matou nosso mestre!" diz uma voz trêmula. "Você matou o Grande Romulus!"

Volúcia olha para cima e vê o rosto do comandante de Romulus parado diante dela, encarando-a com um misto de choque, medo e admiração.

"Você matou," ele diz abatido, "o Homem que Não Pode ser Morto."

Volúcia o encara com frieza, e vê atrás dele centenas dos homens de Romulus vestindo suas melhores armaduras - alinhados no navio, esperando para ver o que ela faria em seguida. Todos esperando para atacar.

O comandante de Romulus aguarda nas docas com uma dúzia de seus homens, aguardando suas ordens. Atrás de Volúcia, ela sabe, milhares de seus homens esperam por ela. O navio de Romulus, por melhor que seja, está em terrível desvantagem - e seus homens estão em menor número. Eles estão encurralados. Aquele é o território de Volúcia, e eles sabem disso. Eles sabem que qualquer ataque - e qualquer fuga, está fora de cogitação.

"Este não é um ato que possa ficar sem uma resposta," o comandante continua. "Romulus tem um milhão de homens leais a ele aguardando suas ordens nesse momento no Anel. Ele tem mais um milhão de homens leais a ele no Sul, na capital do Império. Quando eles ficarem sabendo do que você fez, eles se mobilizarão e marcharão até aqui. Você pode ter matado o Grande Romulus, mas não matou seus homens. E seu exército de milhares, mesmo que nos supere em número hoje, não será nada contra um milhão dos homens dele. Eles buscarão vingança, e a vingança será deles."

"É mesmo?" Volúcia pergunta sorrindo e dando um passo na direção dele, sentindo a lâmina na palma de sua mão - ao mesmo tempo em que se imagina cortando a garganta dele e já sentindo vontade de fazer exatamente isso.

O comandante olha para a lâmina nas mãos dela - a lâmina que havia matado Romulus, e engole em seco, como se estivesse lendo seus pensamentos. Ela pode ver o medo real em seus olhos.

"Deixe-nos ir," ele fala para ela. "Deixe que meus homens continuem seu caminho. Eles não fizeram nada contra você. Dê-nos um navio cheio de ouro, e você terá o nosso silêncio. Eu levarei nossos homens até a capital, e direi a todos que você é inocente. Direi que Romulus tentou atacá-la. Eles a deixarão em paz, você pode ter paz aqui no norte - e eles encontrarão um novo Líder Supremo para o Império."

Volúcia abre um grande sorriso, divertindo-se.

"Mas você já não está olhando para a sua nova Líder Suprema?" ela pergunta.

O comandante olha para ela surpreso, e então finalmente não consegue mais segurar e cai na gargalhada.

"Você?" ele diz. "Você não passa de uma garota, com alguns milhares de homens. Apenas por ter matado um homem, acha mesmo que poderia enfrentar o exército de um milhão dos homens de Romulus? Você tem sorte em escapar com vida depois de ter feito o que fez aqui hoje. Estou lhe oferecendo um presente. Acabe logo com essa conversa tola, aceite minha oferta com gratidão e mande-nos embora antes que eu mude de ideia."

"E seu eu não quiser permitir que sigam o seu caminho?"

O comandante olha nos olhos dela e engole em seco.

"Você pode nos matar aqui mesmo," ele responde. "A escolha é sua. Mas se fizer isso, estará apenas matando a si mesma e ao seu povo. Você será destruída pelo exército que virá."

"Ele diz a verdade, minha comandante," sussurra uma voz no ouvido dela.

Ela vira e vê Soku, seu comandante geral - um homem alto de traços fortes, com cabelos vermelhos curtos e enrolados - aproximar-se dela.

"Mande-os para o sul," ele fala. "Dê-lhes o ouro que eles tanto querem. Você matou Romulus e agora deve negociar uma trégua. Nós não temos escolha."

Volúcia volta a olhar para o homem de Romulus. Ela o encara por um longo tempo, saboreando o momento.

"Farei o que você pede," ela diz, "e o enviarei à capital."

O comandante sorri satisfeito e está prestes a partir quando Volúcia dá um passo adiante e completa:

"Mas não para esconder o que eu fiz," continua ela.

Ele para e a observa, confuso.

"Eu o enviarei à capital para entregar um recado: quero que diga a eles que eu sou a nova Líder

Suprema do Império, e que se todos se curvarem diante de mim agora, é possível que continuem vivos."

O comandante olha para ela horrorizado, e então balança lentamente a cabeça e sorri.

"Você é tão louca quanto diziam que sua mãe costumava ser," ele fala, e então se vira e começa a marchar pela longa rampa de volta ao seu navio. "Coloque o ouro no convés inferior," ele ordena, sem se importar em olhar para ela ao dar o comando.

Volúcia olha para o seu comandante, que está parado ao seu lado aguardando pacientemente as suas ordens, e faz um pequeno sinal.

O comandante imediatamente se vira e sinaliza para os seus homens, e o som de dez mil flechas sendo acesas, armadas e atiradas é ouvido.

Elas preenchem o céu - escurecendo-o - e atravessam o ar formando um arco em chamas até caírem no navio de Romulus. Tudo acontece rápido demais para que seus homens reajam, e logo todo o navio está em chamas; homens gritam - sobretudo o comandante - tentando fugir e sem terem para onde ir, ao mesmo tempo em que tentam apagar o fogo.

Mas é inútil. Volúcia acena com a cabeça mais uma vez, e repetidas saraivadas de flechas atravessam o ar, atingindo o navio em chamas. Os homens gritam ao serem atingidos, alguns caindo no convés e outros no mar. É uma completa chacina sem nenhum sobrevivente.

Volúcia fica ali parada e sorri, assistindo com satisfação à medida que o navio é lentamente consumido pelas chamas até a base do mastro - e logo nada mais resta exceto os restos queimados de

madeira.

Tudo se silencia quando os homens de Volúsia param de atirar, alinhados e olhando para ela, pacientemente aguardando o seu comando.

Volúsia dá um passo adiante, ergue sua espada e corta a corda grossa que segura o navio às docas. Ela se parte, libertando o navio da costa, e Volúsia ergue uma de suas sandálias banhadas a ouro e empurra o navio com força.

Volúsia assiste quando o navio começa a se movimentar, levado pelas correntezas - pelas correntes que irão levá-lo ao sul, direto para o coração da capital. Todos veriam o navio incendiado, os corpos queimados de Romulus e de seus homens e as flechas Volusianas - e saberiam quem tinha sido responsável por aquele ataque. Eles saberiam que a guerra havia começado.

Volúsia olha para Soku, parado ao seu lado com a boca aberta, e sorri.

"É assim," ela diz, "que eu negocio uma trégua."

CAPÍTULO QUATRO

Gwendolyn se ajoelha na proa no navio agarrando-se à borda, os nós de seus dedos brancos por causa do esforço enquanto ela junta forças suficientes apenas pra olhar para o horizonte. Seu corpo inteiro treme - enfraquecido pela falta de comida - e enquanto olha para fora, Gwen se sente tonta. Ela fica em pé, encontrando forças de alguma forma, e observa encantada a cena diante de seus olhos.

Gwendolyn olha através da névoa e se pergunta se aquilo seria verdade ou apenas uma miragem.

Ali no horizonte, há uma costa interminável, e no centro dela há um centro movimentado com um porto enorme e dois grandes pilares brilhantes de ouro enquadrando uma cidade que se ergue atrás deles até o céu. Os pilares e a cidade apresentam um tom verde amarelado à medida que o sol se movimenta.

Gwen percebe que as nuvens se movimentam com mais rapidez ali. Ela não sabe se isso se deve ao fato do céu ser tão diferente naquela parte do mundo, ou se é por que ela ainda não está completamente consciente.

Há milhares de navios enormes no porto da cidade - com os maiores mastros que ela já tinha visto, todos banhados a ouro. Aquela é a cidade mais próspera que ela já tinha visto, construída bem na costa e

espalhando-se até onde seus olhos conseguem enxergar - uma cidade cercada pelo mar que arrebenta em torno de sua vasta metrópole. Aquele lugar faz a Corte do Rei parecer uma pequena vila. Gwen não sabe como tantos prédios podem existir em um só lugar. Ela se pergunta que tipo de gente vive ali. Aquela dever ser uma grande nação, ela pensa. A nação do Império.

Gwen de repente sente um vazio no peito ao perceber que as correntes estão levando o seu navio para perto da cidade; logo eles seriam sugados para o vasto porto, e estariam cercados por todos aqueles navios, e seriam inevitavelmente aprisionados - se não fossem mortos. Gwen pensa em como Andronicus tinha sido cruel, em como Romulus tinha sido cruel, e pensa que se aquele é o costume do Império; talvez tivesse sido melhor ter morrido no mar.

Gwen ouve o barulho de passos no convés e vê Sandara - tonta de fome, mas orgulhosamente em pé diante da grade do navio e segurando uma grande relíquia dourada no formato de chifre de touro e movendo-a para que ela reflita a luz do sol. Gwen vê os raios do sol sendo refletidos na relíquia, e percebe que o objeto emite um sinal incomum para o lado oposto da costa. Sandara não envia o sinal na direção da cidade, e sim mais ao norte, rumo ao que parece ser um bosque isolado no litoral.

À medida que os olhos de Gwen começam a se fechar e ela começa a perder a consciência - enquanto ela cai em direção ao convés, imagens passam em sua mente. Ela não tem mais certeza do que é real e do que é fruto de sua imaginação. Gwen vê canoas - dezenas de canoas, surgindo da densa selva em direção ao mar aberto, remando rumo ao seu navio. Ela vê quando eles se aproximam e se surpreende ao perceber que não se trata da raça do Império, que aqueles não são os impressionantes guerreiros com chifres e pele vermelha, mas sim uma raça diferente. Ela vê homens e mulheres orgulhosos, com pele cor de chocolate e olhos amarelos brilhantes, rostos compassivos e inteligentes remando ao encontro dela. Gwen vê Sandara olhando para eles com reconhecimento nos olhos, e percebe que aquele é o seu povo.

Ela ouve um barulho oco no navio, vê ganchos no convés e cordas sendo lançadas e presas ao navio.

Ela sente o navio mudando de direção e, ao olhar para baixo, vê o grupo de canoas rebocando o grande

navio, levando-o através da correnteza na direção oposta da cidade do Império. Gwen lentamente percebe que o povo de Sandara tinha vindo ao seu resgate, para guiar o seu navio na direção de outro porto, longe daquela cidade.

Gwen sente o navio sendo rebocado rumo ao norte, na direção de uma folhagem densa onde ela logo vê um pequeno porto escondido. Ela fecha os olhos e é inundada pela sensação de alívio.

Logo Gwen abre os olhos e se vê em pé, debruçada sobre a borda do navio, observando enquanto ele é rebocado. Tomada pela exaustão, Gwendolyn percebe que está se apoiando demais sobre a borda; seus olhos se arregalam de repente quando ela perde o equilíbrio e está prestes a cair do navio. Gwen tenta se segurar, mas é tarde demais, ela já está caindo.

O coração de Gwen bate acelerado pelo medo; ela mal pode acreditar que depois de tudo pelo que haviam passado, ela morreria daquela forma, despencando para uma morte silenciosa justamente quando todos estão tão próximos da terra firme.

Quando começa a cair, Gwen ouve um rosnado repentino e, subitamente, ela sente dentes fortes morderem a parte de trás de sua camisa e ouve um gemido ao mesmo tempo em que se sente sendo puxada para trás, para longe do abismo e de volta para o convés. Ela cai de costas na plataforma de madeira com um barulho - sã e salva.

Gwen olha para cima e vê Krohn em cima dela, e seu coração se enche de alegria. Krohn está vivo, e ela fica radiante ao vê-lo. Ele está bem mais magro que da última vez que ela o tinha visto, e ela percebe que o tinha perdido de vista no meio de toda aquela confusão. A última vez que ela se lembra de tê-lo avistado tinha sido durante uma tempestade particularmente forte, quando ele havia descido para o convés inferior. Ela agora percebe que ele deve ter ficado escondido todo esse tempo, passando fome para que os outros tivessem o que comer. Assim é Krohn, sempre tão altruísta. E agora que eles estão chegando à terra firme mais uma vez, ele havia reaparecido.

Krohn geme e lambe o rosto dela, e Gwen o abraça com o pouco de força que ainda possui. Ela volta a se deitar e Krohn deita ao seu lado - gemendo e colocando a cabeça em cima dela, aconchegando-se como aquele fosse seu último refúgio no mundo.

*

Gwen sente um líquido doce e gelado escorrendo pelos seus lábios, em sua língua e por suas bochechas e pescoço. Ela abre a boca e bebe, engolindo avidamente e, assim que ela faz isso, a sensação a desperta de seus sonhos.

Gwen abre os olhos, bebendo com vontade, vê rostos familiares ao seu redor e continua bebendo até engasgar.

Alguém ajuda Gwen - que ainda tosse descontroladamente - a se sentar, e outra pessoa bate nas costas dela.

"Shhh," diz uma voz. "Beba devagar."

É uma voz gentil, a voz de um curandeiro. Gwen olha para o lado e vê um homem com o rosto marcado, cujo rosto se enche de rugas ao sorrir para ela.

Gwen olha ao seu redor e vê dezenas de pessoas desconhecidas - o povo de Sandara, olhando para ela em silêncio e examinando-a como se ela fosse uma excentricidade. Gwendolyn, tomada pela fome e pela sede, estica o braço, arranca o saco com o líquido doce das mãos do homem como uma louca e põe-se a beber sem parar, mordendo a ponta dele como se nunca mais fosse beber em sua vida.

"Vá devagar, por favor," o homem pede. "Ou você vai passar mal."

Gwen olha para o lado e vê dezenas de guerreiros - membros da tribo de Sandara, ocupando o seu navio. Ela vê seu próprio povo - os sobreviventes do Anel, deitados, ajoelhados ou sentados, sendo atendidos pelo povo de Sandara, recebendo um saco como o que ela está segurando. Todos eles estão voltando da beira da morte. Dentre eles, ela vê Illepra, segurando e alimentando o bebê que Gwen havia resgatado nas Ilhas Superiores. Gwen fica aliviada ao ouvir o choro da criança; ela havia entregado o bebê para Illepra quando tinha ficado fraca demais para segurá-la, e ao vê-la viva, Gwen pensa em Guwayne. Gwen está determinada a garantir que aquele bebê sobreviva.

Ela se sente cada vez mais recuperada, e se senta mais ereta para continuar bebendo do líquido doce, perguntando-se o que seria aquilo ao mesmo tempo em que seu coração se enche de gratidão por aquele povo. Eles haviam salvado a vida dela e de seus súditos.

Gwen ouve um gemido, e ao olhar para baixo vê Krohn ainda deitado ao seu lado com a cabeça em seu colo; ela estica o braço e dá um pouco de sua bebida para ele, que bebe avidamente. Ela acaricia a cabeça de Krohn gentilmente; mais uma vez, ela lhe deve a sua vida, e vê-lo ali a faz pensar em Thor.

Gwen olha para cima e observa o povo de Sandara, sem saber como agradecê-los pela ajuda.

"Vocês nos salvaram," ela diz. "Devemos-lhes nossas vidas."

Gwen se vira e olha para Sandara, que se aproxima e se ajoelha diante dela, mas Sandara balança a cabeça.

"Meu povo não acredita em dívidas," ela responde. "Eles acreditam que é uma honra ajudar alguém em apuros."

A multidão abre caminho e Gwen vê um homem sério que parece ser o líder da tribo - com cinquenta anos de idade, uma expressão séria e lábios finos - aproximar-se. Ele se agacha diante dela usando um grande colar de conchas azul turquesa que brilha sob a luz do sol e faz uma saudação - com os olhos cheios de compaixão ao examiná-la.

"Eu sou Bokbu," ele diz com sua voz profunda e autoritária. "Atendemos o chamado de Sandara por que ela é uma de nós. Acolhemos vocês colocando nossas próprias vidas em risco. Se o Império descobrir a presença de vocês aqui, todos nós morreremos."

Bokbu se levanta e coloca as mãos nos quadris, e Gwen lentamente fica em pé com o auxílio de Sandara e do curandeiro, encarando-o. Bokbu suspira e olha para todo o povo de Gwen, para o estado lastimável de seu navio.

"Agora eles estão em melhores condições e devem partir," diz uma voz.

Gwen se vira e vê um guerreiro musculoso, sem camisa e segurando uma lança - assim como os outros, aproximar-se de Bokbu e encará-lo com frieza.

"Envie esses forasteiros de volta para o outro lado do mar," ele continua. "Por que deveríamos derramar sangue por eles?"

"Eu sou sangue do seu sangue," Sandara diz, dando um passo adiante e encarando o guerreiro severamente.

"E é por isso mesmo que você nunca deveria tê-los trazido aqui e nos colocado em perigo," ele

dispara.

"Você envergonha a nossa nação," Sandara responde. "Por acaso esquece as leis da hospitalidade?"

"Tê-los trazido aqui é uma desgraça para o nosso povo," ele insiste.

Bokbu ergue as mãos em ambos os lados, e os dois se silenciam.

Bokbu fica ali parado, sem esboçar reação, e parece estar pensando. Gwendolyn o observa, e percebe a situação precária em que ela e seu povo se encontram. Se fossem forçados a voltar para o alto mar, eles certamente morreriam; mas por outro lado ela não quer colocar em risco aquele povo que os havia ajudado.

"Não lhes desejamos mal algum," Gwen fala, dirigindo-se para Bokbu. "Não queremos lhes colocar em risco. Podemos embarcar agora mesmo."

Bokbu balança a cabeça.

"Não," ele declara. Então ele olha para Gwen, analisando-a com o que parece ser grande espanto.

"Por que você trouxe o seu povo até aqui?" ele pergunta.

Gwen suspira.

"Nós fugimos de um grande exército," ela explica. "Eles destruíram a nossa terra. Viemos até aqui para encontrar um novo lar."

"Vieram ao lugar errado," diz o guerreiro. "Esse não será o seu lar."

"Silêncio!" Bokbu fala para ele, lançando-lhe um olhar severo, e finalmente o guerreiro se cala.

Bokbu se vira para Gwendolyn, olhando dentro dos olhos dela.

"Você é uma mulher orgulhosa e nobre," ele diz. "Posso ver que você é uma boa líder. E você

liderou bem o seu povo. Se voltarem para o mar agora, todos vocês certamente morrerão. Talvez não hoje, mas com certeza dentro de alguns dias."

Gwendolyn continua o encarando, inflexível.

"Então nós morreremos," ela responde. "Eu não posso permitir que o seu povo morra apenas para que o meu possa sobreviver."

Ela o encara com firmeza, sem demonstrar qualquer sentimento, encorajada por sua nobreza e por seu orgulho. Ela pode ver que Bokbu a estuda com um novo senso de respeito. Um tenso silêncio preenche o ar.

"Percebo que o sangue de um guerreiro corre em suas veias," ele diz. "Vocês ficarão conosco. Seu povo se recuperará aqui até ficarem bem e fortes - por quantas luas forem necessárias."

"Mas meu comandante-" o guerreiro começa a dizer.

Bokbu se vira para ele, dirigindo-lhe um olhar duro.

"Minha decisão já foi tomada."

"Mas o navio deles!" ele protesta. "Se o navio permanecer em nosso porto, o Império o encontrará."

Todos nós seremos mortos antes da lua minguante!"

O comandante olha para o mastro e então para o navio, absorvendo tudo. Gwen olha ao seu redor e analisa a cena, e percebendo que eles tinham sido rebocados até um porto escondido e cercado por uma densa folhagem. Ela olha para trás e vê o mar aberto atrás deles, e sabe imediatamente que o homem tem razão.

O comandante olha para ela e assente.

"Você quer salvar o seu povo?" ele pergunta.

Gwen assente com firmeza.

"Sim."

Ele também assente para ela.

"Líderes devem tomar decisões difíceis," continua ele. "Agora é a sua vez. Você quer ficar conosco, mas o seu navio será a nossa ruína. Convidamos vocês a desembarcarem, mas o seu navio não pode ficar aqui. Vocês terão que queimá-lo, e somente então lhes daremos refúgio."

Gwendolyn encara o chefe da tribo, e seu coração se parte com a ideia de destruir seu navio. Ela olha para ele - para o navio que os tinha levado através do oceano e salvado o seu povo da morte do outro lado do mundo, e seu coração se aperta. Sua mente gira com emoções conflitantes. Aquele navio é a sua única saída dali.

Mas por outro lado - sua única saída para onde? De volta para o meio do oceano rumo à morte?

Seu povo mal pode caminhar; eles precisam se recuperar. Eles precisam de abrigo, de um porto seguro e de refúgio. E se queimar aquele navio é o preço que eles devem pagar por suas vidas, que assim seja. Se

eles decidissem voltar para o alto mar, então eles teriam que encontrar outro navio - ou construir outro navio, e fazer o que fosse preciso. Agora, eles precisam apenas se preocupar em sobreviver. Isso é a única coisa que importa.

Gwendolyn olha para ele e assente solenemente,

"Que assim seja," ela diz.

Bokbu também assente para ela em claro sinal de respeito. Ele então se vira e grita um comando, e à sua volta, seus homens partem para a ação. Eles se espalham pelo navio, ajudando os residentes do Anel a ficarem em pé - um de cada vez - e começam a guiá-los pela prancha até a costa arenosa abaixo. Gwen assiste enquanto Godfrey, Kendrick, Brandt, Atme, Aberthol, Illepra, Sandara e todas as pessoas que ela mais ama no mundo passam diante dela.

Ela continua ali parada e espera até que todos tenham deixado o navio, até que ela é a única pessoa que ainda permanece a bordo - com Krohn aos seus pés, e o chefe da tribo espera pacientemente ao seu lado.

Bokbu segura uma tocha em chamas nas mãos e a entrega a um de seus homens. Ele estica o braço e está prestes a encostá-la no barco.

"Não," diz Gwen, erguendo o braço e segurando a mão dele.

Ele olha para ela surpreso.

"Um comandante deve destruir seu próprio navio," ela fala.

Gwen cautelosamente pega a pesada tocha chamejante das mãos dele e, virando-se, enxuga uma lágrima e encosta as chamas na lona da vela que está amontoadas no convés do navio.

Ela permanece parada e observa enquanto as chamas se espalham rapidamente, atingindo toda a extensão do navio.

Gwen derruba a tocha - atingida pelo calor intenso do fogo - e se vira para partir, acompanhada de Krohn e Bokbu; ela desce a prancha até a praia - até seu novo lar, o último lugar que lhe resta no mundo.

Ao olhar para a selva ao seu redor e ouvir guinchos de pássaros e animais estranhos que ela não

reconhece, Gwen começa e se perguntar.

Eles serão capazes de construir um lar ali?

CAPÍTULO CINCO

Alistair se ajoelha sobre a pedra tremendo de frio e olha pra frente quando os primeiros raios do sol brilham sobre as Ilhas do Sul iluminando as montanhas e vales com uma luz suave. Suas mãos, amarradas aos postes de madeira, tremem ligeiramente à medida que ela se abaixa e coloca o seu pescoço

na plataforma onde tantos outros pescoços haviam repousado antes do dela. Ela olha para baixo e vê manchas de sangue na madeira e cortes feitos pelas lâminas no momento do golpe fatal. Alistair sente a energia trágica no instante exato em que seu pescoço encosta na madeira - e sente os momentos e emoções finais de todas as pessoas que haviam estado ali antes dela. Seu coração se aperta de tristeza. Alistair olha para cima com orgulho e observa o último sol, vê o novo dia amanhecer com a sensação surreal de que nunca mais teria aquela experiência novamente. Ela aproveita aquela oportunidade mais do que nunca havia feito antes. Ao olhar para o horizonte naquela manhã fria - enquanto uma brisa suave assopra - as Ilhas do Sul nunca lhe pareceram tão belas; aquele é o lugar mais lindo que ela já tinha visto, com árvores exuberantes em tons de laranja, vermelho, rosa e roxo produzindo frutos em abundância. Pássaros e grandes abelhas laranja já estão voando pelo ar, e a doce fragrância das flores é carregada pela brisa em sua direção. A névoa brilha sob a luz do sol, dando ao ambiente um aspecto mágico. Ela nunca havia sentido tamanha ligação com um lugar antes; aquele é um lugar, ela sabe, onde ela teria ficado feliz em passar o resto de seus dias.

Alistair ouve passos de botas andando sobre o chão de pedra, e ao olhar para o lado vê Bowyer se aproximar e parar ao lado dela com suas enormes botas raspando nas pedras. Ele tem um grande machado duplo nas mãos e o segura casualmente ao lado do corpo enquanto a observa com uma expressão hostil.

Atrás dele, Alistair pode ver centenas dos habitantes das Ilhas do Sul - todos alinhados, homens leais à Bowyer - organizados em um círculo ao redor dela e em torno da grande praça central. Eles

permanecem a vinte metros dela, dando um amplo espaço apenas para ela e Bowyer. Ninguém quer estar muito perto quando chegar a hora de derramar sangue.

Bowyer segura o machado com dedos inquietos - claramente ansioso para terminar logo com aquilo.

Ela pode ver nos olhos dele o quanto ele deseja se tornar Rei.

Alistair sente grande satisfação em pelo menos uma coisa: por mais injusto que aquilo fosse, seu sacrifício permitiria que Erec continuasse vivo. E isso significa mais para ela do que sua própria vida.

Bowyer dá um passo adiante, aproximando-se dela, e sussurra em seu ouvido, perto o suficiente para que apenas ela ouça.

"Você pode ter certeza de que meu golpe será limpo," ele diz com um bafo rançoso em seu pescoço, "e o de Erec também."

Alistair olha para ele, alarmada e confusa.

Ele sorri - um sorriso reservado apenas para ela e que ninguém mais pode ver.

"É isso mesmo," ele sussurra, "pode não acontecer hoje, e pode ser que não aconteça por muitas luas. Mas um dia, quando ele menos esperar, seu marido vai encontrar minha lâmina nas costas dele. E eu quero que você saiba disso, antes que eu a mande para o inferno."

Bowyer dá dois passos para trás, aperta as mãos com força em torno do machado e alonga o pescoço, preparando-se para dar o golpe fatal.

O coração de Alistair bate acelerado enquanto ela continua ajoelhada ali, finalmente percebendo a extensão da perversidade daquele homem. Ele não é apenas ambicioso, mas também um covarde mentiroso.

"Liberte-a!" exige de repente uma voz, cortando o ar calmo daquela manhã.

Alistair se vira o máximo que pode e vê, no meio da confusão, duas figuras se aproximando no na multidão, atravessando o grupo até que as mãos gordas dos soldados de Bowyer as seguram. Alistair fica chocada e grata ao ver a mãe e a irmã de Erec paradas com olhares agitados em seus rostos.

"Ela é inocente!" A mãe de Erec grita. "Você não pode matá-la!"

"Você mataria mesmo uma mulher!?" grita Dauphine. "Ela é uma estrangeira. Deixe-a ir. Mande-a de

volta para sua terra natal. Ela não deve se envolver em nossos problemas."

Bowyer olha para elas e grita.

"Ela é uma estrangeira que deseja ser nossa Rainha, e que tentou assassinar o nosso antigo Rei."

"Você é um mentiroso!" grita a mãe de Erec. "Você se recusou a beber da fonte da verdade!"

Bowyer observa os rostos da multidão que observa a cena.

"Alguém aqui ousa desafiar meu direito?!" ele grita, dirigindo-se aos presentes e olhando-os nos olhos de maneira desafiadora.

Alistair olha para eles esperançosa; mas um de cada vez, todos os homens - bravos guerreiros - a maioria da tribo de Bowyer, desvia o olhar, sem querer desafiá-lo para um combate.

"Eu sou o seu campeão," declara Bowyer. "Eu derrotei todos os oponentes no dia do torneio. Não há ninguém aqui capaz de me derrotar. Ninguém. Caso haja, eu o desafio a me enfrentar agora."

"Ninguém, a não ser Erec!" grita Dauphine.

Erec se vira e olha para ela de maneira ameaçadora.

"E onde está ele agora? Ele está deitado, morrendo. Nós, habitantes das Ilhas do Sul, não teremos um inválido como nosso Rei. *Eu* sou o Rei, como o segundo melhor guerreiro - como mandam as leis dessa terra. Da mesma forma que o pai do meu pai foi o Rei antes do pai do Erec."

A mãe de Erec e Dauphine se jogam pra frente para impedi-lo, mas os homens de Bowyer as seguram, detendo-as. Alistair vê o irmão de Erec - Strom - com as mãos amarradas para trás ao lado de delas; ele luta para se soltar, mas não consegue se livrar das amarras.

"Você vai pagar por isso, Bowyer!" Strom dispara.

Mas Bowyer simplesmente o ignora. Em vez disso, ele se vira para Alistair, e ela pode ver em seus olhos que ele está determinado a continuar. Sua hora havia chegado.

"O tempo é perigoso quando a trapaça é sua companheira," afirma Alistair.

Ele olha para ela por um instante; obviamente ela havia tocado em um ponto sensível.

"E essas serão suas últimas palavras," ele diz.

Bowyer de repente ergue o machado, levantando-o bem acima de sua cabeça.

Alistair fecha os olhos, sabendo que dentro de poucos instantes, ela não faria mais parte daquele mundo.

De olhos fechados, ela sente o tempo se desacelerar. Imagens passam diante de seus olhos. Ela vê a primeira vez que havia conhecido Erec, ainda no Anel, no castelo do Duque, quando ela ainda era uma criada e havia se apaixonado por ele à primeira vista. Ela sente todo seu amor por ele - um amor que ela ainda sente até hoje, ardendo com a mesma intensidade dentro dela. Ela vê seu irmão Thorgrin, vê seu rosto e, por alguma razão, não o vê no Anel ou na Corte do Rei, e sim em uma terra distante, em um oceano distante, vivendo em exílio. Acima de tudo, ela vê sua mãe. Ela a vê na beira de um precipício, diante de seu castelo, bem acima de um oceano e na frente de uma passarela. Ela vê sua mãe de braços abertos e sorrindo para ela.

"Minha filha," ela diz.

"Mãe," Alistair fala, "em breve estarei com você."

Mas para sua surpresa, sua mãe balança lentamente a cabeça.

"Sua hora ainda não chegou," ela responde. "Seu destino nessa terra ainda não se completou. Você ainda tem um grande destino diante de você."

"Mas como, mãe?" ela pergunta. "Como posso sobreviver?"

"Você é muito maior do que essa terra," sua mãe responde. "Essa lâmina, esse metal da morte, faz parte dessa terra. Suas amarras são parte dessa terra. Essas são limitações mundanas. Elas são limitações apenas se você acreditar nelas, se você permitir que elas tenham poder sobre você. Você é espírito, luz e energia. É nisso que reside o seu verdadeiro poder. Você está acima de tudo isso. Você está se permitindo ser contida por limitações físicas. Seu problema não é um problema de força, e sim de confiança e fé. Falta-lhe confiança em si mesma. Qual a força da sua fé?"

Enquanto Alistair continua ali ajoelhada, tremendo de olhos fechados, a pergunta de sua mãe ressoa em sua mente.

Qual a força da sua fé?"

Alistair deixa de resistir, se esquece de suas amarras e se entrega nas mãos de sua fé. Ela começa a abrir mão de sua confiança nas restrições físicas daquele mundo, e passa a ter fé no poder supremo - no

poder supremo que rege todas as coisas que existem no mundo. Um poder havia criado aquele mundo, e ela sabe disso. Um poder havia criado tudo aquilo, e é com esse poder que ela deve se alinhar.

Ao fazer isso, dentro de uma fração de segundo, Alistair sente um calor repentino atravessar todo o seu corpo. Ela se sente pegando fogo - maior do que tudo ao seu redor. Alistair sente chamas emanando das palmas de suas mãos, sente sua mente zumbindo e um grande calor surgindo em sua testa, entre seus olhos. Ela se sente mais forte do que todos à sua volta, mais forte do que suas amarras e mais forte do que qualquer coisa material.

Alistair abre os olhos, e à medida que o tempo volta a passar na velocidade normal, ela olha pra frente e vê Bowyer baixando o machado com uma careta no rosto.

Com um único movimento, Alistair se vira e ergue um braço, e desta vez suas amarras se partem como se fossem gravetos. Com o mesmo gesto, na velocidade de um raio, ela se levanta e ergue uma mão na direção de Bowyer, e quando ele abaixa seu machado a coisa mais surpreendente acontece: o machado se dissolve. Ele se transforma em cinzas e pó e cai em uma pilha aos pés dela.

Bowyer golpeia sem nada nas mãos e cai de joelhos no chão.

Alistair se vira e seus olhos são atraídos para uma espada na cintura de um soldado do lado oposto da clareira. Ela estica o outro braço, e com a palma da mão estendida ordena que a espada venha até ela; ao fazer isso, a espada sai da bainha do soldado e atravessa o ar, indo direto para a mão dela.

Com um movimento rápido, Alistair pega a espada na mão, gira o corpo e a ergue no alto, dando um golpe certo na parte de trás do pescoço exposto de Bowyer.

A multidão fica chocada ao ouvir o som de metal cortando o pescoço dele - e ao ver Bowyer, decapitado, cair no chão sem vida.

Ele fica no caído ali, morto, no exato local onde momentos antes ele pretendia matar Alistair.

Um grito irrompe no meio da multidão, e Alistair vê Dauphine se soltar das mãos do soldado, arrancar uma adaga de sua cintura e cortar o seu pescoço. Com o mesmo movimento, ela dá uma volta e corta as cordas de Strom. Strom imediatamente estica o braço e agarra uma espada na cintura de um dos

soldados, e então gira o corpo e mata três dos homens de Bowyer antes que eles tenham tempo de reagir. Com a morte de Bowyer, há alguns momentos de hesitação, pois a multidão obviamente não sabe o que fazer a seguir. Mais gritos são ouvidos no meio da multidão, pois sua morte claramente havia encorajado aqueles que tinham se juntado a ele com relutância. Eles começam a reavaliar suas alianças, especialmente quando dezenas de homens leais à Erec abandonam suas posições e passam para o lado de Strom, lutando lado a lado contra os soldados leais à Bowyer.

A batalha rapidamente muda a favor dos homens de Erec à medida que, um homem de cada vez, alianças são formadas; os homens de Bowyer, desprevenidos, se viram e fogem pelo platô na direção das montanhas rochosas. Strom e seus homens os seguem de perto.

Alistair continua parada ali com a espada na mão, e observa enquanto uma grande batalha acontece ao longo de todo o campo; gritos e alarmes são ouvidos à medida que toda a ilha parece se mobilizar, aproximando-se para se juntar à luta em ambos os lados da batalha. O som das armaduras e os gritos de morte dos homens preenchem o ar da manhã, e Alistair sabe que uma guerra civil acaba de começar.

Ela ergue sua espada e, com o sol refletindo sobre ela, Alistair sabe que havia sido salva pela graça divina. Ela se sente renascida - mais poderosa do que nunca e sabe que seu destino espera por ela.

Alistair se sente otimista. Os homens de Bowyer seriam mortos, ela sabe disso. A justiça prevaleceria. Erec viveria. Eles se casariam. E logo, ela seria a Rainha das Ilhas do Sul.

CAPÍTULO SEIS

Darius corre pela trilha de terra que parte de sua vila seguindo as pegadas em direção a Volúsia com o coração determinado a salvar Loti e a assassinar os homens que a tinham levado. Ele corre com uma espada - uma espada *de verdade* - feita de metal *verdadeiro* - e é a primeira vez que ele segura metal de verdade nas mãos em toda a sua vida. Apenas esse fato, ele sabe, é o suficiente para que ele - e toda a sua vila, sejam mortos. O metal é um tabu - até mesmo seu pai e seu avô têm pavor de possuí-lo - e Darius

sabe que ele havia atravessado uma linha da qual não existe mais volta.

Mas ele não se importa mais. A injustiça de sua vida tinha ido longe demais. Com o sequestro de Loti, ele não se importa com mais nada a não ser resgatá-la. Ele mal tinha tido a chance de conhecê-la,

mas ao mesmo tempo é como se ela sempre tivesse sido sua. Uma coisa é ele ser levado como um escravo, mas deixar que *ela* seja levada é demais para ele. Ele não pode permitir que isso aconteça e ainda se considerar um homem. Ele é apenas um garoto, ele sabe, mas também está se tornando um homem. E

ele sabe que são decisões como essa - uma decisão difícil que ninguém está disposto a tomar - que definem quem são os homens de verdade.

Darius corre sozinho pela trilha com o suor ardendo em seus olhos e respirando com dificuldade - um homem disposto a enfrentar um exército e uma cidade inteira. Não existe alternativa, ele precisa encontrar Loti e levá-la de volta, ou morrer tentando. Ele sabe que se fracassar - ou até mesmo se tiver êxito - toda a sua vila, sua família inteira e todo o seu povo sofrerão as consequências. Se ele parar para pensar sobre isso, ele pode até mesmo desistir de tudo aquilo e voltar atrás.

Mas ele é motivado por algo mais forte que seu próprio instinto de sobrevivência, algo mais importante que a preservação de sua família e de seu povo. Ele é motivado por uma sede de justiça. Pela sede de liberdade. Por um desejo de se livrar de seus opressores e se tornar livre, mesmo que seja apenas por um momento em sua vida. Se não por ele mesmo, que seja por Loti e pela liberdade dela.

Darius é motivado por suas emoções, e não por um pensamento racional. Aquele é o amor da sua vida lá fora, e ele já tinha sofrido demais nas mãos do Império. Fossem quais fossem as consequências, ele já não se importa. Ele precisa mostrar a eles que existe um homem entre o seu povo - mesmo que seja apenas um homem e mesmo que ele seja apenas um garoto - que não suporta mais se submeter aquele tratamento.

Darius corre sem parar pelas curvas do caminho conhecido, passando diante de campos familiares em direção ao território Volusiano. Ele sabe que ser encontrado ali, tão perto de Volússia, já seria o suficiente para que ele fosse condenado à morte. Ele segue pela trilha, dobrando sua velocidade e, vendo as pegadas das zertas próximas umas das outras, percebe que eles estão se movendo devagar. Se ele fosse rápido o bastante, ele sabe que poderia alcançá-los.

Darius chega ao topo de uma colina e, ofegante, finalmente vê na distância o que ele está procurando: a cem metros de distância, ele vê Loti presa pelo pescoço com uma corrente de dez metros

amarrada em uma das zertas. O capataz do Império que havia levado Loti segue montado na zerta de costas para ela, e ao seu lado, caminhando perto deles, há mais dois soldados do Império vestindo a armadura preta e dourada, que brilha sob a luz do sol. Eles são duas vezes maiores que Darius - guerreiros formidáveis, homens com as mais impressionantes armas e zertas sob o seu comando. Darius sabe que seria preciso um exército de escravos para subjugá-los.

Mas Darius não permite que o medo o desanime. Tudo o que ele tem para seguir em frente é a força de seu espírito e sua forte determinação, e ele sabe que precisa encontrar um meio de fazer com que aquilo seja o bastante.

Darius continua correndo e se aproxima da caravana desavisada, e logo chega perto de Loti e ergue a sua espada; ela olha para trás com uma expressão de surpresa no rosto ao mesmo tempo em que ele abaixa a espada e acerta as correntes que a prendem à zerta.

Loti grita e salta para trás assustada, e Darius arrebenta as correntes, libertando-a enquanto o som distinto de metal corta o ar. Ela fica parada - livre, com as algemas ainda em volta de seu pescoço e a corrente pendurada na frente de seu peito.

Darius se vira e vê um olhar de igual perplexidade no rosto do capataz do Império, que observa tudo montado em sua cela na zerta. Os soldados que caminham ao seu lado também param, chocados ao verem Darius.

Darius fica ali com os braços tremendo e segurando a espada de aço diante dele, determinado a não demonstrar medo enquanto fica entre eles e Loti.

"Ela não pertence a vocês," Darius grita com a voz trêmula. "Ela é uma mulher livre. Somos todos livres!"

Os soldados olham para o capataz.

"Garoto," ele fala para Darius, "você acaba de cometer o maior erro de sua vida."

Ele faz um gesto para os soldados, que erguem suas espadas e partem para cima de Darius.

Darius continua segurando a espada com mãos trêmulas sem recuar e, ao fazer isso, sente a presença de todos os seus ancestrais. Ele sente a presença de todos os escravos que haviam sido mortos

observando-o de algum lugar, dando-lhe forças para resistir, e começa a sentir um forte calor crescendo dentro dele.

Darius sente seu poder oculto começando a despertar, querendo ser invocado. Mas ele não quer fazer isso. Ele deseja lutar homem contra homem, ganhando deles como qualquer outro homem faria; usando todo o treinamento que havia recebido junto com seus companheiros. Ele quer ganhar como um homem, lutar como um homem com armas de verdade e derrotá-los num confronto de acordo com as regras deles. Ele sempre havia sido mais rápido que os garotos mais velhos, com suas espadas longas de madeira e seus corpos musculosos - mesmo contra garotos com o dobro de seu tamanho. Ele continua firme no lugar, e se prepara à medida que os soldados avançam em sua direção.

"Loti!" ele grita sem olhar para ela, "CORRA! Volte para a vila!"

"NÃO!" ela responde.

Darius sabe que precisa fazer alguma coisa; ele não pode simplesmente ficar ali esperando que eles o alcancem. Ele sabe que precisa surpreendê-los, fazendo algo que eles não possam prever.

Darius de repente ataca, escolhendo um dos soldados e correndo na direção dele. Eles se encontram no meio da trilha de terra, e Darius solta um grande grito de batalha. O soldado golpeia com a espada na direção da cabeça de Darius, mas Darius ergue sua espada e bloqueia o golpe, e suas espadas soltam faíscas ao se encontrarem; aquele é o primeiro impacto de metal contra metal que Darius havia sentido.

A lâmina é mais pesada do que ele havia pensado, o golpe do soldado mais forte do que ela tinha previsto, e ele sente a vibração - sente todo o seu braço tremendo, do seu cotovelo até seu ombro.

Aquilo tudo o pega desprevenido.

O soldado rapidamente dá outro golpe, tentando acertar Darius pelo lado, mas Darius se vira e bloqueia o golpe mais uma vez. Aquilo não é como duelar com seus irmãos; Darius tem a sensação de estar se movendo mais devagar do que o normal, e começa a sentir o peso da espada. Ele precisa de mais tempo para se acostumar com tudo aquilo. É como se o soldado estivesse se movendo duas vezes mais rápido do que ele.

O soldado dá mais um golpe, e Darius percebe que não será possível enfrentá-lo golpe a golpe, e que terá que recorrer à suas outras habilidades.

Darius dá um passo para o lado, desviando do golpe ao invés de tentar bloqueá-lo, e então bate com o cotovelo no pescoço do soldado. O golpe acerta em cheio e o homem engasga e cambaleia para trás, levando a mão ao pescoço. Darius ergue o punho de sua espada e bate com força nas costas expostas do soldado, derrubando-o de cara no chão.

Ao mesmo tempo, o outro soldado o ataca, e Darius vira e ergue sua espada, bloqueando o golpe que o soldado dá na direção de seu rosto. Mas o soldado continua avançando, derrubando Darius com força no chão.

Darius sente suas costelas sendo esmagadas pelo soldado que cai em cima dele, ambos deitados no chão no meio de uma nuvem de poeira. O soldado deixa sua espada de lado e leva as mãos ao rosto de Darius, tentando arrancar seus olhos.

Darius segura os pulsos do homem, impedindo-o de feri-lo, mas perdendo sua força a cada minuto.

Ele sabe que precisa agir rápido.

Darius ergue um joelho e gira o corpo, conseguindo virar o homem de lado. Com o mesmo movimento, ele estica o braço e extrai uma longa adaga que o soldado carrega no cinturão - e rapidamente a enfia no peito do homem ao mesmo tempo em que os dois rolam no chão de terra.

O soldado grita e Darius continua deitado em cima dele, e vê o homem morrer diante de seus olhos. Darius fica ali, paralisado - chocado. Aquela é a primeira vez que ele mata um homem. Aquela tinha sido uma experiência surreal, e Darius se sente vitorioso e triste ao mesmo tempo.

Darius ouve um grito atrás dele e, saindo de seu devaneio, se vira para encarar o soldado que ele havia derrubado no chão e que agora está em pé e correndo na direção dele. O soldado ergue a espada e dá um golpe no rumo da cabeça de Darius.

Darius espera - concentrado, e então desvia no último segundo e o soldado passa tropeçando por ele.

Darius se abaixa, retira a adaga do peito do soldado morto e se vira, e quando o soldado volta a

atacá-lo, Darius - de joelhos, se inclina e arremessa a adaga.

Ele assiste enquanto a adaga atravessa o ar e finalmente se aloja no coração do soldado, perfurando sua armadura. O próprio aço do Império - melhor do que todos os outros - acaba de ser usado contra eles. Talvez, Darius pensa, eles deveriam fazer armas menos afiadas.

O soldado se ajoelha com os olhos arregalados e então cai para o lado, morto.

Darius ouve um grito alto atrás dele e se levanta rápido, e ao se virar se depara com o capataz desmontando de sua zerta. Ele faz uma careta e joga sua espada no chão, partindo para cima de Darius com um grito de guerra.

"Agora serei obrigado a matar você com minhas próprias mãos," ele grita. "Mas eu não vou simplesmente matá-lo, eu vou torturar você e toda a sua família e sua vila inteira, bem lentamente!"

Ele ataca Darius.

Este capataz é obviamente um soldado melhor que os outros - mais alto e mais forte, e sua armadura é superior. Ele é um guerreiro endurecido, o maior guerreiro que Darius já havia enfrentado. Darius tem que admitir sentir medo daquele terrível adversário - mas ele simplesmente se recusa a demonstrar suas emoções. Em vez disso, ele está determinado a enfrentar seu medo, recusando-se a se permitir ser intimidado. Ele é apenas um homem, Darius repete para si mesmo. E todos os homens podem ser derrotados.

Todos os homens podem ser derrotados.

Darius ergue sua espada ao mesmo tempo em que o capataz parte para cima dele, golpeando com sua grande espada que brilha sob a luz enquanto ele a segura com as duas mãos. Darius desvia e bloqueia; o homem golpeia de novo.

De um lado para o outro, o soldado dá golpes e Darius bloqueia, e o barulho de metal invade seus ouvidos à medida que faíscas voam ao seu redor. O homem o empurra cada vez mais para trás, e Darius precisa de todas as suas forças apenas para bloquear seus golpes. Ele é forte e rápido, e Darius está preocupado demais apenas em se manter vivo.

Darius se defende de um golpe um segundo tarde demais, e grita de dor quando o capataz consegue atingi-lo e acaba cortando o seu braço. É apenas um ferimento superficial, mas a dor é real e Darius sente o sangue escorrendo - seu primeiro ferimento em uma batalha - e fica atordoado.

É um erro. O capataz tira vantagem de sua distração e o golpeia com sua manopla. Darius sente uma dor profunda no maxilar quando o metal encontra seu rosto e, ao ser jogado diversos metros para trás, ele curiosamente pensa que nunca mais vai parar no meio de uma batalha para verificar seus ferimentos.

Ao sentir o gosto de sangue em seus lábios, a fúria toma conta de Darius. O capataz - partindo para cima dele mais uma vez, é grande e forte, mas desta vez, sentindo dor em seu rosto e com gosto de sangue na boca, Darius não permite que isso o intimide. Os primeiros golpes da batalha tinham sido desferidos e, Darius percebe, por mais dolorosos que tivessem sido - não tinham sido nada maus. Ele ainda está em pé, ainda está respirando e ainda está vivo.

E isso significa que ele ainda pode lutar. Ele pode levar alguns golpes, e pode continuar lutando. Ser ferido não é tão ruim quanto ele havia imaginado. Ele pode ser menor e menos experiente, mas ele havia percebido que suas habilidades são tão boas quanto as de qualquer outro homem - e igualmente mortais.

Darius solta um grito gutural e salta pra frente, encarando a batalha em vez de esperar por ela desta vez. Sem temer mais ser ferido, Darius ergue sua espada com um grito e golpeia seu oponente. O homem bloqueia o golpe, mas Darius não desiste e continua golpeando, e vai empurrando o capataz para trás apesar de sua força e tamanho.

Darius luta por sua própria vida, pela vida de Loti e a de todo o seu povo e, golpeando sem parar - mais rápido do que jamais havia lutado antes, sem deixar o peso da espada de aço diminuir seu ritmo nem por um instante, ele finalmente encontra uma oportunidade. O capataz grita de dor quando Darius consegue feri-lo.

Ele se vira e olha para Darius, primeiro com surpresa e depois com uma expressão de vingança nos olhos.

Ele grita como um animal ferido e parte para cima de Darius. O capataz joga sua espada no chão e

corre na direção de Darius, envolvendo-o em um abraço de urso. Ele derruba Darius no chão, apertando-o com tanta força que Darius derruba sua espada. Tudo acontece tão rápido - e é um movimento tão inesperado, que Darius não consegue reagir a tempo. Ele esperava enfrentar seu oponente com uma espada, e não em uma luta corpo a corpo.

Darius, pressionado contra o chão e gemendo, sente como se todos os ossos de seu corpo estivessem prestes a serem partidos. Ele grita de dor.

O capataz o aperta com mais força, e Darius tem certeza de que vai morrer. Ele então dá uma cabeçada em Darius e esmaga o seu nariz.

Darius sente o sangue escorrendo pelo seu rosto e é tomado por uma dor terrível que sobe pelo seu rosto e o deixa cego. Aquele é um golpe pelo qual ele não estava esperando, e quando o capataz joga a cabeça para trás para dar-lhe outra cabeçada, Darius, indefeso, tem certeza de que dessa vez ele será morto.

O barulho de correntes atravessa o ar e, de repente, os olhos do capataz se arregalam e ele solta Darius. Darius, ofegante, olha para cima perguntando-se por que ele o tinha soltado. Então ele vê Loti atrás do capataz, enrolando suas correntes em volta do pescoço dele várias vezes e apertando com toda a força.

Darius dá alguns passos para trás tentando recuperar o fôlego, e observa quando o capataz, cambaleante, estica os braços sobre os ombros, agarra Loti e, inclinando-se, puxa ela pra frente. Loti cai de costas no chão duro de terra, gritando.

O capataz dá um passo adiante, ergue a perna e coloca a bota em cima da cabeça dela, e Darius vê que ele está prestes a pisar em cima dela e esmagar o rosto de Loti. Eles estão a cinco metros de distância dele - longe demais para que Darius os alcance a tempo.

"NÃO!" ele grita.

Darius pensa rápido: ele estica o braço, pega sua espada e, dando um passo adiante e com um movimento rápido, ele a arremessa.

A espada atravessa o ar e Darius assiste, paralisado, quando a ponta de sua arma perfura a armadura

do capataz - acertando-o bem no meio do coração.

Seus olhos se arregalam mais uma vez e Darius vê quando ele tropeça e cai - primeiro de joelhos e então de cara no chão.

Loti se levanta rapidamente, e Darius corre para o lado dela. Ele coloca o braço em volta dos ombros dela para confortá-la, grato e aliviado por ela estar bem.

De repente, um assobio agudo corta o ar; Darius se vira e vê o capataz, ainda deitado no chão, levar as mãos à boca e assobiar mais uma vez - a última, antes de finalmente morrer.

Um rugido horrível quebra o silêncio ao mesmo tempo em que o chão parece tremer.

Darius olha para trás e fica aterrorizado ao ver a zerta correndo repentinamente na direção deles.

Ela corre descontroladamente, baixando seus chifres pontudos. Darius e Loti trocam olhares, sabendo que não há mais para onde ir. Dentro de instantes, Darius sabe, eles estariam mortos.

Ele olha ao seu redor, pensando rápido, e vê ao lado deles uma encosta íngreme, repleta de pedras e rochas. Darius ergue os braços com as palmas estendidas e coloca um braço em torno de Loti, segurando-a perto dele. Ele não quer invocar seus poderes, mas sabe que agora não lhe resta alternativa - não se ele quiser sobreviver.

Darius sente um forte calor atravessar seu corpo, um poder que ele mal consegue controlar, e assiste quando uma luz emana da palma de sua mão aberta na direção da encosta íngreme. Ele ouve um estrondo - a princípio gradual, e que se torna cada vez mais quando grandes rochedos rolam pela encosta, ganhando velocidade.

Uma avalanche de rochas avança para cima da zerta, esmagando-a antes que ela possa alcançá-los.

Uma grande nuvem de poeira se ergue em meio ao barulho, e finalmente tudo se acalma.

Darius fica ali parado rodeado por nada além do silêncio e do pó - que brilha sob a luz do sol, sem conseguir compreender completamente o que tinha acabado de fazer. Ele se vira e vê Loti olhando para ele - vê o olhar de terror em seu rosto, e sabe que tudo havia mudado. Ele havia revelado seu segredo. E agora, não há mais volta.

CAPÍTULO SETE

Thor fica sentado na beirada do pequeno barco de pernas cruzadas e com as mãos repousando em suas coxas, de costas para os outros enquanto observa as águas frias do oceano cruel. Seus olhos estão vermelhos de tanto chorar, e ele não quer que seus companheiros o vejam assim. Suas lágrimas já haviam secado há muito tempo, mas seus olhos ainda ardem enquanto ele observa o mar - perplexo e se questionando sobre os mistérios da vida.

Como é que ele poderia ter tido um filho, apenas para que ele lhe fosse tirado daquela forma? Como alguém que ele ama tanto poderia ter desaparecido assim, sendo levado sem qualquer aviso ou chance de retorno?

A vida, Thor sente, é implacavelmente cruel. Será que não existe justiça no mundo? Por que seu filho não pode voltar para os seus braços?

Thor daria qualquer coisa - *qualquer coisa* - ele andaria por cima do fogo, morreria mil vezes - apenas para ter Guwayne de volta.

Thor fecha os olhos e balança a cabeça enquanto tenta bloquear a imagem do vulcão em chamas, do berço vazio e do fogo. Ele tenta bloquear a ideia da morte terrível e dolorosa de seu filho. Seu coração arde de ódio, mas acima de tudo de tristeza e vergonha, por não ter alcançado seu filho a tempo.

Thor também sente um vazio por dentro ao tentar imaginar seu encontro com Gwendolyn, quando ele teria que lhe dar a notícia. Ela certamente jamais voltaria a olhar em seus olhos. E ela jamais voltaria a ser a mesma pessoa que antes. É como se toda a vida de Thor tivesse sido tirada dele de uma só vez.

Ele não sabe como reconstruí-la, como juntar os pedaços do que um dia havia existido. Como uma pessoa - ele se pergunta, pode encontrar outro propósito para sua vida?

Thor ouve passos, e sente o peso de um corpo ao seu lado quando o barco se movimenta, rangendo.

Ele olha para o lado e fica surpreso ao ver Conven sentado ali, olhando para o mar. Thor tem a sensação de que não conversa com ele há muito tempo, desde a morte de seu irmão gêmeo. Ele fica feliz ao vê-lo ali. Enquanto olha para ele, Thor vê a tristeza em seu rosto e, pela primeira vez, ele o compreende. Ele finalmente entende.

Conven não diz uma palavra. Ele não precisa dizer nada. Sua presença é o bastante. Ele está ali por solidariedade, irmãos compartilhando a dor da perda.

Eles ficam sentados em silêncio por um longo tempo, sem qualquer barulho exceto o som do vento e das ondas batendo suavemente contra o barco - naquele pequeno barco à deriva no meio do imenso oceano, depois que a missão para encontrar e resgatar Guwayne havia esgotado todas as forças que eles ainda tinham.

Conven finalmente resolve falar.

"Não há um dia que passa em que eu não penso em Conval," ele diz com a voz embargada.

Eles continuam sentados em silêncio. Thor quer dizer algo, mas não consegue - emocionado demais para falar.

Finalmente, Conven continua. "Eu sinto muito por Guwayne. Eu gostaria de tê-lo visto crescer e se tornar um grande guerreiro, como você. Eu sei que ele teria sido como o pai dele. A vida pode ser trágica e cruel. Ela às vezes lhe dá algo apenas para lhe tirar depois. Gostaria de poder lhe dizer que me recuperei da perda de meu irmão - mas infelizmente isso não é verdade."

Thor olha para ele, sentindo uma estranha sensação de paz pela honestidade brutal de Conven.

"O que o mantém vivo?" Thor pergunta

Conven olha para água por um longo tempo, e então finalmente suspira.

"Acredito que é isso que Conval gostaria que eu fizesse," ele fala. "Ele gostaria que eu continuasse.

Então aqui estou eu. Eu faço isso por ele. Não é por mim mesmo. Às vezes vivemos uma vida pelos outros. Às vezes não nos importamos o suficiente com nós mesmos, então vivemos nossas vidas pelos outros. Mas quanto mais o tempo passa, percebo que às vezes isso deve ser o suficiente."

Thor pensa em Guwayne, agora morto, e se pergunta o que seu filho gostaria que ele fizesse.

Obviamente, ele gostaria que Thorgrin continuasse vivo, e cuidasse de sua mãe, Gwendolyn. Thor sabe disso. Mas em seu coração, aquela ainda é uma ideia difícil de aceitar.

Conven limpa a garganta.

"Vivemos por nossos pais," ele diz. "Por nossos irmãos. Por nossas esposas, filhos e filhas. Nós vivemos

por todas as pessoas que nos rodeiam. E às vezes, quando a vida nos maltrata tanto que não nos resta qualquer motivo para continuar, isso deve bastar."

"Eu discordo," diz uma voz.

Thor olha para trás e vê Matus se aproximando e sentando do outro lado dele. Matus encara o oceano com um olhar sério e cheio de orgulho.

"Eu acredito que existe outra razão para vivermos," continua ele.

"E qual seria essa razão?" pergunta Conven.

"A fé." Matus suspira. "Meu povo, os homens das Ilhas Superiores, rezam para os quatro deuses das costas rochosas. Eles rezam para os deuses da água, do vento, do céu e das rochas. Esses deuses nunca responderam as minhas preces. Eu rezo para o antigo deus do Anel."

Thor olha para ele, completamente surpreso.

"Eu nunca conheci um homem das Ilhas Superiores que compartilhasse a mesma crença do Anel," comenta Conven.

Matus assente.

"Sou diferente do meu povo" ele responde. "Sempre fui assim. Eu queria me juntar à ordem monástica quando era mais jovem, mas meu pai nunca me deu permissão. Ele insistiu para que eu me juntasse ao exército, assim como meus irmãos."

Ele suspira.

"Eu acredito que vivemos pela nossa fé, e não pelos outros," ele afirma. "É isso que nos mantém vivos. Se nossa fé for forte o suficiente, *realmente* forte o bastante, então qualquer coisa pode acontecer.

Até mesmo um milagre."

"E a fé pode trazer meu filho de volta para mim?" Thor pergunta.

Matus assente com a cabeça, inflexível, e Thor pode ver a certeza em seu olhar.

"Sim," Matus responde sem emoção. "Qualquer coisa."

"Você está mentindo," Conven diz indignado. "Você está lhe dando falsas esperanças."

"Não estou mentindo," retruca Matus.

"Você quer dizer que a fé pode trazer de volta meu irmão morto?" Conven insiste nervoso.

Matus suspira.

"Estou dizendo que toda tragédia é um presente," ele diz.

"Um presente?" Thor pergunta horrorizado. "Você quer dizer que a perda do meu filho é um presente?"

Matus concorda confiante.

"Você está recebendo um presente, por mais trágico que possa parecer. Você não sabe que presente é esse. E pode ser que não descubra por muito tempo. Mas um dia, você verá."

Thor se vira e volta a olhar para o mar, confuso e incerto. Seria tudo aquilo um teste? Ele se pergunta. Seria aquilo mais um dos testes de que sua mãe havia falado? A fé poderia mesmo trazer seu filho de volta? Ele quer acreditar naquilo. Ele realmente quer. Mas ele não sabe se sua fé é forte o bastante. Quando sua mãe havia falado sobre testes, Thor havia se sentido confiante de que poderia passar por qualquer teste à que fosse submetido; mas agora, sentindo-se daquela forma, ele não sabe se é forte o bastante para continuar.

O barco balança sobre as ondas e de repente a maré muda, e Thor sente o pequeno barco girar e começar a se mover na direção oposta. Ele para de pensar no passado e olha por cima do ombro, se perguntando o que estaria acontecendo. Reece, Elden e O'Connor estão remando e manejando a vela com olhares confusos no rosto, enquanto a pequena vela balança descontroladamente contra o vento.

"As Marés do Norte," Matus diz, em pé e com as mãos nos quadris enquanto olha para a distância, analisando o oceano. Ele balança a cabeça. "Isso não é um bom sinal."

"O que está acontecendo?" Indra pergunta. "Não podemos controlar o barco."

"Elas às vezes passam pelas Ilhas Superiores," explica Matus. "Nunca as vi com meus próprios olhos, mas já ouvi falar delas, especialmente aqui - tão ao norte. É como uma correnteza. Uma vez que você está preso nela, a maré pode levá-lo para onde ela quiser. Não importa o quanto você reme ou quantas velas você tenha."

Thor olha para baixo, e vê a água passando ao lado do barco com o dobro da velocidade de antes.

Ele olha para longe e percebe que eles agora estão se dirigindo para um novo horizonte vazio, com

nuvens roxas e brancas penduradas no céu - uma cena ao mesmo tempo bela e aterrorizante.

"Mas estamos indo para o leste agora," diz Reece, "e precisamos ir para o oeste. Todo o nosso povo está naquela direção. O Império fica no oeste."

Matus dá de ombros.

"Vamos para onde a corrente nos levar."

Thor olha para baixo com surpresa e admiração, percebendo que a cada minuto ele está ficando mais longe de Gwendolyn e de seu povo.

"E onde termina tudo isso?" O'Connor pergunta.

Matus dá de ombros.

"Eu conheço apenas as Ilhas Superiores," ele diz. "Nunca estive tão ao norte. Não conheço nada do que existe além disso."

"Mas há um fim," Reece diz com uma voz profunda, e todos os olhares se voltam para ele.

Reece os encara com gravidade.

"Eu aprendi sobre as marés há muitos anos, quando ainda era jovem. No livro antigo dos Reis, havia um conjunto de mapas que cobria cada ponto do mundo. As Marés do Norte levam ao limite oriental do mundo."

"Limite oriental?" Elden pergunta preocupado. "Mas estaríamos do outro lado de mundo em relação ao nosso povo."

Reece dá de ombros.

"Os livros eram antigos, e eu era muito jovem. Tudo o que sei é que as marés eram um portal para a Terra dos Espíritos."

Thor olha para Reece, pensando.

"Conversa de comadres e fantasias de crianças," O'Connor fala. "Não existe um portal para a Terra dos Espíritos. Ele foi fechado há muitos séculos, antes do nascimento dos nossos pais."

Reece dá de ombros e todos ficam em silêncio e começam a observar as águas do mar. Thor olha para as águas que se movem com rapidez e se pergunta: Para onde eles estariam sendo levados?

*

Thor se senta sozinho na beira do barco, encarando o vazio como já fazia há horas e sendo molhado pelas águas geladas do mar. Amortecido para tudo ao seu redor, ele mal sente qualquer coisa. Thor gostaria de estar fazendo algo, içando velas, remando - qualquer coisa - mas não há nada a fazer agora. As Marés do Norte os estão levando para onde elas querem, e tudo o que ele e seus companheiros podem fazer é observar as correntes marítimas, acompanhar o barco se movendo em cima das ondas e imaginar onde eles vão parar. Eles estão nas mãos do destino agora.

Enquanto fica sentado ali, estudando o horizonte e se perguntando se a viagem chegaria ao fim, Thor se vê entrando em transe por causa do frio e do vento, perdido na monotonia do profundo silêncio que havia recaído sobre eles. Os pássaros marinhos que a princípio haviam sobrevoado o barco já os tinham abandonado há muito tempo, e à medida que o silêncio se aprofunda e o céu se tornava mais escuro, Thor sente que eles estavam navegando para o nada, diretamente para o fim do mundo.

Horas mais tarde, quando os últimos raios de sol estão deixando de brilhar, Thor de repente se senta mais ereto, tendo visto algo no horizonte distante. A princípio ele tem certeza de que se trata de uma miragem; mas quando as correntes se tornam mais fortes, a forma fica mais distinta. O que ele vê é real. Thor fica mais atento, e pela primeira vez em horas, ele se levanta. Ele fica em pé com as mãos nos quadris enquanto o barco balança - olhando para longe.

"Aquilo é de verdade?"

Thor olha para o lado e vê Reece dar um passo adiante e se aproximar dele. Elden, Indra e o restante dos outros logo se juntam a eles, observando espantados.

"Uma ilha?" O'Connor se pergunta em voz alta.

"Parece uma caverna," Matus responde.

Quando eles se aproximam, Thor começa a enxergar melhor o contorno e percebe que de fato se trata de uma caverna. É uma caverna enorme, uma abertura na rocha que se ergue de dentro do oceano - surgindo no meio daquele imenso e cruel oceano e erguendo-se por dezenas de metros de altura, com uma entrada em forma de arco. A entrada parece uma boca gigante, prestes a engolir tudo o que existe no mundo.

As correntes estão levando o pequeno barco exatamente naquela direção.

Thor assiste espantado e sabe que aquela só pode ser uma coisa: a entrada para a Terra dos Espíritos.

CAPÍTULO OITO

Darius caminha lentamente pela trilha de terra com Loti ao seu lado - o ar em torno deles pesado com a tensão causada pelo silêncio deles. Nenhum dos dois havia dito uma palavra desde o encontro com o capataz e seus homens, e a mente de Darius fervilha com um milhão de pensamentos enquanto ele caminha ao lado dela, acompanhando-a de volta até a vila. Darius gostaria de abraçá-la, de dizer como ele se sente grato por saber que ela está viva, grato que ela o tenha salvado assim como ele a tinha salvado - e contar-lhe como ele está determinado a nunca mais deixar que ela saia do lado dele. Ele quer ver os olhos dela cheios de alegria e alívio, quer ouvi-la dizer o quanto ela está feliz que ele havia arriscado a própria vida por ele - ou pelo menos, que ela está feliz em vê-lo.

Mas enquanto eles caminham em profundo silêncio, Loti não diz nada, e sequer olha na direção dele. Ela não havia dito nada para ele desde que ele tinha causado a avalanche, e nem mesmo tinha olhado nos olhos dele. O coração de Darius bate acelerado, e ele se pergunta o que ela está pensando. Ela tinha testemunhado a invocação de seus poderes e tinha visto a avalanche. Depois disso, ela tinha olhado para ele com um olhar horrorizado, e não falado com ele desde então.

Talvez, Darius pensa, aos olhos dela, ele havia quebrado o tabu sagrado de seu povo ao usar magia, a única coisa que seu povo desdenha acima de qualquer outra coisa. Talvez ela tenha medo dele - ou ainda pior, talvez ela já não o ame mais. Talvez ela agora o considere algum tipo de aberração.

Darius sente seu coração se partindo enquanto eles caminham de volta para a vila, e se pergunta pra quê tinha feito tudo aquilo. Ele tinha acabado de arriscar sua própria vida para salvar uma garota que já não sente nada por ele. Ele daria qualquer coisa para ler os pensamentos dela agora - qualquer coisa.

Mas ela não diz nada. Ela estaria em choque?

Darius quer dizer alguma coisa, qualquer coisa para acabar com aquele silêncio. Mas ele não sabe por onde começar. Ele tinha achado que a conhecia, mas agora ele já não tem tanta certeza. Uma parte dele se sente indignada, mas ele é orgulhoso demais para falar - considerando a reação dela - mas outra

parte dele se sente envergonhada - ele sabe o que o seu povo pensa sobre a magia. Mas usar magia é mesmo algo tão terrível? Mesmo tendo salvado a vida dela? Ela pretende contar para os outros? Se os aldeões souberem, ele tem certeza de que será exilado.

Eles continuam caminhando, e Darius finalmente não consegue mais suportar; ele precisa dizer alguma coisa.

"Tenho certeza de que sua família ficará feliz em vê-la de volta em segurança," diz Darius.

Para sua grande frustração, Loti não aproveita a oportunidade para olhar para ele; em vez disso, ela permanece sem expressão à medida que eles continuam andando em silêncio. Por fim, depois de algum tempo, ela balança a cabeça.

"Talvez," ela diz. "Mas eu acho que eles vão ficar mais preocupados do que qualquer outra coisa. A vila inteira vai ficar."

"O que você quer dizer com isso?" Darius pergunta.

"Você matou um capataz. Nós matamos um capataz. O Império inteiro deve estar à nossa procura.

Eles destruirão a nossa vila. O nosso povo. Nós fizemos algo terrível, foi um ato egoísta."

"Algo terrível? Eu salvei a sua vida!" Darius diz irritado.

Ela dá de ombros.

"A minha vida não vale mais do que a vida de todo o nosso povo."

Darius esbraveja, sem saber o que dizer enquanto eles continuam caminhando. Loti, ele está começando a perceber, é uma garota difícil de entender. Ela tinha sido criada de acordo com a forte doutrina e costumes rígidos dos seus pais e de todo o seu povo.

"Então você me odeia," ele fala. "Você me odeia por tê-la salvado."

Ela se recusa a olhar para ele e continua andando.

"Eu salvei você também," ela responde com orgulho. "Você esqueceu?"

Darius enrubescce; ele realmente não a compreende. Ela é muito orgulhosa.

"Eu não o odeio," ela finalmente responde. "Mas eu vi como você fez aquilo. Eu vi o que você fez."

Darius percebe que está tremendo por dentro, magoado com as palavras dela. Aquilo tinha soado

como uma acusação. Não é justo, especialmente depois que ele tinha salvado a vida dela.

"E por acaso isso é algo tão terrível?" ele pergunta. "O tal poder que eu usei?"

Loti não responde.

"Eu sou quem eu sou," continua Darius. "Eu nasci assim. Não pedi por isso. Eu mesmo não compreendo isso completamente. Não sei exatamente quando começa e quando vai embora. Eu não sei se um dia serei capaz de usá-lo novamente. Eu não queria ter usado o poder. É como se... ele tivesse me usado."

Loti continua olhando para baixo, sem responder e sem encontrar os olhos dele, e Darius sente um profundo senso de arrependimento. Ele teria cometido um erro ao tê-la resgatado? Ele deveria sentir vergonha de quem ele é?

"Você preferia ter morrido ou que eu tivesse usado... o que quer que eu tenha usado?" Darius pergunta.

Mais uma vez, Loti não responde enquanto eles continuam andando, e o arrependimento de Darius se aprofunda.

"Não ouse contar isso a ninguém," ela diz. "Não podemos contar nada do que aconteceu aqui hoje. Ambos seremos exilados."

Eles fazem uma curva e a vila surge diante deles. Eles caminham pela estrada principal e logo são vistos pelos aldeões, que dão gritos de alegria.

Dentro de instantes, há uma grande comoção quando aldeões se aproximam para cumprimentá-los - centenas deles animadamente apressando-se para abraçar Loti e Darius. Abrindo caminho entre a multidão está a mãe de Loti, acompanhada por seu pai e dois de seus irmãos, homens altos com ombros largos, cabelos curtos e expressões de orgulho. Todos olham para Darius, analisando-o. Ao lado deles, está o terceiro irmão de Loti, menor que os outros e manco de uma perna.

"Meu amor," a mãe de Loti fala, correndo através da multidão para abraçá-la com força.

Darius fica um pouco atrás, sem saber ao certo como agir.

"O que aconteceu com você?" a mãe dela pergunta. "Eu pensei que o Império a tinha levado. Como você conseguiu escapar?"

Os aldeões se silenciam, ficando sérios, e todos os olhares se voltam para Darius. Ele fica ali parado, sem saber o que dizer. Aquela deveria ser um momento, ele sente, de grande alegria e celebração - um momento para sentir-se orgulhoso, para ser recebido de volta em sua aldeia como um herói. Afinal de contas, ele havia - sozinho - tido a coragem de partir em busca de Loti.

Em vez disso, aquele é um momento de profunda confusão para ele. E talvez até de um pouco de vergonha. Loti lança um olhar significativo na direção dele, como se quisesse adverti-lo para não revelar seu segredo.

"Não aconteceu nada, mãe," Loti responde. "O Império mudou de ideia. Eles me soltaram."

"Eles a soltaram?" ela repete boquiaberta.

Loti assente.

"Eles me soltaram muito longe daqui. Eu estava perdida na floresta, e Darius me encontrou. Ele me trouxe de volta."

Os aldeões, em silêncio, olham com ceticismo para Loti e Darius. Darius pressente que nenhum deles acredita naquela estória.

"E o que é essa marca em seu rosto?" o pai dela pergunta, dando um passo adiante e passando a mão na bochecha dela ao mesmo tempo em que vira o rosto de Loti para examiná-lo melhor.

Darius olha para ela e vê o vergão roxo em seu rosto.

Loti olha para o seu pai, sem saber como responder.

"Eu... tropecei," ela diz. "Em uma raiz. Como eu já disse, estou bem," ele insiste desafiadoramente.

Todos os olhares se voltam para Darius e Bokbu, o chefe da vila, dá um passo à frente.

"Darius, isso é verdade?" ele pergunta com a voz grave. "Você a trouxe de volta pacificamente? Não houve qualquer confronto com o Império?"

Darius permanece ali, com o coração aos pulos, enquanto centenas de olhares o encaram. Ele sabe que se contar a eles sobre o confronto - se contar a verdade sobre o que ele havia feito, todos viverão com medo da inevitável represália. E sem ter como explicar como havia matado todos eles sem

mencionar o uso de magia, ele acabará exilado - assim como Loti, e ele não deseja criar pânico em meio ao seu povo.

Darius não quer morrer, mas ele não sabe o que mais fazer.

Então, Darius simplesmente assente para os anciãos e não diz nada. Deixe que eles interpretem sua resposta como bem quiserem.

Lentamente, os aldeões - aliviados, se viram e olham para Loti. Finalmente, um dos irmãos de Loti se aproxima e coloca um braço em torno dos ombros dela.

"Ela está bem!" ele grita, acabando com a tensão. "Isso é o que importa!"

Um grito de alegria irrompe na vila quando a tensão se dissipa, e Loti é abraçada por sua família e amigos.

Darius fica parado observando a cena, recebendo tapinhas de aprovação nas costas enquanto Loti se afasta sozinha com sua família e entra na vila. Ele a observa se afastar, esperando e torcendo para que ela se vire e olhe para ele, ao menos uma vez.

Mas seu coração se aperta ao vê-la desaparecer no meio da multidão, sem nunca olhar para trás.

CAPÍTULO NOVE

Volússia se senta orgulhosamente em seu trono dourado em cima de sua embarcação dourada que brilha sob o sol, flutuando lentamente pelas hidrovias de Volússia com os braços abertos, saboreando a adulação de seu povo. Milhares de pessoas a observam, correndo para perto da água, acumulando-se nas ruas e becos e gritando o nome dela de todas as direções.

À medida que ela flutua pelos canais estreitos que cruzam a cidade, Volússia poderia esticar o braço e tocar o seu povo, que grita o seu nome chorando e gritando, admirando-a enquanto jogam pequenos pedaços de papel de diferentes cores, que brilham sob a luz e caem em volta dela. Aquele é o maior sinal de respeito que o seu povo poderia lhe oferecer. É uma forma de receber de volta um verdadeiro herói.

"Vida longa à Volússia! Vida longa à Volússia!" dizem eles, em um coro que se repete em todos os becos à medida que ela atravessa as massas, sendo levada pelos canais através de sua magnífica cidade - com suas ruas e prédios cobertos de ouro.

Volússia se inclina para trás e absorve tudo, feliz por ter derrotado Romulus - por ter aniquilado o Líder Supremo do Império e assassinado seu exército de soldados. Seu povo a apoia, sentindo-se fortalecido por seu poder, e ela nunca havia se sentido tão poderosa em toda a sua vida - não desde que havia matado sua própria mãe.

Volússia olha para sua imponente cidade, admirando os dois pilares altos que dão acesso a ela, brilhando em tons dourados e verdes sob o sol; ela absorve as infinitas fileiras de prédios antigos, erguidos na época de seus ancestrais, todos com centenas de anos e já muito gastos. As ruas brilhantes e impecáveis estão repletas de milhares de habitantes, há guardas em todas as esquinas e os canais atravessam as ruas em ângulos precisos ligando todas as áreas da cidade. Há pequenas pontes sob as quais cavalos puxam carruagens douradas, onde pessoas vestindo suas melhores roupas e joias observam tudo. A cidade havia declarado um feriado, e todos haviam saído para recebê-la, gritando o nome dela naquele dia santo. Ela é mais do que uma líder para eles - Volússia é uma deusa.

E é mais auspicioso ainda que aquele dia coincida com o dia de um festival, o Dias das Luzes, em que todos louvam os sete deuses do sol. Volússia - como líder da cidade - é responsável por dar início às festividades e, ao atravessar os canais, duas imensas tochas estão acesas atrás dela, mais brilhantes do que a luz do dia, prontas para acender a Grande Fonte.

Todos os habitantes a acompanham, apressando-se pelas ruas e seguindo o seu barco; ela sabe que eles a acompanhariam durante todo o percurso até que ela chegasse ao centro dos seis círculos da cidade, onde ela desembarcaria e acenderia as fontes, dando início ao dia de celebração e sacrifícios. Aquele é um dia glorioso para ela e todo o seu povo, um dia para louvar os catorze deuses - os deuses que todos acreditam rodear a cidade, protegendo as catorze entradas contra invasores indesejados. Seu povo reza para todos eles e naquele dia, como em todos os outros, é preciso agradecer-lhes pela proteção.

Mas esse ano, seu povo terá uma grande surpresa. Volússia havia incluído a décima quinta divindade, e seria a primeira vez desde a fundação da cidade que um deus seria adicionado. E aquela divindade é ela

mesma. Volússia havia erguido uma enorme estátua dourada de si mesma no centro dos sete círculos, e

havia declarado que aquele dia, a partir de agora, seria o seu dia - o seu feriado. Quando a estátua fosse revelada, seu povo veria pela primeira vez que Volússia é mais do que sua mãe jamais havia sido - mais do que uma líder, mais do que uma mera humana. Ela é uma deusa, e merece ser adorada todos os dias.

Eles rezariam e se ajoelhariam diante dela assim como faziam com os outros - e fariam isso ou ela mataria todos eles.

Volússia sorri para si mesma à medida que seu barco se aproxima do centro da cidade. Ela mal pode esperar para ver a expressão no rosto deles, para vê-los adorar sua imagem como fazem com os outros catorze deuses. Eles ainda não sabem, mas um dia, ela pretende destruir os outros deuses um por um, até que ela seja a única deusa de Volússia.

Volússia, excitada, olha por cima do ombro e vê uma fileira infinita de embarcações atrás dela, carregando touros, cabras e carneiros vivos gritando e movimentando-se sob o sol, tudo em preparação para o dia de sacrifícios em homenagem aos deuses. Ela sacrificaria os melhores e maiores animais em sua própria homenagem.

O barco de Volússia finalmente chega ao canal que dá acesso aos sete círculos dourados, um mais largo que o outro e com grandes passarelas douradas separadas por anéis de água. Seu barco abre caminho lentamente pelos círculos, aproximando-se cada vez mais do centro, passando diante dos catorze deuses com o coração acelerado de emoção. A estátua de cada um dos deuses se ergue dezenas de metros acima deles. No centro de tudo isso, na praça que sempre havia permanecido vazia e reservada para sacrifícios e congregações, agora há um pedestal dourado recém-construído, sob o qual repousa uma estrutura de vinte metros coberta com um pedaço de seda branca. Volússia sorri: apenas ela entre todo o seu povo sabe o que há embaixo daquele tecido.

Volússia desembarca assim que eles se aproximam da praça mais central, e seus criados correm ao seu auxílio. Ela assiste enquanto outra embarcação se aproxima, e o maior touro que ela já tinha visto é removido e levado até ela por uma dúzia de homens. Cada um deles segura uma corda, e começam a guiar o animal cautelosamente. O touro é um animal especial adquirido nas Baixas Províncias: com cinco metros de altura e pele vermelha brilhante, ele é um símbolo de força. O animal também está

extremamente irritado. Ele resiste, mas os homens o mantêm no lugar enquanto o levam pra frente da estátua de Volúcia.

Volúcia ouve uma espada sendo erguida, e ao se virar vê Aksan, seu assassino pessoal, parado ao seu lado e segurando a espada cerimonial. Aksan é o homem mais leal que ela já havia conhecido, sempre disposto a matar quem ela ordene com um simples gesto de sua cabeça. Ele também é um pouco sádico - outro motivo pelo qual ela o admira - e já havia ganhado o seu respeito muitas vezes. Aksan é uma das poucas pessoas que Volúcia permite ficar ao seu lado.

Ele a encara, e Volúcia olha para o seu rosto cheio de cicatrizes e para os seus chifres visíveis atrás de seu cabelo encaracolado.

Volúcia estica o braço e pega a longa espada cerimonial com sua lâmina de dois metros, fechando os dedos em torno do punho com as duas mãos. Um silêncio tenso recai sobre o seu povo quando ela se vira, ergue a espada e rapidamente golpeia o pescoço do touro com toda a sua força.

A lâmina - afiada e fina como papel, atravessa o pescoço do animal, e Volúcia sorri ao ouvir o barulho satisfatório da espada atravessando a carne, sentindo a lâmina cortando o animal e sentindo o sangue do touro espirrar em seu rosto. O sangue espirra para todos os lados, formando uma grande poça sob os pés dela, e o touro cambaleia sem cabeça e cai aos pés da estátua ainda coberta de Volúcia. O sangue do touro mancha o tecido e o ouro, e o povo solta gritos de aprovação.

"Um excelente presságio, minha senhora," Aksan fala, fazendo uma saudação.

As cerimônias haviam começado. Em volta dela, trombetas soam enquanto centenas de animais são trazidos pra frente, e seus oficiais começam a sacrificá-los em torno da praça. Aquele seria um longo dia de sacrifícios, estupros e festividades com abundância de comida e bebida - e depois tudo se repetiria no dia seguinte e no outro. Volúcia participaria de tudo, beberia um pouco de vinho e passaria a noite com alguns homens - cortando o pescoço deles como sacrifício para os seus deuses. Ela anseia por um longo dia de sadismo e brutalidade.

Mas, primeiro, ainda há uma coisa a fazer.

A multidão se aquieta quando Volúcia sobe no pedestal localizado na base de sua estátua e se vira

para encarar o seu povo. Ao lado dela está Koolian, outro conselheiro de sua confiança - um feiticeiro sombrio que veste um manto com capuz negro, com olhos verdes brilhantes e um rosto cheio de verrugas - a criatura que havia ajudado Volúcia a planejar o assassinato de sua própria mãe. Koolian tinha sido a pessoa a aconselhar Volúcia a construir a estátua de si mesma.

A multidão a encara em absoluto silêncio. Ela espera, saboreando o suspense daquele momento.

"Grande povo de Volúcia!" ela começa. "Apresento-lhes a estátua de sua mais nova e mais importante divindade!"

Com um gesto grandioso, Volúcia remove o tecido de seda e a multidão suspira.

"Sua nova deusa, a décima quinta divindade - Volúcia!" Koolian grita para a multidão.

O povo emite um som abafado de admiração, e todos olham para cima com espanto. Volúcia olha para a estátua brilhante, duas vezes mais alta que as outras, uma réplica perfeita dela mesma. Ela espera ansiosa para ver a reação de seu povo. Há muitos séculos ninguém apresenta uma nova divindade, e ela está curiosa para ver se o amor de seu povo por ela é tão forte quanto ela pensa. Ela não precisa apenas do amor de seu povo; ela quer que eles a idolatrem.

Para sua grande satisfação, seu povo de repente cai de joelhos e leva seus rostos ao chão, idolatrando-a.

"Volúcia," eles entoam sem parar. "Volúcia. Volúcia."

Volúcia continua ali, com os braços abertos e respirando profundamente, absorvendo tudo aquilo.

Aquela é uma experiência para satisfazer qualquer ser humano. Qualquer líder. Qualquer divindade.

Mas ainda não é o bastante para ela.

*

Volúcia atravessa a ampla entrada arqueada do seu castelo, passando pelas colunas de mármore de trinta metros e pelos corredores repletos de jardins e de guardas - soldados do Império com posturas perfeitamente eretas, empunhando lanças e alinhados até onde seus olhos podem ver. Ela caminha lentamente, acompanhada em ambos os lados por Koolian - seu feiticeiro, Aksan - seu assassino, e Soku - o comandante de seu exército.

"Minha senhora, se eu puder ter uma palavra com você," Soku diz. Ele vinha tentando falar com ela durante todo o dia, e ela o havia ignorado, sem interessar-se em seus temores ou sua fixação com a realidade. Ela possui sua própria realidade, e falaria com ele quando tivesse vontade.

Volúcia continua marchando até alcançar a porta de entrada para outro corredor, decorada com longas faixas repletas de esmeraldas. Imediatamente, soldados correm para abri-la, dando-lhe passagem.

Assim que ela entra, o barulho dos cânticos, aplausos e festividades das cerimônias externas começa a se dissipar. Aquele tinha tido um longo dia de sacrifícios, bebidas e comemorações, e Volúcia precisa de algum tempo para descansar. Ela recuperaria suas energias, e então voltaria para mais uma rodada.

Volúcia entra nos aposentos solenes, iluminados apenas por algumas tochas. A principal fonte de iluminação do lugar é o faixo de luz verde que vem do óculo no meio do teto, iluminando um único objeto que jaz no centro dos aposentos.

A lança de esmeralda.

Volúcia se aproxima dela admirada, observando o objeto que permanece ali como já fazia há séculos, apontando diretamente para cima. Com seu punho e ponta de esmeralda, a lança brilha sob a luz, apontando diretamente para o céu - como se estivesse desafiando os deuses. Aquele sempre havia sido um objeto sagrado para o seu povo, o objeto que todos acreditam sustentar toda a cidade. Ela para diante dele admirada, observando as partículas de poeira girando em torno da luz esverdeada.

"Minha senhora," Soku diz suavemente, sua voz ecoando no silêncio do lugar. "Tenho permissão para falar?"

Volúcia permanece parada de costas para ele por um longo tempo, examinando a lança e admirando o trabalho do artesão como tinha feito todos os dias de sua vida, até finalmente sentir-se preparada para ouvir as palavras de seu conselheiro.

"Vá em frente," ela fala.

"Minha senhora," ele fala, "você matou o líder do Império. Certamente, o boato já se espalhou.

Exércitos devem estar marchando para Volúcia neste exato momento. Exércitos enormes, maiores do que qualquer coisa da qual podemos nos defender. Devemos nos preparar. Qual é a sua estratégia?"

"Estratégia?" Volúcia pergunta irritada, ainda sem olhar para ele.

"Como você pretende negociar a paz?" ele insiste. "Como se renderá?"

Ela se vira para ele e o encara com frieza.

"Não haverá paz," ela responde. "Até que eu decida aceitar sua rendição e seu juramento de fidelidade."

Ele a encara com medo nos olhos.

"Mas minha senhora, eles nos superam em números de cem para um," ele fala. "Não podemos nos defender contra ataques dessa proporção."

Ela volta a olhar para a lança e ele dá um passo adiante, desesperado.

"Minha Imperatriz," ele insiste. "Você atingiu uma vitória notável ao usurpar o trono de sua mãe.

Ela não era amada pelo povo, e você é. Eles a idolatram. Ninguém ousa falar com você francamente.

Mas eu farei isso. Você está rodeada de pessoas que lhe dizem apenas o que você deseja ouvir. Pessoas que a temem. Mas eu lhe direi a verdade, eu lhe explicarei a realidade da situação. O Império nos cercará, e nós seremos derrotados. Nada restará de nosso reino - ou de nossa cidade. Devemos agir agora. Você deve negociar uma trégua. Pague o preço que for preciso. Antes que eles matem todos nós."

Vólúsia sorri enquanto estuda sua lança.

"Você sabe o que costumavam dizer sobre minha mãe?" ela pergunta.

Soku permanece ali, encarando-a sem expressão, e balança a cabeça.

"Diziam que ela era A Escolhida. Diziam que ela jamais seria derrotada. Diziam que ela jamais morreria. Sabe por quê? Por que ninguém havia empunhado essa lança em seis séculos. E de repente ela surgiu e a empunhou com apenas uma mão. E a usou para matar seu próprio pai e assumir o trono."

Vólúsia volta a olhar para ele, seus olhos brilhando com determinação.

"Diziam que a lança seria usada apenas uma vez. Pela Escolhida. Diziam que minha mãe viveria por mil séculos, e que o trono de Vólúsia seria dela para sempre. E sabe o que aconteceu? Eu empunhei aquela lança - e a usei para matá-la."

Ela respira fundo.

"O que me diz disso, Lorde Comandante?"

Ele olha para ela confuso, e balança a cabeça sem saber o que dizer.

"Podemos escolher viver à sombra das lendas dos outros," responde Volússia, "ou podemos criar nossas próprias lendas."

Ela se aproxima dele, encarando-o com raiva.

"Quando eu tiver destruído todo o Império," ela diz, "quando todos neste universo se ajoelharem diante de mim, quando não houver uma única pessoa que não saiba quem eu sou e que admire o meu

nome, você saberá que eu sou a única e verdadeira líder - e que eu sou a única e verdadeira divindade.

Eu sou A Escolhida. Por que eu me escolhi."

CAPÍTULO DEZ

Gwendolyn atravessa a aldeia acompanhada de seus irmãos Kendrick e Godfrey, Sandara, Aberthol, Brandt e Atme e com centenas de seu povo atrás dela, sendo recebidos pelos habitantes do lugar. Eles são guiados por Bokbu, o chefe da vila, e Gwen caminha ao lado dele cheia de gratidão ao ser levada em um tour da aldeia. O povo daquele lugar os tinha recebido - dando-lhes abrigo, e o chefe tinha feito aquilo por sua própria conta, contra a conta de alguns dos membros de sua tribo. Ele havia salvado todos eles, trazendo-os de volta à vida. Gwen não sabe o que eles teriam feito se isso não tivesse acontecido. Eles provavelmente teriam morrido em alto mar.

Gwen também se sente grata a Sandara, que havia garantido à tribo que eles eram de confiança - e que tinha tido a sabedoria de levá-los até ali. Gwen olha ao seu redor, absorvendo a cena à medida que os aldeões os cercam observando-os com curiosidade, e se sente com um animal em exibição. Gwen vê as pequenas cabanas de barro e o povo orgulhoso que nelas habitam - uma nação de guerreiros com olhos bondosos a observá-los. Obviamente, eles nunca haviam visto algo parecido com Gwen e seu povo. Embora curiosos, eles também são reservados. Gwen não pode culpá-los. Uma vida de escravidão os havia deixado bastante cautelosos.

Gwen nota fogueiras erguidas por toda parte, e começa a pensar.

"Por que há tantas fogueiras?" ela pergunta.

"Vocês chegaram num dia muito auspicioso," Bokbu explica. "Hoje é o dia do nosso festival dos mortos. É uma noite sagrada para o nosso povo, que acontece apenas uma vez a cada onze anos.

Acendemos fogueiras para homenagear os deuses dos mortos, e dizem que nesta noite, os deuses nos

visitam e nos contam sobre o que está por vir."

"Também acreditamos que é neste dia que nosso salvador irá chegar," informa uma voz.

Gwendolyn olha na direção da voz e vê um homem mais velho, aparentemente com setenta anos, magro e com uma expressão séria, aproximando-se deles com um cajado nas mãos e vestindo um manto amarelo.

"Permita-me apresentar-lhes Kalo," Bokbu fala. "Nosso oráculo."

Gwen assente e ele repete o gesto sem esboçar qualquer reação.

"Sua aldeia é linda," comenta Gwendolyn. "Posso ver o amor de uma grande família aqui."

O chefe sorri.

"Você é jovem para uma rainha, mas é muito sábia e graciosa. É verdade o que dizem sobre você do outro lado do mar. Gostaria que vocês pudessem ficar aqui na aldeia conosco; por favor, entenda que temos que escondê-los dos olhares curiosos do Império. Vocês estarão por perto - aquele será seu novo lar, bem ali."

Gwendolyn segue a direção do olhar dele e vê uma montanha distante, repleta de buracos.

"As cavernas," ele fala. "Vocês estarão seguros lá. O Império não procurará por vocês naquele lugar, e vocês podem acender fogueiras, cozinhar e se recuperar até ficarem bem."

"E depois?" Kendrick pergunta, juntando-se ao grupo.

Bokbu olha para Kendrick, mas antes que ele possa responder outro aldeão alto e forte se aproxima do chefe segurando uma lança e acompanhado por uma dezena de homens musculosos. É o mesmo homem do navio, aquele que havia protestado a chegada deles - e ele não parece nada satisfeito.

"Você coloca todo o nosso povo em perigo ao permitir que eles fiquem aqui," ele diz ameaçadoramente. "Você deve mandá-los de volta para o lugar de onde vieram. Não é nossa responsabilidade proteger todas as raças que as marés trazem até aqui."

Bokbu balança a cabeça e o encara.

"Seus ancestrais se envergonham de você," ele diz. "As leis da hospitalidade valem para todos."

"E por acaso é responsabilidade de um escravo ser hospitaleiro?" ele retruca. "Quando não

encontramos hospitalidade para nós mesmos?"

"A maneira como somos tratados não deve determinar como tratamos os outros," o chefe responde.

"E não mandaremos embora alguém que precisa de nós."

O aldeão faz uma careta, encarando Gwendolyn, Kendrick e os outros, e voltando a encarar o chefe.

"Não queremos eles aqui," ele repete irritado. "As cavernas não são longe o bastante e cada dia que eles permanecem aqui, estamos mais próximos de nossa própria morte."

"E de que lhe serve a vida à que você tanto se agarra, se você não a vive de maneira honrada?" o chefe pergunta.

O homem olha para o chão por um longo tempo, e então finalmente se vira e vai embora, seguido pelos seus homens.

Gwendolyn os observa partir, pensando.

"Não se importe com eles," pede o chefe, continuando a caminhada - e Gwen e os outros o seguem.

"Não quero lhe causar problemas," Gwendolyn fala. "Podemos ir embora."

O chefe balança a cabeça.

"Vocês não irão embora," afirma ele. "Não até que tenham descansado e estejam prontos. Há outros lugares no Império onde vocês podem ir, se quiserem. Lugares que também são bem escondidos. Mas eles também ficam longe daqui e há perigos pelo caminho; vocês devem se recuperar e somente então decidir, portanto fiquem aqui conosco. Eu insisto. Na verdade, apenas esta noite, eu gostaria que vocês se juntassem a nós durante as festividades da aldeia. Já está anoitecendo - o Império não poderá vê-los - e esse é um dia importante para nós. Eu ficaria honrado em tê-los como meus convidados."

Gwendolyn observa o dia escurecendo, vê fogueiras sendo acesas e os aldeões vestindo suas melhores roupas reunindo-se ao redor do fogo; ela ouve a batida suave de tambores começando a ficar mais alta, e então ouve cânticos. Ela vê crianças correndo pela aldeia, segurando iguarias que parecem ser doces. Gwen vê homens passando cocos cheios de algum tipo de líquido ao redor da roda, e sente o cheiro de carne no ar vindo dos grandes animais sendo assados sobre as fogueiras.

Ela gosta da ideia de deixar que seu povo descanse e se recupere, aproveitando uma boa refeição antes de subir até as cavernas isoladas.

Ela olha para o chefe.

"Eu acho que gosto da ideia," ela responde. "Eu realmente gosto muito dessa ideia."

*

Sandara caminha ao lado de Kendrick, feliz por estar de volta em casa mais uma vez. Ela está feliz por estar de volta em seu lar, perto de seu povo em terras conhecidas; mas ao mesmo tempo ela se sente reprimida, sentindo-se mais uma vez como uma escrava. Estar de volta ali traz de volta memórias dos motivos pelos quais ela havia ido embora, por que ela havia se oferecido para prestar serviços para o Império e atravessar o oceano como sua curandeira. Aquela tinha sido uma forma de sair daquele lugar. Sandara se sente aliviada por ter sido capaz de ajudar a salvar o povo de Gwendolyn, trazendo-os até ali antes que todos morressem em alto mar. Enquanto caminha ao lado de Kendrick, o que ela mais quer é segurar a mão dele, mostrar com orgulho para o seu povo que ele é o seu homem. Mas ela não pode fazer isso. Muitos olhos os observam, e ela sabe que sua aldeia não apoiaria uma união entre duas raças. Kendrick, como se estivesse lendo seus pensamentos, estica o braço e coloca uma mão em sua cintura, e Sandara rapidamente a afasta. Ele olha para ela, obviamente magoado.

"Aqui não," ela fala suavemente, sentindo-se culpada.

Kendrick franze a testa, confuso.

"Nós já conversamos sobre isso," ela diz. "Já lhe falei que meu povo é muito rígido. Eu tenho que respeitar as leis deles."

"Então você tem vergonha de mim?" pergunta Kendrick.

Sandara balança a cabeça.

"Não, meu senhor. Pelo contrário. Não há nada de que eu me orgulhe mais, e ninguém que eu ame mais nesse mundo. Mas eu não posso ficar com você. Não aqui. Não nesse lugar. Você tem que entender."

A expressão de Kendrick se torna sombria, e Sandara se sente mal.

"E ainda assim, aqui estamos nós," ele fala. "Não há outro lugar para nós. Então não poderemos ficar juntos?"

Ela se prepara para responder, e seu coração se parte ao ouvir suas próprias palavras. "Você ficará nas cavernas com o seu povo," ela diz, "e eu vou ficar aqui na aldeia, com o meu povo. É o meu dever.

Eu o amo, mas não podemos ficar juntos. Não nesse lugar."

Kendrick desvia o olhar, magoado, e Sandara quer se explicar, mas de repente é interrompida por uma voz.

"Sandara!?" grita a voz.

Sandara olha para trás, espantada ao reconhecer a voz familiar - a voz de seu único irmão. Seu coração se alegra ao vê-lo abrindo caminho entre a multidão e caminhando na direção dela.

Darius.

Ele está maior, mais forte e mais velho do que a última vez que ela o tinha visto, com uma confiança que ela não reconhece. Ela o tinha deixado quando ele ainda era um garoto e agora, embora ainda jovem, ele havia se tornado um homem. Com seus cabelos rebeldes - que ele se recusa a cortar - amarrados e seu rosto orgulhoso como sempre, ele tem as mesmas feições de seu pai. Ela pode ver um guerreiro em seus olhos.

Sandara fica extremamente feliz ao vê-lo, ao ver que ele está vivo e que não tinha morrido ou se desanimado como tantos outros escravos - e que seu espírito orgulhoso ainda permanece vivo dentro dele. Ela corre até ele e o abraça, e Darius retribui o gesto. É muito bom revê-lo.

"Achei que você estivesse morta," ele diz.

Ela balança a cabeça.

"Eu só estava do outro lado do oceano," ela responde. "Quando eu o deixei, você era um garoto - e agora já é um homem."

Ele sorri satisfeito. Naquela pequena vila oprimida, naquele terrível lugar, Sandara tinha sido seu único consolo - e ele o dela. Ambos haviam sofrido juntos, especialmente desde o desaparecimento de seu pai.

Kendrick se aproxima e Sandara o vê e fica paralisada, sem saber como apresentá-lo ao ver Darius olhando para ele. Ela sabe que precisa dizer alguma coisa, apresentá-los de alguma forma.

Kendrick é mais rápido do que ela. Ele se adianta e estica o braço.

"Meu nome é Kendrick," ele diz.

"E eu sou Darius," ele responde, e os dois cumprimentam-se.

"Kendrick, este é meu irmão," Sandara fala nervosa, gaguejando. "Darius, esse é... bem... esse é..."

Agitada, Sandara se cala, sem saber como continuar. Darius ergue uma mão.

"Você não precisa explicar nada para mim, cara irmã," ele diz. "Eu não sou como os outros. Eu compreendo."

Sandara vê nos olhos de Darius que ele *realmente* entende, e que ele não a julga. Ela o ama ainda mais por isso.

Eles se viram e começam a caminhar juntos, juntando-se aos outros no tour da aldeia.

"Você escolheu uma época tumultuosa para voltar," Darius fala com a voz tensa. "Muita coisa aconteceu por aqui. Muita coisa *está* acontecendo."

"O que você quer dizer com isso?" pergunta ela, de repente nervosa.

"Temos muito que conversar, cara irmã. Kendrick, você deve se juntar a nós. Venham, as fogueiras já estão acesas."

CAPÍTULO ONZE

Godfrey se senta na aldeia diante da fogueira acesa sob o céu estrelado, próximo de sua irmã

Gwendolyn, de seu irmão Kendrick, de Steffen, Brandt, Atme, Aberthol e de quase todas as pessoas que ele conhece do Anel. Ao lado dele estão Akorth e Fulton, e vê-los ali faz Godfrey pensar mais ainda no quanto ele precisa desesperadamente de algo para beber.

Godfrey observa as chamas, se perguntando como ele tinha ido parar ali enquanto tenta processar tudo o que havia acontecido, mas suas lembranças são uma sequência infinita de memórias confusas.

Primeiro seu pai havia morrido, e então seu irmão Gareth; logo depois os McCloud haviam atacado, e então o Anel tinha sido invadido; depois eles tinham ido para as Ilhas Superiores e finalmente haviam atravessado o oceano... Ele tem a sensação de que tudo tinha sido uma longa sequência de tragédias. Sua vida tinha se resumido a nada a não ser ao caos, a guerra e o exílio. É bom finalmente poder parar de se movimentar, mas ele sente que tudo está apenas começando.

"O que eu não daria por uma boa cerveja agora," Akorth fala.

"Eles certamente têm algo para beber por aqui," comenta Fulton.

Godfrey coça sua cabeça latejante, perguntando-se a mesma coisa. Se algum dia ela havia precisado

de uma bebida, esse dia é agora. Essa última viagem pelo mar tinha sido a pior de que ele consegue se lembrar - tantos dias sem comida ou cerveja, muitas vezes à beira da morte. Ele tinha tido certeza, várias vezes, de que iria morrer. Godfrey fecha os olhos e tenta esquecer as cenas horríveis, as lembranças de seus companheiros do Anel sendo transformados em pedra e caindo no mar.

Aquela tinha sido uma jornada sem fim - uma viagem através do inferno - e Godfrey fica surpreso por não ter tido qualquer tipo de epifania ou iluminação depois daquela experiência. A viagem não tinha feito com que ele mudasse seus hábitos. Na verdade, aquilo tudo o tinha feito querer beber ainda mais para esquecer tudo o que havia acontecido. Havia alguma coisa de errado com ele? Ele se pergunta. Ele seria menos profundo que os outros? Ele espera que não.

Agora ali estão eles, no Império de todos os lugares, cercados por um exército hostil que quer vê-los mortos. Quanto tempo eles ainda têm ele se pergunta, até que sejam descobertos? Até que os homens de Romulus os encontrem? Godfrey tem o terrível pressentimento de que seus dias estão contados.

"Vejo uma dádiva dos deuses" diz Akorth.

Godfrey olha para cima.

"Ali," Fulton fala, acotovelando-o nas costelas.

Godfrey olha pra frente e vê os aldeões passando um cantil cheio de um líquido transparente. Eles o pegam nas mãos, dão um gole e o passam adiante.

"Aquilo não é exatamente a cerveja da Rainha," comenta Akorth.

"E você por acaso quer esperar pela próxima colheita?" retruca Fulton.

Fulton se inclina, pega o cantil antes que Akorth o alcance e dá um longo gole do líquido, que escorre pelas suas bochechas. Ele limpa a boca com as costas da mão e geme de prazer.

"Isso arde," ele fala. "Você tem razão. Com certeza não é a cerveja da Rainha. É muito mais forte."

Akorth arranca o cantil das mãos dele, dá um longo gole e balança a cabeça, concordando com ele.

Ele começa a tossir ao passá-lo para Godfrey.

"Meu Deus," Akorth exclama. "É como beber fogo."

Godfrey se aproxima e cheira o líquido, afastando-se logo em seguida.

"O que é isso?" ele pergunta para um dos aldeões, um guerreiro de aparência rude com ombros largos e sem camisa que está sentado ao lado dele com uma expressão séria e usando um colar de pedras negras.

"Chamamos isso de coração de cacto," ele explica. "É uma bebida para homens de verdade. Você é um homem?"

"Tenho minhas dúvidas," Godfrey responde. "Depende pra quem você pergunta. Mas eu farei qualquer coisa para afogar minhas mágoas."

Godfrey leva o cantil aos lábios e bebe, o líquido desce por sua garganta feito fogo e queima o seu estômago. Ele também tosse, e os aldeões caem na gargalhada ao mesmo tempo em que o homem seguinte pega o cantil de suas mãos.

"Não é um homem," eles observam.

"Já dizia o meu pai," concorda Godfrey, rindo junto com eles.

Godfrey se sente bem quanto a bebida sobe para sua cabeça, e quando o aldeão que o havia insultado bebe, Godfrey estica o braço e arranca a bebida das mãos dele.

"Espere um minuto," ele fala.

Godfrey bebe, desta vez dando longos goles e engolindo sem tossir.

Os aldeões olham para ele com espanto. Godfrey olha para eles com satisfação e um sorriso brota em seus lábios.

"Eu posso não ser um homem," ele diz, "e vocês podem ser melhores do que eu com suas armas. Mas não me desafiem a beber."

Todos caem na risada, os aldeões continuam passando a bebida ao redor da roda, e Godfrey se inclina sobre os cotovelos - já um pouco embriagado e se sentindo feliz pela primeira vez em muito tempo. A bebida é forte e ele se sente tonto, pois nunca havia bebido nada tão forte assim antes.

"Vejo que você já virou a página," diz uma voz feminina em tom de desaprovação.

Godfrey olha para o lado e vê Illepra parada em cima dele com as mãos nos quadris, olhando para baixo com uma expressão carrancuda.

"Você sabe, eu passei a tarde inteira cuidando do nosso povo," ela diz decepcionada. "Muitos ainda estão sofrendo os efeitos da fome. E o que você fez para ajudar? Aqui está você, sentando diante da fogueira, bebendo."

Godfrey sente seu estômago embrulhado; ela sempre consegue ver o pior lado dele.

"Eu vejo muitas pessoas sentadas aqui bebendo," ele retruca, "e Deus os abençoe por isso. Que mal há nisso?"

"Todos eles *não* estão bebendo," Illepra responde. "Pelo menos não tanto quanto você."

"E o que você tem a ver com isso?" Godfrey pergunta.

"Com metade do nosso povo doente, você acha que agora é hora de passar a noite bebendo e se divertindo?"

"E existe melhor hora?" ele responde.

Ela faz uma careta.

"Você está errado," ela diz. "É um momento de contrição. Um momento de jejum e oração."

Godfrey balança a cabeça.

"Minhas preces nunca foram ouvidas pelos deuses," ele diz. "Quanto a jejuar - já fizemos jejum o bastante no navio. Agora é hora de comer."

Ele estica o braço, pega um pedaço de frango que está sendo passado em torno da roda e dá uma mordida, mastigando de forma insolente diante dela. A gordura escorre pelo seu rosto, mas ele não limpa sua face e não desvia o olhar enquanto ela o encara com óbvio desagrado.

Illepra olha para ele com desprezo e lentamente balança a cabeça.

"Você já foi um homem um dia, mesmo que por pouco tempo. Ainda na Corte do Rei. Mais do que um homem - um verdadeiro herói. Você ficou para trás e protegeu Gwendolyn na cidade. Você ajudou a salvar a vida dela. Você impediu a invasão dos McCloud. Eu pensei que você... tivesse mudado."

"Mas aqui está você. Fazendo piadas e bebendo a noite toda. Como o garoto que sempre foi."

Godfrey fica nervoso - sua embriaguez e senso de relaxamento rapidamente se desvanecendo.

"E o que você espera que eu faça?" ele retruca irritado. "Quer que eu me levante e corra para o horizonte para derrotar o Império sozinho?"

Akorth e Fulton caem na risada, e os aldeões se juntam a eles.

Illepra enrubesce e balança a cabeça.

"Você não mudou," ela fala. "Você atravessou metade do mundo e mesmo assim ainda continua o mesmo."

"Eu sou quem eu sou," Godfrey responde. "Uma viagem pelo oceano não vai mudar isso."

Os olhos dela se concentram nele.

"Eu o amei um dia," ela diz. "Agora, não sinto mais nada por você. Absolutamente nada. Você é uma grande decepção em minha vida."

Ela se vira e parte, e os homens dão risada e gemem ao redor de Godfrey.

"Vejo que as mulheres são todas iguais mesmo do outro lado do oceano," um dos aldeões fala, e todos caem na gargalhada mais uma vez.

Mas Godfrey não está mais rindo. Ela o tinha magoado. E ele está começando a perceber, mesmo em seu estado de embriaguez, que talvez Illepra seja mais do que uma conhecida para ele afinal.

Godfrey estica o braço, pega o cantil e dá outro longo gole.

"Aos heróis!" ele fala. "Deus sabe que eu não sou um deles."

*

Gwendolyn está sentada diante da fogueira acompanhada de Kendrick, Brandt, Atme, Aberthol e uma dúzia dos cavaleiros da Prata; ao lado dela sentam-se Bokbu e uma dúzia de anciãos e dúzias de aldeões. Os anciãos estão engajados em uma longa discussão com Gwen, e enquanto ela observa as chamas da fogueira, ela tenta ser educada e escutá-los ao mesmo tempo em que dá pequenos pedaços de carne para Krohn, que repousa a cabeça em seu colo. Os anciãos falam há horas, aparentemente entusiasmados pela oportunidade de conversar com uma forasteira, desabafando sobre todos os problemas com o Império, a vida e seu povo.

Gwendolyn tenta se concentrar, mas uma parte dela está distraída e não consegue pensar em outra coisa a não ser Thor e Guwayne - torcendo e rezando pela segurança de ambos e pelo retorno dos dois.

Naquela noite, ela reza com toda sua fé para que eles voltem para ela, para que ela tenha mais uma chance. Ela reza por uma mensagem, por um sinal - qualquer coisa para que ela saiba que eles estão

seguros.

"Minha senhora?"

Gwen se vira e vê Bokbu encarando-a.

"Qual a sua opinião sobre o assunto?" ele pergunta.

Gwen sai de seu devaneio.

"Eu sinto muito," ela diz. "Você pode repetir a pergunta?"

Bokbu limpa a garganta, compassivo e compreensivo.

"Eu estava explicando os costumes do meu povo. Sobre nossa vida aqui. Você havia me perguntado como é um dia em nossa aldeia. O dia começa nos campos e termina ao anoitecer. Os capatazes do Império nos fazem de escravos, assim como em todas as outras aldeias do Império que não são da mesma raça que a deles. Eles nos fazem trabalhar até a morte."

"Vocês nunca tentaram escapar?" pergunta Kendrick.

Bokbu olha para ele.

"Escapar pra onde exatamente?" ele pergunta. "Somos escravos a serviço de Volússia, a grande cidade litorânea do norte. Não existe qualquer província livre no Império, nenhum lugar para fugir por centenas de quilômetros. Temos Volússia de um lado, o oceano de outro e um vasto deserto atrás de nós."

"E o que há do outro lado do deserto?" pergunta Gwen.

"Todo o restante do Império," responde outro chefe, "terras sem fim. Mais províncias e regiões do que você pode imaginar. Tudo sob o comando do Império. Mesmo se conseguirmos atravessar o grande deserto, nós conhecemos muito pouco do que existe além dele."

"Exceto a escravidão e a morte," diz outro ancião.

"Alguém já tentou atravessá-lo?" pergunta Gwen.

Bokbu se vira para ela com uma expressão sombria.

"Todos os dias, um de nossos homens tenta escapar. A maioria morre rapidamente - com uma flecha ou uma lança nas costas enquanto correm. Aqueles que conseguem escapar, simplesmente desaparecem."

Algumas vezes, o Império os traz de volta alguns dias mais tarde, corpos para serem exibidos, para serem pendurados nas árvores mais altas. Outras vezes, eles trazem apenas ossos, comidos por algum animal. E outras vezes, nunca mais ouvimos falar deles."

"Algum deles já sobreviveu?" pergunta Gwen.

Bokbu balança a cabeça.

"O Grande Deserto é implacável," ele responde. "Eles certamente morreram."

"Mas é possível que alguns tenham sobrevivido?" insiste Kendrick.

Bokbu dá de ombros.

"Talvez. Talvez tenham chegado a alguma outra região apenas para se tornarem escravos por lá.

Escravos de outras províncias do Império são mais maltratados do que aqui. Eles são mortos rotineiramente e aleatoriamente todos os dias, apenas para a diversão dos capatazes. Aqui, pelo menos não somos separados de nossas famílias e vendidos sem motivo aparente. Não somos enviados de cidade em cidade e de aldeia em aldeia; aqui, pelo menos temos um lar. Eles permitem que continuemos vivos enquanto continuarmos trabalhando."

"Não é uma vida ideal," outro ancião completa. "É uma vida de sacrifícios. Mas não deixa de ser uma vida."

"Vocês não podem se organizar e lutar?" pergunta Kendrick.

Bokbu balança a cabeça.

"Houve uma época, outras gerações e outras cidades que tentaram fazer isso. Eles nunca ganharam.

Eles estavam em menor número, e tinham poucas armas. O Império tem armaduras superiores, melhores armas, melhores animais, muros fortalecidos, são mais organizados e, acima de tudo, possuem aço de verdade. Nós não temos isso. O aço foi banido."

"E se um escravo se rebela e perde, toda a aldeia é assassinada."

"Eles possuem muito mais soldados," continua outro chefe. "O que podemos fazer? Você espera que apenas algumas centenas de nós com nossas armas de madeira, ataque centenas de milhares deles com armaduras de aço?"

Gwendolyn considera a situação deles. Ela compreende, e sente compaixão por eles. Eles haviam desistido de sua essência - de seus orgulhosos espíritos guerreiros, na tentativa de protegerem suas famílias. Gwen não pode culpá-los. Ela se pergunta o que ela teria feito no lugar deles. O que o seu pai teria feito.

"O domínio pela força é algo terrível," ela começa. "Quando um homem se considera melhor do que o outro, por causa de sua raça ou suas armas, de seu poder, de seus números ou riquezas - ou qual seja a razão - então ele pode se tornar cruel sem motivo."

Bokbu olha para ela.

"Você já passou por isso," ele diz, "ou não estaria aqui."

Gwendolyn assente, olhando para as chamas.

"Romulus e seu exército de um milhão de soldados invadiram a nossa terra e queimaram absolutamente tudo," ela responde. "Restam apenas algumas centenas de nós agora - tudo o que resta do que já foi um dia a mais gloriosa nação. Em seu centro, havia uma cidade próspera que servia de exemplo para todas as outras. Nossa terra era abundante em tudo, e havia um Canyon que nos protegia de todo o mal. Éramos invencíveis. Por gerações, fomos invencíveis."

"E mesmo assim, mesmo as grandes nações podem cair," Bokbu fala.

Gwen assente, percebendo que ele compreende.

"E o que aconteceu?" outro chefe pergunta.

Enquanto Gwen relembra a queda do Anel, ela se faz a mesma pergunta.

"O Império," ela responde. "O mesmo que com vocês."

Eles ficam em profundo silêncio.

"E se nós nos juntássemos a vocês?" Atme diz, rompendo o silêncio. "E se nós os atacássemos com vocês?"

Bokbu balança a cabeça.

"A cidade de Volússia é bem fortificada e muito bem guardada. E eles nos superam em números de mil para um."

"Certamente, há algo capaz de destruir o Império?" Brandt pergunta.

Os anciãos se entreolham com cuidado e, após uma longa pausa, Bokbu diz:

"Os Gigantes, talvez."

"Os Gigantes?" Gwen pergunta intrigada.

Bokbu assente.

"Há rumores da existência deles. Nos limites extremos do Império."

Aberthol começa a falar.

"A Terra dos Gigantes," ele explica. "Uma terra de criaturas tão altas, que seus pés seriam capazes de esmagar mil homens. A Terra dos Gigantes é um mito. Um mito bastante conveniente. Essa estória foi desmentida na época dos nossos antepassados."

"Se você está certo ou errado ninguém sabe ao certo," Bokbu fala. "Mas o que sabemos com certeza é que os Gigantes, em algum momento, existiram. E que eles eram instáveis. É mais fácil tentar domar uma fera. É bem mais provável que eles o matem do que realmente destruam o Império. Eles não buscam justiça, eles não tomam partido. Eles querem apenas derramar sangue. Mesmo que eles existam - e mesmo que vocês os encontrem, é mais provável que vocês morram durante a busca do que na tentativa de invadir Volúsia."

Um longo silêncio recai sobre eles e Gwen continua estudando as chamas, considerando tudo aquilo.

"E não existe outro lugar?" Gwendolyn pergunta, e todos os olhares se voltam para ela. "Quando nosso povo se recuperar, não existe outro lugar no Império onde possamos ir para vivermos em segurança? Onde possamos recomeçar?"

Os anciãos se entreolham e, finalmente, fazem um gesto afirmativo com a cabeça.

Bokbu ergue seu cajado, estica o braço e começa a desenhar algo no chão de terra. Gwendolyn se surpreende com a habilidade dele, e observa enquanto um mapa detalhado se desdobra diante de seus olhos, e todo o seu povo se aproxima deles. Ela vê quando os contornos do Império tomam forma, e fica admirada com a vastidão e complexidade de seu território.

"Você reconhece isso?" ele pergunta quando finalmente termina.

Gwendolyn examina o mapa, vendo as diferentes regiões e províncias - várias dezenas delas. Ela observa o formato estranho das terras do Império - com seu centro retangular e em cada um dos quatro

cantos, uma península curva apontando em direções opostas. Cada uma delas parece com o chifre de um touro. *Os quatro chifres do Império*, seu pai costumava dizer. Agora ela entende.

"Sim," ela responde. "Uma vez passei uma lua inteira na casa dos eruditos estudando os mapas antigos do Anel e do Império. Os quatro cantos são os quatro chifres que representam as quatro direções, aqueles pontos dois são o norte e o sul, e no centro fica o Grande Deserto."

Bokbu a encara de olhos arregalados, obviamente impressionado.

"Você é a única forasteira que sabe disso," ele diz. "Seu conhecimento é realmente muito vasto."

Ele faz uma pausa.

"Sim, a forma do Império indica a sua verdadeira natureza. Chifres. Pontas. Desertos. O território é vasto, como muitas regiões em seu centro. Sem falar nas ilhas, que eu não desenhei aqui. Há muita coisa que permanece inexplorada, um território ainda desconhecido. Grande parte é apenas boato. Sonhos que foram passados por povos escravizados por muito tempo. Já não sabemos o que é verdade. Mapas são coisas vivas, e os cartógrafos mentem tanto quanto os reis. Os mapas fazem parte da política, e mapas representam o poder."

Um longo silêncio se segue em que o único som é o barulho da fogueira, e Gwen considera aquelas palavras.

"Antes do reinado de Antochin," Bokbu finalmente continua, "antes do reinado do meu pai e do seu pai, houve um tempo em que o Anel e o Império eram um só reino. Antes da Grande Divisão. Antes do Canyon. Diz a lenda que o exército se dividiu. Metade formou o Anel e metade ficou para trás. Se isso é verdade, em algum lugar, no meio das terras do Império, o reino de Segundo Anel ainda existe."

Gwendolyn detém-se, confusa.

"O Segundo Anel?" ela pergunta com um suspiro, ficando mais animada a cada segundo. As lembranças começam a voltar para ela - tudo o que ela havia aprendido com suas leituras. Tudo ainda é um pouco confuso, e ela ainda não consegue se lembrar de tudo; ela havia pensado que aquilo não passasse de uma lenda.

"Isso é mais um mito do que um fato," Aberthol se intromete, sua voz cortando o ar quando ele se adianta para ver o mapa desenhado no chão. "*Entre os quatro chifres e as duas pontas,*" ele começa a recitar,

“entre as antigas costas e os Lagos Gêmeos, ao norte de Altbu—”

“—e ao sul de Reche,” Bokbu completa, “fica o Segundo Anel. ”

Aberthol e o chefe se entreolham, reconhecendo os dizeres antigos.

"Um mito de séculos atrás," Aberthol comenta. "Vocês acreditam em histórias de comadres aqui. É disso que sobrevivem."

"Alguns chamam isso de mito," afirma Bokbu, "enquanto outros consideram isso um fato."

Aberthol balança a cabeça com veemência.

"As possibilidades da existência de um Anel alternativo são remotas," ele diz. "Apostar as esperanças de nosso povo em uma aventura como essa seria colocar em risco a nossa sobrevivência."

Gwen analisa Bokbu e vê a seriedade em seu rosto, e sente que ele acredita realmente na existência do Segundo Anel. Ele estuda o mapa que havia desenhado com uma expressão séria no rosto.

"Há alguns anos," Bokbu finalmente continua com a voz grave, "quando eu era apenas um garoto, uma espada e uma armadura de aço foram trazidas para esta aldeia. Elas foram encontradas, segundo o meu pai, no meio do deserto com um moribundo. Um homem com a aparência do nosso povo, com a pele pálida. Um homem que usava uma armadura de aço, uma armadura com as mesmas marcas que as suas. Ele morreu antes que pudesse nos dizer de onde vinha, e escondemos a armadura por medo de sermos mortos."

Bokbu suspira.

"Eu acredito na existência do Segundo Anel," ele completa. "Se vocês puderem encontrá-lo, e chegarem até lá, talvez possam encontrar um lar de verdade no Império."

"Outro lugar para nos escondermos do Império?" Kendrick pergunta ironicamente.

"Se o Segundo Anel existir," Bokbu responde, "ele é tão bem escondido que seu povo não está se escondendo. Eles estão vivendo. As chances são remotas, minha senhora," ele conclui, "mas de qualquer forma, existem."

Antes que Gwen possa processar tudo aquilo, uma voz aguda corta o ar. A princípio é apenas um grito, que então se transforma em um longo lamento e depois em um canto.

Gwen se vira ao mesmo tempo em que todos os homens se silenciam e observam, e uma mulher com cabelos negros compridos até a cintura, com as palmas estendidas para o lado e um lenço vermelho

enrolado em torno do pescoço dá um passo adiante. Ela se inclina para trás e levanta os braços para cima, entoando um canto solene. A mulher canta cada vez mais alto e à medida que faz isso as chamas da fogueira se intensificam.

"Espíritos das chamas!" ela diz. "Venham até nós. Deixem que nós os louvemos. Digam o que quiserem. Permitam-nos ver o que não podemos!"

Gwendolyn se assusta e se afasta quando o fogo diante dela começa a faiscar e a brilhar com mais intensidade. Ela olha e se surpreende ao ver formas se movendo dentro das chamas. Seus cabelos se arrepiam.

O cântico da vidente lentamente diminui e então ela se cala, aproximando-se de Gwendolyn. Gwen sente medo ao ver os olhos brilhantes da vidente olhando para ela.

"Pergunte-me o que quiser," diz a vidente com uma voz estranhamente obscura.

Gwen permanece sentada - tremendo por dentro, querendo perguntar e querendo saber, mas com muito medo. E se a resposta não for algo que ela queira ouvir?

Finalmente, ela consegue juntar coragem.

"Thorgrin," Gwendolyn diz, quase sem pronunciar as palavras. "Guwayne. Diga-me. Eles estão vivos?"

Um longo silêncio se segue, e a vidente se vira e volta a olhar para o fogo. Ela se abaixa e joga alguns punhados de terra na fogueira. O fogo faísca e se intensifica, e a vidente - de costas para Gwendolyn - começa a pronunciar palavras que Gwen não consegue entender.

Finalmente, ela volta a olhar para Gwen e a encara com seus olhos amarelos brilhantes. Gwen não seria capaz de desviar seu olhar mesmo se quisesse.

"Seu bebê não voltará para você da forma que você o conhece," ela diz que forma sombria. "E seu marido, nesse exato momento, está entrando na Terra dos Mortos."

"NÃO!" Gwendolyn grita, e seu choro supera o barulho incessante da fogueira.

Ela se levanta alarmada com o coração batendo acelerado e sente seu corpo se enfraquecer. O

mundo começa a girar, e a última coisa que ela vê é Steffen e Kendrick atrás dela, prontos para segurá-la quando ela cai nos braços deles e seu mundo se escurece.

CAPÍTULO DOZE

Thorgrin fica em pé na beirada do barco e olha para cima com admiração à medida que a corrente leva o barco lentamente pra frente, entrando na imensa caverna nos limites do mundo. Ele olha para o enorme teto abobadado a trinta metros de altura - feito de rocha escura coberta de musgo, e vê estranhos animais correndo na escuridão. Uma brisa fria sopra assim que eles entram, e a temperatura é dez graus mais baixa ali dentro. Atrás dele, Reece, Conven, Elden, Indra, O'Connor e Matus ficam em pé e olham ao redor admirados à medida que continuam avançando para dentro da caverna. Thor tem a sensação de que eles estão sendo engolidos e que nunca mais sairão dali, e seu pressentimento ruim se intensifica.

À medida que avançam, Thor olha para baixo e vê as águas começarem a brilhar - tornando-se fosforescentes, um tom azul suave que ilumina a escuridão e é refletido pelas paredes, fornecendo um pouco de luz para que eles possam enxergar um pouco. As paredes e as criaturas presas nelas formam sombras grotescas, e quanto mais eles avançam, mais os sons são amplificados - os barulhos dos insetos, o bater das asas e também estranhos gemidos. Thor aperta as mãos em torno de sua espada, em guarda. "Que lugar é esse?" O'Connor diz em voz alta, fazendo a pergunta que todos querem fazer.

Thor observa a escuridão, pensando. Por um lado, ele está aliviado por estar fora do oceano em um lugar seguro de certa forma - um lugar onde eles podem descansar e se reorganizar. Por outro lado, Thor sente algo no ar - algo que arrepia os cabelos em seu braço. Seus instintos dizem que ele deve dar a volta e retornar para o mar aberto. Mas eles têm poucas provisões, precisam de um descanso e, acima de tudo, Thorgrin precisa explorar aquele lugar caso aquela seja realmente a terra dos mortos. E se Guwayne estiver ali? Agora que Guwayne está morto, Thorgrin já não se importa com o perigo, com a escuridão ou mesmo com a morte; uma parte dele deseja a morte e até mesmo a receberia de braços abertos. E se Guwayne estiver ali, então Thor acredita que vale a pena tentar, mesmo que ele nunca mais consiga escapar.

Um gemido sinistro atravessa a escuridão, deixando todos alarmados.

"Eu me pergunto se estaríamos mais seguros nos arriscando em alto mar," Matus diz suavemente,

sua voz ecoando pelas paredes da caverna.

Eles fazem curvas e mais curvas, e à medida que eles avançam cada vez mais pela caverna - levados pela corrente como se estivessem sendo carregados pelo destino, Thor olha para trás e vê que o oceano já está fora de vista. Eles estão cercados pela escuridão e pela água brilhante, e agora estão à mercê das correntes da caverna.

"A corrente segue em uma única direção," informa Reece. "Há esperanças de que ela nos leve para fora desse lugar."

Eles flutuam pela escuridão e fazem uma curva, e Thor examina as paredes, vendo pares de pequenos olhos amarelos na escuridão piscando para ele - os olhos criaturas estranhas. Eles piscam e correm, e Thor se pergunta que tipo de criaturas seriam aquelas. Elas estariam os observando?

Esperando para atacá-los?

Thor aperta ainda mais as mãos em torno de sua espada. Ele permanece em alerta à medida que continuam o seu caminho.

Finalmente, eles fazem mais uma curva e Thor vê, um pouco adiante, que as águas de repente terminam abruptamente. Eles param em uma praia de areia negra, que dá lugar a um terreno de rochas escuras.

Thor e seus companheiros olham para fora admirados quando o barco de repente para, batendo suavemente no banco de areia. Eles se entreolham e então observam o imenso terreno rochoso diante deles. A caverna se desdobra na escuridão.

"É aqui que termina o oceano?" Indra pergunta.

"Só há um meio de descobriremos," Conven fala, descendo do barco e pisando na praia.

Os outros o seguem, Thor sendo o último, e quando todos estão em pé na areia Thor olha para o barco, balançando suavemente na correnteza suave. Thor observa a água brilhante, vê as curvas da caverna e não consegue encontrar a saída.

Ele olha para trás, observa a escuridão, mais escura sem o auxílio da água fosforescente, e sente uma brisa gelada surgir de algum lugar.

"Pelo menos podemos acampar aqui," Elden diz. "Podemos passar a noite nesse lugar."

"Presumindo que nada venha nos engolir no meio da noite," O'Connor fala.

De repente, na distância, uma tocha é acesa - e então outra e mais outra. Dezenas de tochas são acesas de repente e Thor, segurando o punho de sua espada, vê pessoas observando-os, pessoas pequenas, com metade de sua altura, corpos magros, dedos e narizes compridos e olhos redondos e pequenos. Suas cabeças também são pontudas.

Um deles - aparentemente o líder, dá um passo adiante, ergue uma tocha e abre um sorriso, revelando centenas de pequenos dentes pretos pontudos.

"Vocês se encontram em uma encruzilhada," a criatura explica.

O líder é diferente dos outros. Ele tem três vezes a altura dos demais, é duas vezes mais alto que Thorgrin e seus homens, tem uma barriga grande, uma barba marrom comprida e carrega um cajado. O homem afaga sua barba comprida e os encara em profundo silêncio.

"Que tipo de encruzilhada?" Thor pergunta.

"Uma encruzilhada entre a terra dos vivos e a terra dos mortos," ele responde. "Este é o fim do oceano. Somos os guardiões do portão. Atrás de nós ficam os portões de entrada para as terras dos mortos."

Thor olha por cima dos ombros dele, e na distância ele vê portões enormes, com trinta metros de altura, feitos de ferro com três metros de espessura. Seu coração de enche de animação e esperança.

"Então é verdade?" pergunta Thor, esperançoso pela primeira vez desde a morte de Guwayne. "A terra dos mortos existe mesmo?"

A criatura assente solenemente.

"Vocês podem ficar aqui esta noite," ele responde. "Podemos lhes oferecer um lugar para dormir e provisões, e então vocês devem partir. Vocês devem voltar para o lugar de onde vieram e continuar o seu caminho."

"E por que vocês nos ajudariam?" Reece pergunta com cautela.

A criatura olha na direção dele.

"Esse é dever dos Guardiões," ele explica. "É nosso dever manter os portões fechados. Não

aceitamos pessoas na terra dos mortos - nós as mantemos do lado de fora. Aqueles que perderam seus entes queridos vêm até aqui, buscando e sofrendo, e nós os rejeitamos. Ainda não é a hora deles. Eles sofrem e querem ver as pessoas que amam, e é nosso dever mandá-los embora. Assim como devemos mandar vocês embora."

Thor faz uma careta e dá um passo adiante.

"Eu quero entrar," ele diz sem hesitar, pensando em Guwayne. "Quero ver meu filho."

A criatura o encara com frieza.

"Vocês não compreendem," ele fala. "Existe apenas uma entrada, e não há uma saída. Entrar por esses portões significa nunca mais sair."

Thor balança a cabeça, determinado e tomado pela tristeza.

"Eu não me importo," Thorgrin responde com firmeza. "Verei meu filho."

"Thorgrin o que você está dizendo?" Reece fala, aproximando-se dele. "Você não pode entrar ali."

"Ele não está falando sério," afirma Matus.

"Estou sim," insiste Thorgrin, cheio de tristeza e desejando rever Guwayne. "Nunca falei tão sério."

A criatura observa Thor por bastante tempo, como se o estivesse analisando, e então balança a cabeça.

"Você é muito corajoso," ele diz, "mas a resposta continua sendo não. Vocês podem ficar aqui esta noite, e amanhã devem voltar para o oceano. As correntes da manhã os levarão embora. Permaneçam

nelas por tempo suficiente, e no decorrer de uma lua vocês terão alcançado as costas do Império. Isso aqui não é o lugar para humanos."

"Eu entrarei por aqueles portões!" Thor grita com agressividade, empunhando sua espada. O som de metal saindo da bainha ecoa pelas paredes da caverna, que parece criar vida própria com o barulho de insetos e criaturas fugindo para sair do caminho, como se todos soubessem que uma tempestade se aproxima.

Imediatamente, dezenas de criaturas atrás do líder também sacam suas armas - espadas brancas feitas de ossos.

"Você insulta a nossa hospitalidade," o líder fala para Thor.

"Eu não quero a sua hospitalidade," Thor responde. "Quero o meu filho. Quero vê-lo. E nem você, nem

qualquer criatura desse mundo pode me deter. Eu seria capaz de atravessar os portões do inferno para chegar até ele. E quero entrar na terra dos mortos. Irei sozinho. Meus homens podem aceitar suas provisões e voltar para o oceano. Mas não eu - eu entrarei por aqueles portões. E ninguém - nem nada nesse mundo - será capaz de me deter."

O líder balança a cabeça.

"De vez em quando encontramos alguém como você," afirma ele. Ele balança a cabeça novamente.

"Tolo. Você deveria ter aceitado a minha oferta da primeira vez."

De repente, todas as criaturas atrás dele atacam Thor - dezenas delas, com espadas erguidas correndo na direção dele.

Thor está tão determinado a ver seu filho que algo toma conta dele: seu corpo de repente se aquece e as palmas de suas mãos parecem pegar fogo, e ele se sente mais forte do que nunca. Ele coloca sua espada na bainha e ergue as mãos, e quando faz isso um globo de luz emana delas e atravessa a caverna, iluminando-a. Ele movimentava as mãos em um gesto semicircular, e os raios de luz acertam os peitos das criaturas, derrubando-as no chão.

Elas caem gemendo e se contorcendo - atordoadas, mas ainda vivas.

Os olhos do líder se arregalam de surpresa e ele observa Thor com cuidado.

"É você," ele diz admirado. "O Rei dos Druidas."

Thor o encara calmamente.

"Eu não sou rei de nada," ele responde. "Sou apenas um pai que deseja ver seu filho."

O líder o observa com um novo senso de respeito.

"Disseram que um dia você viria até aqui," ele diz. "Falavam de um dia em que os portões seriam abertos. Eu não pensei que esse dia chegaria tão cedo."

O líder observa Thorgrin por um longo tempo, como se estivesse olhando para uma lenda viva.

"O preço para atravessar aqueles portões," ele fala, "não é cobrado em ouro. É cobrado com a sua vida."

Thor dá um passo à frente e assente solenemente.

"Então esse será o preço que eu pagarei," ele responde.

O líder o encara por mais um tempo, e então finalmente parece estar satisfeito. Ele assente, e dezenas de seus homens lentamente ficam em pé e abrem caminho, criando uma passagem para Thor. Dezenas de outras criaturas correm até os portões e, segurando as barras de ferro, puxam com todas as forças.

Com um rangido enorme, os portões da morte - protestando, começam a se abrir.

Thor olha para cima com admiração e vê o portão de trinta metros se abrindo. É como ver um portal para outro mundo.

Quando eles seguram suas tochas na direção do portão, ele é iluminado e, diante deles - do outro lado, Thor vê um homem segurando um cajado e vestindo um longo manto negro com um capuz cobrindo o seu rosto. Ele está em pé diante de um pequeno barco, que balança suavemente na beira de um rio.

"Ele será seu guia na terra dos mortos," explica o líder. "Ele vai ajudar você a atravessar o rio. Do outro lado fica a escada que dá acesso ao centro do mundo. Essa viagem de barco não tem volta."

Thor assente solenemente, lembrando que aquilo seria permanente e sentindo-se grato pela oportunidade.

Thorgrin começa a caminhar, passa pelo líder e pelas fileiras de criaturas abrindo passagem para ele, indo em direção aos portões abertos, preparado para fazer a longa caminhada sozinho.

De repente, ele ouve passos atrás dele e, ao olhar para trás, se surpreende ao ver todos os seus irmãos atrás dele, olhando para ele com expressões sérias.

"Se você está indo para a terra dos mortos," Reece diz, "você vai precisar de companhia."

Thor olha para eles confuso; ele não esperava que eles fossem desistir de suas vidas por ele.

O'Connor assente.

"Se você não vai voltar, então nós também não vamos." completa O'Connor.

Thor olha dentro dos olhos de seus companheiros, vê a seriedade de suas expressões e percebe que não seria possível convencê-los a mudar de ideia. Eles continuariam ao seu lado, companheiros de batalha, prontos para atravessar os portões do inferno com ele.

Thor faz um sinal com cabeça, sentindo-se mais grato do que é capaz de dizer. Ele havia encontrado seus irmãos de verdade. Sua verdadeira família.

Juntos, eles se viram e começam a caminhar, liderador por Thor ao atravessarem os portões de entrada para outro mundo - um mundo de onde Thor sabe, eles nunca poderiam voltar.

CAPÍTULO TREZE

Alistair fica de guarda diante das vastas portas da casa real dos enfermos, parada diante do prédio enquanto a guerra se desdobra em torno dela, determinada a não permitir que Erec seja morto. Gritos cortam o ar em meio ao som de metal contra metal à medida que os habitantes das Ilhas do Sul lutam furiosamente entre si. Uma guerra civil havia começado. Metade da ilha, liderada pelo irmão de Erec - Strom - luta contra a outra metade, liderada pelos homens de Bowyer.

Quando o dia começa a nascer acima das colinas, Alistair se recorda da noite intensa de luta. A batalha tinha começado assim que ela havia matado Bowyer, e não havia parado desde então. Por todas as Ilhas do Sul, homens se enfrentam - a pé e montados em cavalos, por todas as colinas íngremes - enfrentando-se em combates diretos, derrubando-se de cima de seus cavalos e empurrando-se de cima de penhascos em uma luta para ver quem ficaria com a coroa.

Assim que a luta havia começado, Alistair tinha reunido duas dúzias dos guardas mais leais de Erec e se dirigido até a Casa dos Enfermos. Ela sabe que não importa onde a batalha acontecesse eventualmente os homens de Bowyer tentariam assassinar Erec para que pudessem acabar com a guerra e assumir o trono. Ela está determinada e, não importa o que aconteça ou quem vença, não permitirá que Erec seja ferido.

Alistair havia assistido a batalha dali durante toda a noite, e tinha visto milhares de corpos se acumulando por toda a extensão das colinas e das ruas da cidade. Aquela é uma ilha feita de grandes guerreiros - e quando grandes guerreiros se enfrentam muitos são mortos inutilmente. É difícil dizer quem está ganhando - como tinha sido durante toda a noite, e a vantagem parece se alternar à medida que diferentes grupos se enfrentam.

Quando o dia amanhece, Alistair olha para cima e vê que as colinas estão tomadas pelos homens de Bowyer, e que a batalha agora se aproxima dos muros da cidade. Eles estão perdendo a vantagem, e ela sente que logo eles terão atravessado os portões e tomado conta da cidade. Afinal, a cidade é o centro de poder da ilha, e quem quiser se sair vitorioso terá que tomar posse dela primeiro, erguer seu estandarte e se proclamar o próximo Rei.

Alistair examina as encostas da montanha e vê os homens de Strom mantendo suas posições, usando longas lanças e esperando pacientemente e de maneira disciplinada atrás de rochas. Quando os homens de Bowyer avançam montados em seus cavalos, os soldados de Strom saltam e erguem suas lanças. Um de cada vez, os cavalos empinam e relincham ao serem empalados pelas lanças. Os homens de Bowyer atacam, mas suas lanças são muito compridas e a distância é longa demais para suas espadas. Os cavalos empinam e caem, e os homens caem de seus cavalos e rolam para baixo da encosta íngreme.

Alistair vê Strom - liderando seus homens - dar um passo adiante, agarrar um homem de cima de seu cavalo e jogá-lo gritando para baixo do penhasco. Mas ao mesmo tempo, Strom leva um coice na parte de trás da cabeça e cai no chão.

Um soldado, vendo uma oportunidade, corre até ele e ergue sua espada na direção da cabeça de Strom; no último instante Strom desvia e corta as pernas do homem.

A batalha continua brutal e cruel, e Alistair - determinada a manter Erec seguro - permanece ali apesar de querer se juntar aos homens de Strom, mas sabendo que seu lugar é ali, ao lado de grande amor. Até então, tudo está calmo dentro dos muros da cidade. Estranhamente calmo. Calmo demais. Assim que ela pensa nisso, de repente, tudo muda. Alistair ouve um grito de batalha e vê centenas dos homens de Bowyer se aproximarem correndo na direção da casa dos enfermos.

Eles param a alguns metros quando veem Alistair ali, orgulhosa e inflexível, amparada por duas dúzias de guardas. Alistair sabe imediatamente que está em desvantagem em relação aos homens de Bowyer, e pelo olhar presunçoso no rosto dele, ela percebe que Aknuf, o cavaleiro líder, também sabe disso.

Um silêncio tenso recai sobre eles quando Aknuf dá um passo à frente e encara Alistair.

"Saia da frente, sua bruxa," ele ordena, "e eu a matarei rapidamente. Fique aí, e sua morte será lenta e dolorosa."

Alistair continua ali parada, decidida a não se mover.

"Você não vai passar por essas portas," ela diz com firmeza. "A não ser que eu esteja morta aos seus pés."

"Muito bem, mulher," ele responde. "Lembre-se apenas que foi você quem quis assim."

Aknuf ergue sua espada e, ao fazer isso, os guardas de Alistair avançam para protegê-la. Eles começam a se enfrentar diante dela. Uma batalha se desdobra à medida que seus guardas lutam corajosamente, enfrentando golpe por golpe os homens de Bowyer.

Mas eles estão em grande desvantagem, e logo os homens de Bowyer se aproximam dela. Alistair sabe que dentro de instantes eles perderão a batalha, e ela não suportaria ver aqueles homens morrerem diante de seus olhos por protegerem Erec e ela.

Alistair fecha os olhos e ergue os braços acima de sua cabeça em direção ao céu. Ela usa todas as suas forças para invocar o seu poder.

Por favor, Deus. Deixe que meu poder venha até mim.

Ela sente uma força lentamente crescendo dentro dela, e quando isso acontece uma luz intensa como o brilho de um trovão atravessa o céu e entra em seu corpo, partindo das nuvens acima dela. Ela abaixa os braços e aponta as palmas das mãos na direção dos homens de Bowyer. Assim que ela faz isso, um barulho surge e o caos se segue.

Uma chuva de granizo começa a cair e o som de gelo batendo nas armaduras preenche ar. Alistair direciona o granizo para o outro lado da linha de batalha, evitando seus próprios homens e acertando o exército de Bowyer um homem de cada vez, com tal força que eles começam a cair, gritando. Isso permite que seus homens se recuperem e comecem a revidar, matando os homens de Bowyer.

Os homens de Bowyer, aterrorizados e incapazes revidar ao serem atingidos pelo gelo, se viram e correm na direção dos portões da cidade, e os guardas de Alistair correm atrás deles.

Outro grito irrompe atrás dela, e Alistair vê Strom entrando na cidade junto com seus homens. Ela olha para cima e vê as colinas repletas de corpos de soldados, ouve a trombeta soar três vezes sinalizando a vitória e percebe que Strom havia vencido.

Alistair olha para o outro lado e vê centenas dos soldados de Bowyer ainda fugindo da casa dos enfermos, correndo na direção dos portões abertos da cidade. Eles estão tentando escapar, certamente pretendendo se reorganizar para atacarem em outra oportunidade. Alistair está determinada a impedir que isso aconteça.

Ela redireciona as palmas de suas mãos e, quando ela faz isso, uma luz branca emana de suas mãos e o grande portão com um metro de espessura é baixado na entrada da cidade, impedindo a saída dos homens de Bowyer.

Aknuf olha para trás, aprisionado com seus homens, e observa aterrorizado à medida que os soldados de Strom se aproximam.

Strom, montado em seu cavalo, olha para Alistair, como se estivesse pedindo sua permissão.

Alistair, pensando em Erec, assente com uma expressão séria.

Com um último grito de batalha, Strom ataca com seus homens, partindo para cima dos soldados presos diante dos portões da cidade.

Alistair fica parada observando satisfeita e ouvindo os gritos do confronto.

Finalmente, a guerra havia acabado. Finalmente, a ilha está segura. Finalmente, a justiça tinha sido feita.

*

Alistair está ao lado da cama de Erec no quarto escuro, assistindo o amanhecer do dia e sentindo uma grande sensação de alívio. A vitória tinha sido deles, o drama havia acabado e tudo o que falta para sua felicidade ser completa é que ela e Erec voltem a ser como antes - que Erec desperte, que fique bem novamente e que os dois possam viver suas vidas juntos.

Alistair coloca a mão na testa dele e reza em silêncio, como vinha fazendo desde que a batalha havia

terminado.

Por favor, Deus. Permita que Erec desperte. Permita que tudo isso termine.

Alistair sente uma mudança sutil no ar, e observa exultante quando Erec abre lentamente os olhos.

Seus olhos são azuis - azuis claros na luz da manhã - e ele sorri ao olhar para ela. A cor volta para o rosto dele, e ele parece mais alerta do que nunca. Ela percebe que ele está finalmente curado, que tinha voltado a ser o Erec de antes.

Erec se senta na cama e a abraça, e lágrimas escorrem pelo rosto dela ao mesmo tempo em que ela também o abraça com força. É muito bom estar nos braços deles mais uma vez - muito bom vê-lo de volta à vida.

"Onde estou?" ele pergunta. "O que aconteceu?"

"Shhh," ela diz sorrindo, colocando um dedo nos lábios dele. "Está tudo bem agora."

Ele pisca - alarmado, como se estivesse se lembrando de tudo.

"O dia de nosso casamento," ele fala. "Eu fui... ferido. Está tudo bem com você? O reino está seguro?"

"Está tudo bem comigo, meu senhor," ela responde calmamente. "E seu reino está pronto para o seu reinado."

Ele volta a abraçá-la e ela retribui o gesto; ela chora, pensando em como tinha achado que esse dia jamais chegaria e emocionada por tê-lo de volta ao seu lado. Ela quer contar-lhe tudo. Sobre como ela havia se sacrificado por ele. Sobre sua prisão. Sobre como ela quase havia morrido. Sobre como ele quase havia morrido. As batalhas que haviam acontecido. Ela quer contar tudo o que havia transcorrido. Mas nada daquilo importa agora. Tudo o que importa é que ele está vivo, em segurança, e que eles ficariam juntos. Palavras não podem explicar como ela se sente. Então em vez disso, ela o abraça com força e deixa que o gesto fale por ela.

A vida deles está apenas começando. E nada - *nada* - será capaz de mantê-la longe dele novamente.

CAPÍTULO CATORZE

Darius ergue a marreta com ambas as mãos e solta com força, esmagando uma rocha sob o sol forte em mais uma manhã quente do Império. Cercado por todos os seus amigos nos campos empoeirados,

ele sente o suor escorrendo em seus olhos, mas não se importa em enxugar seu rosto. Em vez disso, ele volta a erguer a marreta e geme ao esmagar outra pedra. E mais outra.

Darius repassa os eventos do dia anterior várias vezes em sua mente, e as imagens não param de passar em sua cabeça. Ele se sente confuso e frustrado ao pensar em Loti. Por que ela havia reagido daquela forma? Será que nenhuma parte dela se sente grata? Como ela tinha sido capaz de transformar seu ato heróico em algo do qual ele deve se envergonhar? Será que ela realmente nunca mais quer vê-lo? E depois da maneira como ela havia reagido, será que ele realmente quer revê-la?

Darius deixa sua marreta de lado e recupera o fôlego, e a poeira verde se levanta e começa a grudar em seu rosto, cabelo e nariz. Ele também pensa no que ele havia feito - matar aqueles soldados do Império, usar os seus poderes - e se pergunta se os corpos dos homens mortos seriam encontrados naquele campo remoto. Certamente, eventualmente eles seriam encontrados, mesmo que demorasse algumas luas. Talvez quando a temporada das chuvas chegasse e levasse embora os restos da avalanche. O que aconteceria então? Será que o Império viria atrás de vingança, como Loti havia dito? Ele tinha mesmo assinado a sentença de morte de toda a vila?

Ou será possível que, enterrados pela avalanche, eles nunca fossem encontrados? Animais selvagens, notoriamente habitantes daquela região, poderiam comer seus corpos antes que eles fossem encontrados?

À medida que Darius pega sua marreta e esmaga rochas sob os olhares atentos dos capatazes do Império, seus pensamentos se voltam para a chegada de sua irmã, Sandara, e para o novo povo que ela havia trazido junto com ela. A chegada dos habitantes do Anel tinha sido um acontecimento incomum para sua vila. Ele pensa nos amigos de Sandara escondidos nas cavernas, e se pergunta se eles seriam encontrados pelo Império. Certamente, é apenas uma questão de tempo até que eles sejam encontrados, e o conflito com o Império então será inevitável. A não ser que eles fujam antes disso.

Mas eles fugiriam para onde?

Para frustração de Darius, os anciãos da aldeia - na verdade, a aldeia inteira - parece acreditar que o

confronto com o Império não é inevitável, e que a vida continuaria da mesma forma que sempre havia sido. Darius vê as coisas de uma forma diferente. Ele sente que as coisas estão mudando. Aquilo não seria um sinal dos deuses, a chegada daqueles guerreiros vindos do outro lado do oceano - e que também tinham motivo para enfrentar o Império? Eles não devem ser aproveitados - e não devem lutar juntos para derrotar Volússia? Esse não é o sinal que todos estão esperando?

Mas ninguém parece ver as coisas dessa forma. Em vez disso, eles querem dar as costas para eles e mandá-los embora. Eles acreditam que esse é mais um motivo para ficarem de cabeças baixas, fazendo tudo o que for possível para manterem suas vidas patéticas da mesma forma que vinham fazendo há tanto tempo.

Darius se lembra da última vez que tinha visto Sandara, quando ela havia partido para o Anel. Ele não achava que voltaria a vê-la. Quando ele a tinha visto ali, Darius havia ficado surpreso e ao mesmo tempo inspirado. Sandara tinha conseguido atravessar o grande oceano, havia sobrevivido no meio do exército do Império e tinha voltado. Em parte por que ela é uma grande curandeira - mas no fundo, por que ela também é uma guerreira. Afinal, eles compartilham o mesmo pai. Aquilo faz Darius acreditar que tudo é possível. E isso o faz pensar que ele também é capaz de sair daquele lugar um dia.

Darius pensa na noite anterior, durante as festividades, quando ele havia passado metade da noite conversando com sua irmã diante da fogueira. Ele tinha visto de perto o amor dela por Kendrick, aquele grande guerreiro. Eles tinham simpatizado imediatamente um com o outro, reconhecendo o espírito de guerreiro em cada um, e Darius tinha visto em Kendrick um grande líder. Ele tinha insistido com sua irmã para seguir seu coração, ficando com Kendrick independente do que os anciãos tivessem a dizer a respeito. Ele não consegue compreender como ela, tão destemida em alguns aspectos da vida, pode ter tanto medo de declarar seu amor por ele, de ignorar a tradição e quebrar o tabu de se casar com alguém de outra raça. Será que ela é como todos os outros daquele lugar, que temem a opinião dos anciãos? Por que a opinião dos outros é tão importante?

Darius pisca para tirar o suor dos olhos ao esmagar outra pedra, e depois mais outra. Ele pode sentir os olhares de seus amigos observando-o naquele dia. Desde o dia anterior, quando ele havia chegado

com Loti, ele sente que toda a aldeia olha para ele de um jeito diferente. Todos tinham visto quando ele havia partido em busca de Loti, testemunhando a sua partida para enfrentar o Império sozinho, sem medo das consequências. E eles tinham visto quando ele havia voltado com ela. Ele havia ganhado o respeito deles.

E ele também parece ter ganhado certo ceticismo: ninguém tinha acreditado na estória deles de que Loti havia se perdido e que eles tinham simplesmente se encontrado e caminhado de volta juntos. Talvez eles conheçam Darius bem demais. Eles olham para ele de um jeito diferente, como se soubessem que algo havia acontecido e que ele está guardando um grande segredo. Ele quer contar tudo para eles, mas sabe que não deve. Se ele fizer isso, ele terá que explicar como aquilo tinha sido possível - como ele, o menor garoto do grupo, o garoto que ninguém jamais acreditava que fosse virar grande coisa, tinha conseguido matar três guerreiros do Império com armaduras e armas superiores, e também uma zerta. Eles descobririam que ele tinha usado seu poder. E ele seria pária. Eles certamente o exilariam. Como tinham feito, Darius suspeita, com seu pai.

"E aí, você vai me contar o que aconteceu?" diz uma voz.

Darius olha para cima e vê Raj parado ao seu lado com um sorriso malicioso nos lábios. Desmond e Luzi estão por perto, também olhando na direção dele enquanto esmagam rochas.

"Contar o quê?" Darius pergunta.

"Como foi que você fez," Raj fala. "Vamos lá. Você não encontrou Loti andando sozinha. Você fez alguma coisa. Matou os soldados? Ou foi ela?"

Darius olha para o lado e vê os outros garotos se aproximando e olhando para ele, e percebe que todos devem estar se fazendo aquela mesma pergunta. Darius ergue a marreta, mira uma pedra e a esmaga com força.

"Vamos lá," insiste Raj. "Eu lhe dei uma zerta para montar. Você me deve uma."

Darius ri.

"Você não me deu a zerta," ele responde. "Eu escolhi acompanhar você."

"Tudo bem," concorda Raj, "mas conte-me mesmo assim. Eu preciso saber. Eu vivo por estórias como essa. E esse dia parece que não vai acabar nunca."

"O dia mal começou," comenta Luzi.

"Precisamente," fala Raj. "Ele está sendo longo demais. Como todos os outros dias."

"Por que *você* não nos conta uma estória de coragem?" Luzi pede para Raj, vendo que Darius não pretende responder.

"Eu?" responde Raj. "Não acho que *você* vá encontrar uma estória de coragem entre o nosso povo."

" *Você* está errado quanto a isso," diz Desmond. "Sempre há estórias de coragem, mesmo entre os oprimidos."

" *Especialmente* entre os oprimidos," Desmond completa.

Todos se voltam para ele ao ouvirem sua voz profunda repleta de confiança.

" *Você* tem alguma estória, então?" Raj insiste, apoiando-se em sua marreta e respirando profundamente.

Desmond ergue sua marreta e esmaga uma rocha, ficando em silêncio por tanto tempo que Darius não tem certeza se ele pretende responder. Todos voltam ao ritmo de esmagar rochas, e finalmente Desmond surpreende a todos ao começar a falar, olhando para baixo e esmagando rochas durante todo o tempo.

"Meu pai," Desmond fala. "Os anciãos lhes dirão que ele morreu em uma mina. Essa é a estória que eles querem que todos acreditem. Saber a verdade criaria muita discórdia, fomentando a vontade de uma rebelião. Mas eu lhes digo: ele não morreu em uma mina."

Darius estuda o rosto de Desmond ao mesmo tempo em que um silêncio tenso recai sobre o grupo, e pode ver sua testa enrugada e a expressão séria em seu rosto, como se ele estivesse lutando internamente com alguma lembrança.

"E como *você* sabe?" Darius pergunta.

"Por que eu estava lá," responde Desmond, olhando-os os olhos com um olhar duro, frio e desafiador. Com sua postura forte, vários outros garotos começam a se aproximar. Todos também querem ouvir sua estória, que parece comandar a atenção de deles. A verdade parece estar surgindo, algo raro entre os aldeões.

"Um dia," Desmond continua, "o capataz bateu nele com muita força. Meu pai agarrou o chicote das mãos

dele e o enforcou. Eu me lembro de ter assistido aqui e, sendo muito jovem, tive orgulho dele."

"Quando ele terminou, quando ambos ficamos em pé olhando o corpo morto do capataz, perguntei ao meu pai o que aconteceria então. Era hora de nos rebelarmos? Mas ele não tinha uma resposta. Eu pude ver nos olhos dele: ele não sabia o que fazer em seguida. Ele tinha feito aquilo em um momento de raiva - em um momento de liberdade, ele tinha conseguido esquecer tudo e tinha sido capaz de agir. Mas depois disso, ele não sabia o que fazer. O que ele faria com sua vida a partir daquele momento?"

Desmond faz uma pausa, esmagando várias pedras, limpa o suor de sua testa e então continua.

"Aquele momento passou. A vida continuou. Dentro de uma hora, os alarmes soaram, e eu estava com meu pai quando ele foi cercado por uma dúzia de capatazes. Ele havia pedido que eu me escondesse na floresta, mas eu me recusei a deixá-lo sozinho. Até que ele me bateu com força na boca com o chicote, e eu finalmente corri."

"Eu me escondi atrás de uma árvore não muito longe, e observei tudo. Os capatazes... não o mataram rapidamente," Desmond diz com a voz embargada pela emoção, parando de esmagar rochas e desviando o olhar. "Ele resistiu com coragem. Ele até mesmo bateu em vários deles. Deixou marcas em alguns deles que tenho certeza continuam até hoje."

"Mas ele era apenas um homem com um grande coração e um chicote. E eles eram dezenas de soldados profissionais, com armaduras e armas de aço. E tiveram grande prazer em matá-lo."

Desmond balança a cabeça e fica em silêncio por vários minutos, e os garotos ficam paralisados - completamente em silêncio e sem trabalhar.

"Ainda posso ouvir os gritos do meu pai até hoje," Desmond fala. "Quando vou dormir à noite, eu o escuto. Eu o vejo lutando. Em meus sonhos, eu sou mais velho e estou armado - me vejo lutando, tentando revidar e matando todos eles, e consigo salvá-lo. Mas eu era muito jovem. Não havia nada que eu pudesse fazer."

Ele finalmente se cala, e um silêncio recai sobre os campos de trabalho. Por fim, ele ergue a marreta e bate com toda força, esmagando uma rocha enorme em pedaços.

"Ele não morreu em uma mina," ele conclui suavemente, e então se silencia, voltando ao trabalho.

O coração de Darius fica pesado ao contemplar aquela estória e todos os garotos permanecem quietos, com um ar sombrio pairando sobre eles. Raj já não está sorrindo, e Darius se pergunta se aquela é a estória de coragem que ele esperava ouvir.

Depois de um longo tempo esmagando rochas, Raj se aproxima de Darius.

"Agora é a sua vez," Raj fala baixinho para ele, fora do alcance dos outros. "O que realmente aconteceu lá fora?"

Darius continua trabalhando e balança a cabeça em silêncio.

"Eles mudaram de ideia," insiste Darius, "e a soltaram."

"E esses soldados que mudaram de ideia," Raj diz com um sorriso malicioso, "por acaso voltaram para Volúsia? Ou jamais voltaremos a vê-los?"

Darius olha para Raj e vê que ele o observa com uma expressão de reconhecimento e admiração.

"O caminho de volta para Volúsia é longo," Darius responde. "Homens mais fortes já se perderam ao tentarem voltar para lá."

*

Darius está em pé no pequeno campo de terra atrás de sua cabana, preenchendo o ar com o barulho de sua espada de madeira enquanto ataca o já gasto alvo de madeira com seus golpes. O alvo é uma grande cruz que ele havia feito com camadas de bambu amarradas e enfiadas no chão que ele vinha utilizando desde que tinha aprendido a andar. Suas pegadas já haviam formado uma trilha no chão de terra em torno do alvo.

A cruz está torta e quase caída após anos de uso, mas Darius não se importa. Ela ainda serve o seu propósito. Ele a acerta várias vezes - pela esquerda e pela direita, desviando de seu inimigo imaginário, girando e golpeando-o no estômago. Ele salta pra frente, espeta, gira sua espada de lado e bloqueia um golpe imaginário. Em sua mente, ele vê grandes inimigos partindo para cima dele - um exército inteiro se aproximando - e luta sem parar até o anoitecer após o seu turno de trabalho, até ficar molhado de suor.

O som persistente de seus golpes de espada preenche o ar, e mesmo após seus vizinhos reclamarem, ele se recusa a parar. Ele não se importa. Ele quer apagar as memórias daquele dia, as memórias de todos

os dias, até ficar completamente exausto.

Darius ouve alguns latidos eventuais em seus pés e não precisa olhar pra baixo para saber que se trata de Dray, o cachorro do vizinho, sentado lealmente ao seu lado e observando-o como sempre fazia, latindo e ficando animado quando Darius acerta o alvo. Dray é um cachorro com pêlo vermelho comprido - como o cabelo de seu dono, e havia se tornado extraoficialmente o cachorro de Darius há muito tempo. Ele pertence a um dos vizinhos, mas seu dono havia parado de alimentá-lo há muitos anos. Darius havia encontrado Dray certo dia, e havia compartilhado com ele uma de suas escassas refeições. Desde então, Darius e ele haviam se tornado amigos inseparáveis. Desde aquele dia, os dois haviam criado um ritual: Dray observava a luta de Darius, e Darius comia apenas metade de seu jantar, dando a outra metade para Dray. Dray o recompensa ao sempre buscar sua companhia, especialmente quando ele está em casa - muitas vezes dormindo junto com Darius.

Dray salta pra frente e morde o bambu, participando da brincadeira de Darius, rosnando e lutando contra o inimigo imaginário como se ele estivesse realmente atacando Darius. Darius frequentemente se pergunta o que aconteceria se um dia um inimigo o atacasse com Dray ao seu lado. Assim como Darius, Dray não é o maior cachorro da matilha - ou o mais forte ou o mais amado. Mas ele tem um coração de ouro, e é o animal mais leal do universo. Durante as últimas luas, ele vinha dormindo junto à porta de Darius, rosnando sempre que o avô de Darius se aproximava.

"Você está cansado de atacar bambus?" pergunta uma voz.

Darius olha para trás e vê Desmond e Raj parados, segurando espadas longas de madeira e olhando para ele com sorrisos maliciosos.

Darius para, respirando com dificuldade e pensando: eles vivem do outro lado da vila e nunca tinham visitado a sua cabana antes.

"Já está na hora de enfrentar *homens*," Desmond diz com uma voz sombria e séria. "Se você está tentando se tornar um guerreiro, precisa treinar contra alvos capazes de revidar."

Darius fica surpreso e grato pela visita. Eles são bem mais velhos que ele, maiores e mais fortes - e bem respeitados entre os outros garotos. Eles têm muitos outros garotos mais velhos e mais fortes com

quem duelar.

"E por que vocês perderiam tempo comigo?" Darius pergunta.

"Por que minha espada precisa ser afiada," responde Desmond, "e você parece ser um bom alvo."

Desmond parte para cima de Darius, que ergue sua espada de madeira no último minuto, bloqueando o golpe. É um golpe forte o bastante para fazer tremer suas mãos e seu braço, empurrando-o vários passos para trás.

Darius, pego de surpresa, vê Desmond parado diante dele, esperando por ele.

Ele ergue sua espada e parte pra frente, dando um golpe de cima para baixo. Desmond o bloqueia com facilidade. Darius continua golpeando, cortando da esquerda para a direita, várias e várias vezes, e o barulho de suas espadas de madeira preenche o ar. Ele está extasiado por ter um alvo móvel, mesmo que

não esteja conseguindo superar Desmond - maior e mais forte do que ele.

Dray começa a rosnar e latir para Raj e Desmond, correndo ao lado de Darius e tentando morder os pés de Desmond.

"Você é rápido," Desmond fala entre golpes. "Isso eu posso lhe dizer. Mas você não usa isso em seu benefício. Você não tem metade da minha força - e luta como se quisesse me partir ao meio. Você não é capaz de lutar contra um homem do meu tamanho. Lute como se você fosse do *seu* tamanho. Seja rápido e ágil. Não tente ser forte e direto."

Darius golpeia com toda força e Desmond dá um passo para trás, e Darius golpeia o ar, tropeçando pra frente e caindo de cara no chão.

Ele olha para cima e vê Desmond em pé em cima dele, esticando o braço e ajudando-o a ficar em pé novamente.

"Você tenta dar golpes mortais," Desmond fala. "E às vezes é preciso lutar apenas para permanecer vivo. Deixe que seu oponente tente dar o golpe fatal. Se você for paciente, se tentar evitá-lo e simplesmente observá-lo, ele vai se exceder e vai acabar se expondo."

"Você vai se surpreender com como é fácil matar um homem," Raj fala, aproximando-se. "Não é preciso um golpe forte - apenas um golpe preciso. Acredito que seja a minha vez."

Raj ergue sua espada, mirando na cabeça de Darius, que gira e vira sua espada de lado e mal

consegue bloquear o golpe. Então Raj coloca o pé no peito de Darius e o empurra, e Darius cai para trás.

Dray late sem parar, rosnando para Raj.

"Isso não é justo," Darius grita indignado. "Essa é uma luta de espada!"

"Justo!?" Raj responde com uma risada ridícula. "Diga isso para o seu inimigo quando ele tiver lhe cortado entre as pernas e você estiver sangrando até a morte. Isso aqui é um combate - e durante um combate, vale tudo!"

Raj golpeia com sua espada mais uma vez, antes que Darius esteja pronto, e derruba a espada das mãos dele. Então ele se joga no chão e dá uma rasteira em Darius, derrubando-o mais uma vez.

Darius não espera por esse golpe, e cai de costas em meio a uma nuvem de poeira; Raj então pega um punhal de madeira, se aproxima de Darius e o segura próximo ao pescoço do amigo.

Darius se rende e ergue as mãos, preso ao chão.

"Mais uma vez, isso é injusto!" reclama Darius. "Você trapaceou. Você usou uma adaga que estava escondida. Essa não foi uma luta honrada."

Dray aparece correndo e rosnando, e se aproxima do rosto de Raj mostrando os dentes - perto o suficiente para fazer com que Raj solte a adaga, erga as mãos e se afaste lentamente.

Raj cai na risada enquanto se levanta, e então estende a mão para Darius e o ajuda a se levantar.

"O que é a honra?" pergunta Raj. "A honra é o que nós, os vitoriosos, queremos que ela seja.

Quando você estiver morto, não haverá mais honra."

"O que é uma batalha sem honra?" rebate Darius.

"Fala de honra apenas quem nunca perdeu," Desmond diz. "Perca uma vez, perca uma perna, um braço, um ente querido - e você pensará duas vezes em falar sobre honra da próxima vez que encarar um inimigo em uma batalha. Certamente, ele não está pensando em honra. Ele está pensando em vencer. Na vida. Seja qual for o custo."

"Você se surpreenderia se soubesse o quanto um homem está disposto a perder - inclusive sua honra - quando ele encara a morte de frente," Desmond completa.

"Eu preferiria morrer de forma honrada," retruca Darius, desafiando-o, "do que viver em desonra."

"Assim como todos nós," responde Desmond. "Mas o que você acha que faria e o que você realmente faz quando chega a sua hora nem sempre é a mesma coisa."

Raj dá um passo adiante e balança a cabeça.

"Você ainda é jovem," Raj fala. "Inocente. O que você ainda não entende é que a honra vem com a vitória. E a vitória é o resultado de esperar por qualquer coisa. Mesmo por atos de desonra. Você pode lutar com honra se assim quiser. Se for capaz de fazê-lo. Mas não espere que seu inimigo faça o mesmo."

Darius pensa sobre aquilo - quando de repente uma voz estridente atravessa o ar, interrompendo-o.

"DARIUS!" grita a voz severa.

Darius se vira e vê seu avô parado na porta da cabana com uma expressão de desagrado no rosto.

"Eu não quero ver você conversando com esses garotos!" ele dispara. "Entre agora mesmo"

Darius faz uma careta.

"Eles são meus amigos," ele responde.

"Eles são arruaceiros," o avô de Darius responde. "Entre logo!"

Darius olha para Raj e Desmond, desculpando-se.

"Eu sinto muito," ele diz. Ele se sente mal, pois tinha gostado muito de lutar com eles. Ele sente que suas habilidades já estão melhores depois daquele curto duelo, e gostaria de lutar de novo.

"Amanhã," Raj diz, "depois do treinamento."

"E todos os dias depois disso," continua Desmond. "Faremos de você um verdadeiro guerreiro."

Eles se viram para partir, e Darius se dá conta de que tinha feito dois bons amigos no grupo pela primeira vez. Amigos mais velhos, e bons lutadores. Ele se pergunta por que eles tinham demonstrado interesse nele. Seria por causa do que ele tinha feito por Loti? Ou seria por algum outro motivo?

"Darius!" seu avô grita mais uma vez.

Darius, acompanhado de Dray, se vira e caminha até seu avô, que continua parado na porta com a mesma expressão de desagrado no rosto. Darius sabe que vai ter que enfrentar a ira de seu avô; seu avô não gosta que ele pratique com sua espada.

"Você não deveria ter sido rude," Darius diz ao passar pela porta. "Aqueles são meus amigos."

"Aqueles são garotos que não sabem o preço de uma guerra," seu avô responde. "São garotos que desejam uma rebelião. Você tem ideia do que acontece durante uma guerra? O Império nos mataria.

Todos nós morreríamos. Cada um de nós."

Hoje, Darius se sente encorajado, e não está disposto a tolerar o medo de seu avô.

"E daí?" Darius pergunta. "Qual o problema em morrer, quando se está lutando pela sua vida? Você chamaria o que temos agora de vida? Trabalhando como escravos o dia todo? Morrendo de medo do Império?"

O avô de Darius o estapeia com força no rosto.

Darius, chocado, fica ali parado absorvendo a dor do impacto. É a primeira vez que seu avô bate nele.

"A vida é sagrada," seu avô diz em tom severo. "É isso que você e seus amiguinhos ainda precisam aprender. Seus avós e os meus se sacrificaram para que nós pudéssemos ter uma vida. Eles toleraram a escravidão para que seus filhos e netos pudessem ter uma vida segura. E todas essas ações insensatas de vocês, adolescentes, podem colocar o trabalho dessas gerações a perder."

Darius se irrita - pronto para discutir e discordando de tudo que seu avô havia tido, mas ele já está de costas e carrega um caldeirão de sopa através da cabana, preparando-o diante de uma fogueira. Algo que seu avô havia dito faz Darius pensar. Algo começa a incomodá-lo, e por algum motivo ele de repente precisa fazer uma pergunta.

"Meu pai," Darius fala com frieza, insistindo na conversa. "Conte-me sobre ele."

Seu avô fica paralisado, de costas para ele e segurando o caldeirão sem se mover.

"Você sabe tudo o que há para saber," ele responde.

"Eu não sei absolutamente nada," Darius afirma com firmeza. "O que aconteceu com ele? Por que ele nos deixou?"

O avô de Darius continua de costas e permanece em silêncio. Darius sabe que está prestes a descobrir algo.

"Para onde ele foi?" ele insiste, dando um passo à frente. "Por que ele foi embora?" ele pergunta mais uma vez.

Seu avô balança a cabeça lentamente e começa a se virar. Ele parece mil anos mais velho e sua

expressão é triste.

"Como você, ele era rebelde," ele finalmente diz com a voz embargada. "Ele já não suportava mais.

Um dia, ele fugiu, e nunca mais foi visto."

Darius encara seu avô, e pela primeira vez em sua vida, ele tem certeza de que seu avô está mentindo.

"Eu não acredito em você," Darius diz. "Você está escondendo alguma coisa. Meu pai era um guerreiro? Ele enfrentou o Império?"

Seu avô olha para o vazio, como se estivesse olhando para os anos que se passaram.

"Não fale mais sobre o seu pai."

Darius fica irritado.

"Ele é meu pai e falarei dele quando e o quanto eu quiser."

Agora é a vez do seu avô se irritar.

"Então você não será mais bem vindo em minha casa."

Darius se irrita.

"Essa casa pertence ao meu pai antes de ser sua."

"Mas o seu pai não está mais aqui, está?"

Darius olha para o rosto do avô, vendo-a de maneira diferente pela primeira vez. Ele percebe como seu avô é diferente dele. Eles são homens diferentes, e nunca serão capazes de se entender.

"Meu pai não fugiria," insiste Darius. "Ele não me abandonaria. Ele *nunca* me abandonaria. Ele me amava."

Ao pronunciar aquelas palavras, pela primeira vez Darius sente que diz a verdade. Ele também sente que um grande segredo está sendo guardado, um segredo que vinha sendo escondido dele durante toda a sua vida.

"Ele jamais me abandonaria," insiste Darius, desesperado para saber a verdade.

Seu avô dá um passo adiante, obviamente irritado.

"E quem é você para pensar que é bom demais para não ser abandonado?" o avô de Darius pergunta

com raiva. "Você é apenas um garoto. Um garoto como outro qualquer. Apenas um escravo em uma aldeia de escravos. Não há nada de especial em você. Você se considera um grande guerreiro. Você brinca com varetas. Seus amigos brincam com varetas. O Império - eles brincam com aço. Aço de verdade. Vocês não podem se rebelar contra eles. Isso nunca será possível. Você vai acabar morto como todos os outros. E então, de que servirão suas preciosas varetas?"

Darius faz uma careta, odiando seu avô pela primeira vez - odiando tudo o que ele é e tudo o que ele representa.

"Eu posso acabar morto," dispara Darius com a voz firme como aço, "mas nunca acabarei como você. Você já está morto."

Darius se vira e começa a sair da cabana - mas para na porta e olha para trás, encarando seu avô uma última vez.

"Eu sou especial," ele diz, querendo que seu avô ouça aquelas palavras. "Eu sou o filho de um grande guerreiro. Eu sou um grande guerreiro. E um dia, você e o mundo inteiro saberão disso."

Darius, farto de tudo aquilo e incapaz de tolerar mais um segundo, se vira e sai da cabana.

Ele sai correndo, sem querer ver o rosto do avô ou encarar suas mentiras. Ele caminha rapidamente pelos campos e observa o horizonte distante, acompanhando os outros escravos que retornam depois de um longo dia de trabalho. Ele analisa o horizonte e o céu infinito, colorido em tons de rosa e lilás. Ele sabe que seu pai está em algum lugar lá fora. Seu pai é um grande guerreiro. Ele havia superado tudo aquilo.

E um dia, de alguma forma, Darius pretende encontrá-lo.

CAPÍTULO QUINZE

Gwendolyn está sentada com os outros diante de uma fogueira na caverna, observando as chamas em seu novo lar e sentindo-se completamente vazia. É tarde da noite, a maioria das pessoas dorme e as paredes da caverna refletem seus roncos e o chiado das chamas da fogueira. Perto dela estão seus irmãos Kendrick e Godfrey - de costas para a parede, assim como Steffen e sua esposa Arliss, Brandt, Atme, Aberthol, Illepra - ainda segurando o bebê que ela havia resgatado - e mais meia dúzia de outras pessoas. Aos pés de Gwen está Krohn, com a cabeça repousada em seu colo e dormindo profundamente. Ela o

tinha alimentado bem à noite, durante toda a festa, e ele parece ser capaz de dormir um milhão de anos.

Krohn está até roncando.

Por toda a extensão da caverna centenas dos sobreviventes do Anel se espalham - estendendo-se pelo interior da montanha, finalmente saciados após terem comido e bebido vinho durante as festividades da noite. Todos tinham ido até ali guiados pelos anciãos da aldeia após a longa noite de festa, e sido apresentados ao seu novo lar. Aquele lugar é bem diferente do que ela estava acostumada na Corte do Rei, mas mesmo assim Gwendolyn se sente grata. Pelo menos eles estão vivos e têm um lugar para ficar, descansar e se recuperar.

Ao mesmo tempo, como uma nuvem cinza pairando sobre ela, as palavras da vidente ainda a incomodam. Thorgrin, prestes a entrar na terra dos mortos. Se a vidente estiver certa, isso significa que ele está morto. Como? Ela se pergunta. Teria sido durante a busca por Guwayne? Engolido por um monstro do mar? Perdido em alto mar? Preso em uma tempestade? Morto de fome, como quase havia acontecido com ela?

As possibilidades são muitas, e todas delas lhe causam infinita angústia à medida que Gwen as contempla. Todas elas fazem com que Gwen deseje simplesmente se deitar e morrer. A morte de Thor significa que não há qualquer esperança de reaver Guwayne.

Gwen observa as chamas e se pergunta que motivo ela ainda tem para viver. Sem Thorgrin ou Guwayne, ela não acredita que ainda tenha razões para continuar. Ela se odeia por ter deixado Guwayne ir naquele dia nas Ilhas Superiores; se odeia pelas decisões que havia tomado e que haviam levado seu povo até aquele lugar. No fundo, ela sabe que nada daquilo tinha sido sua culpa. Ela tinha feito o possível para defender e salvar o seu povo dos ataques ao reino problemático que lhe tinha sido deixado por seu pai. E mesmo assim, ela ainda se culpa. É difícil sentir qualquer coisa exceto tristeza.

"Minha irmã," diz uma voz.

Gwen olha para o lado e vê Kendrick sentado ao seu lado abraçando os joelhos com as chamas refletidas em seu rosto e uma expressão séria no rosto. Seus olhos demonstram compaixão e respeito, e ele carrega a expressão que sempre usa quando deseja consolá-la.

"Nem todos os videntes veem com clareza," ele diz. "Talvez Thorgrin esteja voltando para você nesse exato momento. E talvez esteja com seu filho."

Gwendolyn quer acreditar em suas palavras, mas sabe que ele está apenas tentando consolá-la. As palavras da vidente ainda ressoam em seus ouvidos com total autoridade.

Ela balança a cabeça.

"Gostaria de poder acreditar nisso," ela diz. "Mas esta é a noite dos mortos. A noite em que os espíritos dizem a verdade."

Gwendolyn suspira ao encarar as chamas. Ela quer que as palavras dele sejam verdade. Ela realmente quer isso. Mas ela sente que aquelas são apenas as palavras de um irmão gentil que deseja consolá-la.

Krohn se mexe em seu colo e geme baixinho, como se sentisse sua tristeza. Gwen estica o braço e afaga a cabeça dele, oferecendo mais um pedaço de carne para ele. Mas Krohn se recusa a comer. Em vez

disso, ele deita no colo dela e geme mais uma vez.

Kendrick suspira. Ele volta a falar suavemente - o cansaço evidente em sua voz.

"Eu sempre tive orgulho em minha linhagem," ele fala. "Sempre soube que era o primeiro filho do meu pai. O filho mais velho do Rei. O próximo na fila do trono. Não que eu me importasse em reinar.

Mas eu tinha orgulho em saber quem eu era na família. Eu olhava para vocês como meus irmãos e irmãs mais jovens, como ainda faço até hoje. Todos sempre diziam como eu me parecia com meu pai, e de fato eu pareço com ele. Eu achei que soubesse qual é o meu lugar no mundo."

Kendrick respira fundo.

"Ainda éramos jovens, talvez tivéssemos dez ou onze anos, e um dia voltei para casa depois de um treinamento com a Legião. Eu encontrei Gareth - mais jovem do que eu, mas já procurando encrenca onde ele pudesse encontrar. Ele estava com Luanda, e quando os dois me viram, Gareth disse as palavras que mudariam a minha vida para sempre. 'Você não é filho da nossa mãe.' Eu não entendi o que ele estava dizendo. Eu pensei que fosse apenas mais uma das mentiras dele, fruto de sua imaginação, outra brincadeira cruel. Ele gostava disso, afinal. Mas Luanda, que nunca mentia, concordou com ele. 'Você não faz parte da nossa família,' ela disse. 'Você não é filho da mamãe.' 'Você é filho de uma prostituta,'

Gareth disse. "Você é apenas um bastardo."

"Luanda olhou para mim com uma expressão de desaprovação. Ainda posso ver o olhar nos olhos dela até hoje. 'Nunca mais quero vê-lo' ela disse. E então ela virou e foi embora. Eu não sei quem me magoou mais, Gareth ou Luanda."

Kendrick suspira, e Gwen pode ver a dor em seu rosto quando ele observa o fogo, revivendo a cena.

"Eu questionei papai, e ele admitiu a verdade. Naquele momento meu mundo ruiu. Tudo de repente fez sentido. O fato de papai nunca ter falado comigo sobre eu me tornar rei depois dele. A distância dos outros; a forma como os criados olhavam para mim. Eu nunca realmente me senti em casa, e daquele dia em diante, eu passei a perceber isso em todos os lugares do reino. É como se eu fosse um visitante em minha própria casa. Mas eu não era parte da família. Nunca fui parte da família. É como se eu não pertencesse ali. Você sabe como é viver assim? Ser um estranho em sua própria casa?"

Gwen suspira, entristecida ao ouvir a estória dele e sentindo compaixão pelo irmão.

"Eu sinto muito," ela diz. "Você não merecia isso. Principalmente você. Eu sinto muito por não ter estado lá para lhe proteger disso tudo. Gareth e Luanda eram crianças cruéis."

"E também eram adultos cruéis," ele completa. "Você se torna mais como verdadeiramente é à medida que envelhece."

Gwendolyn reflete sobre aquelas palavras e percebe que ele está certo.

Kendrick suspira.

"Eu não preciso de compaixão," ele fala. "Não é por isso que lhe contei essa estória. Esse foi o pior dia de minha vida; recebi notícias das quais acreditei jamais ser capaz de me recuperar. E apesar disso, aqui estou eu. Eu sobrevivi. Somos incrivelmente resilientes."

Gwen pensa sobre isso em silêncio, ouvindo o barulho da fogueira.

Somos incrivelmente resilientes.

"Você é mais forte do que imagina," ele completa, segurando a mão dela. "Já superou obstáculos incríveis. E pode superar qualquer coisa. Até mesmo isso. Até mesmo o que tiver acontecido com

Thorgrin e Guwayne."

Gwen olha para ele com lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

"Você é um irmão de verdade," ela diz e então vira o rosto, emocionada demais para continuar falando. Ela aperta a mão dele e, em silêncio, tenta lhe agradecer.

"Eis a ironia," ela finalmente fala. "Você teria sido o melhor rei de todos. Um rei melhor do que eu fui até agora."

Kendrick balança a cabeça.

"Eu não teria sido capaz de reinar como você," ele diz. "Eu não teria sobrevivido ao que você sobreviveu. Eu posso ser um grande guerreiro. Mas você é uma grande líder. E essas são coisas completamente diferentes. Olhe para o fruto do seu trabalho."

Gwen segue a direção que ele aponta e vê a garota nos braços de Illepra, a bebê que ela havia resgatado nas Ilhas Superiores.

"Você salvou aquela garota das chamas dos dragões," Kendrick diz. "Eu nunca vou me esquecer de como você foi corajosa. Você foi a única de nós disposta a sair de nosso esconderijo embaixo da terra e correr até lá sozinha para salvar aquela criança. Ela está viva por sua causa. Por causa de sua coragem."

"Eu não estava pensando com clareza," Gwen fala.

"Ah, estava sim," ele diz. "São precisamente os momentos de crise que revelam quem somos realmente. E é assim que você é."

Gwen, emocionada com as palavras de Kendrick, olha para o bebê adormecido e começa a pensar.

"Quem você acha que eram os pais dela?" ela pergunta.

Kendrick balança a cabeça.

"Você é a mãe dela agora," ele responde. "Você é tudo o que ela tem. No mínimo, você salvou a vida dessa criança. Você salvou uma vida. Isso é mais do que a maioria das pessoas fazem durante todas as suas vidas."

Gwen olha para a fogueira pensando. Talvez ele tenha razão. Talvez ela não deva ser tão dura consigo mesma. Afinal de contas, outra rainha talvez já tivesse desistido há muito tempo. Ela, ao menos, tinha conseguido salvar uma parte de seu povo, e tinha conseguido continuar. Eles estão vivos.

Gwen pensa em seu pai - sobre o que ele teria feito e o que ele gostaria que ela fizesse. Ele era um homem difícil de decifrar. Ele sentiria orgulho dela? Teria feitos as coisas de outra maneira?

Isso faz Gwen pensar em seus ancestrais, e ela estica o braço e pega o grande livro com capa de couro que está ao seu lado, colocando-o no colo. Ele é grosso como dez livros e muito pesado. Ela havia ficado surpresa quando Aberthol tinha conseguido salvá-lo da Casa dos Eruditos, trazendo-o até ali. Ela se sente grata a ele por isso. Gwen se lembra do livro com carinho, tendo estudado com ele por muitos anos, e tê-lo ali é como rever um velho amigo.

"O que é isso?" Kendrick pergunta, olhando para ele.

Ela estica o braço, com dificuldade considerando o peso do livro, e o coloca no colo dele. Ele olha para baixo com espanto.

"*A História do Império em Sete Volumes,*" ela responde. "Este é um dos poucos livros que conseguimos salvar, um dos poucos artefatos que restam de nossa terra."

Ele olha para ela admirado.

"Você já leu tudo isso?" ele pergunta.

"Não tudo," ela admite. "E já faz bastante tempo."

Gwen se vira e grita: "Aberthol!"

Aberthol, cochilando encostado na parede da caverna, abre os olhos.

"Venha até aqui," ela diz.

Ele se levanta lentamente e se dirige até ela, sentando-se entre os dois.

"Sim, minha senhora?" ele pergunta.

"Conte-nos," ela pede. "Toda aquela conversa sobre a existência de um segundo Anel - é verdade?"

Os olhos dele seguem os dela e brilham ao repousarem sobre o volume no colo de Kendrick.

Ele suspira.

"Ele é mencionado várias vezes, sem dúvida," ele diz lentamente, limpando a garganta. "Mas se é verdade ou não, é outra estória. Para entender isso, é preciso contextualizar os fatos. A história se passa em uma época diferente, antes do reinado dos nossos pais. Uma época em que o Anel e o Império eram um só reino. Antes mesmo do Canyon. Esse lugar pode ainda existir; os boatos certamente existem há séculos. Se existir realmente, ele fica muito bem escondido nas profundezas do Império. E se um dia ele existiu realmente, quem poderá afirmar se ele ainda está lá? Pode ser que restem apenas ruínas, um

fantasma do passado."

A chegada de Aberthol desperta o interesse dos outros, que também estão - Gwen percebe - acordados e incapazes de dormir. Eles agradecem a distração, e lentamente Steffen, Brandt, Atme e Godfrey - que parece estar um pouco bêbado - se levantam e começam a se aproximar. Eles se sentam ao redor da fogueira, e Godfrey segura um saco de bebida nas mãos e dá um longo gole.

"Não podemos sair à procura de fantasmas do passado, minha senhora," diz Aberthol. "Precisamos encontrar um modo de voltarmos para o nosso lar - para o Anel."

"O Anel já não existe mais, velho," Brandt fala.

"Voltar para lá seria encontrar a nossa morte," diz Atme. "Mesmo se pudéssemos reconstruí-lo, mesmo se pudéssemos recomeçar, vocês se esqueceram dos homens de Romulus?"

"Se continuarmos aqui, eles nos encontrarão," Steffen comenta. "Não podemos ficar aqui nessa caverna para sempre. Isso aqui não é o nosso lar."

"Não," Gwendolyn diz. "Mas podemos nos recuperar aqui. Olhe ao seu redor: nosso povo ainda está fraco, alguns estão doentes. Eles precisam de tempo para descansar. Tempo para comer, beber e dormir.

Esta caverna servirá muito bem por enquanto."

"E depois, minha senhora?" Godfrey pergunta.

Gwen olha para a fogueira enquanto se faz a mesma pergunta. E depois? Ela vê seu povo olhando para ela com esperança nos olhos, como se ela fosse o seu deus, algum tipo de messias que os levaria para a salvação. Ela quer desesperadamente lhes dar a resposta certa, uma resposta confiante e definitiva que deixaria todos mais relaxados.

Mas ela não sabe que resposta é essa. Tudo o que ela sabe é que ela quer Thorgrin e Guwayne ao seu lado. Ela quer voltar para casa, para o Anel. Ela quer seu pai de volta ao seu lado, como costumava ser.

Mas ela sabe que tudo isso é impossível. Essa é sua vida antiga. E ela precisa imaginar uma nova vida.

"Eu não sei," ela finalmente responde. "Somente o tempo irá dizer."

CAPÍTULO DEZESSEIS

Thor está sentado no pequeno barco com seus companheiros da Legião enquanto o homem vestindo o capuz rema em silêncio - o único som é o barulho constante da água ecoando pelas paredes da

caverna. Embaixo deles, Thor vê as águas escuras mudarem de cor, de verde brilhante para azul claro, e observa algo se movendo abaixo da superfície - algo que ele não sabe ao certo o que é, como se as águas estivessem repletas de criaturas. Diante deles, o ar está tomado por uma pesada neblina escarlate que entra e sai da frente do barco. A cada remada, o barco avança mais profundamente na caverna em direção à escuridão do outro lado. Thor sente o caráter definitivo de cada remada, como se estivesse entrando em outro mundo de onde jamais poderá sair. Contanto que Guwayne esteja lá dentro, ele não se importa.

Thor sente a ansiedade e a tensão entre seus irmãos, todos em silêncio com uma mão segurando a borda do barco e a outra em suas armas. Eles tinham ido até os confins do mundo juntos, mas nunca até um mundo como aquele. Ele consegue sentir o medo deles. Eles seriam capazes de enfrentar qualquer coisa - mas seriam capazes de enfrentar a morte?

O homem finalmente para de remar, e o barco continuar deslizando até finalmente parar na margem oposta. Thor olha pra frente e vê uma pequena faixa de rochas negras, com talvez seis metros de largura e, além dela, uma pequena ponte sobre um grande abismo dentro do qual há uma névoa ainda mais espessa.

Thor olha para o homem, que mantém a cabeça abaixada e coberta pelo capuz. Ele não consegue ver o rosto de homem, e se pergunta que tipo de criatura se esconde embaixo daquele manto.

"O caminho da morte está diante de vocês," o homem diz com uma voz sombria e antiga.

"Atravessem o Canyon de Sangue e, se ousarem entrar, batam três vezes nos Portões da Morte. Eles abrirão para vocês - apenas uma vez. E nunca mais serão abertos novamente."

Thor fica apreensivo, e todos os seus companheiros olham para ele com rostos pálidos. Ele sabe que é agora ou nunca.

Thor dá um passo para fora do barco e pisa nas pedras negras, e seus amigos o seguem.

O barco se afasta, e o homem volta pelo mesmo caminho de onde tinham vindo, e enquanto se afasta ele grita uma última vez: "Se passarem por aqueles portões, lembrem-se: nosso senso de tempo

não é o mesmo que o seu. Alguns passos podem durar muitas luas."

Com isso, o homem rema uma última vez e desaparece na escuridão.

Thor e seus companheiros trocam olhares preocupados.

Thor olha pra frente e vê a ponte no meio da névoa. Ela parece precária - uma ponte estreita feita com tábuas apodrecidas, atravessando um grande abismo por quase quinze metros. Em volta dela a névoa gira sem parar, refletindo alguma fonte de luz vinda do fundo do abismo. Thor não quer saber o que existe lá embaixo.

Conven se adianta para atravessar primeiro, mas Thor estica o braço para detê-lo.

"Você é corajoso," diz Thorgrin, "mas eu irei primeiro. A ponte pode não resistir. E se isso acontecer, eu irei sozinho."

"Eu não temo a morte," Conven responde, olhando para ele com olhos vazios.

"Eu também não," responde Thor.

Conven assente, vendo a seriedade no rosto de Thor, e sob os olhares de seus companheiros, Thor dá o primeiro passo na ponte estreita, com apenas alguns centímetros de largura e sem apoios para as mãos. Será necessário usar o equilíbrio.

Thor hesita, e pode sentir a madeira balançando sob seus pés. Ele dá outro passo, e mais outro, tentando manter os olhos fixos em um ponto diante dele e evitando olhar para baixo.

Ele sente a madeira balançar e sabe que, um por um, seus companheiros da Legião estão seguindo atrás dele.

Quando ele termina de atravessar a ponte, Thor se arrepia ao ouvir o barulho terrível de madeira se partindo.

Ele olha para trás e vê que a última pessoa, O'Connor, está atravessando rapidamente, e que a cada passo que ele dá as madeiras atrás dele despencam no abismo. A cada passo, mais pedaços da ponte caem. Aquela é uma ponte de uma só via - uma ponte que jamais será usada novamente. De alguma forma, a ponte permanece magicamente estável e eles terminam de atravessar, mas cada passo que O'Connor dá destrói um pedaço da ponte para sempre.

Thor sabe que não terá mais volta. Nunca mais.

Thor pisa nas rochas negras do outro lado do canyon e se vê diante de uma entrada arqueada enorme, esculpida na rocha: a entrada tem dezenas de metros de altura e é bloqueada pelos maiores portões de ferro que Thor já tinha visto - maiores ainda do que os portões por onde eles haviam passado para chegar até ali.

Diante deles há duas criaturas duas vezes maiores do que Thor, vestindo mantos negros com capuz e encarando-os com rostos desfigurados. Ambos seguram tridentes escarlates com hastes vermelhas e pontas de prata, que eles mantêm apontados para cima.

Thor olha pra frente e vê uma aldrava de ferro no meio dos portões, e sabe o que deve fazer. Ele dá um passo à frente e segura a aldrava.

Os trolls permanecem em silêncio, olhando pra frente como se Thor e seus companheiros não estivessem ali.

Thor bate com toda sua força. Ele tem dificuldade, e seus irmãos se adiantam para ajudá-lo. Juntos, usando todas as suas forças, eles conseguem levantar a aldrava dos portões do inferno.

Finalmente, eles não conseguem mais levantá-la e a soltam. Ela bate no metal e o eco praticamente os derruba no chão.

Eles repetem o gesto mais uma vez, e então pela terceira e última vez.

O chão treme sob seus pés, os ouvidos de Thor doem e suas mãos tremem por causa da vibração.

Mas ele havia batido três vezes como tinha sido instruído, e agora tudo o que tem a fazer é esperar.

Lentamente, eles ouvem um tremendo ruído e os enormes portões começam a se abrir - alguns centímetros de cada vez até finalmente se abrirem totalmente.

Thor vê diante deles uma enorme caverna iluminada por tochas escassas, completamente tomada pelo som de um milhão de morcegos. A entrada para a terra dos mortos. Um limite do qual não haverá retorno.

Pensando em Guwayne, Thor dá o primeiro passo e atravessa os portões.

E então ele dá mais um passo.

Ele para do lado de dentro dos portões, e ao seu lado logo surgem seus companheiros, um por um até que eles ouvem o barulho definitivo dos portões se fechando atrás deles.

À medida que o som ecoa pelas paredes da caverna e Thor observa o túnel que dá acesso ao interior da terra, ele sabe que nunca mais voltará para o mundo dos vivos.

CAPÍTULO DEZESSETE

Alistair segura na mão de Erec, em pé no mais alto platô das Ilhas do Sul, observando a bela paisagem enquanto o sol nasce sobre as ilhas. Ela está feliz por tê-lo de volta, por vê-lo se recuperando tão bem e por estar ao seu lado novamente. Erec finalmente tinha voltado a ser como era, e segura sua mão com a força do guerreiro que sempre havia sido.

Enquanto fica em pé ali, dando as boas vindas ao novo dia com ele - passado todo o caos e derramamento de sangue, Alistair sente sua própria vida sendo restaurada, e se sente agradecida que Deus tenha atendido suas preces.

Os dois permanecem ali observando a paisagem, e enquanto Alistair aprecia a vista de seu novo lar - o lugar que ela já havia aprendido a amar, ela já consegue ver toda a reconstrução em andamento por toda a ilha. Assim como ela e Erec, toda a nação está se preparando para recomeçar. Na distância, Alistair pode ouvir o barulho tranquilizador das ferramentas sinalizando o trabalho em andamento.

"Os martelos e cinzeis nunca param," Erec diz, "e mesmo assim ainda há muito a ser feito."

A terra está em ruínas, destruída pela guerra civil, mas com os homens finalmente unidos sob o reinado de Erec, agora há alegria e propósito no ar, e todos se dedicam à reconstrução com espontaneidade. Casas estão começando a serem erguidas novamente, corpos estão sendo removidos das ruas e enterrados nas montanhas e sinos estão sendo tocados em homenagem aos mortos. Alistair pode ouvi-los agora, sendo tocados em todas as vilas.

É um ar pacífico, a calma depois da tempestade.

"Você salvou minha vida," Erec diz. "Não pense que eu não sei disso. Isso é algo muito sagrado.

Nossas vidas estão ligadas. A minha à sua e a sua à minha. Até o dia da minha morte, eu lhe devo a

minha vida."

Alistair sorri e aperta a mão dele.

"Você está vivo," ela responde. "Isso já é o bastante."

Ele coloca um braço em torno dela e Alistair se aproxima mais dele. Ela olha para o horizonte, admirando a beleza do lugar - o sol brilhando sobre tudo - e pensa sobre a beleza do futuro diante dela.

Ela e Erec se casarão em breve, e logo eles terão um filho. Ela será a rainha desse lugar magnífico ao lado dele.

Seus sonhos finalmente se tornarão realidade. É hora de recomeçar.

UMA LUA MAIS TARDE

CAPÍTULO DEZOITO

Gwen, encostada na parede perto da entrada da caverna, ouve os pássaros exóticos cantando e abre os olhos para ver o dia amanhecer em mais uma manhã nas terras do Império. Ela havia passado a maior parte da noite acordada observando as chamas da fogueira, incapaz de cair no sono e atormentada pela dor. Mais um dia sem Thorgrin. Sem Guwayne.

Gwen olha para o dia diante dela, mais um dia na paisagem árida do deserto do Império, e mal consegue acreditar que uma lua inteira havia se passado. E ainda não há qualquer sinal de Thorgrin ou Guwayne. Todos os dias ela acorda esperando a chegada deles, sabendo em seu coração que um dia eles chegariam. Afinal, como eles poderiam nunca mais retornar? Thorgrin é seu marido. Guwayne é seu filho. Não é possível que eles possam ficar tanto tempo longe dela. Aquilo é apenas um pesadelo que está demorando a acabar.

E todos os dias quando ela acorda, ela vê que eles ainda não voltaram, e que ainda não há notícias deles. Agora que um ciclo inteiro da lua havia se passado, a realidade está começando a tomar forma.

Gwen está finalmente começando a perceber que eles talvez nunca mais voltem.

A constatação a deixa arrasada, deixando-a vazia e mais triste do que ela jamais havia se sentido antes. Talvez a vidente estivesse certa: talvez Thorgrin realmente tivesse entrado na terra dos mortos. E

talvez seu bebê nunca mais fosse voltar para ela.

Gwen tinha tentado desesperadamente acordar Argon durante a última lua, e as poucas vezes que ela tinha conseguido, ele havia falado com fraqueza, quase inconsciente, e tinha sido incapaz de lhe dar qualquer resposta sobre o paradeiro deles. Tudo aquilo a deixa com um terrível pressentimento.

Gwen se senta naquela caverna dia após dia, deprimida, paralisada pela indecisão. Ela é a rainha - e ela sabe disso, mas se sente incapaz de tomar decisões mesmo sobre as coisas mais banais. Todos os dias

Kendrick, Aberthol, Steffen e Godfrey tinham vindo até ela com uma variedade de pequenas coisas que seu povo em exílio precisava - e ela tinha sido incapaz de tomar até qualquer tipo de decisão. Ela é uma rainha - ela sabe - paralisada pela dor. Paralisada pela depressão.

Gwendolyn olha ao seu redor e vê seu povo deitado pelo chão - a maioria dormindo, e os poucos que estão acordados observam as chamas sem esperança. Grande parte tem sacos de vinho nas mãos, vazios após uma noite inteira bebendo. Ela pode ver em seus olhos o que eles estão pensando. Eles pensam em sua terra natal. No Anel. Possivelmente em familiares e amigos perdidos ou mortos pelo caminho. Eles estão pensando em tudo que haviam perdido e nas coisas das quais haviam desistido. Em como estavam vivendo como toupeiras ali, escondidos e definhando naquela caverna - e não vivendo uma vida de verdade.

Gwen sabe que aquilo é melhor que a alternativa: serem capturados pelo Império e transformados em escravos. Pelos menos todos estão vivos, e em segurança.

Gwen chuta as brasas com a ponta de suas botas e olha para as faíscas. Ela não consegue entender como sua vida tinha chegado naquele ponto. Parece que apenas ontem ela estava na Corte do Rei, no castelo mais lindo, cercada por uma paisagem abundante e se preparando para o seu casamento com o homem mais dedicado que ela já havia conhecido. Segurando seu bebê nos braços. Tudo tinha sido perfeito em seu universo, e ela não havia apreciado as coisas como deveria. Tudo tinha lhe parecido indestrutível.

Agora aqui está ela, sem seu marido e filho, noite após noite olhando para aquela fogueira.

Gwen sai de seu devaneio ao ouvir um grito repentino - o grito de uma mulher seguido por passos apressados, vindos das profundezas da grande caverna. Gwen olha para dentro da caverna, e de repente uma garota com a idade de Gwen aparece sob a luz da madrugada, cambaleando na direção de Gwen, seminua e com a camisa rasgada. Ela tem uma expressão agitada nos olhos e chora ao se aproximar de Gwen, jogando-se aos seus pés e agarrando seus calcanhares histericamente.

"Minha senhora!" ela grita. "Por favor, você tem que fazer alguma coisa! Você tem que me ajudar!"

Gwendolyn olha para ela, se perguntando o que poderia tê-la deixado naquela situação.

A garota soluça, e Gwen coloca a mão em seu ombro para confortá-la.

"Conte-me o que aconteceu," ela diz suavemente. Sua voz carrega uma força que há muito tempo ela não ouvia. Cuidar de outra pessoa faz Gwen esquecer seus próprios problemas.

"Eu fui atacada, minha senhora!" a garota grita. "Ele me abordou na caverna. Na escuridão da noite.

Enquanto eu estava dormindo. Ele me atacou!" Ela chora.

"A justiça deve ser feita!" ela pede. "Não importa onde estamos - se no Anel ou em qualquer outra parte, a justiça tem que ser feita!"

Ela chora aos pés de Gwen, e Kendrick, Godfrey, Brandt, Atme, Aberthol e vários outros acordam, aproximando-se com passos lentos sobre o cascalho.

Gwendolyn olha para a garota e a ajuda a se levantar, abraçando-a com o coração partido. Ela não consegue evitar a sensação de culpa por tudo aquilo. Seu povo tinha se tornado agitado naquela caverna, se nada para fazer exceto permanecer sentado o dia todo, bebendo na escuridão. A ordem está acabando, e o caos começa a reinar entre o seu povo. Gwen se culpa pelo sofrimento daquela garota.

"O nome dele?" pergunta Gwen. "Qual é o nome dele?" ela pergunta, lembrando-se do seu próprio ataque nas mãos dos McCloud e sentindo uma nova onda de indignação crescendo dentro dela.

"Foi o Baylor, minha senhora," a garota responde.

Baylor. Gwendolyn conhece aquele nome. Baylor é um dos sobreviventes do Anel, um jovem capitão de uma das guardas do Rei, que infelizmente havia sobrevivido junto com os outros habitantes do Anel. Ele sempre tinha sido um encrenqueiro, constantemente demonstrando sua insatisfação com o reinado de Gwendolyn, perpetuamente bêbado e instigando os demais. Ela deveria ter previsto que ele causaria

problemas.

Gwendolyn segura o rosto da garota entre as mãos, e olha dentro dos olhos dela.

"Eu lhe prometo que a justiça será feita. Está me ouvindo? A justiça será feita."

A garota finalmente começa a se acalmar, assentindo entre lágrimas.

Gwendolyn olha para o lado e vê Kendrick fazer um gesto demonstrando sua compreensão. Do lado oposto está Godfrey - bêbado, mas ao seu lado por solidariedade a ela.

Eles ouvem passos do lado oposto, seguidos por sussurros caóticos, e Gwendolyn continua em pé ao lado dos outros e olha para a escuridão da caverna, mal iluminada por algumas poucas fogueiras. Os passos ficam mais altos e, finalmente, ela vê Baylor se aproximando dela, guiando um grupo indisciplinado de homens. Ele está obviamente bêbado, desleixado e com a barba por fazer - um homem fora de forma com cinquenta anos, careca e barbudo.

Gwendolyn não se preocupa com ele; o que mais a preocupa são as dezenas de homens que o acompanham, todos com expressões selvagens e insatisfeitas no rosto.

"Não suportaremos mais um só dia!" Baylor grita, e um grito de apoio irrompe atrás dele. Eles continuam marchando ameaçadoramente na direção da entrada da caverna - na direção de Gwendolyn, e ao mesmo tempo um círculo dos homens leais a ela se forma ao seu redor, incluindo Brandt e Atme, que ficam ao lado dela.

Gwen mantém sua posição, bloqueando o caminho deles e sabendo e que não pode permitir que eles saiam. Baylor para a alguns metros dela, encarando-a.

Gwendolyn olha para o lado e vê Kendrick, Steffen e os outros perto dela, e se conforta com a presença deles. Aos seus pés, ela vê Krohn sentado ao seu lado com o pêlo eriçado enquanto encara a multidão.

"Saia do meu caminho garota!" Baylor grita para Gwendolyn.

Gwendolyn simplesmente balança a cabeça, mantendo sua posição e recusando-se a recuar.

Krohn rosna para o homem, que olha para baixo nervoso.

"E onde você pretende ir com esses homens?" ela pergunta.

"Pretendemos ir lá fora, tomar sol e viver como homens livres, e não como refugiados escondidos nessa caverna!"

Outro grito irrompe atrás dele, e Gwen percebe que está encarando uma completa rebelião. Ela se dá conta que havia se desligado por muito tempo, afogando suas mágoas, e não tinha sido suficientemente perspicaz para perceber o que vinha acontecendo ao seu redor. Ela havia permitido que seu povo se tornasse inquieto - e para uma rainha, a inquietude de seu povo é algo muito perigoso. Gwen se culpa por isso. Durante o último ciclo da lua, enquanto ela se recuperava, todos os dias tinham sido dias de indecisão e falta de direção.

"E para onde vocês iriam?" Gwen pergunta calmamente.

"Para qualquer lugar que não essa caverna!"

Outro grito de apoio.

"Não viveremos como prisioneiros ou escravos!" outro grito, seguido por aplausos.

"Vamos procurar um navio e voltaremos para casa!" Baylor grita, e mais uma vez o grupo grita.

Gwendolyn balança a cabeça, percebendo o quanto eles estão errados.

"Se deixarem essa caverna durante o dia," ela diz, "vocês não apenas serão encontrados e mortos, mas também farão com que sejamos mortos. Mesmo se por algum milagre vocês conseguirem chegar até a costa e comprarem um navio, vocês serão mortos antes que consigam embarcar. Vocês nunca conseguirão sair do porto."

"É melhor do que apodrecer até a morte aqui dentro!" grita Baylor.

O grupo aplaude.

Baylor se adianta, mas Gwen dá um passo para o lado e bloqueia o caminho dele.

"Eu sinto muito," ela diz, "mas você não vai sair dessa caverna." Ela ergue a voz, e pela primeira vez em semanas, assume o tom de uma Rainha: "Nenhum de vocês vai sair daqui."

Kendrick, Steffen, Brandt, Atme e Godfrey sacam suas armas ao lado dela, e um tenso silêncio recai sobre o grupo.

"Não vou lhe pedir que saia do meu caminho mais uma vez, mulher," Baylor dispara, encarando Gwendolyn com ódio.

"Você fará como ordena a Rainha," Kendrick fala, dando um passo à frente, "seja qual for o seu comando."

"Ela não tem comandado coisa alguma!" Baylor grita. "Ela senta ali, paralisada dia após dia, enquanto nós apodrecemos!"

Há mais aplausos.

"Ela não é mais a nossa Rainha!" continua Baylor.

Outro grito de apoio.

"Você deveria ter sido o nosso Rei, como o seu pai!" Baylor grita para Kendrick. "Mas você abriu mão do seu direito e deixou que uma garota assumisse o trono. É tarde demais para você agora. Eu estou liderando esse grupo - e estou lhe dizendo para sair da frente, ou mataremos você também!"

A multidão grita mais uma vez, e Baylor começa a dar um passo adiante, esticando o braço para empurrar Gwendolyn para fora do caminho.

Krohn rosna, e Gwen percebe que ele está prestes a saltar para morder o homem.

Mas Gwendolyn reage primeiro; ela quer matá-lo com suas próprias mãos.

Ela estica o braço e pega a espada reserva na bainha de Kendrick, empunhando-a. Com um movimento rápido, ela dá um passo adiante e segura a ponta da espada contra o pescoço de Baylor.

A caverna se silencia enquanto todos ficam parados ali enquanto Gwen segura a espada contra o pescoço de Baylor, que observa apavorado.

"Você não vai a lugar algum," Gwendolyn diz com firmeza.

A caverna é pura tensão, e Gwen sente todos os olhares fixos nela.

"Você vai ficar exatamente onde está, por que eu sou sua Rainha e estou lhe dando uma ordem. Esse

é o *meu* povo que você está tentando liderar. Eles são *meus* para comandar, e não seus. Você não vai sair dessa caverna. Você não vai à parte alguma antes de responder por seus crimes."

"Que crimes?" grita Baylor.

"Você atacou essa garota," diz Gwen, fazendo um sinal para a garota que ainda chora aos seus pés.

Baylor faz uma careta.

"Eu durmo com quem eu quiser," ele afirma. "Posso até dormir com você. Agora abaixe logo essa espada e saia do meu caminho garota, ou morra aqui junto com os seus homens."

"Sim, eu sou uma garota," Gwen diz com a voz firme como aço. "E meu pai era o Rei - e o seu pai antes dele. Eu venho de uma longa linhagem de guerreiros, e lhe garanto que o meu sangue é o mesmo que o deles. Você, por outro lado, é um canalha e um esturpador. Eu vou impedi-lo por que eu sou sua Rainha - e a justiça será feita pelas minhas próprias mãos."

Gwendolyn afasta o braço e, com um movimento rápido, enfia a espada no coração de Baylor.

Os olhos dele se arregalam de repente, e ele cai de joelhos diante dela, e então cai de cara no chão.

Então, Krohn pula em cima dele rosnando, e rasga o pescoço dele com os dentes.

Gwendolyn fica ali parada, segurando a espada ensanguentada com uma expressão de choque no rosto. Ela também, pela primeira vez em semanas, se sente como uma Rainha novamente.

"Quem quiser passar por mim será morto imediatamente. Vocês ficarão aqui por que essa é a minha ordem. Por que eu sou sua Rainha."

A multidão a encara, em choque, sem saber o que fazer.

Lentamente, um por um, eles se viram e começam a voltar para dentro da caverna. Gwen continua parada, segurando a espada diante dela. Ela está tremendo por dentro, mas se recusa a demonstrá-lo.

Steffen, segurando sua espada, se aproxima dela.

"Fico feliz em ver que minha Rainha está de volta, minha senhora," ele diz.

Gwen olha para eles, para seus amigos mais próximos - Kendrick, Brandt, Atme, Godfrey, Aberthol e os outros - e pode ver o respeito em seus olhos. E algo mais: alívio.

Ela olha para eles com uma nova sensação de determinação. Ela está determinada a partir - pelo bem deles. É hora de recomeçar. É hora de deixar para trás toda a sua tristeza. É hora de liderar.

"Eles estão certos a respeito de uma coisa," Gwen diz. "É hora de tomar uma decisão. É hora de irmos."

Eles olham para ela com esperança - todos, ela percebe, esperando para serem liderados.

"Amanhã," ela diz, "nós começamos a marchar. Vivendo ou morrendo, é hora de prosseguirmos.

Temos que encontrar um novo lar. Um lar de verdade. Vivendo ou morrendo," ela fala, olhando nos

olhos deles, "vamos encontrar o Segundo Anel."

CAPÍTULO DEZENOVE

Alistair abre os olhos lentamente, sentindo uma profunda sensação de paz deitada nos braços de Erec nos lençóis e travesseiros de seda da ampla cama com dossel dos recém-reconstruídos aposentos reais. O dia está amanhecendo nas Ilhas do Sul, e ela ouve os pássaros cantando naquele dia quente enquanto brisas marinhas suaves assopram pelas janelas abertas do quarto. Alistair pode sentir a doce fragrância das árvores frutíferas que florescem nos campos.

Aquele é mais um dia divino nas Ilhas do Sul, mais um dia nos braços de Erec - os dois finalmente juntos e com todo o tempo do mundo para ficarem juntos, jamais se cansando da companhia um do outro. Enquanto ela continua deitada em seus braços, junto ao seu corpo quente, Alistair agradece aos deuses pela sorte de finalmente ter encontrado paz e contentamento em sua vida. Finalmente, as preocupações do mundo não estão atrapalhando o relacionamento deles. Ela está tendo um descanso merecido de todo o caos em sua vida.

Erec desperta devagar, sentindo que ela está acordada - como sempre fazia, e olha para ela sorrindo. Seus olhos azuis claros brilham sob o sol da manhã, e ela sente todo o seu amor por ela naquele olhar. "Antes do amanhecer, meu amor?" ele pergunta.

Ela sorri.

"Estou animada," ela diz. "Estou pensando em meu vestido."

Ele sorri.

"Nosso casamento será em uma semana, querida," ele comenta. "Tente não se preocupar."

Eles se beijam e continuam abraçados por um longo tempo. Alistair coloca a cabeça no peito dele.

Ela já pode ouvir a som distante dos trabalhadores do lado de fora da janela, já trabalhando antes do amanhecer nos preparativos no casamento. Toda a ilha está agitada com os preparativos, a cerimônia lhes daria algo em que se concentrar - um motivo de felicidade no momento em que eles mais precisam.

O casamento reuniria todos os habitantes da ilha, fazendo-os esquecer da guerra civil que havia

acontecido há apenas uma lua. Agora, finalmente, eles se uniriam sob o reinado de Erec e por seu amor por Alistair.

Animada, Alistair se levanta e veste seu robe, dirigindo-se até a sacada. Ela fica ali parada, observando tudo e apreciando todos os preparativos - os banquetes sendo preparados e os diversos pratos sendo colocados à espera da grande festa. Infinitas fileiras de flores estão sendo preparadas e moldadas, barris de bebidas estão sendo colocados no lugar e campos de torneios estão sendo construídos. Tudo isso uma semana antes da cerimônia.

Erec se aproxima dela e coloca um braço em torno de sua cintura

"Eu nunca pensei que esse dia chegaria," Alistair fala.

"Você está triste que sua família não estará aqui?" ele pergunta. "Thorgrin?"

Alistair suspira. Ela havia pensado nisso várias vezes.

"É claro, eu gostaria que todos estivessem aqui, Thorgrin, Gwendolyn e todos os meus amigos da Corte do Rei. Mas talvez, um dia possamos ter um segundo casamento no Anel, na Corte do Rei."

Erec sorri.

"Eu gostaria muito," ele responde. "Muito mesmo. Na verdade, depois de nosso casamento, por que não retornamos? Por que não visitamos o Anel?"

Alistair arregala os olhos.

"Sério?" ela pergunta.

"E por que não?" ele fala. "Corremos para cá para ver meu pai antes de sua morte. Agora que ele partiu, não vejo por que não podemos visitar nossa terra. Podemos celebrar nosso casamento uma segunda vez. A Corte do Rei ficaria feliz em nos receber."

Alistair ri com a ideia.

"Eu não consigo pensar em uma ideia melhor," ela fala, "do que me casar com você duas vezes."

Ela se aproxima dele e eles se beijam mais uma vez, e Alistair se sente mais feliz do que nunca. Ela está exatamente onde sempre quis estar. Ela ama aquele lugar do fundo do seu coração, e ama Erec ainda mais - e mal pode esperar para ter filhos com ele, e construir uma vida junto com ele ali. Aquele

lugar é um lar para ela. Pela primeira vez em sua vida, ela sente que havia encontrado seu verdadeiro lugar no mundo.

Há uma batida repentina na porta - a batida conhecida de seu camareiro - duas rápidas batidas, e Erec se vira e vai até a porta de carvalho, abrindo-a.

O camareiro chefe de Erec entra no quarto e faz uma saudação, parecendo agitado.

"Vossa alteza," ele diz.

Erec ri.

"É cedo demais para tanta agitação," comenta Erec. "Você precisa aprender a se controlar."

O camareiro balança a cabeça.

"Receio que temos muitas questões importantes da corte, senhor," ele responde.

Atrás dele entra a dama de companhia de Alistair, uma mulher corpulenta e bondosa de cinquenta anos.

"Vossa alteza," ela diz, e então se dirige a Alistair. "Minha rainha."

"Perdoe-me, vossa alteza," o camareiro fala, "mas temos muitos assuntos importantes para resolver."

"E que assuntos podem ser tão importantes que devam ser tratados antes do amanhecer?" Erec pergunta.

"Bem, vejamos," o camareiro responde, olhando para o pergaminho. "Há questões do tesouro. Questões relacionadas aos preparativos do casamento; questões da reconstrução; dos campos de treinamento; de nossos soldados, armaduras, armas e suprimentos; questões dos portos; questões dos navios; questões da agricultura das ilhas; questões da..."

Erec ergue uma mão.

"Eu já vou," ele diz. "Mas não ficarei sentado em uma reunião até depois do meio dia. Quero sair e planejar a Caçada Real."

"Muito bem, vossa alteza," o camareiro diz, fazendo uma saudação.

"Minha senhora," a dama de companhia diz, aproximando-se dela, "temos algumas questões a resolver, também. Você precisa revisar os planos para os novos prédios e pomares; examinar os vestidos do casamento; as opções de entretenimento..."

Alistair ergue uma mão.

"O que você precisar," ela diz, se preparando para mais um longo dia de assuntos da corte.

Erec dispensa os dois com um gesto.

"Por favor, deixem-nos a sós," ele pede. "Nós nos vestiremos e estaremos com vocês em instantes."

Os criados fazem uma saudação e saem do quarto, e Erec olha para Alistair com um sorriso sem

graça.

"Sinto muito, querida," ele diz. "O dia começou rápido."

Alistair se aproxima de Erec e o beija, e quando ele se afasta para se vestir, Alistair olha para o lado oposto e volta para a sacada. Ela fica ali sozinha, apreciando a ilha de cima da sacada dos aposentos reais. Dali de cima, olhando para baixo, a paisagem é ainda mais bela e mais perfeita, e enquanto a brisa acaricia suavemente seu rosto, ela pensa.

Eu amo esse lugar. Com todo o meu coração, eu realmente amo esse lugar. Por favor, Deus, nunca permita que ele seja tirado de mim.

*

"Mas como eu sei se ele está sendo *sincero*?" ela pergunta.

Alistair se vira e vê Dauphine sentada ao seu lado, fazendo a mesma pergunta pela terceira vez enquanto ela fica ali com os braços estendidos para o lado, tendo suas medidas tomadas para seu vestido de casamento. Ela está acompanhada por suas damas de companhia, Dauphine e sua futura sogra, que também estão experimentando seus vestidos para a ocasião especial. Elas estão em uma praça de mármore no alto de um platô com vista para o campo, e todas as garotas riem despreocupadas.

"Alistair?"

Ao olhar para Dauphine - perdida em seus pensamentos, Alistair se espanta com o quanto a relação delas havia mudado. Todos os dias durante a última lua, Dauphine havia buscado a sua companhia, e se tornado mais que apenas a sua futura cunhada - as duas tinham se tornado melhores amigas. Dauphine conta tudo para ela, vendo Alistair como a irmã que ela nunca havia tido e, estranhamente, Dauphine tinha se tornado mais próxima de Alistair do que ela jamais havia sido de Erec. Elas haviam se tornado inseparáveis durante as últimas semanas, e Alistair se surpreende com as reviravoltas da vida. Ela não consegue deixar de pensar em seus primeiros dias nas Ilhas, quando Dauphine se recusava a olhar para ela. Agora, ela havia conquistado não somente o respeito de Dauphine, mas também seu amor.

"Você não respondeu minha pergunta!" Dauphine exclama.

"Eu sinto muito," Alistair responde, saindo de seu devaneio. "Qual é mesmo a pergunta?"

Dauphine suspira irritada. "Os casamentos realmente transformam as noivas em cabeças de vento!

Eu pergunto mais uma vez: como posso saber se ele está sendo *sincero*?"

Alistair consegue se lembrar agora. Dauphine vinha falando sobre seu novo pretendente, um cavaleiro famoso das regiões baixas das Ilhas do Sul que vinha tentando conquistá-la durante as últimas semanas.

"A noite passada, ele me levou em um passeio de barco sob a luz da lua," Dauphine explica. "Ele declara seu amor por mim diariamente. E agora pediu minha mão em casamento."

"E por que não deveria?" a mãe dela pergunta.

Dauphine suspira.

"Por que não deveria?" ela repete. "Por que faz apenas uma lua!"

"Qualquer cavaleiro de respeito não precisaria de mais do que isso para saber se realmente a ama," a mãe dela diz.

Dauphine olha para Alistair.

"*Por favor,*" ela implora; "Diga-me."

Alistair a examina, vendo como Dauphine está apaixonada.

"Você sente que ele a ama?" pergunta Alistair.

Dauphine assente com os olhos brilhando.

"Do fundo do meu coração."

"E você também o ama?"

Dauphine assente com lágrimas nos olhos.

"Mais do que eu seria capaz de lhe dizer."

"Bem, então você mesma acaba de responder a sua pergunta. Você tem um grande dom."

"Mas não é cedo demais?" ela pergunta. "Como posso saber se ele está sendo sincero?"

Alistair pensa com cuidado.

"Quando o momento chegar você não vai precisar fazer essa pergunta," ela fala. "Você vai saber."

"E você vai aceitar o pedido dele?" a mãe dela pergunta de repente.

Dauphine enrubescce e olha para baixo.

"Eu... ainda não sei," ela responde.

Finalmente Dauphine se silencia - perdida em seus próprios pensamentos - e Alistair olha para o campo, apreciando a vista dos vinhedos e pomares plantados ao longo dos penhascos e o brilho distante do oceano. Ela não se cansa daquele lugar. Ela sente os criados colocando rendas em seus pulsos e braços, tomando suas medidas com perfeição, e começa a ficar cada vez mais animada com seu casamento.

Uma brisa fria sopra de repente, e ao olhar para o horizonte Alistair nota um escurecimento das nuvens que esconde o sol por uns instantes - como uma sombra que passa diante delas antes de revelar o sol novamente. Alistair não consegue entender o motivo, mas naquele momento ela sente algo obscuro, uma estranha premonição. Algo relacionado ao seu irmão. Thorgrin. Ela sente que ele está em um lugar muito, muito escuro. E a sensação faz gelar seus ossos.

"Alistair?" Dauphine pergunta. "O que aconteceu?"

Alistair, ainda observando o horizonte, balança a cabeça rapidamente.

"Não foi nada," ela diz. "Nada mesmo."

Mas ela não consegue deixar de olhar para o horizonte. Ela pressente o perigo. Ela segura a respiração - sentindo-se paralisada pelo medo e pressentindo coisas terríveis no horizonte, e sabe que seu irmão Thorgrin está entrando na terra dos mortos.

CAPÍTULO VINTE

O coração de Loti se agita com emoções conflitantes enquanto ela trabalha no campo com os outros, usando seu ancinho para partir a terra enquanto prepara o solo do Império para o plantio. Aquele é um exercício monótono e tedioso - uma tarefa que ela repete todos os dias - erguendo a ferramenta acima de sua cabeça com as algemas em seus pulsos impedindo que ela a utilize como uma arma, e arando o solo interminável das terras do Império. Quando ela abaixa o ancinho, o metal corta os seus pulsos, como acontece há anos. Ela já tinha aprendido a ignorar a dor.

Mas não é isso que lhe causa dor naquele dia; enquanto ela empurra o ancinho ao longo do solo, ela

não pensa em suas algemas ou em suas cicatrizes, e sim em Darius. Ela se sente mal por tê-lo ignorado como havia feito, por não ter se mostrado mais agradecida por ele ter salvado a sua vida. Uma lua inteira havia se passado e finalmente o choque inicial havia se passado e ela tinha tido tempo para processar tudo. Ela ainda não pode acreditar no que havia acontecido com os capatazes, em como Darius a tinha salvado de uma vida no inferno, de escravidão e até mesmo da morte. Ela lhe deve sua vida - mais do que a sua vida. E ela tinha lhe retribuído apenas com fria indiferença.

Ao mesmo tempo, naquela época ela estava em choque, e não sabia como reagir. Ela nunca tinha visto alguém usar mágica antes, e tinha se surpreendido ao ver Darius fazer aquilo. Durante toda a sua vida, ela tinha ouvido de seus pais e dos anciãos que a magia é uma forma de feitiçaria, algo a ser condenado com veemência - o único verdadeiro tabu em sua aldeia. Ela havia aprendido que a magia tinha sido a verdadeira causa do terrível destino de seu povo, e ao ver Darius usando mágica - bem, ela não soube como reagir. Ela tinha agido por impulso, da forma como seus pais gostariam que ela agisse. Mas agora, ao baixar seu ancinho mais uma vez, arrastando a terra, ela se sente mal pela forma como tinha agido. Ela quer correr até Darius, pedir-lhe desculpas, ficar com ele - aquele garoto que tinha tomado conta de seu coração de uma forma que ela não acredita ser possível. Ela sempre suspeitou que houvesse algo de diferente nele, mas ela nunca soube exatamente o quê. Ele realmente é diferente dos outros, com sua grande habilidade, mas acima de tudo, por causa de seu coração enorme e de sua grande coragem.

E agora ela havia colocado tudo a perder. Tudo por que ela tem medo, medo da reprimenda que receberia de seus pais e dos anciãos se eles a vissem com ele, se eles descobrissem o poder dele. Ela tem medo que eles não entendam; ela mesma não sabe se ela consegue entender.

Loti havia passado o último ciclo da lua com medo de que a qualquer momento o Império chegaria e os prenderia por terem matado aqueles homens; esperando que os corpos fossem encontrados a qualquer momento. Mas esse dia nunca havia chegado. Talvez eles estejam tão enterrados embaixo dos escombros da avalanche que nunca sejam descobertos. À medida que seu medo se dissipa, Loti começa a perceber que não há nada a temer, e que talvez ela possa ficar com Darius - se ele a aceitar se volta.

Talvez seja tarde demais.

Loti faz uma pausa e limpa o suor de sua testa, olhando ao seu redor para todas as outras garotas estacionadas ao seu lado naquele campo, trabalhando sem parar. Ao lado dela, ela fica feliz em ver seu irmão, Loc. Os capatazes pretendem insultá-lo ao colocá-lo para trabalhar ali, com as outras garotas, e o coração de Loti se aperta ao vê-lo ali. Mas durante toda a sua vida ele havia sido desprezado por causa de sua lesão - uma perna mais curta que a outra, e um braço torto e mais curto que o outro. Ele também é desprezado pelo restante da família - uma casa de guerreiros, onde sua própria mãe e pai olham para ele como se ele não existisse.

Mas Loti ama Loc do fundo de seu coração, como sempre o tinha amado. Ela se sente determinada a fazer com que seu excesso de amor por ele compense o amor que ele não recebe do restante da família.

Loti sabe que demonstra uma imagem forte, e do lado de fora ela sabe que é; mas por dentro, ela tem um coração de ouro. No fundo, ela ama Loc mais que todos os seus outros irmãos e acima de todos os membros de sua família. Todos eles ignoram o que ela vê diante dela ao olhar para Loc: um coração enorme, um sorriso gentil e mais alegria e felicidade do que em qualquer outra pessoa que ela conhece, independente de suas circunstâncias. Loti deseja ser como ele, tão feliz quanto possível, e também deseja ser gentil, compassiva e ter a mesma facilidade de perdoar que ele. Ela faria qualquer coisa por ele e adora a companhia do irmão, portanto não havia se incomodado em tê-lo em seu grupo de trabalho.

"É melhor você continuar trabalhando, irmã," Loc fala para ela sorrindo, "ou eles vão acabar vendo você."

Loc pega seu ancinho com seu braço forte e continua trabalhando. Seu braço forte é o braço de um guerreiro, como o de seus irmãos, e compensa o problema no outro braço; mas mesmo assim, sem o equilíbrio necessário, tudo é mais difícil para ele. Loc é duas vezes mais lento que as garotas, e é difícil para ele trabalhar em linha reta, fazendo tudo com grande sacrifício. Mas ele nunca reclama e sempre trabalha com um sorriso nos lábios.

"É você que deveria fazer uma pausa," ela diz, ainda recuperando o fôlego. "Eles te deram uma tarefa cruel. Fazem isso de propósito."

Ele ri.

"Já recebi tarefas piores, minha irmã," ele responde. "Isso não me preocupa. É com você que eu estou preocupado. Conte-me o que lhe preocupa tanto. Posso ver em seu rosto que algo a perturba."

Sem responder, Loti ergue seu ancinho e volta ao trabalho. Eles voltam a trabalhar e um silêncio confortável recai sobre eles enquanto ela pondera sobre como expressar o que está em sua mente. Ela não tem a sagacidade dos outros; ela precisa de tempo para organizar seus pensamentos. Loc a respeita e não invade sua privacidade, dando-lhe o tempo e espaço necessários. Essa é mais uma das coisas que ela admira nele. Ela pode lhe contar qualquer coisa, mas se preferir ficar em silêncio, ele também respeita sua escolha.

Eles entram em um ritmo constante, perdidos em seus pensamentos, quando de repente Loti ouve passos se aproximando correndo. Ela olha para trás e fica horrorizada ao ver um capataz do Império se adiantar, erguer seu chicote e bater nas costas de Loc.

Loc grita de dor e cai de cara no chão.

"Você é mais lento do que as mulheres!" o capataz grita. "Você não é um homem!"

O capataz ergue o chicote e bate em Loc mais uma vez.

E mais uma.

"Pare com isso!" Loti grita, correndo pra frente, incapaz de controlar-se.

Todas as garotas param de trabalhar e começam a assistir o que está acontecendo. Loti corre, sem pensar nas consequências. Algemas prendem seus pulsos com uma corrente um metro entre elas, e Loti para entre Loc o capataz momentos antes que o chicote acerte seu irmão mais uma vez.

O golpe a acerta nos ombros, e ela grita de dor ao receber o golpe no lugar de seu irmão, que ainda está deitado no chão.

O capataz, irritado, dá um tapa no rosto de Loti, que sente uma dor horrível na bochecha ao ser arremessada para trás.

"Você está interferindo," ele diz. "Posso matá-la por isso."

Ele chuta Loti com sua bota e a arremessa de cara no chão de terra.

Loti rapidamente se vira e vê o capataz caminhando na direção de Loc, que ainda está jogado no chão e ergue a mão para proteger seu rosto.

O capataz ergue o chicote e bate nele mais uma vez.

"Não!" Loti grita.

Ela fica em pé, vendo a crueldade no rosto do capataz e sabendo que ele pretende açoitar seu irmão até a morte.

Loti fica parada olhando para as costas do capataz, que bate em Loc sem parar; ele está coberto de sangue, deitado no chão e chorando de dor.

Loti fica cega de raiva. Ela já não suporta mais.

Loti corre e salta no ar, aterrissando nas costas do capataz. Ela envolve as penas em torno da cintura do homem e, com o mesmo movimento, ergue as mãos e enrola suas correntes em torno do pescoço dele duas vezes - e começa a apertar.

Loti aperta sem parar com toda a sua força, sufocando-o em um aperto mortal com as correntes de ferro, sabendo que assim que ela soltá-las será o fim da vida de seu irmão - e da dela. Ela não pretende soltá-lo; nem mesmo todas as pessoas do mundo serão capazes de tirá-la de cima dele.

O homem é enorme, seu pescoço é puro músculo, e ele se debate tentando se livrar dela. Mas mesmo assim Loti continua apertando com toda a sua força. É como tentar conter um touro enraivecido.

O capataz ergue o braço bufando, e então solta o chicote e tenta agarrá-la várias vezes. Ele a arranha, machucando os pulsos dela.

Mas Loti continua firme, apertando com ainda mais força.

"Seu porco imundo," ela grita. "Você sabe que meu irmão é incapaz de se defender!"

"Loti!" grita uma de suas amigas, outra mulher que abandona seus afazeres e tenta tirá-la de cima do homem. "Não faça isso! Eles a matarão! Eles matarão todas nós!"

Mas Loti a ignora; nada será capaz de detê-la.

O capataz se debate como um cavalo enlouquecido, empinando o corpo para um lado e para o outro; Loti sente sua força sendo testada até os limites, mas continua resistindo.

Ele joga o corpo pra frente e então, de repente, se inclina pra trás e se joga no chão, caindo em cima dela.

O peso do corpo dele em cima dela quase a esmaga.

Mas mesmo assim ela continua apertando.

Enquanto continua sufocando o capataz, Loti pensa em todas as humilhações que já havia sofrido - em todas as humilhações que todas as mulheres da aldeia haviam sofrido nas mãos daqueles homens. Ela libera toda a sua raiva, e deixa que o sentimento passe pelos seus ombros, braços e mãos à medida que ela continua apertando o pescoço do capataz, querendo que ele sofra tanto quanto ela havia sofrido.

Aquela é sua oportunidade de vingança. Sua chance de deixar o Império saber que ela também é poderosa.

Mas ele continua resistindo. Ele joga a cabeça pra trás e bate na cabeça dela, e o crânio dele acerta o rosto de Loti causando uma dor terrível em sua cabeça.

Loti, impulsionada pela adrenalina, não solta o homem e continua apertando o pescoço dele mesmo assim. Ela não sabe por quanto tempo mais será capaz de resistir. Ele é forte demais para ela, e se recusa a morrer.

Loti olha para cima e vê o homem erguendo a cabeça mais uma vez. A cabeça dele vai pra trás com força e acerta o nariz dela.

Dessa vez, a dor é insuportável, e ela fica cega por causa do sangue que escorre de seu nariz.

Involuntariamente, ela solta o pescoço do capataz.

Loti sabe que vai morrer. Ela olha para cima, esperando vê-lo prestes a matá-la.

Mas o que ela vê a deixa ainda mais surpresa: em vez disso, ela vê Loc em pé acima deles, com uma carranca pela primeira vez em sua vida. Ela vê, naquele momento, o guerreiro em seu olhar.

Loc ergue seu ancinho de madeira e enfia a ponta na barriga do capataz.

O capataz engasga, inclinando o corpo à medida que Loc volta a usar o ancinho, partindo suas costelas. Aquela é a oportunidade que Loti precisa para terminar o que havia começado.

Ela pega suas correntes e gira o corpo, subindo em cima dele e prendendo-o de cara no chão.

Ela aperta com toda a força, e seus pulsos começam a sangrar quando as algemas pressionam a sua pele. O sangue e o suor fazem seus olhos arderem, e ela perde a noção do tempo enquanto aperta o

pescoço dele sem parar.

Ela só percebe que ele está morto muito tempo depois que seu corpo para de se mexer.

Ela olha para baixo. Ele está deitado, perfeitamente imóvel - o mundo está perfeitamente imóvel - e

Loti percebe que tinha acabado de matar aquele homem.

E que nada será como antes.

CAPÍTULO VINTE E UM

Darius golpeia sem parar, e o barulho de sua espada de madeira corta o ar à medida que ele bloqueia os golpes de Raj e Desmond, que o atacam de ambos os lados. Eles o fazem recuar, e ele está começando a transpirar enquanto duela com os dois, fazendo o seu melhor para evitar um golpe após o outro. O sol está se pondo após um dia intenso de trabalho e, como eles vinham fazendo todos os dias durante a última lua, Desmond, Raj e Darius duelam liberando toda a agressividade que eles sentem em relação ao Império - e toda a frustração em relação aos capatazes - durante aquele treinamento.

Na lateral do campo, Dray assiste todos os golpes, rosnando para os atacantes de Darius todas as vezes que eles acertam um golpe. Ele claramente deseja atacar, mas Darius tinha finalmente conseguido ensiná-lo a permanecer sentado assistindo pacientemente. Mesmo assim, seu rosnado preenche o ar, e Darius não sabe quando ele finalmente vai desafiar o seu comando e atacar os seus amigos. Ele é tão leal a Darius - assim como Darius é leal a ele - que não há como controlá-lo.

Durante a última lua, Darius, Raj e Desmond haviam se tornado muito próximos, e os dois garotos mais velhos estão determinados a torná-lo um lutador melhor. Está funcionando. Darius sente seus braços e ombros cansados, mas não tão cansados como dias antes; e enquanto nos dias anteriores eles haviam acertado vários golpes, hoje ele está conseguindo bloqueá-los embora eles o ataquem implacavelmente.

Eles se movimentam pra frente e para trás, e Darius bloqueia para os lados, girando e bloqueando um golpe alto, e até tenta revidar, dando seus próprios golpes. Ele se sente cada dia mais forte, mais rápido e mais confiante. Ele sabe que suas habilidades de combate estão sendo aprimoradas ao mesmo

tempo em que sua amizade com eles se torna mais forte.

Darius se concentra, tendo encontrado um ponto fraco no ataque de Raj, e está prestes a acertar seu primeiro golpe quando, de repente, a voz de uma garota chama a sua atenção.

“Darius!”

Darius, distraído, se vira na direção do som, e assim que ele faz isso ele baixa sua guarda e recebe um golpe doloroso nas costelas.

Ele grita e faz uma careta para Raj.

"Isso é injusto!" ele fala.

"Você baixou sua guarda," Raj responde.

"Eu estava distraído."

"Em uma batalha," Desmond fala, "o seu inimigo torce por distrações como essa."

Darius se vira irritado, e fica surpreso ao ver quem está chamando por ele. Para sua surpresa, ele vê Loti aproximando-se rapidamente e parecendo preocupada. Ele fica ainda mais surpreso ao perceber que os olhos dela estão vermelhos de tanto chorar.

Darius fica confuso; ele não a tinha visto durante a última lua, e tinha certeza de que nunca mais a veria. Ele não entende por que ela está procurando por ele agora, ou por que ela está tão preocupada.

"Eu preciso falar com você," ela diz.

Ela está tão transtornada que sua voz falha, e ele percebe a agonia em seu rosto - o que apenas aprofunda o mistério.

Darius se vira lentamente e olha para Raj, piscando.

Eles assentem, compreendendo.

"Até amanhã," Raj diz.

Eles se viram e vão embora, e Darius e Loti ficam sozinhos na clareira, olhando um para o outro.

Darius caminha até ela, e ele se surpreende quando ela corre para os braços dele e o abraça com força. Ela começa a chorar nos ombros e Darius não sabe o que pensar de tudo aquilo; o

comportamento das mulheres ainda é um mistério para ele.

"Eu sinto muito," Loti fala, chorando em seus braços. "Eu realmente sinto muito. Eu sou uma tola. Eu não sei por que fui tão má com você. Você salvou a minha vida, e eu nunca lhe agradei por isso."

Darius a abraça, segurando-a com força. É muito bom tê-la em seus braços, e ele sente bem ao ouvir aquelas palavras depois de tudo pelo que eles haviam passado juntos. Todo sofrimento, tristeza, frustração e confusão que ele havia sentido durante as últimas semanas começam a se dissipar. Ela realmente o ama final de contas. Tanto quanto ele a ama.

"Por que você não..." ele começa.

Mas ela o interrompe, afastando-se e erguendo um dedo.

"Mais tarde," ela diz. "Agora, tenho um assunto importante a tratar."

Ela volta a chorar, e ele olha para o rosto dela e então estica o braço e segura o queixo dela entre as mãos.

"Conte-me," ele pede. "Você pode me contar qualquer coisa."

Ela faz uma pausa, olhando para baixo, e então finalmente levanta a cabeça e olha nos olhos dele.

"Eu matei um deles hoje," ela diz com a voz muito séria.

Darius vê a seriedade no olhar dela, e sabe que aquilo não é uma piada. Seu estômago se aperta com aquela constatação.

Ela assente com a cabeça, confirmando tudo.

"Ele tentou machucar o meu irmão," ela explica. "E eu não pude simplesmente assistir aquilo. Não pude mais suportar. Não hoje."

Ela irrompe em lágrimas.

"Agora o Império virá me buscar," ela fala. "Eles virão atrás de todos nós."

Agora Darius entende por que ela tinha vindo atrás dele; ele a abraça e a segura dele enquanto ela chora em seu ombro. Ele sente pena dela, e também compaixão - mas acima de tudo, um profundo sentimento de respeito. Ele a admira por suas ações.

Ele se afasta um pouco dela e olha para ela de maneira significativa.

"O que você fez hoje," ele fala, "foi um ato de honra. Um ato de coragem. Uma atitude que mesmo os homens têm medo de tomar. Você não deve se envergonhar - você deve se orgulhar. Você salvou a vida do seu irmão. Você salvou *todas* as nossas vidas. Podemos morrer. Mas agora, graças a você, morreremos vingados, como pessoas honradas."

Ela olha para ele e enxuga suas lágrimas, e ele pode ver que a tinha consolado; mas seu rosto ainda parece muito preocupado.

"Eu não sei por que vim até você primeiro," ela fala. "Eu acho que pensei... pensei que você entenderia. Você acima de todos eles."

Ele segura as mãos dela.

"E eu realmente compreendo," ele fala. "Mais do que eu seria capaz de lhe dizer."

"Eu preciso contar para eles agora," ela diz. "Preciso contar para os anciãos."

Darius segura na mão dela e olha para ela de maneira significativa.

"Eu juro pelo sol e pelas estrelas, pela lua e pela terra abaixo dela. Nenhum mal vai acontecer a você enquanto eu estiver vivo."

Ela olha nos olhos dele e pode sentir o amor de Darius por ela, um amor de muitas vidas. Ela o abraça, aproximando-se dele e sussurrando em seu ouvido as palavras exatas que ele espera ouvir.

"Eu amo você."

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Thorgrin caminha lentamente e com cautela ao lado de seus companheiros da Legião pela terra dos mortos, piscando e se perguntando o que havia acontecido. Ele havia perdido completamente a noção do tempo, como se já estivesse ali há semanas - talvez por um ciclo inteiro da lua, caminhando por um estranho vórtice espaço-tempo enquanto atravessa os infindáveis túneis da terra dos mortos. Ele sabe que não é possível estar andando há tantos dias, mas ao mesmo tempo ele se sente cansado e suas pálpebras estão pesadas. Quanto tempo teria realmente passado?

Ele pisca várias vezes, tentando enxergar através do vapor avermelhado que entra e sai da imensa caverna, e vê que seus amigos estão igualmente desorientados. É como se eles tivessem acabado de sair do nevoeiro, e finalmente chegaram ao momento presente. Thor se recorda das palavras do guarda do rio:

alguns passos podem durar muitas luas.

"O que está acontecendo conosco?" Elden faz a pergunta que todos estão pensando.

"Estamos mesmo andando há tanto tempo?" O'Connor pergunta.

"E ao mesmo tempo tenho a impressão que acabamos de entrar nesse túnel," comenta Reece.

Thor olha ao seu redor, observando a área e pensando a mesma coisa. Ele está inquieto, e aperta a mão em torno do punho de sua arma ao sentir uma brisa fria assoprar a sua pele. Barulhos estranhos preenchem a caverna gigantesca, ecoando pelas paredes daquele lugar completamente escuro. A única fonte de luz iluminando o caminho deles vem de algumas fogueiras esporádicas que surgem do solo a cada seis metros, acesas nas laterais da caverna. Há também algumas erupções de lava ocasionais, algumas bastante intensas e outras apenas borbulhando. Aquela lugar é mais obscuro e melancólico do que qualquer outro que Thor já tinha visto. Thor tem a sensação de que havia entrado em outra dimensão, em um lugar onde nenhum humano jamais deveria colocar os pés. Ele começa a se questionar se teria cometido o pior erro de sua vida.

"Guwayne!" Thor grita.

Sua voz ecoa pelas paredes da caverna, voltando para ele como se estivesse zombando dele. Ele procura em toda parte, parando e escutando para ver se encontra algum sinal de seu filho. O choro de um bebê. Qualquer coisa.

Mas ele não ouve nada exceto o silêncio cruel. Então, depois de uma longa pausa, os sons recomeçam - chiados, guinchos, o bater de asas e uma variedade de sons de criaturas escondidas na escuridão. Eles também ouvem um sibilar distante, gemidos e o barulho de correntes sendo arrastadas. Gemidos compridos e gritos cortam o ar - o som das almas em perpétuo sofrimento.

"Que lugar é esse?" Indra pergunta com a voz abatida.

"O inferno," responde Matus.

"Ou um dos Doze Infernos," completa Elden.

Thor anda com cuidado, evitando as pequenas piscinas de lava, e sua sensação de apreensão se

aprofunda ao ouvir o rugido distante de algum tipo de criatura.

"Se estão todos mortos, que barulho é esse?" pergunta Matus. "Quais são as regras desse lugar?"

Thorgrin dá um passo à frente com a mão no punho de sua espada, e balança a cabeça.

"Não existem regras aqui," diz Reece. "Deixamos todas as regras lá em cima."

"As únicas regras aqui são as que você encontra na ponta da sua espada," Thor fala, empunhando a sua espada com um barulho distinto. Os outros o acompanham, sacando suas armas e ficando

preparados. Reece segura uma maça, Matus um mangual, Elden uma espada, O'Connor seu arco,

Conven segura sua espada e Indra seu estilingue.

"Eu não acho que essas armas serão de muita ajuda," Reece comenta. "Afim de contas, essas criaturas já estão mortas."

"Mas *nós* não estamos," Indra responde. "Pelo menos ainda não."

Eles continuam andando em direção ao barulho, eles entram cada vez mais fundo na caverna e chegam cada vez mais perto dos sons à medida que se sentem envolvidos por aquele outro mundo.

"GUWAYNE!" Thor grita mais uma vez.

Mais uma vez a voz dele ecoa, e desta vez é acompanhada por uma risada zombeteira vinda de

algum lugar adiante e que também ecoa pelas paredes da caverna. Eles ouvem um gotejamento e, ao

olhar para cima, Thor vê pequenas gotas de lava pingando do teto - gotas esporádicas que caem como chuva.

"AI!" O'Connor grita, dando um pulo.

Thor vê seu amigo saltar para fora do caminho e apagar o fogo da manga de sua camisa com as

mãos. Eles caminham mais próximos uns dos outros pelo centro do túnel, onde há menos gotas de lava.

"Eles disseram que ninguém sai daqui," Matus fala. "Talvez seja por que morreremos mais cedo do que pensamos."

"Aqui não," Reece diz. "Por mais loucura que possa parecer, eu não quero morrer na terra dos mortos. Quero morrer lá em cima."

Conven se adianta, parecendo relaxado - como se estivesse confortável ali.

"Pode ser que isso nos economize a viagem," ele comenta.

Eles caminham sem parar, acompanhados pela névoa vermelha que continua indo e vindo e Thor

procura na escuridão - alguns lugares da caverna mais iluminados que os outros por chamas mais fortes.

Ele procura Guwayne por toda parte.

Mas onde quer que ele olhe, não há qualquer sinal de seu filho.

Thor ouve um barulho de correntes repentino, e fica surpreso com o que vê. A princípio, ele não consegue acreditar em seus olhos. Mas então, a névoa se dissipa e a imagem entra em foco. Ele não está vendo uma miragem.

Ali, apenas a alguns metros dele, está Gareth - o irmão de Reece, que aparece do meio da escuridão.

Preso à parede com uma corrente de ferro em torno de seu pescoço, ele os encara com o rosto emaciado.

Seus braços e pernas estão amarrados por algemas de prata, e ele tem uma adaga enfiada em seu peito.

Ele sorri para eles, e sangue escorre de sua boca quando ele faz isso.

"Gareth," Reece diz, dando um passo adiante e segurando sua espada diante dele.

"Meu irmão," Gareth fala para ele.

"Você não é um irmão para mim," Reece responde.

"Você reconhece este punhal em meu peito?" pergunta Gareth. "É o punhal que usei para matar o nosso pai. Ele agora está enfiado em mim. Por toda a eternidade. Você poderia tirá-lo de mim?"

Reece recua horrorizado, encarando o irmão com uma expressão de pavor nos olhos.

Lentamente, Reece se afasta. Ele se vira e Thor pode ver o medo em seu rosto, e então eles continuam caminhando pelo túnel.

Os outros o acompanham, deixando Gareth para trás, amarrado à parede e condenado a viver no inferno por toda a eternidade.

"Por favor!" Gareth implora atrás deles, parecendo desesperado. "Por favor, liberte-me! Por favor, volte! Eu sinto muito! Você está me ouvindo, irmão? Eu sinto muito por ter matado o nosso pai!"

Eles continuam caminhando, e Thor pode ver o olhar abatido no rosto de Reece. Ele parece abalado.

"Eu nunca pensei que fosse ver meu irmão novamente," diz Reece suavemente quando eles voltam a caminhar.

Thor olha ao seu redor e começa a respeitar um pouco mais aquele lugar, se perguntando o que eles encontrariam a seguir.

Eles passam diante de cavernas menores escondidas nas paredes, parecidas com o lugar de onde Gareth havia surgido, e ao fazerem isso, ficam preparados, perguntando-se quem mais eles poderiam encontrar.

Eles ouvem mais barulhos de correntes - mais violentos do que antes, e do meio da escuridão de uma das cavernas menores surge uma figura que salta na direção deles. Eles recuam e se preparam, e Thor ergue sua espada - pronto para atacar.

Mas o homem é impedido de alcançá-los por suas correntes. Ele rosna, esticando o braço para agarrá-los.

"Aproximem-se" ele grita, "e eu lhes apresentarei ao inferno!"

Thor olha para o homem - terrivelmente desfigurado, sem um dos olhos, com o rosto queimado e o corpo coberto de feridas infectadas, e percebe horrorizado de quem se trata: McCloud.

"Foi você que atacou Gwendolyn," Thor gala, e as lembranças voltam para ele como se tudo tivesse acontecido ontem. "Eu sempre desejei estar lá para poder matá-lo, e agora terei essa chance."

Thor franze a testa e dá um passo à frente, enfiando a espada no coração de McCloud.

Mas McCloud fica parado ali, sorrindo para eles com sangue escorrendo de sua boca, completamente inabalado.

Thor olha para baixo e vê que já existem diversas outras espadas perfurando o corpo de McCloud.

"Mate-me," pede McCloud. "Você me faria um grande favor e acabaria com esse inferno que estou vivendo."

Thor olha para ele e percebe naquele instante que existe justiça no mundo afinal. McCloud havia magoado inúmeros outros, e agora também está sofrendo e vivendo em seu próprio inferno. E sofreria para sempre.

"Não," Thor responde, guardando sua espada. "Não vou lhe poupar do inferno."

Eles continuam andando, e os insultos de McCloud os acompanham enquanto eles se afastam. Thor

está ainda mais inquieto, e olha para a escuridão à medida que, uma por uma, criaturas acorrentadas surgem das cavernas em ambos os lados do túnel.

Thor passa diante de homens que ele reconhece - homens que ele havia matado em campos de batalha - a maior parte inimigos estrangeiros. Todos parecem querer agarrá-lo e atacá-lo, mas suas algemas os impedem de alcançá-lo.

De repente, Matus começa a recuar; Thor então o falecido pai e os irmãos de Matus surgirem, esticando os braços para agarrá-lo.

"Você nos decepcionou, Matus," o pai dele diz. "Você nos traiu, e ficou do lado do Anel. Deu as costas para sua família."

Matus balança a cabeça e os encara.

"Vocês nunca foram a minha família," ele responde. "Em sangue apenas. Mas nunca em honra."

Reece se adianta, aproximando-se do pai de Matus, que o encara com raiva. Ele ainda carrega a ferida da espada de Reece que o havia matado.

"Você me matou," ele fala para Reece.

"E por sua causa, a mulher com quem eu me casaria está morta," Reece responde. "Você matou Selese."

"E a mataria de novo," ele fala, "eu mataria *todos vocês!*"

Ele salta na direção de Reece, mas é impedido de alcançá-lo pelas correntes.

Reece fica parado e simplesmente o encara.

"Eu o mataria todos os dias se pudesse," Reece fala, voltando a sentir toda a agonia da perda de Selese. "Você tirou de mim a pessoa que eu mais amava."

"Por que você não fica aqui embaixo conosco," o irmão de Matus fala para Reece, "e então poderá fazer isso."

Thor se vira e leva Reece embora, empurrando-o pelo caminho.

"Vamos," ele fala para Reece. "Não vale a pena perder tempo com eles."

Eles continuam andando, e passam por uma variedade de fantasmas. À medida que eles continuam explorando aquele lugar condenado, Thor vê todos os homens que ele havia matado em batalhas passadas - rostos que ele não vê há anos.

Thor de repente sente um frio na espinha e sabe - simplesmente sabe - que um ser maligno está esperando por ele em alguma caverna adiante, escondida por uma nuvem de vapor.

Lentamente, a figura surge no meio do vapor e Thor fica completamente chocado.

"E onde você pensa que está indo, meu filho?" diz a voz profunda e sombria.

O cabelo de Thorgrin se arrepia assim que ele reconhece aquela voz, uma voz que já lhe tinha causado muito sofrimento - e sido a causa de infinitos pesadelos. Thor se prepara.

Não é possível.

Thor fica horrorizado ao ver, surgindo da escuridão e preso por seis algemas, seu verdadeiro pai.

Andronicus.

Andronicus é impedido de avançar por suas correntes e Thor se aproxima lentamente e para diante dele, encarando-o sem medo. O corpo inteiro de Andronicus está coberto de feridas, da mesma forma que Thor o tinha visto da última vez no campo de batalha.

Andronicus sorri com crueldade, aparentemente invencível.

"Você me odiava em vida. Vai continuar me odiando agora que estou morto, também?" Andronicus pergunta.

"Eu sempre irei odiá-lo," responde Thor, tremendo por dentro.

Andronicus sorri.

"Isso é bom. O seu ódio me mantém vivo, e nos manterá ligados para sempre."

Thor pensa naquelas palavras, e percebe que seu pai tem razão. O ódio que ele sente por

Andronicus faz com que ele pense em seu pai todos os dias, mantendo-os conectados de uma maneira estranha. Ele percebe naquele momento que realmente gostaria de se livrar dele. E para fazer isso, ele terá que abandonar o seu ódio.

"Você não significa nada para mim agora," Thorgrin diz. "Você não é meu pai. Você nunca foi um pai pra mim. Você não é um inimigo. Você é só mais um corpo na terra dos mortos."

"E, no entanto, aqui estou eu," diz Andronicus, "presente em seus sonhos. Você me matou. Mas na verdade não fez nada. Para se livrar de mim, terá que conquistar a si mesmo. E você não é forte o

bastante para fazer isso."

Thor sente uma nova onda de raiva.

"Eu sou mais forte do que você, pai," Thor fala. "Estou vivo e no mundo superior, enquanto você está morto e preso aqui embaixo."

"E você, que ainda sonha comigo, por acaso está realmente vivo?" Andronicus pergunta sorrindo.

"Qual de nós dois está preso afinal?"

Andronicus joga a cabeça para trás e ri cada vez mais alto, e sua risada ecoa pelas paredes da caverna.

Thor o encara com ódio no olhar; ele gostaria de matá-lo e mandá-lo para o inferno. Mas ele já está no inferno. Thor percebe que é ele mesmo que precisa se libertar.

Thorgrin sente uma mão em seu ombro agora, e vê Reece retribuindo o favor, levando-o para longe.

"Ele não vale a pena," Reece fala. "É apenas mais um fantasma."

Thor se deixa levar e eles se afastam, enquanto a risada de Andronicus ainda ecoa nos ouvidos de

Thor e eles continuam avançando pelas intermináveis cavernas repletas de horrores.

*

Eles marcham sem parar - tendo a sensação de caminharem por luas, abrindo caminho pelos

intermináveis túneis e tendo que escolher entre duas direções mais de uma vez, perdendo a noção de

direção naquele labirinto subterrâneo. Thor sente que eles haviam atravessado um deserto de escuridão e tem a sensação de que eles estão caminhando há muito tempo.

Finalmente, eles chegam ao que parece ser o fim da caverna. Thor para, sentindo-se confuso, e seus

amigos param ao seu lado; então eles ficam olhando para uma parede de rocha sólida. Aquele seria um

beco sem saída?

"Olhe!" O'Connor diz. "Ali embaixo."

Thor olha para baixo e vê, no chão no final da caverna, um grande buraco no chão com um túnel em

declive que leva à escuridão.

Thor se aproxima do precipício junto com os outros e olha para baixo; o túnel parece desaparecer

em direção ao centro da terra. Uma brisa quente com cheiro de enxofre surge de dentro dele. Thor ouve

um gemido vindo de dentro do túnel.

Ele olha para os seus companheiros, que olham para ele com expressões apreensivas. Ele pode ver que nenhum deles quer entrar no túnel e escorregar rumo a mais completa escuridão. Thor também não tem certeza se quer fazer aquilo. Mas ao mesmo tempo, que escolha eles têm? Eles teriam feito alguma curva errada pelo caminho?

Enquanto eles ficam ali debatendo suas opções, há um grito horrível atrás dele - um grito que arrepia os cabelos da nuca de Thor. É como o rugido de um leão.

Thor olha para trás e fica aterrorizado ao ver - parada e olhando para eles, a criatura mais grotesca que ele já tinha visto em sua vida. O monstro é maior que eles, com três vezes o tamanho de Thor e duas vezes a sua largura. Ele parece um gigante, mas sua pele é vermelha brilhante e escamosa, e em vez de dedos ele tem três longas garras. A criatura tem cascos e uma cabeça fina e comprida, com três olhos no topo e um rosto quase que completamente tomado por sua boca. A boca dele é enorme, com dentes amarelos de trinta centímetros e o corpo inteiro é coberto por escamas e músculos que servem como uma armadura.

"Parece algo que acaba de escapar do inferno," O'Connor diz.

"Ou algo que quer nos mandar para lá," comenta Indra.

A criatura joga a cabeça para trás e rugem; e então dá um passo adiante e os golpeia.

Thorgrin salta para fora do caminho bem a tempo e a besta erra o golpe por alguns centímetros.

Mas O'Connor não tem tanta sorte. Ele grita quando as garras compridas da criatura o acertam e deixam três grandes marcas em seu bíceps - empurrando-o pelo ar e fazendo com que ele caia no chão de pedra. O'Connor, para seu próprio crédito, rola ao cair no chão e, apesar da dor, pega o seu arco e dispara uma flecha.

A criatura é muito rápida; ela simplesmente ergue uma das garras e pega a flecha no meio do ar. Ela ergue a flecha e a examina, colocando-a na boca e engolindo-a como se ela fosse apenas um lanche. Ela joga a cabeça para trás e volta a rugir.

Thor parte para a ação. Ele ataca, erguendo sua espada com ambas as mãos, e dá um golpe em um dos cascos do monstro. Ele golpeia com toda sua força e perfura a armadura e a pele do monstro até atingir o chão de pedra, prendendo-a no chão.

A criatura grita. Thorgrin, exposto, sabe que vai pagar o preço por aquele ataque - e é isso que acontece. O monstro dá um golpe com seu outro braço e acerta as costelas de Thor. Thor sente que suas costelas estão se partindo ao ser arremessado pelo ar e bater na parede de pedras do outro lado da caverna.

O monstro tenta sair correndo atrás dele, mas ainda está preso ao chão; ele estica o braço e pega a espada de Thor, arrancando-a do chão e soltando o seu pé.

Ele parte para cima de Thor; Thor rola no chão - ainda com os olhos embaçados por causa da colisão - e olha para cima se preparando para o ataque. Ele não consegue reagir a tempo.

Seus companheiros partem para a ação. Matus corre, girando seu mangual com força, e acerta a coxa da criatura.

A criatura se vira enraivecida, e Reece a ataca pelo outro lado, acertando-a e fazendo-a cair de joelhos. O'Connor acerta uma flecha e Indra dá vários tiros com seu estilingue, acertando o olho da criatura com uma pedra enquanto Elden se aproxima com seu machado e acerta o ombro do monstro.

Conven salta sobre a cabeça da criatura e ergue sua espada, golpeando a cabeça dela.

A criatura grita, dominada pelos ataques coordenados. Ela ruga e, com um movimento rápido, se levanta e abre os braços, jogando Conven para longe. Ela se debate e chuta os outros, empurrando-os contra as paredes de pedra da caverna.

À medida que a visão de Thor volta ao normal, ele olha para o monstro e percebe que aquela criatura é indestrutível. Nada que eles possam fazer será capaz de matá-la. Enfrentá-la será a morte de todos eles.

Thor percebe que precisa assumir o controle e tomar uma decisão se quiser salvar a vida de seus companheiros.

"Para o túnel!" ordena Thor.

Eles seguem o seu comando, e ao olharem para cima percebem sobre o que ele está falando - o túnel é a única esperança deles. Eles partem para a ação, pegando suas armas e correndo enquanto a criatura corre atrás deles, seguindo Thor que corre em direção ao túnel.

Thor para diante da entrada.

"Vá!" ele ordena, esperando que os outros escapem primeiro.

Thor fica ali parado, segurando sua espada e bloqueando o caminho do monstro para que todos possam passar. Um de cada vez, Indra, Elden, O'Connor e Reece entram no túnel - saltando com os pés na frente e desaparecendo na escuridão.

Matus para ao lado de Thor.

"Eu seguro ele para você," Matus diz. "Vá você na frente!"

"Não!" Thor diz.

Mas Matus recusa-se a ouvi-lo. A criatura corre pelo túnel na direção de Thor, e Matus dá um passo adiante e golpeia, cortando duas das garras da criatura assim que ela parte para cima de Thor. Thor ataca no mesmo instante, desviando e cortando a outra garra do monstro.

O monstro grita e Thor e Matus ficam ali parados e observam horrorizados quando as garras do monstro imediatamente se regeneram. Thor percebe que derrotá-la seria inútil.

Thorgrin sabe que o túnel é a única saída.

"VÁ!" Thor grita.

Matus se vira e mergulha, e Thor segue, saltando de cabeça e se preparando para escorregar pelo túnel.

Mas assim que ele faz isso, Thor de repente para. Ele sente as garras da criatura segurando a parte de trás de suas pernas; ele grita de dor quando a criatura corta a sua pele. Ele começa a ser puxado para cima.

Thor se vira e vê a criatura puxando-o na direção de sua boca aberta. Ele sabe que dentro de instantes vai morrer de forma terrível.

Thor junta suas últimas reservas de energia, e consegue se virar apenas o suficiente para dar um último golpe e cortar o pulso do monstro.

Ele grita ao despencar de cabeça pelo túnel. Ele começa a cair, girando cada vez mais rápido em direção ao fundo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Volúsia está sentada em seu trono dourado na periferia da arena, cercada por dezenas de seus conselheiros e assessores, assistindo com prazer enquanto um Razif enraivecido corre pela arena com seus chifres abaixados e ataca um escravo pelas costas. A multidão aplaude, batendo os pés no chão quando o Razif ergue o escravo triunfalmente, desfilando vitorioso enquanto sangue escorre pelos seus chifres. O Razif gira várias vezes e então arremessa o corpo, que atravessa o ar e cai no chão, rolando na terra.

Volúsia sente uma excitação familiar; poucas coisas são capazes de deixá-la mais satisfeita do que ver homens morrendo lenta e dolorosamente. Ela se inclina pra frente segurando as laterais do trono e admirando a fera e sua sede de sangue. Ela quer mais.

"Mais escravos!" ela ordena.

Um alarme soa e mais jaulas de ferro se abrem na arena. Uma dezena de escravos são empurrados para dentro da arena e os portões se fecham atrás deles, trancando-os ali dentro.

A multidão aplaude e os escravos, com os olhos arregalados de pânico, correm em todas as direções tentando se afastar da fera enlouquecida.

Mas o Razif está determinado e é rápido para o seu tamanho. Ele persegue cada um dos escravos sem piedade, perfurando-os pelas costas, pisando em suas cabeças, mutilando-os com suas garras e, ocasionalmente, enfiando suas longas presas em seus corpos. Enraivecido, o Razif não para até matar todos os escravos.

A multidão vai à loucura, aplaudindo sem parar.

Volúsia fica extasiada.

"Mais!" ela pede. Os portões se abrem sob os aplausos da multidão, e mais escravos são levados até a

arena.

"Minha senhora?" diz uma voz.

Volúcia olha para Soku, o comandante de seu exército, que está parado ao lado dela olhando para baixo em sinal de respeito com um olhar preocupado no rosto. Ela se irrita pela interrupção durante a apresentação. Ele sabe que não deve interrompê-la durante o show da tarde, e ela sabe que deve ser por um bom motivo. Ninguém fala com ela sem autorização, pois a pena é a morte.

Ela olha ameaçadoramente para ele, e ele inclina ainda mais a cabeça.

"Minha Imperatriz, perdoe-me," ele fala, "mas é um assunto de extrema urgência."

Ela observa a careca dele, inclinada diante dela, e debate se deve matá-lo ou ouvir o que ele tem a dizer. Finalmente, por curiosidade, ela decide ouvi-lo.

"Diga," ela ordena.

"Um dos nossos homens foi assassinado por um escravo. Um capataz, em uma pequena aldeia ao norte daqui. Parece que um escravo decidiu se rebelar. Aguardo o seu comando."

"E por que você me incomoda com isso?" ela pergunta. "Há centenas de aldeias escravas ao redor de Volúcia. Faça o que sempre fazemos. Encontre esse escravo e torture-o lentamente. E traga-me a cabeça dele como presente de aniversário."

"Sim, minha imperatriz," ele responde e, fazendo uma saudação, ele se retira.

Volúcia volta a olhar para a arena, e fica particularmente satisfeita ao ver um escravo atacar - estúpido o suficiente para tentar enfrentar o Razif. Ela assiste quando o Razif salta no ar para encontrá-lo, perfurando seu estômago e erguendo o escravo acima de sua cabeça, e então o joga no chão com toda força. A multidão vai à loucura.

"Minha imperatriz," diz outra voz.

Volúcia se vira, furiosa por ter sido interrompida novamente, e desta vez vê um grupo de Finianos - liderado pelo seu líder Sardus, vestindo mantos escarlates e com os cabelos vermelhos e rostos pálidos de sua raça. Eles são parte humanos, parte alguma outra raça - ninguém sabe ao certo. A pele deles é muito pálida, seus olhos têm um tom rosa claro e eles mantêm as mãos escondidas em seus mantos,

como se estivessem sempre escondendo algo. O cabelo vermelho-fogo dos Finianos é conhecido na capital, e eles são os únicos membros da raça humana que têm permissão para viver livremente e não como escravos - detendo certo poder na capital. Aquele acordo tinha sido feito há muitos séculos, e tinha sido mantido pela mãe de Volúcia e por sua avó. Os Finianos são ricos e traiçoeiros demais para serem contrariados. Eles são mestres do poder e de segredos, traficantes de todos os tipos de bens e donos de navios, podendo afetar a cidade quando quiserem. Eles negociam segredos e traições, e sempre haviam conseguido ganhar vantagem sobre os governantes de Volúcia. Volúcia depende deles, e não pode governar sem os Finianos. Eles são muito astutos, e não merecem sua confiança.

Vê-los ali a deixa inquieta. Volúcia gostaria de acabar com toda a raça Finiana se pudesse.

"E por que eu devo dar minha atenção para um humano?" Volúcia pergunta impaciente.

Sardus sorri - um sorriso grotesco, repleto de astúcia.

"Minha imperatriz, se bem lembro, você também é humana."

Volúcia enrubesce.

"Eu sou a governante da raça humana," ela responde.

"Mas continua sendo humana. Humana em uma cidade onde é um crime fazer parte da raça humana."

"Esse é o paradoxo de Volúcia," ela responde. "A cidade sempre teve um governante humano.

Minha mãe era humana, e a mãe dela também era. Mas isso não faz de mim uma humana. Eu sou a escolhida, uma humana metade deusa. Sou uma divindade agora - e se referir a mim de outra forma resultará na sua morte."

Sardus faz uma saudação.

"Perdoe-me, minha imperatriz."

Ela o examina com ódio.

"E diga-me Sardus," ela fala, "por que eu não deveria jogá-lo para o Razif agora, e eliminar toda a sua raça de uma vez por todas?"

"Por que então metade do poder que você tanto ama desapareceria," ele responde. "Se os Finianos

sumirem, Volússia perecerá. Você sabe disso - e sua mãe também sabia."

Ela olha para ele com uma expressão fria.

"Minha mãe sabia de muitas coisas que simplesmente estavam erradas." Ela suspira. "Por que você está me incomodando hoje?"

Sardus sorri assustadoramente, dando um passo à frente fora do alcance dos outros, e sussurra nos ouvidos dela enquanto a multidão da arena volta a aplaudir.

"Você matou o Grande Romulus," ele diz. "O Líder Supremo do Império. Você acha que não haverá consequências?"

Ela olha para ele irritada.

"Eu sou a líder suprema do império agora," ela responde, "e crio minhas próprias regras."

Ele faz uma meia saudação.

"Pode ser que sim," ele fala, "mas mesmo assim, nossos muitos espões nos dizem que a capital do sul, neste exato momento, prepara um exército para nos atacar. Um exército mais vasto do que qualquer coisa que já vimos. Há boatos de que o exército de um milhão de homens de Romulus - estacionado no Anel, também está sendo chamado. Eles nos atacarão. E chegarão antes da temporada das chuvas."

"Nenhum exército pode tomar Volússia de nós," ela responde.

"A capital Volúsiana nunca foi atacada," ele retruca. "Nunca com tamanha força."

"Temos navios que superam até mesmo as maiores frotas," ela insiste.

"Bons navios, minha senhora," ele diz. "Mas eles não atacarão pelo mar. Você tem apenas cem mil homens contra dois milhões de soldados da capital do sul. Poderíamos conter as forças inimigas por talvez meia lua antes de sermos saqueados - e mortos sem piedade alguma."

"E por que você se preocupa com estas questões de estado?" ela pergunta.

Ele sorri.

"Nossas fontes na capital estão dispostas a negociar com você," ele fala.

Finalmente, ela percebe, os interesses dele estavam sendo revelados.

"E quais são seus termos?" ela pergunta.

"Eles não atacarão Volússia se você, em troca, aceitar a liderança do sul, aceitando o governo do sul como

Líder Supremo do Império. É um acordo justo, minha imperatriz. Permita-nos negociar em seu nome. Para nossa própria segurança. Permita-nos tirá-la desta situação difícil."

"Situação difícil?" ela exclama. "Que situação difícil é essa?"

Ele olha para ela surpreso.

"Minha imperatriz, você começou uma guerra que não poderá vencer," ele explica. "Estou lhe oferecendo uma saída."

Ela balança a cabeça.

"O que você não compreende," ela fala, "o que todos vocês ainda não compreenderam, é que estou exatamente onde quero estar."

Volúcia ouve aplausos e vira de costas para ele, voltando a olhar para a arena, e vê o Razif matar outro escravo, perfurando-o no peito. Ela sorri satisfeita.

"Minha senhora," o Finiano continua desesperado, "perdoe-me por me atrever, mas tenho ouvido rumores terríveis. Ouvi dizer que você pretende ir até o Príncipe Desequilibrado. Dizem que você

espera fazer uma aliança com ele. Certamente você sabe que esta é uma tentativa inútil. O Príncipe

Desequilibrado não tem esse nome à toa, ele se recusa a emprestar seus homens a quem quer que seja. Se visitá-lo, você será humilhada, e provavelmente será morta. Não dê ouvidos aos seus conselheiros. Nós, os Finianos, vivemos há milhares de anos por que conhecemos as pessoas. Por que negociamos com elas.

Aceite nossa proposta. Faça a coisa certa, como sua mãe teria feito."

"Minha mãe?" ela pergunta, dando uma risada curta e ridícula. "E onde está ela agora? Morta pelas minhas próprias mãos. Ela não foi morta por falta de cautela - mas por excesso de confiança."

Volúcia olha para Sardus de maneira significativa, sabendo que também não deve confiar nele.

"Minha imperatriz," ele fala desesperado, "eu lhe imploro. Permita-me falar francamente: você não é, como pensa, uma divindade. Você é uma humana. Você é frágil e vulnerável como todos os outros humanos. Não comece uma guerra que não poderá vencer."

Volúcia encara Sardus friamente, horrorizada que todos os outros tenham testemunhado aquela conversa - todos os seus comandantes e seus conselheiros, que assistem para ver como ela vai reagir.

"Frágil?" ela repete, ardendo de raiva.

Ela está tão lívida que precisa tomar uma atitude drástica e provar para todos aqueles homens que

ela pode ser qualquer coisa, menos frágil. Ela precisa provar o que ela sabe ser verdade: ela é uma deusa.

Volússia de repente vira de costas para eles e olha para a arena.

"Abram os portões," ela ordena para um de seus assessores.

Ele a encara com olhos arregalados de espanto.

"Minha imperatriz?" ele pergunta.

"Eu não vou pedir novamente," ela diz com frieza.

Seu assessor corre para abrir os portões, e os gritos da multidão ficam mais altos ao mesmo tempo em que o calor e o fedor da arena se intensificam.

Volússia dá um passo adiante, pisa na plataforma no topo das escadas de acesso à arena e abre os braços, encarando o seu povo.

Todos se silenciam imediatamente - chocados ao vê-la ali, e caem de joelhos, fazendo uma saudação.

Volússia dá um passo à frente e desce o primeiro degrau. Um passo de cada vez, ela vai até a arena, descendo os intermináveis degraus da longa escada.

Enquanto isso, a multidão fica cada vez mais quieta, até que um silêncio absoluto recai sobre a arena. O único som vem do Razif, que corre pela arena respirando com dificuldade, à procura de sua próxima vítima.

Finalmente, Volússia chega ao último degrau e para diante do portão final da arena.

Ela se vira para o guarda.

"Abra-o," ela ordena.

Ele a encara em estado de choque.

"Minha imperatriz?" ele pergunta. "Se eu abrir esses portões, o Razif a matará. Você será pisoteada."

Ela sorri.

"Não vou repetir minha ordem."

Soldados se aproximam e abrem os portões, e a multidão suspira quando Volússia avança e os portões se fecham atrás dela.

Todos se levantam em choque enquanto Volússia caminha lentamente - um passo de cada vez - até o centro da arena empoeirada. Ela vai até o centro, na direção do Razif.

A multidão grita de espanto e medo.

O Razif de repente a vê, e nesse instante joga a cabeça para trás e rugue. Ele então começa a correr na direção dela a toda velocidade com os chifres pra frente.

Volússia permanece no centro da arena, abre os braços e solta um grito enraivecido enquanto o Razif corre em sua direção. Ela não corre e continua encarando a fera - determinada, sem mover um músculo à medida que ele se aproxima e o solo treme sob seus pés.

Enquanto a multidão grita desesperada - certos de que ela vai ser mutilada, Volússia continua parada, ativa e arrogante, e encara o Razif. Internamente, ela sabe que é uma deusa; ela sabe que nada nesse mundo é capaz de tocá-la. E se ela não é uma deusa, se ela puder ser morta por um mero animal mortal, então ela simplesmente não quer viver.

O Razif corre na direção dela e, de repente, no último instante, ele para a alguns metros dela. Ele simplesmente para, como se estivesse com medo dela.

Ele fica ali, sem se aproximar, e a encara. Lentamente, ele se ajoelha, e então coloca a barriga no chão.

Então a multidão suspira quando o Razif abaixa a cabeça e faz uma saudação para Volússia, encostando a cabeça no chão.

Volússia continua parada com os braços para os lados, dominando o animal sem medo e absorvendo todo o seu poder sobre o universo. Ela sabe que é uma deusa. E ela não teme coisa alguma.

Uma por uma, as pessoas da arena caem de joelhos e fazem saudações, dezenas de milhares de pessoas - toda a raça do império demonstra respeito pelo poder de Volússia. Ela pode sentir sua energia e absorve com prazer toda aquela energia, e sabe que ela é a mulher mais poderosa da terra.

"VOLÚSSIA!" eles gritam.

VOLÚSSIA! VOLÚSSIA!"

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Gwendolyn fica parada na entrada da caverna e observa o pôr do sol, preparando-se. À sua volta, seus homens estão juntando os poucos pertences que possuem e se preparando para deixar aquele lugar, para começarem a longa jornada através do Grande Deserto em busca do Segundo Anel.

É hora, Gwen percebe, de procurar um novo lar, um lar permanente. Seu provó precisa disso, e também merece um novo lar. Eles podem até morrer durante a viagem, mas ao menos morreriam em pé, buscando algo melhor - e não escondidos em uma caverna, acovardados à espera da morte. Um ciclo inteiro da lua havia se passado até que ela percebesse isso e se livrasse da depressão pela perda de Guwayne e Thor. A tristeza ainda está com ela, mas agora Gwen é capaz de conviver com ela e impedir que o sentimento a impeça de tomar as decisões necessárias. Afinal de contas, entregar-se à depressão não mudará sua situação e apenas deixará as coisas ainda piores.

Obviamente, Gwen sente uma profunda sensação de tristeza e perda em aceitar o fato de que Thorgrin e Guwayne podem nunca mais voltar. Ela sente que não há mais motivos para continuar vivendo. Mas ela pensa em seu pai e em seu avô - uma longa linhagem de reis que haviam sobrevivido a grandes calamidades e que tinham confiado nela, e decide seguir esse exemplo. Ela se força a ser forte e a se concentrar na tarefa diante dela. Ela tem um povo a liderar e precisa levá-los para um lugar seguro

"Minha senhora?" diz uma voz com urgência.

Gwendolyn se vira e fica surpresa ao ver um dos aldeões parado na entrada da caverna, respirando com dificuldade e olhando para ela com seriedade.

"Por que você veio até aqui durante o dia?" Gwendolyn pergunta alarmada.

"Temos um assunto da máxima urgência," ele responde rapidamente. "Precisamos de você em nossa aldeia, imediatamente. Precisamos de todos vocês."

Kendrick e Godfrey se aproximam, parecendo tão confusos quanto Gwen.

"Por que vocês precisam de nós em sua reunião?" ela pergunta. "Especialmente durante o dia?"

O mensageiro, ainda recuperando o fôlego, balança a cabeça.

"É um assunto que diz respeito a todos nós, minha senhora. Antes de partirem, por favor,

compareçam."

Ele se vira e vai embora, e Gwen observa ele se afastar em absoluto estado de confusão.

"O que eles podem querer conosco?" ela pergunta. "Eles imploraram para que não fôssemos até eles antes do anoitecer."

"Talvez eles não queiram nos deixar partir," Godfrey fala.

Gwen olha para a aldeia, observando o mensageiro correr de volta para a aldeia, e balança lentamente a cabeça.

"Não," ela diz, "sinto que é algo bem pior."

*

Godfrey caminha com Gwendolyn, Kendrick e um grupo de membros do Anel ao saírem da caverna, andando com cuidado pela trilha da montanha para não serem detectados. Ao se aproximarem da aldeia, eles vêem centenas de aldeões reunidos no centro da praça e podem sentir a confusão de longe.

Todos carregam expressões perturbadas no rosto, e eles sentem que algo terrível havia acontecido.

Assim que ele entra na aldeia, Godfrey vê o garoto no meio da multidão, o irmão de Sandara, que todos chamavam de Darius; ao lado dele está uma garota que parece ser sua namorada - seu nome é Loti.

Eles estão olhando para os anciãos da aldeia, e a garota parece estar transtornada. Godfrey se pergunta o que teria acontecido.

Godfrey se aproxima de Gwen e dos outros enquanto eles ficam em pé silenciosamente perto do centro do grupo.

"Mas por que você o matou?" pergunta uma voz em pânico, em tom de condenação. Godfrey vê uma mulher - que parece ser a mãe de Loti, em pé ao lado dos anciãos e gritando com ela. "Você não aprendeu nada? Como pôde ser tão estúpida?"

"Eu não pensei nas consequências," Loti responde. "Eu apenas reagi. Meu irmão estava sendo açoitado."

"E daí?" Bokbu, o ancião da aldeia, grita com ela. "Somos *todos* açoitados, todos os dias, mas nenhum de nós é tão tolo a ponto de revidar - e muito menos a ponto de matá-los. Você nos condenou à morte.

Todos nós vamos morrer."

"Mas e o Império?" Darius grita ao lado dela, saindo em sua defesa. "Eles também não infringiram as

regras?"

O ancião, em silêncio, olha para ele.

"Eles detêm o poder," um dos anciãos diz. "Eles fazem as regras."

"E por que eles detêm o poder?" rebate Darius. "Só por que têm mais homens?"

Bokbu balança a cabeça.

"O que você fez hoje, Loti, foi estúpido. Muito, muito estúpido. Você se deixou levar pelas emoções, e não pensou nas consequências. Isso vai mudar o futuro de nossa aldeia para sempre. Logo eles virão até aqui. E não apenas com um homem - mas com cem homens, talvez mil homens. E eles virão com armaduras e armas, e matarão todos nós."

"Eu sinto muito," Loti diz em voz alta e com coragem, para que todos a ouçam, "mas ao mesmo tempo, não me arrependo. Eu faria tudo de novo pelo meu irmão."

A multidão suspira indignada, e o pai de Loti dá um passo à frente e bate no rosto dela.

"Eu me arrependo do dia em que você nasceu," ele fala para ela.

O pai de Loti se prepara para bater nela novamente. Mas desta vez, Darius se aproxima e segura a mão dele no ar.

O pai de Loti olha para Darius com uma expressão de surpresa e raiva no rosto, e Darius olha nos olhos dele.

"Não encoste a mão nela," Darius o ameaça.

"Seu filho da puta," o pai dela responde. "Você pode ser enforcado por isso. Você não pode desrespeitar os mais velhos."

"Então me enforque," retruca Darius.

O pai de Loti o encara com raiva, e então finalmente recua e Darius solta a mão dele.

Loti estica o braço e calmamente segura a mão de Darius, e Godfrey vê Darius apertar a mão dela, acalmando-a e deixando que ela saiba que ele está ao seu lado para o que der e vier.

"Tudo isso não importa agora," Bokbu fala, e o povo volta a ficar em silêncio. "O que importa agora é o que pode ser feito."

A aldeia inteira se entreolha no silêncio tenso, e Godfrey os observa surpreso pelo que tinha acabado

de acontecer. Claramente, aquilo mudaria tudo; certamente aquele seria um momento estranho para Gwen sair dali com seu povo. Mas ao mesmo tempo, ficar ali seria um suicídio.

"Entregue a garota!" grita um aldeão.

Gritos de aprovação irrompem entre alguns dos aldeões.

"Levem-na até Volúsia e entreguem-na!" continua o homem. "Talvez eles a aceitem como oferenda e nos deixem em paz!"

Mais gritos de aprovação surgem entre alguns aldeões - mas não todos. Claramente, eles estão divididos.

"Ninguém coloca as mãos nela!" Loc, o irmão de Loti, grita. "Não sem passar por mim antes!"

"Ou por mim!" Darius grita.

Os aldeões caem na gargalhada.

"E o que um garoto manco e um cabeludo pretendem fazer para nos impedir!?"

Mais aldeões começam a rir e Godfrey aperta a mão em torno de sua espada, se perguntando se uma briga está prestes a acontecer ali.

"Já chega disso!" Bokbu grita. "Vocês não vêem o que o Império fez conosco? Estamos brigando entre nós, quando deveríamos estar lutando contra eles! Realmente nos tornamos como eles."

Um silêncio recai sobre a multidão, e os aldeões olham para baixo humilhados.

"Não!" Bokbu continua. "Prepararemos nossa defesa. Morreremos de qualquer forma, mas morreremos lutando. Tomaremos nossas posições, e os atacaremos assim que eles se aproximarem."

"Com o quê?" grita outro ancião. "Com nossas espadas de madeira?"

"Nós temos lanças," Bokbu responde, "e suas pontas são afiadas."

"E eles estarão vestindo armaduras de aço," retruca o ancião. "Pra quê servirão nossas lanças então?"

"Não devemos lutar!" grita outra ancião. "Devemos esperar pela chegada deles e implorar por misericórdia. Talvez eles sejam lenientes. Afinal de contas, eles precisam do nosso trabalho."

Os aldeões começam uma discussão acalorada, e uma confusão se segue quando homens e mulheres começam a gritar uns com os outros. Godfrey fica observando aquilo e se perguntando como aquilo poderia ter acontecido tão rápido.

Enquanto ele assiste, algo acontece dentro dele - algo que ele não consegue controlar. Godfrey tem uma ideia - e durante toda a sua vida, sempre que ele tinha tido uma ideia, ele tinha sido incapaz de conter-se. Ele sempre tinha tido a necessidade de expô-la e, agora, a mesma coisa acontece. Ele não conseguiria permanecer calado, mesmo se tentasse.

Godfrey se vê dando um passo até o centro da vila, incapaz de controlar-se. Ele para no meio da multidão, sobe em cima de uma pedra e balança os braços, gritando:

"Esperem um minuto!" Sua voz, potente e profunda, soa estranhamente como a voz de seu pai, o falecido rei.

Os aldeões se silenciam, chocados ao vê-lo ali com sua barriga enorme, um homem de pele branca exigindo a atenção deles. Gwendolyn e os outros parecem ainda mais surpresos com a atitude dele. Ele claramente não é um guerreiro, mas de alguma forma, sua aparência exige atenção.

"Eu tenho outra ideia!" Godfrey grita.

Todos lentamente olham para ele e começam a prestar atenção.

"Pela minha experiência, todos os homens podem ser comprados pelo preço certo. E exércitos são feitos de homens."

Os aldeões olham para ele confusos.

"O ouro fala todas as línguas, em todas as nações," diz Godfrey. "E eu tenho muito ouro. O suficiente para comprar qualquer exército."

Bokbu dá um passo adiante em silêncio e olha para Godfrey.

"E o que você propõe exatamente? Quer que entreguemos sacolas de ouro para os soldados do Império? Você acha que isso vai convencê-los a desistir? Volúcia é uma das cidades mais ricas do Império."

Godfrey balança a cabeça.

"Eu não pretendo esperar que o exército venha até aqui," ele fala. "Não é assim que homens são comprados. Eu irei até a cidade. Eu mesmo irei e levarei ouro suficiente para comprar quem precisar ser comprado. Já conquistei homens sem precisar erguer uma lança, e posso fazer o mesmo aqui antes que

esse exército chegue até a aldeia."

Todos olham para Godfrey, sem saber o que dizer. Ele fica ali parado, tremendo e chocado por ter tido a coragem de falar daquela forma. Ele não sabe o que tinha acontecido com ele; talvez tenha sido a injustiça daquela situação, possivelmente por ter visto aquela pobre garota corajosa chorando daquela forma. Ele tinha falado sem ao menos ter pensado direito, e está se sentindo surpreso com sua reação quando sente uma mão em seu ombro.

Um aldeão se aproxima e olha para ele com admiração.

"Você é um homem branco vindo do outro lado do oceano," ele fala. "Você faz as coisas de maneira diferente. Mas você tem uma ideia. Uma ideia corajosa e ousada. Se quiser entrar na cidade com seu ouro, não iremos impedi-lo. Talvez, você possa nos salvar."

Todos os aldeões de repente começam a arrulhar suavemente, estendendo as mãos com as palmas viradas para fora na direção de Godfrey.

"Que barulho é esse?" Godfrey pergunta. "O que eles estão fazendo com as mãos?"

"Essa é a saudação do nosso povo," explica Bokbu. "É um som de admiração. Um som reservado apenas para os heróis."

Godfrey sente outra mão em seu ombro, e depois outra, e logo a reunião da aldeia termina e todos tomam o seu rumo após terem a briga interrompida pelo discurso de Godfrey. Pelo menos a tensão havia se dissipado, pensa Godfrey, e certamente os aldeões se reuniriam para discutir a estratégia de outra forma.

Enquanto ele observa os aldeões se afastarem, Godfrey é tomado por uma sensação surreal enquanto considera o que ele tinha acabado de fazer. Ele tinha mesmo se comprometido a ir sozinho até uma cidade hostil no meio do território inimigo do Império para comprar pessoas que ele sequer conhece? Aquele é um ato de coragem? Ou de pura estupidez?

Godfrey olha para cima e vê Akorth e Fulton se aproximarem, e seus amigos o ajudam a descer da pedra.

Eles balançam a cabeça sorrindo.

"E tudo isso sem uma bebida," Akorth fala. "Você está *mesmo* mudando, meu amigo."

"Imagino que queira alguns companheiros de viagem," diz Fulton, "alguém para carregar essas moedas das quais você falou. Penso que podemos acompanhá-lo. Não temos mais nada a fazer, estamos quase sem bebida, e estou farto de ficar naquela caverna."

"Sem falar nos bordéis que podemos encontrar," Fulton fala com uma piscadela. "Ouvi falar que Volúsia é um lugar suntuoso."

Godfrey os encara sem saber o que dizer e antes que ele possa responder, Merek - o ladrão das masmorras que havia se juntado à Legião - se aproxima deles.

"Aonde quer que você vá," ele fala, "você vai querer entrar pelos becos. Você vai precisar de um bom ladrão ao seu lado. Um homem tão inescrupuloso quanto você. Esse homem sou eu."

Godfrey olha para ele: quase da sua idade, Godfrey pode ver malícia e crueldade em seus olhos, pode ver um garoto que tinha feito o necessário para subir na vida. É exatamente o tipo de pessoa que ele precisa ao seu lado.

"Você também vai precisar de alguém que conhece bem o Império," diz uma voz.

Godfrey olha para trás e vê Ario, o garoto franzino que havia atravessado sozinho o mar vindo das selvas do Império, tendo se juntado à Legião após ter salvado Thorgrin e os outros.

"Eu já estive em Volúsia antes," o garoto fala. "Sou do Império afinal. Sua missão é ousada, e eu admiro pessoas assim. Eu quero ajudá-lo em sua missão. Quero acompanhá-lo em sua batalha."

"Batalha?" Godfrey diz, tomado pela ansiedade à medida que a realidade começa a tomar forma.

"Muito bem, jovem rapaz," Akorth diz, "mas não haverá qualquer batalha. Homens morrem em batalhas. E não pretendemos morrer. Essa não será uma batalha. Esta é apenas uma expedição até a cidade. Uma oportunidade para comprar cerveja, algumas mulheres, comprar as pessoas certas pelo preço certo e voltar para casa como heróis. Certo, Godfrey?"

Godfrey o encara sem expressão e então assente. É isso que aquela missão representa? Ele já não sabe mais. Tudo o que ele sabe é que tinha aberto sua boca grande e assumido um compromisso. Por que em momentos de grande tribulação esse instinto toma conta dele, essa característica de seu pai? Seria bravura? Ou impetuosidade?

Godfrey olha pra frente e vê sua irmã Gwendolyn e seu irmão Kendrick se aproximando. Eles

chegam perto dele e olham para ele de maneira significativa.

"Papai ficaria orgulhoso de você," Kendrick diz. "Nós estamos orgulhosos. Seu plano é corajoso."

"Você fez amigos entre esse povo," Gwendolyn fala. "Eles dependem de você agora. Estão contando com a sua ajuda. A confiança é uma coisa sagrada. Não os desaponte."

Godfrey olha para eles e assente, sem confiança para responder e sem saber o que dizer.

"O seu plano é sábio e ao mesmo tempo tolo. Só mesmo você será capaz de conseguir fazer algo assim. Compre as pessoas certas e escolha bem."

Gwen dá um passo à frente e o abraça, e então se afasta e olha para ele preocupada.

"Vá em segurança, meu irmão," ela diz suavemente.

Com isso, ela e Kendrick se afastam. Assim que eles vão embora, Illepra se aproxima com um sorriso nos lábios.

"Você não é mais um garoto," ela fala. "A partir de hoje, você é um homem. Essa foi a atitude de um homem. Quando as pessoas dependem de você, você se torna um homem. Você é um herói agora. Não importa o que aconteça, você é um herói."

"Eu não sou um herói," responde Godfrey. "Um herói não sente medo. Um herói não teme nada.

Um herói toma decisões calculadas. A minha foi uma decisão precipitada. Eu não pensei direito. E estou com mais medo do que nunca em toda a minha vida."

Illepra assente e coloca uma mão no rosto dele.

"É assim que todos os heróis se sentem," ela fala. "Os heróis não nascem. Os homens se tornam heróis - através de decisões dolorosas, tomadas progressivamente. É uma evolução. E você, meu amor, acaba de evoluir. Você está se tornando um herói."

Ela se aproxima e o beija.

"Eu retiro tudo o que eu disse," ela completa. "Volte para mim. Eu amo você."

Eles se beijam novamente, e por um breve momento, Godfrey se perde naquele beijo e sente todos

os seus medos se dissipando. Ele olha nos olhos de Illepra e enquanto ela se afasta e ele fica ali parado sozinho, Godfrey se pergunta: o que foi que eu fiz?

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Thor, machucado e com dor, está sentado diante da estranha fogueira natural no chão de pedra da caverna. Reece, Matus, Conven, O'Connor, Elden e Indra estão sentados ao seu lado. Eles estão exaustos, encostados na parede de pedra e quase incapazes de manter os olhos abertos.

Thor nunca havia se sentido tão cansado, e sabe que aquela sensação é anormal. Há algo de estranho no ar, algo relacionado ao vapor vermelho que surge e desaparece, deixando todos com aquela sensação de exaustão. Ele sente que pesa um milhão de quilos.

Thor relembra a queda, quando todos haviam escorregado pelo túnel interminável; por sorte, o túnel tinha se inclinado e a velocidade da queda havia reduzido gradativamente até a base, e o chão coberto de musgo havia amortecido a queda. Aquilo o tinha salvado da morte, mas ainda assim, seu corpo está coberto de contusões. Ele havia ficado feliz ao ver que todos também haviam sobrevivido. Thor não sabe dizer o quanto eles haviam descido, mas tem a sensação de que estão quilômetros embaixo da terra. Ele ainda pode ouvir ecos distantes dos gritos da criatura acima deles, e percebe o quanto têm sorte por ainda estarem vivos.

Mas agora eles encaram novos problemas. Eles estão ainda mais fundo nas profundezas da terra, e Thor não faz ideia se eles estão indo na direção certa - se é que existe uma direção certa neste lugar.

Após a queda, eles haviam se reagrupado e continuado a caminhada, avançando cada vez mais por uma nova série de túneis naquelas cavernas. Assim como nos túneis acima, as paredes daquele lugar também são feitas de pedras negras, mas ali embaixo elas estão cobertas de musgo negro. Pequenos insetos com olhos alaranjados rastejam pelo musgo, acompanhando-os enquanto eles andam.

Finalmente, quando eles não tinham mais conseguido continuar, eles haviam simplesmente parado, tomados pela exaustão. Ao verem aquela fogueira natural emergindo do chão de pedra, eles haviam essencialmente se jogado em torno dela, sabendo que precisavam de algum lugar para passar a noite, e precisando desesperadamente dormir.

Enquanto ele fica sentado em silêncio, encostado na parede de pedras coberta de musgo, Thor sente seus olhos se fechando. Ele sente que precisa dormir um milhão de anos. E também tem a sensação de

que já está naquele lugar há uma vida.

Thor havia perdido toda a noção de tempo, e não sabe se está ali há um dia, há uma lua ou há um ano. Tudo o que ele consegue se lembrar ao observar as chamas ardendo dentro daquele nível subterrâneo da caverna, é do rosto cadavérico de Andronicus e da grande queda até ali embaixo. Ele está começando a achar que eles nunca conseguirão sair daquele mundo. Ele olha ao seu redor e percebe que aquele lugar pode ser o local de sua morte. Ele não consegue deixar de se preparar para isso, incapaz de relaxar e se perguntando que outros monstros eles encontrarão pelo caminho. Da próxima vez, eles podem não ter tanta sorte.

Thor olha para as chamas e percebe que eles terão que passar a noite ali, mesmo sem saber quanto tempo ela vai durar. Será que eles vão conseguir acordar? Será que encontrarão Guwayne?

Thor sente uma onda de culpa ao começar a se perguntar se teria levado seus companheiros para o seu próprio inferno pessoal. Ele não tinha tido a intenção de levá-los junto com ele, embora tivesse ficado aliviado pela companhia deles. Thor fica mais determinado do que nunca a encontrar Guwayne e a achar uma maneira de tirar seus amigos dali, de uma forma ou de outra. Pelo bem deles, e não por ele.

Todos estão sentados em silêncio - perdidos em seus próprios pensamentos - e o único som vem da fogueira acesa. Ele se pergunta se um dia voltará a ver Gwendolyn, se um dia voltará a ver a luz do sol. Seus pensamentos se tornam cada vez mais catastróficos, e ele sabe que precisa de algo para distraí-lo.

"Contem uma estória," Thor far, surpreso ao ouvir a sua voz quebrando o silêncio.

Todos olham para ele confusos.

"Qualquer uma," Thor diz. "Qualquer estória. Qualquer coisa."

Thor precisa pensar em alguma outra coisa, em algum outro lugar - qualquer outro lugar.

Um vento sopra enquanto eles continuam ali sentados, e Thor se pergunta se alguém pretende falar alguma coisa. Se alguém ainda tem força suficiente para falar qualquer coisa.

Depois de um silêncio interminável, quando Thor está quase certo de que está condenado a ficar com seus próprios pensamentos, uma voz finalmente atravessa o ar. É uma voz baixa e grave, bastante

cansada. Thor olha para cima e se surpreende ao ver que é Matus, inclinado pra frente e encarando as chamas enquanto fala.

"Meu pai era um homem duro," começa Matus devagar. "Um homem competitivo. Um homem invejoso. Não era o tipo de homem que ficava feliz com o sucesso de seu próprio filho. Pelo contrário, ele era o tipo de homem que se sentia ameaçado por isso. Ele tinha que me superar em tudo. O que de certa forma era irônico, por que tudo o que eu mais queria era que ele me amasse, eu queria que ele fosse meu amigo. Mas todas as vezes que eu tentava, ele se afastava de mim. Ele sempre encontrava uma forma de criar um conflito, e de manter longe dele. Demorou muito tempo para eu entender que não era eu quem ele odiava, mas sim a si mesmo."

Matus respira fundo e olha para as chamas, concentrando-se. Perdido em outro mundo. Thor se identifica com aquelas palavras; ele tinha se sentido da mesma forma em relação ao homem que o havia criado.

"Eu sentia que tinha nascido na família errada," continua Matus. "Como se eu não me encaixasse, pelo menos não na imagem de quem ele queria que eu fosse. Ocorre que eu nunca soube exatamente como ele queria que eu agisse."

"Eu sabia que não era como o restante dos MacGil das Ilhas Superiores. Eu sempre me senti mais próximo aos MacGil do Anel," ele fala, olhando para Reece. "Eu sentia inveja de vocês, queria escapar das Ilhas e me juntar à Legião."

"Mas eu não tinha permissão para isso. Eu estava condenado a viver lá. Meus irmãos me odiavam. Meu pai me odiava. A única pessoa que me amava era minha irmã, Stara... E minha mãe..."

Com esta última palavra, Thor percebe a tristeza na voz de Matus. Um longo silêncio se segue, e Matus finalmente reúne a coragem para continuar, sua voz pesada com a exaustão, como se ele estivesse atravessando um mar de emoções.

"Um dia," Matus finalmente diz, limpando a garganta, "quando eu tinha uns treze anos, meu pai organizou uma caçada. Aquela era uma caçada para os meus irmãos mais velhos, mas ele me desafiou a acompanhá-los. Não por que ele achou que eu seria capaz de caçar alguma coisa, mas por que ele queria me superar e ver meus irmãos me superando - e também para me ridicularizar. Ele queria demonstrar a

minha insignificância."

Matus suspira.

"Quase no final da caçada, quando o dia estava chegando ao fim, encontramos o maior javali que eu já vi em toda a minha vida. Meu pai o atacou, com pura arrogância e agressão - e nenhum pouco da técnica que ele alegava possuir. Ele arremessou a lança e errou, deixando o animal enraivecido. Meus dois irmãos inúteis também erraram."

"O javali atacou meu pai e estava prestes a matá-lo. Eu deveria ter deixado que ele o fizesse. Mas em vez disso, eu reagi. Meu pai não sabia, mas eu havia passado muitas noites treinando com meu arco quando todos estavam dormindo. Eu lancei duas flechas perfeitas, que atingiram a cabeça do javali. Ele morreu instantes antes de alcançar o meu pai."

Matus suspira e fica em silêncio por um longo tempo.

"Ele ficou grato?" Reece pergunta.

Matus balança a cabeça.

"Ele me olhou de uma maneira que eu me lembro até hoje. Era um olhar de ódio, humilhação e inveja. Ali estava ele, vivo apenas por que seu filho mais novo havia matado um javali quando ele mesmo tinha sido incapaz de fazê-lo. Ele me odiou ainda mais a partir daquele dia."

Um longo silêncio recai sobre eles, pontuado apenas pelo barulho das chamas da fogueira. Thor pensa sobre aquela estória, e percebe que há muitas semelhanças com a estória entre ele e seu pai.

Ele está pensando em tudo aquilo, e acredita que a estória terminou quando de repente, Matus continua.

"No dia seguinte," Matus fala, "minha mãe morreu. O clima tempestuoso das Ilhas Superiores nunca fez bem para ela. Ela era uma mulher frágil, levada para aquelas terras estéreis pelo meu pai e sua terrível ambição. Ela pegou um gripe e nunca se recuperou por completo - embora acredite que o que realmente a matou tenha sido a tristeza por ter deixado sua terra natal."

"Eu a amava o suficiente para continuar vivendo, e quando ela morreu, senti que não havia mais motivos para continuar naquele lugar. Eu compareci ao seu funeral junto com os outros, no topo do Monte Eleusis. Vocês o conhecem?" ele pergunta, olhando para Reece.

Reece assente.

"A primeira capital," ele responde.

Matus confirma com a cabeça.

"Você conhece a história, meu primo."

"Estudei lá muito anos quando era um garoto," comenta Reece. "Muito antes da Corte do Rei, a capital ficava nas Ilhas Superiores. Quinhentos anos antes, era lá que os reis viviam. Antes da Grande

Divisão."

Matus faz um sinal com a cabeça e Thor olha para os dois e questiona a extensão da educação real deles, se perguntando o quanto ele desconhece sobre a história do Anel. Ele tem um desejo de saber mais, aprender sobre os antigos Anéis e os antigos guerreiros. Ele quer saber as histórias sobre como o Anel costumava ser antes; histórias de guerras, batalhas, heróis, guerreiros e antigas capitais... Mas agora não é o momento. Algum dia ele se sentaria e aprenderia sobre tudo isso. *Um dia*, ele pensa.

"Bem," continua Matus, "naquele dia, eu me sentei diante do túmulo de minha mãe e chorei; aquilo era demais para mim. Muito tempo depois que todos haviam partido, eu continuei no topo daquele monte, na presença da morte, e foi quando aprendi o significado dela. Eu culpei meu pai pela morte de minha mãe - meu pai, que sequer compareceu ao funeral. Eu nunca o perdoei por aquela noite. Ele sempre foi um homem egoísta."

Matus suspira.

"Aqui, neste lugar, pela primeira vez tenho a mesma sensação novamente. Uma sensação que nunca mais pensei que voltaria a sentir: a sensação da morte. Minha mãe está aqui em algum lugar. Eu temo e ao mesmo tempo anseio pelo nosso reencontro."

Com o fim da história, todos continuam sentados em silêncio, e Thor agora vê Matus com outros olhos. Ele havia se identificado com aquela história - assim como todos ali, que tinham sido transportados para fora daquela caverna e levados para outro lugar. Matus vai mesmo encontrar sua mãe ali? Thor se pergunta.

E acima de tudo, será que Thor vai conseguir encontrar Guwayne?

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Darius desperta de um sono leve e inquieto ao raiar do dia com o som do alarme da aldeia - um barulho grave que machuca os seus ouvidos - e sabe imediatamente que há problemas. O alarme nunca é tocado exceto em casos de emergências graves, e ele tinha ouvido aquele som apenas uma vez em sua vida, quando ainda era um garoto. Na ocasião, um dos aldeões havia tentado escapar e tinha sido capturado pelo Império, torturado e executado em frente de toda a aldeia.

Com um mau pressentimento crescente, Darius salta da cama, se veste rapidamente e sai pela porta da cabana acompanhado de Dray, que corre atrás dele durante todo o tempo. Ele pensa imediatamente em Loti, relembrando a reunião do dia anterior. Os aldeões haviam discutido por muito tempo, sem chegar a nenhuma conclusão. Todos estão se preparando para o pior - para o fim iminente, para a inevitável vingança do Império e, como sempre, ninguém está disposto a atacar ou tomar qualquer atitude decisiva. Darius não tinha ficado surpreso.

Mas ao mesmo tempo, Darius não esperava que o Império fosse chegar tão rápido - assim, na manhã seguinte. Ele deveria ter pensado melhor: o Império nunca espera para obter vingança.

Darius corre pela trilha de terra na direção do centro da aldeia, juntando-se à multidão que sai das cabanas - homens, mulheres, crianças, primos, irmãos e amigos - todos se dirigindo pela estrada principal até o centro da vila. A multidão cresce a cada minuto.

Aos seus pés, Darius ouve Dray correndo atrás dele e mordendo seus calcanhares - sempre pronto para qualquer tipo de aventura. Darius quer explicar para ele que aquilo não é uma brincadeira, mas ele sabe que Dray não entenderia.

Enquanto avança, Darius procura desesperadamente por Loti, tendo a estranha sensação de que aquilo tudo está relacionado a ela e ao Império, e sabendo que ela precisa dele agora mais do que nunca. Eles tinham feito um acordo no dia anterior de que se algo acontecesse - qualquer coisa - os dois se encontrariam perto da grande árvore na frente da aldeia. Quando todos os aldeões correm para o centro de aldeia, Darius vira para o lado e corre na direção da árvore, esperando encontrá-la lá.

Darius fica aliviado ao vê-la. Lá está ela, olhando para a multidão, obviamente procurando por ele também e completamente apavorada.

Ele se aproxima dela e Loti corre ao seu encontro com os olhos vermelhos de tanto chorar. Ele mal consegue imaginar a noite terrível que ela deve ter passado, especialmente sem o apoio de sua família.

"Darius," ela sussurra em seus ouvidos, inspirando, e ele pode ouvir o alívio e o medo em sua voz.

"Não se preocupe," ele responde. "Está tudo bem. Aconteça o que acontecer, está tudo bem."

Tremendo, ela se afasta um pouco e balança a cabeça, olhando nos olhos dele.

"Não está tudo bem," ela responde. "Nada nunca vai ficar bem outra vez. O Império quer me matar.

Eles querem vingança. Nosso próprio povo quer me ver morta. Há um preço a pagar."

"Escute," Darius diz com firmeza, colocando as mãos nos ombros dela. "Aconteça o que acontecer hoje, sob nenhuma circunstância diga que foi você que fez aquilo. Você pode me entende? Não confesse que você matou aquele homem."

Ela olha para ele incerta.

"Mas e se..." ela começa.

Ele balança a cabeça com firmeza.

"Não," ele fala com toda a seriedade possível. "*Prometa.*"

Ela olha nos olhos dele e, quando ela faz isso, Darius pode ver uma transformação, e percebe que

Loti está determinada. Ela assente e ajusta sua postura, ficando um pouco mais ereta.

"Eu prometo," ela diz suavemente.

Darius, satisfeito, segura a mão de Loti e a leva rapidamente pela trilha em direção ao centro da vila.

Assim que eles fazem uma curva, Darius vê todos os habitantes reunidos no centro ao mesmo

tempo em que o alarme soa mais uma vez. Ao olhar para o horizonte onde o dia ainda está

amanhecendo, o coração de Darius se parte. Ali, bloqueando a estrada, há um enorme exército do

Império, com centenas de soldados do exército vestindo armaduras completas. Há diversas fileiras de

zertas e esquadrões de soldados diante delas, empunhando todos os tipos de armas de maneira

disciplinada, apenas aguardando ordens para matá-los.

Nada mais precisa ser dito. Darius olha para o seu povo, e pode sentir a tensão e o medo no ar. Os

aldeões não têm armas de verdade para lutar. E aquela não seria uma luta de verdade - não contra um

exército profissional.

Darius se prepara para o ataque inevitável que certamente virá, e espera a aproximação das forças do Império. Em vez disso, apenas o silêncio se segue. O Império continua parado, olhando para eles enquanto seus estandartes balançam no ar, como se estivessem esperando que eles morram de cansaço. Finalmente, um comandante do Império se aproxima flanqueado por uma dúzia de soldados e encara os aldeões.

"O sangue do Império foi derramado," ele grita, "e o preço a pagar é o seu próprio sangue. O seu povo matou um dos nossos. Você desrespeitaram uma regra fundamental. Nossas raças vivem em harmonia há anos por que vocês, e as gerações antes da sua, respeitaram nossas regras. Você sabem as consequências por desrespeitá-las."

Ele faz uma pausa.

"Olho por olho," ele grita. "Nossa grande imperatriz Volússia, a maior de todas as rainhas de Volússia, a Deusa do Oriente e Líder Suprema do Oceano e de todos os navios, em sua infinita bondade, decidiu não matar todos vocês. Em vez disso, ela quer apenas torturar e matar um de vocês, o responsável por este ato profano. Ela concede esta graça apenas uma vez, e apenas por que ontem foi o dia sagrado dos nossos deuses."

Há uma longa pausa, e o único som que eles ouvem enquanto o comandante espera que eles processem suas palavras vem dos estandartes do Império.

"Agora," ele grita, "a pessoa que fez isso deve dar um passo adiante, confessar seu crime e enfrentar sua morte em nome de toda a aldeia. Esta oferta generosa não será feita novamente. Confesse agora mesmo."

Os aldeões permanecem no lugar e Darius os observa, vendo o pânico em seus olhares. Alguns se viram e olham para Loti, como se estivessem se perguntando se deveriam entregá-la. Darius vê Loti começar a chorar, e sente a mão dela tremendo. Ele sente que ela está incerta sobre como agir. Ele também sente que ela está prestes a dar um passo adiante e confessar tudo.

Darius sabe imediatamente que, seja qual for o preço, sua honra jamais permitirá que ela faça aquilo.

Darius olha para ela.

"Lembre-se de sua promessa," ele diz suavemente.

Darius, determinado, de repente se adianta e dá vários passos à frente da multidão. Todos prendem a respiração quando ele faz isso.

"Fui eu, comandante!" Darius grita, e sua voz atravessa o ar da manhã.

Darius está tremendo por dentro, mas se recusa a demonstrá-lo. Ele está determinado a ser maior que o seu medo - e a superá-lo. Ele fica ali parado com o queixo erguido e encara o comandante do Império com orgulho.

"Eu matei o capataz."

O comandante, um homem alto com a pele amarela brilhante, chifres, os olhos vermelhos e o corpo forte típicos da raça do Império, encara Darius com seriedade por um longo tempo. Darius pode ver em seu rosto uma expressão de respeito.

"Você admitiu os seus crimes," ele diz. "Isso é bom. Como reconhecimento, vou torturá-lo rapidamente antes de matá-lo."

O comandante faz um sinal para os seus homens, e Darius ouve o som das armaduras quando meia dúzia de soldados se aproxima e o cerca, agarrando-o com rispidez pelos braços e arrastando-o até o comandante.

Dray rosna, saltando e mordendo a panturrilha de um deles, e o soldado grita e solta o braço de Darius. Dray continua rosnando com raiva enquanto morde o homem, que é incapaz de se livrar dele. O soldado estica o braço para pegar sua espada, e Darius sabe que precisa agir rápido se quiser salvar a vida de Dray.

"Dray!" Darius grita com rispidez. "Vá para casa! AGORA!"

Darius usa a sua voz mais firme, torcendo para que Dray o escute, e Dray de repente solta o soldado e corre através da multidão.

Ele consegue escapar da espada do soldado, que naquele mesmo instante dá um golpe no ar. Eles então continuam arrastando Darius na direção do comandante.

"Não!" grita uma voz.

Todos param e olham para Loti, que dá um passo adiante, chorando.

"Ele não fez nada! Ele é inocente! A culpada sou eu," ela chora.

O comandante, confuso, olha para ela e para Darius, em dúvida sobre em quem acreditar.

"Essas são as palavras de uma mulher que está apenas tentando salvar seu marido," Darius fala.

"Não acredite nela!"

O comandante do Império continua sem saber o que fazer, e o coração de Darius se aperta enquanto ele reza para que o capataz acredite nele.

"Você realmente pensa que uma mulher frágil seria capaz de matar um capataz forte e poderoso?" completa Darius.

Finalmente, o comandante abre um sorriso.

"Você nos insulta," o comandante fala para Loti, "se acha que nossos homens podem ser mortos por uma mulher fraca como você. Se esse fosse o caso, eu mesmo os mataria. Cale a boca, mulher, antes que eu arranque a sua língua com a minha espada."

"Não," Loti grita.

Darius vê soldados se aproximarem e arrastarem Loti, debatendo-se, para trás. Ele se comove com a lealdade dela, que serve de consolação pela sua morte que ele sabe certamente virá em seguida.

Darius é empurrado pra frente, e logo se vê sendo amarrado a um poste com o rosto voltado para dentro e com suas mãos e pés presos. Ele sente mãos ásperas rasgando sua camisa e sente suas costas expostas ao sol fraco e ao vento fresco da manhã.

"Já que estou me sentindo misericordioso," o comandante grita, "vamos começar com apenas cem chicotadas!"

Darius engole em seco e se recusa a permitir que as pessoas vejam o medo em seu rosto ao ter seus pulsos amarrados ao poste de madeira. Ele se prepara para a dor terrível que virá a seguir.

Antes que ele possa terminar seu pensamento, Darius ouve o barulho do chicote e, de repente, todos os músculos do seu corpo se contraem assim que ele leva a primeira chicotada. Ele sente sua pele sendo arrancada de seu corpo, e sente o sangue escorrendo pelas suas costas. Aquela é a pior dor que ele já

havia sentindo em toda a sua vida. Ele não sabe se conseguirá se recuperar daquela chicotada - e muito menos suportar as próximas noventa e nove.

O chicote corta o ar mais uma vez, e Darius sente a dor mais uma vez - esta pior que a anterior; ele geme e se agarra ao poste, recusando-se a gritar.

As chicotadas continuam sem parar, e Darius se vê entrando em transe, transportado para um lugar de honra, glória e coragem. Um lugar de sacrifício. Um lugar de sacrifício em nome das pessoas que ele ama. Ele pensa em Loti, na dor que ela teria sofrido em seu lugar; ele pensa em Loc, um homem que Darius também ama e respeita, e em como Loti havia se sacrificado por ele. Ele recebe a próxima chicotada e a seguinte, sabendo que está recebendo o castigo no lugar deles.

Darius se transporta cada vez mais para dentro de si mesmo - para seu lugar de refúgio - e, ao fazer isso, uma sensação familiar começa a tomar forma dentro dele, e ele sente um calor se formando nas palmas das suas mãos. Ele sente seu corpo se esforçando para que ele invoque o seu poder. Seu corpo clama para que ele use a sua força interior. Ele sabe que se fizer isso, será capaz de se livrar do castigo. Ele seria capaz de conquistar todo o exército do Império.

Mas Darius não quer fazer isso; ele interrompe sua força, impedindo a acumulação de seu poder. Ele teme usá-lo ali. Por mais que ele queira sair dali, Darius não quer ser um exilado entre o seu povo. Ele prefere morrer como um mártir a ser lembrado como um feiticeiro que eles detestam.

Darius recebe mais uma chicotada e depois outra, e se esforça para continuar resistindo. Ele respira com dificuldade, e faria qualquer coisa por um pouco d'água. Ele está começando a se perguntar se vai conseguir sobreviver ao castigo quando, de repente, uma voz corta o ar.

"Já basta!" diz a voz forte. "Vocês têm o homem errado."

O chicote para no meio do ar e Darius olha para trás com fraqueza, e se surpreende ao ver Loc, o irmão manco de Loti, dando um passo diante da multidão.

"Foi *eu* que matei o capataz," Loc fala.

O comandante do Império o encara confuso.

"Você?" ele grita, olhando Loc de cima embaixo.

De repente, Raj dá um passo adiante e fica ao lado de Loc.

"Não," grita Raj. "Quem matou o capataz foi *eu*."

Desmond dá um passo à frente e fica ao lado de Raj.

"Não, o culpado sou eu!" Luzi grita.

Um longo silêncio se segue, até que finalmente, um de cada vez, todos os amigos de Darius confessam.

"Não, o culpado sou eu!" eles repetem.

Darius se sente infinitamente grato aos seus amigos, emocionado pela lealdade deles; aquilo faz com que ele se sinta disposto a morrer mil vezes por cada um deles. Eles ficam parados ali, em pé diante do exército do Império, dezenas deles aguardando para serem punidos em seu lugar.

O comandante do Império faz uma careta e geme de frustração. Ele marcha até Darius, que sente mãos ásperas em suas costas quando o comandante o agarra com força e sussurra em seus ouvidos, assoprando um bafo quente em seu pescoço.

"Eu deveria matá-lo, garoto," ele dispara, "por ter mentido para mim."

Darius sente uma adaga em seu pescoço quando o comandante a pressiona contra a sua pele, e pensa que o comandante talvez tenha resolvido cumprir sua ameaça.

Em vez disso, de repente ele sente um puxão em seu longo rabo de cavalo, e sente a lâmina em seus cabelos - cabelos que ele nunca havia cortado desde que havia nascido.

"Algo para você se lembrar de mim," o comandante diz com um sorriso cruel nos lábios.

"NÃO!" Darius grita. De alguma forma, ter o seu cabelo cortado o afeta mais do que ser açoitado.

A aldeia suspira quando, com um único movimento, o comandante puxa a cabeça de Darius para trás e corta o seu cabelo. Darius abaixa a cabeça, sentindo-se humilhado e nu.

O comandante solta as cordas que amarram as mãos e pés de Darius, e ele cai no chão. Fraco e desorientado por causa das chicotadas, Darius sente todos os olhos do seu povo o observando, e por

mais doloroso que seja, ele se esforça a ficar em pé.

Ele se levanta orgulhosamente e encara o comandante.

Mas o comandante se vira e encara a multidão.

"Alguém está mentindo!" ele grita. "Vocês têm um dia para decidir. Ao raiar do dia, eu voltarei.

Vocês decidirão se querem me dizer quem matou aquele homem. Se não fizerem isso, todos vocês serão torturados e mortos. Se contarem a verdade, eu apenas cortarei o dedão direito de vocês. É esse o preço que pagarão por terem mentido para mim hoje e por me fazerem voltar aqui amanhã. Isso se chama misericórdia. Mintam mais uma vez, e eu lhes juro - vocês aprenderão o que significa não ter misericórdia."

O comandante monta em sua zerta, faz um sinal para o seus homens e, juntos, eles partem de volta pela estrada de onde haviam chegado. Darius enfraquecido e com dificuldade para enxergar, mal vê seus amigos e Loti se aproximarem - bem a tempo para pegá-lo nos braços quando ele desmaia. *Muita coisa pode acontecer*, ele pensa, olhando para o sol antes de perder a consciência, *antes do amanhecer*.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Godfrey, acompanhado de Akorth, Fulton, Merek e Ario, caminha pela estrada de terra que leva até a grande cidade de Volúsia, se perguntando em que tipo de enrascada ele havia se metido desta vez. Ele olha para seus improváveis companheiros e sabe que está em apuros: ali estão Akorth e Fulton, dois bêbados desajeitados - boas companhias para brincadeiras espirituosas, mas não para muitas outras coisas; Merek, um ladrão que rouba para subir na vida, e que havia trapaceado até conseguir escapar dos calabouços reais e entrar para a Legião - útil por suas conexões nos becos e mão leve; e finalmente Ario, um garoto pequeno das selvas do Império, que parece ser mais útil em uma sala de aula do que em qualquer outro lugar.

Godfrey balança a cabeça ao pensar em seu grupo patético, os cinco heróis mais improváveis, dispostos a realizar uma tarefa impossível, entrar na cidade mais protegida do Império, encontrar as pessoas certas para comprar e convencê-las a aceitar o ouro que neste momento eles carregam em suas cinturas. E Godfrey é o líder deste grupo. Ele não tem ideia das razões que levaram a aldeia a confiar

nele; ele mesmo não tem tanta confiança em si mesmo. Godfrey ficará surpreso se eles conseguirem passar pelos portões da cidade, um feito que ele ainda não sabe como pretende fazer.

De todas as loucuras que ele já tinha cometido, Godfrey não sabe exatamente como ele havia se metido naquela enrascada. Mais uma vez, ele havia permitido que sua rara e incontrolável coragem assumisse o controle e tinha tomado uma decisão precipitada. Deus sabe o motivo. Ele deveria ter permanecido calado e ficado em segurança ao lado de Gwendolyn e dos outros. Em vez disso, aqui está ele, praticamente sozinho, prestes a sacrificar sua vida pelos aldeões. Esta missão, ele sente, está fadada ao fracasso desde o princípio.

Enquanto caminha, Godfrey estica o braço e pega o saco de vinho das mãos de Akorth mais uma vez e dá um longo gole, apreciando a sensação que sobe imediatamente para sua cabeça. Acima de qualquer coisa, ele quer dar meia volta e retornar para a aldeia. Mas algo dentro dele o impede de fazer isso. Algo dentro dele pensa naquela garota, Loti, que tinha sido tão corajosa, que havia matado o capataz ao defender seu irmão manco - e ele a admira por isso. Ele sabe que os aldeões estão em ampla desvantagem e precisam desesperadamente de uma saída. E ele havia aprendido em seus anos de batalha que *sempre* existe outra saída. Se há algo que ele sabe fazer, é encontrar outra saída para os problemas. É tudo uma questão de encontrar a pessoa certa - e pagar o preço certo.

Godfrey volta a beber, odiando-se por ter sido tão nobre; ele decide que ama a vida e ama a sobrevivência mais do que a coragem - e mesmo assim não consegue deixar de tomar essas atitudes. Ele continua marchando com péssimo humor, tentando ignorar as brincadeiras de Akorth e Fulton, que não haviam parado de falar desde que eles tinham deixado a aldeia.

"Eu sei o que eu faria com as mulheres em um bordel do Império," Akorth fala. "Eu as ensinaria sobre os prazeres do Anel."

"Você não as ensinaria coisa alguma," responde Fulton. "Estaria tão bêbado, que não conseguiria chegar até suas camas."

"E você?" Akorth retruca. "Também não estaria bêbado?"

Fulton cai na risada.

"Sim, eu estaria bêbado o suficiente para saber que não deveria entrar em um bordel!" ele diz, rindo da

própria piada.

"Esses dois não param nunca?!" Merek pergunta para Godfrey, aproximando-se dele com um olhar irritado no rosto. "Estamos caminhando rumo à morte, e eles levam tudo na brincadeira."

"Não é isso," Godfrey responde suspirando. "Veja pelo lado bom. Eu venho tolerando os dois durante toda a minha vida; você terá que tolerar isso apenas por mais algumas horas. Até lá, estaremos todos mortos."

"Eu não sei se posso aguentar mais algumas horas," Merek responde. "Talvez vir nessa missão não tenha sido uma boa ideia."

"Talvez?" Akorth zomba. "Garoto, você não faz ideia da burrice que fez."

"Como achou que fosse ajudar mesmo?" completa Fulton. "Um ladrão? O que pretende fazer, roubar o coração do Império?"

Akorth e Fulton caem na risada, e Merek enrubesce.

"Um ladrão tem as mãos rápidas, e eu sou mais rápido do que vocês jamais serão," ele responde, "e é preciso bem menos para cortar o pescoço de alguém." Ele lança um olhar significativo para Akorth, e começa a tirar uma faca da cintura.

Akorth ergue as mãos, parecendo aterrorizado.

"Não tive a intenção de insultá-lo garoto," ele fala.

Lentamente, Merek coloca a faca de volta em seu cinto e eles continuam caminhando; Akorth segue mais calado.

"Você se irrita fácil, não é?" Fulton pergunta. "Isso é bom em uma batalha. Mas não entre amigos."

"E quem disse que somos amigos?" Merek pergunta.

"Eu acho que você precisa de uma bebida," Akorth fala.

Akorth lhe oferece o vinho - um sinal de trégua, mas Merek o ignora.

"Eu não bebo," Merek diz.

"Não bebe?" pergunta Fulton "Um ladrão que não bebe!? Estamos realmente perdidos."

Akorth dá um longo gole.

"Eu quero ouvir essa estória..." começa Akorth, mas ele é interrompido por uma voz suave.

"Eu pararia por aí se fosse vocês."

Godfrey olha para o lado e se surpreende ao ver o garoto, Ario, parado no meio da trilha. Godfrey fica impressionado pela postura e calma do garoto, que fica parado olhando para a trilha. Ele olha para a floresta como se tivesse visto algo suspeito.

"Por que paramos?" Godfrey pergunta.

"E por que estamos dando ouvidos a esse garoto?" completa Fulton.

"Por que esse garoto é sua melhor e última esperança de navegar pelo território do Império," responde Ario calmamente. "Por que se você não tivesse escutado o que eu disse e dado mais três passos, estaria sentado em uma câmara de tortura do Império nesse exato momento."

Todos param e olham para ele confusos, e o garoto se abaixa, pega uma pedra e a arremessa pra frente. A pedra cai alguns metros adiante, e Godfrey assiste espantado quando uma rede escondida nas folhagens é erguida, ficando suspensa nos galhos de uma árvore. Godfrey percebe que se eles tivessem andado mais alguns metros, teriam ficado presos.

Eles olham para o garoto espantados, e passam a respeitá-lo um pouco mais.

"Se um garoto será o nosso salvador," Godfrey diz, "estamos em mais apuros do que eu pensava.

Obrigado," ele fala para Ario. "Eu lhe devo um favor. Um daqueles sacos de ouro é seu, se sobrar algum."

Ario dá de ombros e continua andando sem olhar para eles, dizendo, "Ouro não significa nada para mim."

Os outros se entreolham espantados. Godfrey nunca tinha visto alguém tão indiferente, tão estóico diante do perigo. Ele começa a perceber sua sorte pelo fato do garoto ter se juntado ao grupo.

Eles continuam marchando, e as pernas de Godfrey tremem ao se perguntar se o seu grupo vai mesmo chegar aos portões de Volúsia.

*

Quando as pernas de Godfrey estão tremendo de exaustão, o sol está alto no céu e ele já tinha esvaziado o segundo cantil de vinho. Finalmente, depois de horas de caminhada, Godfrey avista o final

da floresta. E depois disso, além de uma clareira, ele vê uma ampla estrada pavimentada e os portões

mais impressionantes que ele já tinha visto.

Os portões de Volúsia.

Diante deles há dezenas de soldados do Império, vestindo armaduras finas e capacetes pontudos dourados e pretos - as cores do Império - empunhando alabardas e mantendo guarda. Eles protegem uma enorme ponte levadiça, e a entrada está a quinze metros de Godfrey e de seu grupo.

Eles ficam escondidos na borda da floresta, e Godfrey sente quando seu grupo para e olha para ele.

"E agora?" Merek pergunta. "Qual é o seu plano?"

Godfrey engole em seco.

"Eu não tenho um plano," ele responde.

Merek arregala os olhos.

"Você não tem um plano?" Ario fala indignado. "Por que se ofereceu para vir até aqui então?"

Godfrey dá de ombros.

"Também queria saber," ele fala. "Principalmente por estupidez. Talvez por tédio também."

Todos gemem, olhando para ele furiosos, e então voltam a olhar para o portão.

"Você está tentando dizer," Merek fala, "que nos trouxe até a cidade mais protegida do Império sem qualquer tipo de plano?"

"O que pretendia fazer," pergunta o garoto, "simplesmente passar pelos portões?"

Godfrey pensa em todas as tolices que já tinha feito na vida, e percebe que aquela é provavelmente a maior de todas elas. Ele gostaria de se lembrar de todas elas, mas sua mente está confusa por causa da bebida.

Finalmente, ele arrotta e responde.

"É exatamente isso que eu pretendo fazer."

CAPÍTULO VINTE E OITO

Reece abre os olhos lentamente, embriagado pelo vapor que entra e sai daquele túnel, e olha ao seu redor na escuridão da caverna. Ele percebe que havia adormecido ainda sentado de costas para a parede da caverna; diante dele Reece vê a pequena fogueira que emerge do chão de pedra, e se pergunta há

quanto tempo eles estão ali.

Reece vê Thor, Matus, Conven, O'Connor, Elden e Indra esparramados ao seu redor, ainda deitados em torno da fogueira. Gentilmente, ele se inclina e acorda seus amigos um de cada vez.

A cabeça de Reece parece pesar mil quilos, e ele se esforça para ficar de joelhos, e então se levanta.

Ele tem a sensação de que dormiu por cem anos. Ele se vira e olha na direção da escuridão ao ouvir um gemido suave que ecoa pela parede das cavernas, mas não consegue dizer de onde vem o som. Ele sente que está naquele lugar, na terra dos mortos, há muito tempo - como se já estivesse ali por mais tempo do que havia vivido na terra.

Mas ainda assim, Reece não se arrepende. Ele está ao lado de seus irmãos, e não há outro lugar do mundo onde ele preferiria estar. Thor é seu melhor amigo, e Reece se inspira na recusa de Thor de recuar diante de um desafio, e em sua determinação em encontrar e resgatar seu filho. Ele o seguiria até os confins do inferno.

Há não muito tempo, Reece havia estado em um lugar de profundo desespero, sofrendo pela perda de uma pessoa querida. Ele convive com a perda de Selese todos os dias, e entende o sofrimento que Thorgrin está sentindo. Estar ali é uma sensação estranha; na terra dos mortos, Reece se sente mais perto de Selese do que nunca, e sente uma estranha sensação de paz. Ao pensar nisso, ele lembra que havia sonhado com ela. Ele ainda pode ver seu rosto, sorrindo para ele e acordando-o.

Outro gemido surge de algum lugar na escuridão, e Reece se vira e aperta sua mão em torno do punho de sua espada, assim como seus amigos, que também estão assustados. Juntos, eles começam a caminhar, marchando silenciosamente atrás de Thorgrin. Reece está faminto, sentindo uma fome da qual não consegue se livrar, como se não comesse há um milhão de anos.

"Por quanto tempo dormimos?" O'Connor pergunta enquanto eles andam.

Eles se entreolham, perguntando-se a mesma coisa.

"Sinto que envelheci," Elden comenta.

"Você parece mais velho," Conven fala.

Reece flexiona os braços, mãos e pernas. Eles estão doloridos, como se ele não se exercitasse há

muito tempo.

"Não podemos parar de nos mover," Thorgrin fala. "Nunca mais."

Juntos, eles continuam andando na escuridão com Thor abrindo caminho ao lado de Reece, todos tentando enxergar com a ajuda das fogueiras ao atravessarem os diversos túneis. Um morcego voa acima de sua cabeça, Reece se abaixa e, ao olhar para cima, vê diversos olhos brilhantes de diferentes cores - criaturas exóticas penduradas de cabeça para baixo no teto e nas paredes.

Reece aperta a mão em torno do punho de sua espada, preparando-se para um ataque ao ser tomado por um terrível pressentimento.

Ao continuarem a caminhada, a caverna estreita se abre em uma clareira circular com quinze metros de diâmetro. Diante deles há uma série de túneis, com cavernas estendendo-se em todas as direções. A clareira é bem iluminada, e Reece fica surpreso ao ver aquela abertura e todas aquelas opções diante dele.

Mas ele fica ainda mais surpreso com a visão diante dele. Reece cai de joelhos, comovido ao ver a apenas alguns metros dele, o amor de sua vida. Selese.

Reece, com os olhos cheios de lágrimas, observa espantado quando Selese dá um passo em sua direção e abre os braços para ele. Ela estende as mãos, sua pele tão macia, e sorri docemente com os olhos brilhando de amor por ele, exatamente da forma como ele se lembra. Gentilmente, ela o ajuda a ficar em pé.

"Selese?" ele diz, com medo de acreditar em seus olhos, sua voz praticamente um sussurro.

"Sou eu, meu amor," ela responde.

Reece chora ao tocá-la, e os dois se abraçam com força. Ele se espanta por ser capaz de tocá-la mais uma vez e por tê-la novamente em seus braços. Reece mal consegue acreditar na sensação de sua pele junto à sua, em seu cheiro e na forma como ela se encaixa junto ao seu corpo - exatamente da forma como ele se lembra. É realmente ela. Selese.

E ainda mais importante, ela não o odeia. Pelo contrário, ela parece sentir o mesmo amor por ele que ela sentia da última vez que ele a tinha visto.

Reece chora - ele nunca tinha se sentido daquela forma antes. Ele sente tremenda culpa pelo que ele

havia feito, e todas as sensações voltam com força renovada naquele instante. Mas ao mesmo tempo ele sente amor e gratidão por ter uma segunda chance.

"Eu penso em você desde o dia em que coloquei os olhos em você," ele diz.

"E eu em você," Selese fala.

Reece se afasta e seus olhos se encontram; ela está ainda mais bela que da última vez que ele a tinha visto.

Reece vê algo no braço dela, e percebe que é uma vitória régia presa na manga de sua camisa. Ele a arranca, confuso; ela está molhada.

"O que é isso?" Reece pergunta.

"Uma vitória régia, meu amor," ela diz suavemente. "Do Lago das Tristezas. Do dia em que me afoguei. Na terra dos espíritos, a forma como morremos está sempre conosco, especialmente em casos de suicídio. Isso serve para nos lembrarmos de como morremos, mas é difícil esquecer."

Reece sente uma nova onda de culpa e tristeza.

"Eu sinto muito," ele diz. "Eu peço perdão todos os dias desde que você morreu. Agora posso pedir-lhe pessoalmente. Você é capaz de me perdoar?"

Selese olha para ele por um longo tempo.

"Eu ouvi as suas palavras, meu amor. Eu vi a vela que você acendeu naquela montanha. Eu estive com você durante todo esse tempo. A todo instante, eu estive com você."

Reece abraça Selese, chorando em seu ombro enquanto a segura com força, determinado a nunca mais deixar que ela se vá, mesmo se isso significar que ele não possa deixar aquele lugar.

"Sim," ela sussurra em seu ouvido. "Eu o perdôo. Eu ainda o amo. Eu sempre o amei."

*

Thorgrin fica ao lado de seu melhor amigo Reece, emocionado ao testemunhar seu reencontro com Selese. Ele se afasta um pouco, dando-lhes com pouco de privacidade. Thorgrin não esperava por isso. Ele esperava encontrar apenas espíritos malignos, demônios e inimigos; ele não pensava que poderia encontrar seus entes queridos. Aquele lugar, a terra dos mortos, ainda é um mistério para ele.

Thor mal termina de processar aquele conceito quando de repente, de um dos muitos túneis da clareira, surge outra pessoa, um homem que Thor conhece bem. Ele entra na clareira e fica em pé orgulhosamente, encarando o grupo enquanto o coração de Thor bate acelerado ao reconhecê-lo. "Meus irmãos," o homem diz suavemente, sorrindo com sua espada na cintura, exatamente da forma como Thor o tinha visto da última vez. Thor fica surpreso. Ali está ele mais uma vez, em carne e osso, mais um membro de seu grupo.

Conval.

Conven de repente suspira e se aproxima dele.

"Meu irmão!" ele exclama.

Os irmãos se abraçam, batendo suas armaduras sem se afastar. Conven chora ao abraçar seu falecido irmão - rindo e chorando ao mesmo tempo, e Thor vê em seu rosto, pela primeira vez em muitas luas, uma expressão de alegria. Conven está mais feliz do que Thor o via desde a morte de seu irmão. O antigo Conven, cheio de vida, está de volta mais uma vez.

Thor também se aproxima e abraça Conval, seu antigo irmão da Legião, o homem que havia levado um golpe em seu lugar e salvado a sua vida. Reece, Elden, Indra, O'Connor, e Matus também se aproximam para cumprimentá-lo.

"Eu sabia que os veria novamente um dia," Conval diz. "Eu só não pensei que esse dia chegaria tão cedo!"

Thor segura o braço de Conval e olha nos olhos dele.

"Você salvou a minha vida," Thorgrin fala. "Eu nunca me esquecerei disso. Eu tenho uma dívida com você."

"Você não me deve nada," responde Conval. "Observar você já foi pagamento suficiente. Eu estive observando todos vocês. Várias vezes, vocês agiram com bravura. Com honra. Vocês me deixaram orgulhoso. Minha morte valeu a pena."

"É verdade?" Conven diz, examinando seu irmão com espanto. "É você mesmo?"

Conval assente.

"Vocês não deveriam me ver por muitos anos ainda," Conval fala. "Mas escolheram entrar neste mundo. Essa é uma escolha que eu não posso fazer por vocês. Portanto, bem vindos ao meu lar, meus

irmãos. Receio que ele seja um pouco úmido e escuro."

Conven cai na risada junto com os outros e, pela primeira vez desde que ele havia entrado naquele lugar, Thor sente um alívio momentâneo de todas as tensões que o acompanhavam durante todo trajeto.

Thor está prestes a perguntar a Conval sobre aquele lugar, quando de dentro de outro túnel outro homem aparece.

Thor mal consegue acreditar no que vê. Aproximando-se dele está um homem que um dia significou tudo para Thor. Um homem que ele respeita acima de todos os outros. Um homem que ele jamais pensou que veria novamente.

Diante dele, está o Rei MacGil.

Com uma ferida no peito onde a adaga de seu filho o tinha perfurado, o rei para diante deles com orgulho, sorrindo para eles através de sua barba, da mesma forma que Thor ainda se lembra.

"Meu Rei," Thor diz, fazendo uma saudação e caindo de joelhos, assim como fazem os outros.

O Rei MacGil balança a cabeça e dá um passo adiante, segurando o braço de Thor e ajudando-o a se levantar.

"Levante-se," ele fala com sua voz potente, a voz familiar que Thor conhece. "Todos vocês, levantem-se. Fiquem em pé, por favor. Eu não sou mais o seu Rei. A morte nos torna iguais."

Reece se aproxima e abraça o pai, e o Rei retribui o abraço.

"Meu filho," o Rei MacGil diz. "Eu deveria tê-lo mantido por perto. Muito mais perto do que Gareth. Eu o subestimei por causa de sua idade. Esse é um erro que eu não cometeria novamente se eu tivesse outra chance."

O Rei MacGil olha para Thor e coloca as mãos em seu ombro.

"Você nos deixou muito orgulhosos," ele fala para Thor. "Você nos concedeu inúmeras honras. Por sua causa, continuamos vivos. Agora vivemos através de você."

Thor abraça o Rei, que retribui o gesto.

"E o que aconteceu com meu filho?" Thor pergunta para ele. "Guwayne está com você?"

Thor tem receio de fazer a pergunta e teme saber a resposta.

MacGil olha para baixo.

"Essa não é uma pergunta que eu deva responder," ele fala. "Você deve perguntar para o rei."

Thor olha para ele, confuso.

"O Rei?" Thor pergunta.

MacGil assente.

"Todas as estradas levam para um só lugar. Se estiver procurando por alguém aqui, nada nem ninguém passa por aqui sem passar pelas mãos do Rei dos Mortos."

Thor olha para ele com espanto.

"Eu vim para guiá-los," continua MacGil. "Um antigo Rei pode apresentá-los. Se ele não gostar do seu pedido, ele os matará. Você podem recuar agora, e eu os ajudarei a encontrar a saída. Ou podem continuar e encontrá-lo. Mas o risco é enorme."

Thor olha para seus companheiros, que olham para ele com determinação nos olhos.

"Viemos até aqui," Thor diz, "não vamos recuar agora. Vamos conhecer esse Rei."

O Rei MacGil assente com uma expressão de aprovação no olhar.

"Eu não esperava menos de vocês," ele diz.

O Rei MacGil se vira e eles o seguem por um novo túnel, caminhando pela escuridão; Thor se prepara, segurando o punho de sua espada com força e pressentindo que o próximo encontro determinará o rumo de sua vida.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Volússia é carregada por seus homens em sua carruagem dourada, acompanhada por um dúzia de seus melhores oficiais e conselheiros na longa marcha até Maltolis, a cidade do príncipe desequilibrado. Ao se aproximarem dos portões, a grande cidade surge diante deles e Volússia começa a pensar. Ela tinha ouvido histórias sobre a cidade enlouquecida e o príncipe desequilibrado, cujo nome tinha sido inspirado na cidade, assim como o dela, desde que ela era uma criança, mas ela nunca a tinha visto com seus próprios olhos. Obviamente, sua mãe a tinha advertido, assim como seus conselheiros, a nunca se aproximar de Maltolis. Todos diziam que a cidade era possuída; e que todos que a visitavam nunca retornavam.

A ideia a deixa excitada. Volússia, destemida e torcendo por um conflito, olha para os muros altos da cidade - construídos com pedras escuras, e percebe imediatamente que - por maior que Volússia seja - Maltolis é dez vezes maior em tamanho e extensão, com muros ainda mais altos. Enquanto Volússia é construída à beira mar, com ondas e o oceano visíveis por todos os lados, Maltolis está situada no leste do território do Império, cercada por um deserto árido e um campo de cactos negros retorcidos. Os cactos são um adorno apropriado para anunciar aquele lugar.

Eles param diante de uma ponte de pedra construída sobre um fosso com vinte metros de largura cujas águas azuis profundas circulam a cidade. Há apenas uma forma de entrar e sair daquela cidade, passando por aquela ponte arqueada e fortemente guardada por dezenas de soldados armados.

"Coloquem-me no chão," Volússia ordena. "Quero ver tudo com meus próprios olhos."

Eles fazem como ela ordena, e assim que seus pés tocam o solo, Volússia aprecia a sensação de pisar no chão após ter sido carregada por tantos quilômetros. Ela imediatamente começa a caminhar na direção da ponte, e seus homens se apressam para segui-la.

Volússia para diante da ponte, apreciando a visão diante dela: alinhadas ao longo dela, há uma série de lanças, onde cabeças recém-decapitadas estão expostas, com sangue ainda escorrendo delas. Mas o que

mais a surpreende é o que ela vê acima da ponte: há uma grade dourada onde estão pendurados os corpos de soldados sem as pernas. É uma visão macabra, uma forma ameaçadora de anunciar a cidade.

Aquilo não faz sentido, pois aqueles soldados parecem ser os homens do príncipe desequilibrado.

"Há boatos de que ele mata seus próprios homens," Soku se aproxima e sussurra em seu ouvido, igualmente chocado com aquela cena. "Quanto mais leais eles são, maiores as chances de serem mortos."

"Por quê?" ela pergunta.

Soku dá de ombros.

"Ninguém sabe," ele responde. "Alguns acreditam que ele faz isso por diversão, outros dizem que é por tédio. Nunca tente analisar as atitudes de um louco."

"Mas se ele é tão louco," ela comenta, "como ele administra uma cidade tão grandiosa? Como ele faz para se manter no comando?"

"Com o exército que ele herdou, maior que o seu jamais será."

"Dizem que todos tentaram se rebelar quando ele assumiu o poder," diz Koolian, aproximando-se dela. "Eles acharam que seria fácil, mas ele surpreendeu a todos. Ele matou os rebeldes da maneira mais cruel, começando por suas famílias. Ele acabou sendo mais perverso e imprevisível do que o mundo esperava."

"Eu lhe peço mais uma vez, minha senhora," Soku implora. "Vamos embora desse lugar. Vamos encontrar um exército em outro lugar. O príncipe desequilibrado não nos emprestará suas forças. Você não tem nada que ele precise, não há nada que você possa lhe oferecer. Por que você insiste nessa ideia?" Volússia se vira e lança um olhar duro e frio em sua direção.

"Por que eu sou Volússia," ela fala, e sua voz carrega força e autoridade. "Eu sou a Deusa Volússia, nascida do fogo e das chamas, do vento e da água. Eu esmagarei nações sob os meus pés, e nada neste mundo - nem exércitos e nem príncipes - será capaz de me deter."

Volússia volta a olhar para a ponte e lidera o caminho, e seus homens apressam-se para acompanhá-la até que ela chega até a ponte e é interrompida pelos doze soldados que abaixam suas alabardas, bloqueando a passagem dela.

"Informe o propósito de sua visita," diz um deles, seu rosto escondido atrás do capacete.

"Dirija-se a ela como Imperatriz," Aksan fala, adiantando-se indignado. "Você está falando com a Imperatriz e Deusa Volússia. Rainha de Volússia. Rainha da grande cidade litorânea, e Rainha de todas as províncias do Império."

"Não deixamos ninguém passar sem a permissão do Príncipe," responde o soldado.

Volússia dá um passo adiante, coloca a mão na ponta da alabarda e lentamente a abaixa.

"Eu tenho uma proposta para o seu Príncipe," ela fala suavemente. "Uma oferta irrecusável. Você nos deixará passar por que o seu Príncipe irá matá-lo se souber que nos recusou passagem."

Os soldados, incertos, abaixam suas alabardas e se entreolham confusos. Um deles faz um gesto com a cabeça, e todos lentamente abrem passagem para ela.

"Nós a levaremos até nosso Príncipe," o soldado diz. "Mas se ele não gostar de sua oferta, bem... você pode ver com seus próprios olhos o que acontece," ele fala, olhando para cima.

Volússia acompanha o olhar do soldado e vê os corpos mutilados expostos na ponte.

"Este é um risco que você está disposta a correr?" pergunta o soldado.

"Minha Imperatriz, vamos embora desse lugar," Soku sussurra urgentemente em seu ouvido.

"Alguns portões devem permanecer fechados."

Volússia balança a cabeça e dá o primeiro passo sobre a ponte. Ela olha pra frente, além dos soldados, e vê os enormes portões decorados com esculturas de ferro grotescas - rostos de cabeça para baixo, um deles rindo e o outro gritando. Apenas aquelas esculturas são o suficiente, pensa Volússia, para fazerem pessoas normais pensarem duas vezes antes de entrar naquela cidade.

Ela olha nos olhos do soldado, resolvida.

"Leve-me até o seu governante," ela ordena.

*

Volússia atravessa os portões da cidade, observando tudo com espanto. Uma gota cai em seu ombro e, pensando se tratar de chuva, ela olha para sua manga dourada e se surpreende ao vê-la manchada de vermelho. Ela olha para cima e vê uma série de cordas amarradas nos muros da cidade, onde uma coleção de membros está pendurada - uma perna aqui, um braço ali - todos expostos como sinos, com sangue fresco ainda escorrendo deles. Eles balançam ao vento, e a corda gasta range sob o peso dos membros.

Algumas cordas estão mais baixas que as outras, e à medida que Volússia e seus homens passam pelos portões, ela não consegue deixar de esbarrar em algumas delas.

Volússia admira a barbárie daquele Príncipe. Ao mesmo tempo, ela questiona a extensão de sua loucura. Sua crueldade não a assusta, mas a casualidade de tudo aquilo, sim. Ela também gosta de ser feroz e cruel, mas sempre dentro de um contexto racional. Mas isso... Ela simplesmente não consegue compreender a maneira de pensar daquele príncipe.

Eles passam pelos portões e chegam a um vasto pátio interno coberto de paralelepípedos. Centenas de tropas preenchem a praça e o barulho de suas armaduras e esporas preenche o ar enquanto eles marcham ao redor do pátio. Fora isso, a cidade está estranhamente silenciosa naquela manhã.

Ao atravessarem lentamente o pátio, Volússia tem a sensação de estar sendo observada; ela olha para cima e ao longo dos muros da cidade ela vê pessoas - cidadãos, com expressões de pânico e preocupação,

observando-os através de janelas pequenas com os olhos arregalados. Muitos carregam expressões estranhas, alguns batem as cabeças nas paredes, outros dançam, balançam ou batem as mãos em suas cabeças. Algumas pessoas gemem, outras riem e outras simplesmente choram.

Enquanto Volússia observa, ela vê uma jovem se inclinar para fora de uma janela e cair de cara, gritando até o chão. Ela cai no chão de pedra com um estrondo, encontrando a sua morte quinze metros abaixo de sua janela.

"A primeira coisa que o Príncipe desequilibrado fez ao herdar o trono de seu pai," Koolian sussurra para Volússia, caminhando ao seu lado, "foi abrir os portões dos sanatórios. Ele deixou todos os loucos correrem livremente pelas ruas. Dizem que o Príncipe se diverte ao vê-los durante sua caminhada matinal, e ao ouvi-los gritando durante a noite."

Volússia ouve estranhos gemidos, choros e gritos ecoando pelos muros da cidade e por todo o pátio, e tem que admitir que até mesmo ela, destemida como é, acha aquilo um pouco perturbador. Ela está começando a ter um mau pressentimento. Ao lidar com um louco, tudo pode acontecer. Ela não sabe o que esperar daquele lugar, e cada vez mais tem a sensação de que não será nada bom. Talvez, pela primeira vez na vida, ela tenha cometido um erro.

Mesmo assim, Volússia se esforça para continuar forte. Ela é uma deusa afinal, e uma deusa não pode ser ferida.

Volússia sente a tensão no ar ao atravessar a praça, e finalmente chegar diante de uma enorme porta dourada. Aldravas do tamanho dela são erguidas pelos doze soldados, e as portas rangem. Um vento frio assopra seu rosto, vindo da escuridão quando a porta é aberta.

Volússia é levada para dentro do castelo, e ao entrar naquele lugar escuro, iluminado apenas por algumas tochas esporádicas, ela ouve risadas e exclamações ecoando pelas paredes do lugar. Quando seus

olhos se ajustam, ela vê dezenas de malucos vestidos com trapos perambulando pelo lugar - alguns andando sem rumo, outros seguindo seu grupo, outros gritando com eles e um arrastando-se atrás deles.

É como entrar em um sanatório. Os soldados os mantêm longe, mas mesmo assim, a presença deles é irritante.

Ela e sua comitiva acompanham os soldados por um corredor interminável até finalmente chegarem a um hall.

Ali, diante deles, Volúcia se surpreende ao ver o Príncipe desequilibrado. Ele não está sentado em seu trono, como um governante faria, e também não se aproxima para cumprimentá-los; na verdade, seu trono - Volúcia fica surpresa ao ver, está virado de cabeça para baixo, e o Príncipe, em vez de sentado, está em pé em cima dele com os braços estendidos para os lados. Descalço, ele não veste nada além de shorts e a coroa em sua cabeça, quase nu apesar do dia frio. Ele também está coberto de sujeira.

Assim que eles entram, o Príncipe os vê e salta de cima de seu trono.

Eles se aproximam, e Volúcia sente seu coração bater acelerado de ansiedade; mas em vez de cumprimentá-los, o Príncipe vira e corre para uma das paredes. Ele corre ao longo da parede de pedra antiga, adornada com os mais lindos vitrais, correndo a palma da mão pelo vidro. Ao ver as paredes ficando vermelhas, Volúcia percebe que as mãos do Príncipe estão cobertas de tinta. Tinta vermelha. Ele corre pra frente e pra trás ao longo das paredes antigas, manchando-as e estragando os preciosos vitrais; ele mancha estandartes e troféus - todos, sem dúvida, pertencendo aos seus ancestrais. E ninguém ousa impedi-lo.

O Príncipe ri sem parar enquanto faz isso.

Volúcia olha para os seus homens, que olham para ela com igual apreensão.

Tudo aquilo seria muito engraçado se a câmara não estivesse repleta de soldados mortais, todos em guarda, alinhados perfeitamente no centro do hall em torno do trono, claramente aguardando as ordens do Príncipe.

Volúcia e seus homens são guiados até o trono do Príncipe e ela fica parada ali, esperando e olhando para o trono virado de cabeça para baixo e vazio, enquanto assiste o Príncipe correr pelo hall.

Volúcia fica parada por sabe-se lá quanto tempo, ficando mais impaciente a cada minuto, até que o Príncipe finalmente desiste de sua atividade, atravessa o hall correndo - chacoalhando as jóias de sua

coroa - e salta novamente sobre o seu trono. Ele escorrega de cima do trono como um garoto e cai em pé, rindo e batendo palmas histericamente, e então volta a fazer a mesma coisa várias e várias vezes. Finalmente, depois da quinta escorregada, ele cai em pé e corre na direção de Volúcia e sua comitiva a toda velocidade. Ele para abruptamente diante dela, e todos os homens de Volúcia recuam.

Todos, menos Volúcia. Ela permanece parada, determinada, e o encara de maneira calma e sem expressão enquanto observa uma variedade de sentimentos no rosto dele. Ela observa o Príncipe mudar de feliz para furioso, para neutro e então para feliz novamente e depois confuso, tudo durante os segundos em que ele a examina. Ele não encontra o olhar dela, mantendo sempre um olhar distante. Enquanto Volúcia o analisa, ela percebe que ele não é exatamente desinteressante; um rapaz de dezoito anos, com um corpo bonito e traços marcantes. Mas a loucura em seu rosto o faz parecer mais velho. E é claro, ele precisa de um bom banho.

"Você veio para me ajudar a pintar?" ele pergunta para Volúcia.

Ela o encara sem expressão, pensando em como responder.

"Eu vim para ter uma audiência," ela diz.

"Para me ajudar a pintar," ele repete. "Eu pinto sozinho. Você entende?"

"Eu vim..." Volúcia resposta fundo, medindo suas palavras com cautela. "Eu vim lhe pedir suas tropas. Romulus está morto. O Grande Líder do Império não existe mais. Você governa as terras do leste, e eu, o litoral. Com os seus homens, eu posso derrotar a capital antes que eles invadam as nossas terras."

"As nossas?" o Príncipe pergunta. "Por quê? É atrás de *você* que eles estão. Eu estou seguro aqui. Eu sempre estive seguro aqui. Meus pais estavam seguros aqui. Meus peixes estão seguros aqui."

Volúcia se surpreende com sua astúcia; mas ele também é louco, e ela não sabe se deve levá-lo a sério. Aquela está sendo uma experiência surreal.

"Tropas são apenas tropas," ele completa. "O reino está repleto delas. Você deseja usá-las. Elas podem acabar usando você. Eu mesmo não me importo com elas. Elas não têm utilidade pra mim."

O coração de Volúcia se enche de esperança, e ela se esforça para acompanhar seu discurso errático.

"Podemos contar com seus homens?" Volúcia pergunta.

O Príncipe joga a cabeça para trás e ri.

"É claro que não," ele fala. "Bem, talvez. O problema é que eu tenho uma regra. Quando alguém me faz um pedido, eu preciso matá-lo primeiro. Então, às vezes, quando eles estão mortos, eu decido conceder o pedido."

Ele a encara, zombando dela com crueldade, e então sorri abertamente.

"Eu não posso ser morta," Volúcia responde com a voz fria como o aço, tentando projetar autoridade embora se sinta cada vez mais insegura. "Você está falando com a Grande Volúcia, a grande Deusa do leste. Eu tenho milhares de homens que morrem de acordo com o meu desejo, e é meu destino governar o Império. Você pode me emprestar os seus homens e governar comigo, ou..."

Antes que ela possa terminar, o Príncipe ergue uma mão. Ele fica olhando para cima como se estivesse escutando alguma coisa - e o silêncio é interrompido por sinos que tocam.

De repente, ele se vira e sai correndo do hall.

"Meus bebês estão acordando!" ele diz enquanto corre. "É hora de alimentá-los!"

Ele bate palmas sem parar e desaparece do hall.

Volúcia e seus homens recebem ordens para segui-lo, e todos os soldados formam uma fila e começam a marchar atrás dele. Volúcia se pergunta onde eles estão indo.

Ela se vê sendo levada para o lado de fora, passando pelos portões e por outra ponte que dá acesso ao fosso na parte de trás do castelo. Eles se apressam atrás do Príncipe enquanto ele fica no meio da ponte - praticamente nu apesar do frio, esticando o braço e segurando uma vara comprida com dificuldade.

Volúcia olha para baixo e vê que no final da vara há uma corda pendurada; a princípio, ela pensa que ele está pescando, mas então ela percebe que há um homem pendurado com a corda em torno do pescoço, balançando sobre o fosso. Volúcia assiste horrorizada enquanto o Príncipe segura a vara com ambas as mãos, agarrando-a furiosamente com toda força.

Ela ouve gritos e, ao olhar para baixo, vê um grupo de crocodilos no fosso mordendo e arrancando pedaços das pernas do homem.

O Príncipe puxa o corpo - sem as pernas - para fora da água, e os gritos da vítima preenchem o ar.

Ele coloca o homem sobre a ponte, debatendo-se, mas ainda vivo.

Vários soldados se aproximam e erguem a vara com o corpo do homem, colocando-o em um gancho nas cordas estendidas sobre a ponte. O corpo fica pendurado ali enquanto o homem ainda geme, pingando sangue e água.

O Príncipe bate palmas furiosamente. Ele se vira e corre até Volússia.

"Eu adoro pescar," ele fala para ela. "E você?"

Volússia olha para o corpo e a cena, mesmo para ela, é demais. Ela está chocada. Ela sabe que se pretende sobreviver ali, ela precisa tomar uma atitude, fazer alguma coisa rápida e definitiva. Ela sabe que precisa falar com ele em sua própria língua, agindo como se fosse tão louca quanto ele. Um tratamento de choque.

Ela se aproxima dele de repente e arranca a coroa da cabeça do Príncipe. Volússia a coloca em sua cabeça e fica ali, encarando-o.

Todos os soldados dele se aproximam, sacando suas armas - e o Príncipe finalmente parece sair de seu transe. Finalmente, ela tem a atenção dele, e ele olha para ela.

"Essa coroa é minha," ele fala.

"Eu a devolverei para você," ela fala, "quando você conceder meu pedido."

"Eu lhe disse, todas as pessoas que me pedem alguma coisa são mortas."

"Você pode me matar," ela fala. "Mas primeiro, conceda o meu pedido."

Ele a encara, revirando os olhos enquanto contempla a sua proposta.

"E que pedido é esse?" ele pergunta. "O que é que você quer que eu faça?"

"Quero lhe dar o maior presente que você recebeu em toda a sua vida." ela fala.

"Presente? Eu tenho os maiores presentes do império. Exércitos inteiros me pertencem. O que você pode me oferecer que eu já não possua?"

Ela olha para ele com seus lindos olhos e diz:

"Eu."

Ele olha para ela confuso.

"Passe a noite comigo," ela pede. "Durma comigo esta noite. Isso é tudo o que eu lhe peço. Amanhã de manhã, você pode me matar. E terá concedido o meu desejo."

Ele olha para ela e permanece em silêncio por um longo tempo, e o coração de Volússia bate acelerado enquanto ela torce para que ele acredite nela.

Finalmente, ele sorri.

Ela sabe que seus poderes são irresistíveis para todos os homens - nem mesmo um príncipe desequilibrado poderia recusar um pedido seu. Ela se aproxima, segura o rosto dele entre suas mãos, e o beija.

Ele retribui o beijo com lábios trêmulos.

"Seu desejo," ele diz, "será concedido."

CAPÍTULO TRINTA

Thor segue o Rei MacGil quando ele sai das cavernas mais escuras e entra em uma caverna subterrânea cujo teto tem dezenas de metros de altura e é mais iluminada do que qualquer outro lugar que Thor já tinha visto ali embaixo. Thor e seus companheiros param no meio do caminho, espantados com a cena diante deles. Aquela caverna é iluminada por grandes fogueiras intercaladas por poços de lava borbulhantes e tem quase cem metros de diâmetro. Em seu centro há um único objeto: um trono imenso feito de granito negro brilhante, encravado na rocha e emergindo do solo como se fosse um tumor. Com dez metros de altura e largo o suficiente para acomodar dez homens, os braços do trono terminam em grandes gárgulas cujos olhos são feitos de diamantes negros. Em volta dele, um grande poço de lava fervente dá ao trono um ar sinistro.

Mas isso não é o que causa mais espanto em Thor. O que o deixa sem fala é o que ocupa o trono: com quase a mesma altura do trono e a largura de três homens, uma criatura musculosa e com pele vermelha brilhante está sentada nele. Seu torso é humano, mas suas pernas estão cobertas de pêlo preto e grosso que se estende até o chão da caverna. Em vez de pés, a criatura tem patas. Seu rosto é quase humano, mas ao mesmo tempo é enorme, monstruoso e grotesco; a criatura tem o queixo mais largo que

Thor já tinha visto, olhos amarelos pequenos e longos chifres negros e retorcidos na lateral da cabeça. A cabeça do monstro é completamente careca, suas orelhas são pontudas e seus olhos brilham. A criatura rosna ao respirar - soltando vapor e formando um grande halo vermelho ao seu redor, enquanto chamas ardem atrás de seu trono. Em sua cabeça há uma coroa preta brilhante, feita inteiramente de diamantes negros com enorme diamante negro no centro. Como uma besta recém-saída das entranhas do inferno, a criatura permanece sentada, brilhando e exalando ódio e morte.

Ela os encara, e Thor sente que a criatura está olhando diretamente através dele.

Ele engole em seco com os cabelos arrepiados, sentindo que está olhando para o Rei dos Mortos.

Como se aquilo não bastasse, em torno do Rei há dezenas de criaturas, movendo-se e voando ao redor dele com pequenas asas vermelhas e pele vermelha brilhante - gárgulas em miniatura que cercam o Rei. Aos seus pés, no chão, há dezenas de guardas - homens extremamente musculosos com chifres e pele vermelha, montando guarda com alabardas vermelhas brilhantes com pontas flamejantes. Cobras rastejam em torno da base do trono.

Thor não desvia os olhos, sabendo que está diante da sala do trono da morte.

Ele sente algo sendo esmagado sob seus pés, e ao olhar para baixo vê que o chão está repleto de ossos e crânios por todo o caminho até o trono.

"Foi-lhes concedida uma audiência com o Rei," MacGil diz. "Essa é uma oportunidade única. Sejam fortes. Olhem nos olhos dele. Não desviem o olhar. Você vão morrer aqui de qualquer forma: é melhor fazê-lo com honra."

O Rei MacGil faz um sinal com a cabeça para encorajá-los, e Thor começa a andar - seguido pelos outros - pela estreita passarela coberta de ossos, aproximando-se do Rei. Enquanto ele caminha, estranhas criaturas parecidas com grandes abelhas voam perto de sua cabeça batendo suas asas.

Thor ouve gemidos e, ao olhar para a periferia da caverna, vê centenas de humanos acorrentados às paredes com algemas enormes em torno de seus pescoços, pulsos e mãos. Ele vê criaturas diante deles, açoitando-os enquanto eles gritam sem parar. Thor se pergunta o que eles teriam feito para merecer aquele castigo.

Ele tem a estranha sensação de que jamais vai sair daquele lugar, e que aquele pode ser seu último confronto antes de ser condenado à morte. Ele se prepara, respira fundo e caminha orgulhosamente pela passarela até o trono, ainda ouvindo as palavras de MacGil.

Thor se aproxima o máximo que pode, até ter seu caminho bloqueado pelos guardas, que abaixam suas alabardas. Ele fica ali parado e olha para o Rei.

O Rei olha para Thor - respirando profundamente e fazendo um barulho gutural em seu peito a cada respiração, ao mesmo tempo em que arranha os braços do trono. Thor não recua e permanece ali, encarando o Rei com uma expressão determinada no rosto.

As gárgulas se silenciam, e um silêncio tenso preenche o ar. Thor sabe que aquele pode ser o momento mais importante de sua vida e pensa em sua mãe. Ele gostaria de tê-la ao seu lado agora para ajudá-lo a ter forças para enfrentar aquilo.

Thor sente que deve dizer alguma coisa.

"Vim em busca do meu filho," Thor grita - sua voz cheia de confiança ao encarar o Rei dos Mortos.

O Rei se inclina ligeiramente pra frente e olha dentro dos olhos de Thor, que sente aqueles olhos amarelos brilhantes atravessando a sua alma.

"É mesmo?" ele pergunta com uma voz incrivelmente profunda e antiga. A voz ecoa por toda a caverna, e a cada palavra que ele pronuncia, a caverna se agita com o som das criaturas atentas ao seu pronunciamento. O timbre de sua voz é sombrio e poderoso, e é doloroso para Thor simplesmente ouvi-lo falar.

"E o que o faz pensar que será capaz de encontrá-lo?" ele continua.

"Ele está morto," responde Thor. "Eu vi com meus próprios olhos. Eu gostaria de vê-lo. Por favor, não me negue isso."

"Ah, você viu?" o Rei repete, e então encosta as costas no trono e olha para o teto, emitindo um gemido estranho e um gargarejo enquanto passa as mãos nos braços do trono.

Finalmente, ele olha para Thor.

"Eu gostaria de estar com seu filho aqui," o Rei diz. "Muito mesmo. Eu até havia enviado meus escravos para encontrá-lo, matá-lo e trazê-lo até mim. Mas veja você, uma energia muito forte protege o

garoto. E a missão foi um fracasso. Ele ainda vive."

Thor sente seu coração se encher de otimismo ao ouvir as palavras do Rei, mas ele ainda está em choque e não tem certeza se ouviu direito.

"Você está dizendo que Guwayne não morreu?"

Quando o Rei assente ligeiramente, o coração de Thor se enche de alegria e ele abre um grande sorriso, sem conseguir conter sua felicidade. Suas energias são instantaneamente renovadas, e ele volta a sentir vontade de viver.

"É uma pena que ele ainda vive," o Rei fala, "e nunca poderá ver o seu pai, que agora está aqui embaixo comigo."

Thor olha para o Rei e de repente se sente determinado a viver, a deixar aquele lugar, encontrar Guwayne e resgatá-lo. Enquanto Guwayne estiver vivo, Thor não quer ficar naquele lugar.

"Eu não compreendo," Thor diz. "Eu vi meu filho morrer com meus próprios olhos."

O Rei balança a cabeça.

"Você viu com seus olhos, e seus olhos o enganaram. Você aprendeu uma grande lição. É preciso enxergar com a sua mente. E agora terá que pagar o preço. Você entrou nesse lugar, e ninguém nunca sai da terra dos mortos. Nunca. Vocês serão meus escravos por toda a eternidade."

"Não!" Thor grita determinado.

Todas as criaturas se silenciam e encaram Thor, obviamente espantadas. Aparentemente, ninguém nunca havia falado com o Rei daquela forma.

"Se Guwayne não está aqui, eu também não ficarei aqui."

O Rei dos Mortos o encara com ódio.

"Segure essa língua, Thorgrin," o Rei MacGil sussurra com urgência para ele. "Você está aqui embaixo agora, e pode andar livremente como eu. Deixe o Rei nervoso, e será enviado aos quartos de tortura, onde será esfolado por toda a eternidade. Não insista. Fique de boca fechada e aceite o seu destino."

"Eu NÃO farei isso!" Thor grita, controlado pela emoção.

Thor avalia a caverna, e quando uma das fogueiras se apaga, ele percebe pela primeira vez uma

impressionante espada enfiada no chão de granito, com o punho brilhando sob a luz da caverna. Aquela é a espada mais bela que Thor já tinha visto, com um punho marfim detalhado aparentemente feito de ossos e uma lâmina brilhante que parece ser feita do mesmo granito que cobre o chão da caverna. Decorada com pequenos diamantes, a espada o atrai inexplicavelmente. Thor não vê uma espada como aquela desde que havia empunhado a Espada do Destino - e também não se sente atraído assim por uma arma há muito tempo.

"Você está olhando para a espada," o Rei fala, percebendo. "Você vê algo que jamais poderá ter. Aquela é uma espada lendária, a Espada dos Mortos. Ninguém que já tenha passado por aqui foi capaz de empunhar essa arma. Apenas um grande rei é capaz de fazê-lo. Apenas o escolhido."

Thor dá um grito, invoca os seus poderes, e salta sobre o exército de guardas na direção trono, rumo ao Rei dos Mortos. Ele dá um grito de batalha e leva suas mãos ao pescoço do Rei, em uma tentativa destemida de matá-lo.

O Rei dos Mortos nem se move. Ele ergue levemente uma das mãos e, ao fazer isso, Thor dá de cara com uma parede invisível a alguns metros dele, e então despenca até o chão, caindo de costas e sem fôlego.

Thor olha para cima, surpreso. Ela havia invocado os seus poderes, e isso sempre tinha sido suficiente para conquistar os seus inimigos. Mesmo os feiticeiros mais sombrios.

"Eu não sou um dos seus feiticeiros, garoto," o Rei dispara, olhando para ele com desprezo. "Eu sou o REI!"

Sua voz é tão alta que arrebenta as pedras ao seu redor, fazendo chover pedregulhos em cima de Thor.

"Seus truques não funcionarão comigo. Todas as almas dos mortos passam por mim - e você não está acima da morte. Eu posso condená-lo a sofrimentos eternos e inimagináveis torturas. Criaturas arrancarão seus olhos e os colocarão de volta apenas para se divertirem."

As pequenas criaturas aplaudem excitadas, aparentemente animadas com aquela ideia.

Thor se levanta e olha para o rei, respirando com dificuldade ao juntar-se aos seus companheiros.

Ele não se importa com as consequências; está preparado para lutar e fazer qualquer coisa por Guwayne - mesmo se não puder vencer.

O Rei se inclina pra frente, examinando-o, e algo muda em seu olhar.

"Eu gosto de você, rapaz," continua ele. "Ninguém nunca tentou me atacar antes. Eu admiro isso.

Você é mais descarado do que eu pensava."

Ele se inclina para trás e acaricia os braços de seu trono.

"Como recompensa," ele fala, "vou lhe dar um prêmio: uma chance de sair deste lugar. Se conseguir derrotar minha legião de guerreiros, eu farei o que nunca fiz antes: Abrirei os portões dos mortos para você e deixarei que volte para a superfície. Mas se você perder, não ficará apenas confinado aqui, mas você e seus homens estarão destinados a sofrer uma eternidade de torturas inimagináveis. Ninguém nunca foi capaz de derrotar a minha legião. A escolha é sua."

Thor olha para as centenas de guerreiros que o encaram perfeitamente eretos, empunhando suas alabardas flamejantes e aguardando as ordens o Rei; ele também olha para trás e vê incontáveis criaturas voando pelo ar. Ele sabe que suas chances de vitória são praticamente nulas.

Thorgrin olha para o Rei com orgulho.

"Eu aceito," ele responde.

As criaturas zunem animadas, e o Rei olha para ele com uma expressão de respeito, claramente satisfeito.

"Mas com uma condição," completa Thorgrin.

O Rei o observa com espanto.

"Uma condição?" ele ri. "Você não está numa situação de impor condições."

"Eu não lutarei sem esta condição," Thor responde determinado.

O Rei o encara por um longo tempo, como se estivesse pensando.

"E qual é essa condição?" ele finalmente pergunta.

"Se ganharmos," diz Thorgrin, "você concederá um desejo a cada um dos meus homens. E terá que conceder esse pedido, seja ele qual for."

O Rei o estuda Thor por um longo tempo, e finalmente concorda.

"Há mais em você, garoto, do que eu pude observar daqui debaixo. É uma pena que os Druidas tenham chegado até você primeiro; se não fosse pela sua mãe, eu o teria buscado há muito tempo. Eu gostaria de tê-lo ao meu lado."

Thor não consegue pensar em nada que lhe causaria mais repulsa.

Finalmente, o Rei suspira.

"Muito bem!" ele grita. "Seu pedido é descarado o suficiente para ser aceito! Derrote minha legião de guerreiros, e eu não só permitirei que vocês partam, mas também concederei um desejo a cada um de vocês. Que a batalha comece!" ele declara.

De repente um tremendo zumbido toma conta da caverna e Thor saca sua arma, virando-se. Ele vê centenas de pequenas criaturas parecidas com gárgulas voando na direção dele e de seus homens. Thor ouve seus irmãos sacarem suas armas ao seu lado. É bom entrar em uma batalha com Conval ao seu lado mais uma vez.

Quando Thor encara aquelas criaturas, ele se sente incendiado, energizado por uma determinação mais forte do que ele já havia sentido. O filho dele está na superfície, vivo em algum lugar - e isso é tudo o que importa. Ele vai derrotar aquelas criaturas, ou morrerá tentando.

Thor não consegue esperar. Ele dá um grito de batalha e parte para cima delas. Ele usa o seu poder para saltar no ar e golpear sua espada com a força de cem homens, cortando um gárgula vermelha após a outra. Gritos horríveis cortam o ar quando ela arranca as asas de seus corpos e, uma por uma, elas caem no chão.

Thor desvia de suas mordidas quando elas mergulham em sua direção com seus olhos amarelos brilhantes. Ele cai no chão e imediatamente se vira e golpeia os enormes soldados que o atacam empunhando alabardas flamejantes.

Thor gira e corta suas alabardas ao meio, uma após a outra. Eles o atacam sem parar em um fluxo contínuo, e mais de um golpe o acerta. Thor grita quando a ponta flamejante de uma alabarda corta seu bíceps, queimando seu braço.

Mas ele não pode recuar; ele se vira e bate no rosto deles com o punho de sua espada, se abaixa quando um deles tenta acertar o seu rosto e então gira e golpeia outro soldado. Ele invoca todos os seus poderes, lembrando o seu treinamento e todas as técnicas que havia aprendido e se jogando no meio da multidão com abandono, lutando corpo a corpo e enfrentando os golpes de frente.

À sua volta, seus companheiros fazem o mesmo. Conval dá um passo à frente com sua lança e perfura o pescoço de dois soldados, enquanto Conven - atrás de seu irmão - ataca com sua maça, matando três soldados que tentam ferir Conval.

O'Connor ergue o seu arco e atira, matando várias gárgulas em pleno vôo, derrubando-as como moscas antes que elas possam atacar seus irmãos. Matus começa a correr, girando o seu mangual e criando um perímetro em torno deles ao mesmo tempo em que elimina vários tipos de criaturas que os atacam pelo ar - além de alguns dos soldados que empunham alabardas.

Reece empurra Selese para um lugar seguro perto do Rei MacGil, saca sua espada e parte para o meio da multidão, golpeando, cortando e bloqueando para todos os lados. Ele luta lado a lado com Thor e, mais de uma vez, consegue impedir que um golpe acerte seu amigo. Thor retribui o favor, girando o corpo e usando sua espada para impedir que o golpe de uma alabarda flamejante acerte o pescoço de Reece. Quando Thor trava sua espada contra a alabarda, seus braços tremem e Reece pode sentir as chamas a alguns centímetros de seu rosto, quase queimando a sua face. Finalmente, Reece se afasta e chuta o soldado, e então os dois saltam sobre o guerreiro, perfurando-o ao mesmo tempo.

Elden ataca o grupo de soldados com seu machado de duas mãos, dando golpes duros que derrubam dois guerreiros de cada vez. Uma gárgula mergulha e pousa na parte de trás do pescoço dele, e Elden grita ao ser arranhado por ela. Indra saca o seu estilingue, mira e atira, acertando a criatura com uma pedra grande instantes antes que ela consiga enfiar suas presas no pescoço de Elden. Ela então atira mais três pedras em rápida sucessão, derrubando vários guerreiros antes que eles possam acertar Elden com suas alabardas.

Mas os guerreiros são fortes - e parecem não acabar nunca, e Thor e seus homens, após a vitória inicial, começam a se cansar. Matus gira o seu mangual e um dos guerreiros prende sua arma em sua

alabarda, arrancando-o de suas mãos e deixando-o sem defesa. Outro soldado do Rei se aproxima e o fere, ferindo o braço de Matus com sua alabarda e fazendo Matus gritar de dor.

As gárgulas também atacam em um fluxo contínuo, e enquanto O'Connor mira as criaturas, usando o seu arco para atirar, uma delas arranca a arma de suas mãos enquanto outras três pousam em suas costas e mordem o seu pescoço. O'Connor grita e cai de joelhos, esticando os braços e tentando desesperadamente arrancar os monstros de suas costas.

Elden golpeia com seu machado e corta outra besta pela metade - mas o golpe deixa suas costas expostas, e outro monstro abaixa sua alabarda nas costas dele, batendo a haste de metal com tanta força que a parte ao meio. Elden, atingido pelo golpe, cai de joelhos.

Indra se aproxima e dá uma cotovelada no pescoço da criatura antes que ela mate Elden, salvando-o; mas uma gárgula salta em cima dela e morde o seu pulso, fazendo com que ela solte o seu estilingue e segure o seu braço por causa da dor.

Reece, cercado e no meio da multidão ao lado de Thor, ataca e se defende sem parar, mas não consegue evitar todos os golpes, e logo se encontra exposto e o golpe de uma alabarda o acerta na lateral, fazendo-o gritar de dor.

Thor, completamente cercado e com suor nos olhos, golpeia furiosamente em todas as direções, matando criaturas por todos os lados em uma luta para sobreviver. Mas ele está perdendo o ritmo, e lutando para recuperar o fôlego. No entanto, para cada criatura que ele consegue matar, outras cinco aparecem. O zumbido incomoda os seus ouvidos, e as criaturas não param de atacá-lo por todos os lados.

Thor sabe, enquanto continua lutando, que aquela é uma batalha que ele não pode vencer. Ele sabe que em breve estará condenado a uma eternidade de tortura e tristeza sem fim.

Um soldado ataca o ponto cego de Thor, golpeando sua alabarda e arrancando a espada das mãos dele. A espada de Thor cai no chão com um estrondo, e Thor leva uma cotovelada nas costas. Ele cai de joelhos sem fôlego, indefeso e cercado por todos os lados.

No meio do caos, Thor fecha os olhos e encontra um momento de paz. Ao sentir sua vida prestes a chegar ao fim, ele se recolhe para a parte mais profunda do seu ser. Ele pensa em sua mãe, em Argon e em todas as habilidades que eles o tinham ensinado, e sabe que, no fundo, aquele é apenas mais um teste. O teste supremo. Ele sabe que está sendo testado para aprender a superar as maiores dificuldades. Ele sabe - por mais impossível que possa parecer - que ele tem o poder dentro dele para superar tudo aquilo.

Mesmo ali, na terra dos mortos - nas profundezas da terra, ele ainda faz parte do universo, e aquele mundo faz parte do seu domínio. Ele sabe que, mais uma vez, está recusando o seu próprio poder.

Uma ideia de repente lhe ocorre:

Eu sou mais forte que a morte. Morrerei apenas se for essa a minha vontade. Se eu quiser viver - se eu realmente quiser viver, eu nunca morrerei. Toda a morte é um suicídio.

Toda a morte é um suicídio.

Thor sente um calor atravessando as palmas de suas mãos, os seus olhos e então seus pés são tomados por uma força maior do que qualquer coisa que ele já havia sentido antes. Ele salta seis metros no ar, desviando das alabardas que estão prestes a acertá-lo, e aterrissa atrás do grupo de soldados.

Thor se vê diante da espada - a Espada dos Mortos. Ele olha para ela, enfiada na rocha, e sente o seu poder. Ele tem a mesma sensação que havia sentido ao ser atraído para a Espada do Destino. Ele sente que aquela espada lhe pertence. Ele sempre que ela *sempre* havia lhe pertencido. E sabe que está destinado a empunhar mais do que apenas uma arma especial em sua vida - seu destino é empunhar muitas armas como aquela.

Thor estica o braço e grita, colocando as mãos em torno do punho de marfim da Espada dos Mortos e puxando com todas as suas forças.

Para sua surpresa, ela começa a se mexer. Com um som semelhante ao da terra sendo partida em duas, o chão treme e a espada é extraída do granito.

Thor ergue a espada acima de sua cabeça, sentindo-se triunfante e deixando o poder da arma atravessar o seu corpo. Ele sente que o seu poder é infinito, e que ele é capaz de dominar até mesmo a morte.

Thor percebe o Rei dos Mortos, sentado em seu trono, olhar para ele com surpresa e admiração.

Thor se vira e se joga para cima das legiões de bestas movendo-se mais rápido do que nunca, e começa a dar golpes com a espada. Ele percebe que a espada, em vez de torná-lo mais lento com o seu peso, na verdade o deixa ainda mais rápido, como se ela estivesse atacando por conta própria e fosse uma extensão de seu braço. Thor se vê matando besta após besta, um soldado após o outro como se eles nem estivessem ali. Gritos cortam o ar à medida que ele continua matando as criaturas no solo e no ar. Ele empurra grupos inteiros de soldados para dentro dos poços de lava. Thor bloqueia seus golpes quando eles o atacam com suas alabardas, e a espada é tão forte que parte suas armas ao meio como se elas fossem gravetos. Com o mesmo movimento, Thor gira o corpo e mata uma dúzia de soldados com um único golpe.

Thor ataca as feras que ainda restam, dando um grito de batalha feroz e golpeando com toda força, matando monstros cada vez mais rápido. Seus ombros não estão mais cansados - agora, ele se sente invencível.

Logo, Thor se vê parado sozinho, sem inimigos diante dele. Ele não compreende o que havia acontecido. Tudo está calmo. O chão está coberto de corpos, e não resta mais ninguém para enfrentá-lo.

Thor fica em pé, com o coração batendo acelerado, e encara o trono.

Em silêncio, o Rei dos Mortos, com uma expressão séria em seu rosto, olha para ele com incredulidade.

Thor mal consegue acreditar.

Ele havia vencido.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Darius está sentado diante de uma fogueira ao entardecer com as costas em carne viva, sentindo uma dor mais intensa que qualquer outra que ele já havia sentido em toda a sua vida. É como se ele tivesse sido esfolado vivo, e cada vez que ele respira ou se move a dor é insuportável. Dray permanece fielmente

ao seu lado, gemendo com a cabeça em seu colo e recusando-se a abandoná-lo. Darius oferece pequenas

porções de comida para Dray que, desanimado se nega a comer. Ele range os dentes e geme quando Loti, ajoelhada ao seu lado, coloca um pano com uma pomada em suas costas, como já vinha fazendo há algum tempo na tentativa de aliviar a sua dor. Enquanto ela faz isso, Darius nota lágrimas em seus olhos, e percebe como ela se sente culpada.

"Você não merece isso," ela diz. "Você está sofrendo por causa do que eu fiz."

Darius balança a cabeça.

"Você sofreu por causa do que *todos* nós fizemos," ele a corrige. "Não era sua responsabilidade enfrentar sozinha o Império. O que você fez pelo seu irmão, por todos nós, foi um ato de coragem; o que eu fiz por você foi apenas *uma* coisa."

Loti chora ao cuidar de suas feridas, enxugando as lágrimas com as costas das mãos.

"E agora?" ela pergunta. "De que adiantou? Eles voltarão amanhã de manhã. Eles me levarão embora, e mutilarão os outros. Ou ainda pior - matarão todos nós."

Darius balança a cabeça enfaticamente.

"Não deixarei que a levem embora," ele fala. "Não permitirei que a entreguem para salvarem suas próprias vidas."

"Então todos nós morreremos," ela declara.

Ele olha para ela com uma expressão severa.

"Talvez sim," ele diz. "Mas não há coisas piores que a morte? Pelos menos morreremos juntos."

Ele percebe pela expressão no rosto de Loti que ela está emocionada, e também como ela é fiel e grata a ele por tudo que ele havia feito.

"Eu nunca me esquecerei do que você fez por mim hoje," ela fala. "Nunca. Enquanto eu viver, meu coração será seu. Se morrermos amanhã ou não, você está me entendendo? Eu sou sua. E te amarei de agora até a eternidade."

Eles se aproximam e se beijam, e Darius sente seu coração bater acelerado. Ela se afasta com os olhos marejados, e ele sente a sinceridade em suas palavras. O beijo dela o faz esquecer toda a dor; ele seria capaz de fazer tudo de novo por ela, apesar da dor e de todo o sofrimento.

O alarme toca e em torno da fogueira, os anciãos se reúnem ao redor de Loti, Darius e de centenas

de habitantes da aldeia. Darius pode sentir a ansiedade no ar e ver o pânico estampado no rosto de todos os presentes - que sussurram entre si, discutindo com senso de urgência. Darius não pode culpá-los - afinal de contas, aquela pode ser sua última noite de vida. Amanhã, uma onda de mutilação ou destruição virá até eles, e há muito pouco que todos podem fazer para evitá-la.

O alarme toca mais uma vez, e os aldeões se silenciam quando o ancião chefe, Bokbu, dá um passo à frente e ergue as mãos, encarando a multidão. Ele olha para Loti e Darius com seriedade.

"Suas ações colocaram em risco todo o nosso povo," ele diz lentamente com sua voz grave. "Mas isso pouco importa agora. O que importa," ele fala, olhando para a multidão, "são as opções que temos diante de nós. Amanhã de manhã, que decisão nós tomaremos? Execução ou mutilação?"

Uma discussão animada se segue enquanto os aldeões argumentam entre si.

"Eu aceito ser mutilado mil vezes em vez de morrer!" um deles grita.

"Eu me recuso a ser mutilado!" grita Raj. "Prefiro morrer!"

Mais discussões se seguem, pois todos parecem ter opiniões diferentes sobre como proceder - e ninguém está contente. Darius se surpreende, já que mesmo diante da possibilidade de serem mutilados, os aldeões não estão dispostos a se defenderem e não entram em um acordo - unânime - para que todos ofereçam resistência. O que mais eles precisam? Seus espíritos tinham sido tão completamente esmagados?

"Essa não é uma escolha," diz um dos anciãos quando a multidão se acalma. "Não é uma escolha que um ser humano possa fazer. Isso é um horror, uma maldição lançada sobre todos nós."

Um silêncio recai sobre o grupo, e por um longo tempo tudo o que se pode ouvir é o barulho do vento.

"Nós *temos* uma escolha!" um aldeão grita. "Podemos entregar a garota para eles!"

Gritos de aprovação irrompem entre alguns dos aldeões.

"Elas nos colocou em perigo!" ele grita. "Ela infringiu a lei. A culpa é toda dela! Ela deve pagar o preço!"

Mais aldeões começam a aplaudi-lo essa vez, e alguns outros começam a discutir. Darius fica surpreso ao ver tanta discórdia entre seu povo e ao perceber como eles parecem dispostos a entregá-la.

"Existe outra opção!" grita outro ancião, erguendo suas mãos para que a multidão se silencie.

"Podemos entregar a garota para eles e implorar por nossas vidas. Talvez eles nos ouçam. Talvez eles não nos mutilem e decidam poupar as nossas vidas."

"Ou talvez eles façam as duas coisas!" grita outro habitante da aldeia.

Gritos de aprovação se seguem, e mais uma vez eles começam a discutir - até que Bokbu se levanta, erguendo as duas mãos. Quando ele faz isso, todos olham para ele com respeito e, finalmente, ficam em silêncio.

Ele limpa a garganta com o semblante sério, exigindo atenção e respeito.

"Por causa das ações dessa garota," ele grita, "toda a nossa vila foi colocada nessa situação delicada. É claro que não podemos aceitar nossa morte passivamente. Temos pouca escolha a não ser aceitar a vida que o Império nos permite viver, como sempre fizemos. Se isso requer que lhes entreguemos o culpado, então é isso que seremos obrigados a fazer."

"Por mais que me doa, às vezes é necessário sacrificar uma pessoa pelo bem da maioria. Não vejo outra saída. Devemos aceitar a sentença do Império. Seremos mutilados, mas não mortos. A vida continuará para nós, como sempre."

Ele limpa a garganta enquanto a multidão continua em silêncio, e então ele dirige o olhar para Darius.

"Amanhã ao amanhecer, faremos como o comandante do Império ordenou; você, Darius, como eles pediram, representará a aldeia e fará a nossa oferta. Você entregará a garota, aceitaremos nossa punição e seguiremos com as nossas vidas. Não falaremos mais nisso. Os anciãos já decidiram."

Com isso, Bokbu estica o braço e bate com seu cajado no tronco oco de madeira, fazendo o som definitivo que sinaliza que uma decisão importante havia sido tomada. O sinal quer dizer que a decisão não poder ser alterada, que não há espaço para mais discussões.

Um por um, os aldeões se afastam, voltando para suas casas desanimados. Os amigos de Darius - Raj, Desmond e Luzi - se aproximam junto com vários outros de seus irmãos, enquanto Darius continua ali sentado, paralisado e em choque. Ele não consegue acreditar que seu povo pretende mesmo trair Loti - e ele - daquela forma. Eles temem a morte tanto assim? Estão tão desesperados para manterem

suas vidas patéticas?

"Não podemos simplesmente entregá-la," diz Raj. "Não podemos desistir assim."

"O que podemos fazer?" Luzi pergunta. "Devemos lutar? Nós contra dez mil homens?"

Darius olha para o lado e vê sua irmã Sandara se aproximando com Gwendolyn, a Rainha dos homens brancos, e seus homens. Ele vê a preocupação estampada nos rostos de Sandara e Gwendolyn.

Ao olhar para Gwendolyn, ele reconhece o espírito de uma guerreira nela, e sabe que ela é sua última esperança.

"Como estão suas feridas, meu irmão?" Sandara pergunta, aproximando-se para examiná-lo com uma expressão preocupada no rosto.

"Minhas feridas são profundas," ele responde. "E elas não são resultado das chicotadas."

Ela olha para ele e compreende imediatamente o que ele diz.

"Você não pode lutar," ela diz. "Não desta vez."

"Você não vive aqui," responde Darius. "Você já não vive aqui há muitos anos. Não pode me dizer o que fazer. Você não sabe o sofrimento porque passamos."

Sandara desvia o olhar e Darius se sente mal; ele não tinha a intenção de magoá-la. Mas ele está desesperado e sentindo raiva do mundo.

Darius olha para Gwendolyn, que também o encara com preocupação.

"E você, minha senhora?" ele pergunta.

Ela olha para ele sem compreender.

"Pretende nos abandonar agora?" ele completa.

Gwendolyn o encara sem expressão, e ele percebe que ela está se fazendo aquela mesma pergunta.

"A escolha é sua," continua Darius, "ficar ou partir. Você ainda tem uma chance de escapar. O

Império não sabe que vocês estão aqui. É claro, o Grande Deserto pode matá-los, mas pelo menos existe uma chance. Mas para nós, essa chance não existe. Se ficar, se vocês permanecerem aqui e lutarem ao nosso lado, há uma chance maior de vencermos. Precisamos de você - de você e dos seus homens, de suas armas e de suas armaduras. Sem você, não temos chance alguma. Você se juntará a nós? Lutará ao

nosso lado? Você escolhe ser uma Rainha? Ou prefere ser uma guerreira?"

Gwendolyn olha para Darius, Sandara e Kendrick, e Darius não consegue ler a expressão em seu rosto. Ela parece em dúvida, e ele poder ver que ela já havia sofrido muito. Ele percebe que ela está pensando no futuro de seu povo, e como Rainha, ele não inveja a decisão que ela deve tomar.

"Eu sinto muito," ela finalmente responde, com a voz carregada de tristeza. "Eu gostaria de poder ajudá-lo. Mas não posso."

*

Gwendolyn, a caminho de volta para as cavernas ao entardecer, atravessa a aldeia e observa os habitantes em pânico e sente uma energia tensa no ar enquanto sua mente se agita com emoções conflitantes. Por um lado, ela pensa no povo de Sandara e na situação difícil em que os habitantes da aldeia se encontram, e seu coração se aperta por eles. Ela sabe como o Império pode ser cruel pois já havia sofrido nas mãos deles. Seu primeiro impulso, obviamente, é ajudá-los, enviar seus homens para a batalha e dar suas vidas em nome daquela causa, em nome da liberdade.

Por outro lado, ela agora é uma Rainha. Ela não é apenas a filha do Rei ou uma garota adolescente, mas uma Rainha com responsabilidades e um povo para governar. Eles dependem dela e as vidas deles estão em suas mãos. Ela não pode tomar a decisão errada em nome deles. Afinal de contas, que direito ela tem de colocar a vida deles em risco para salvar a vida de outras pessoas? Que tipo de Rainha faria isso?

Gwen já tinha visto seu povo sofrer muito - e ela também já tinha sofrido demais. Eles merecem ser jogados no meio de outra guerra, e terminar suas vidas assim, longe de casa em uma aldeia empoeirada? Os aldeões estariam em terrível desvantagem numérica na manhã seguinte, e todos seriam mutilados na melhor das hipóteses. Ela sabe que a coisa certa a fazer - não como uma guerreira, mas como uma *líder* - seria reunir o seu povo e, ao raiar do dia, seguir na direção oposta, rumo ao Grande Deserto, começando a grande jornada em busca do Segundo Anel. Aquela pode ser apenas uma fantasia, ela sabe, e eles provavelmente morreriam no meio do Grande Deserto, mas ao menos eles estariam em busca de algo, à procura de uma vida melhor - e não marchando rumo à morte certa e instantânea.

Independente do que *ela* quer - *ela*, Gwendolyn, o indivíduo, esse é o seu papel como Rainha, não é?

Proteger o seu povo?

O coração de Gwendolyn se parte ao pensar nos aldeões. Ela acredita na causa deles, e é um causa da qual ela compartilha. Ao mesmo tempo, até os aldeões parecem divididos, até eles parecem não ter coragem de lutar. Poucos têm espíritos de guerreiros - poucos, exceto Darius. Ela seria capaz de lutar por eles uma batalha que eles mesmos não parecem dispostos a enfrentar?

"Como Rainha, certamente você não pode estar considerando a situação deles?" Aberthol pergunta ao caminhar ao seu lado. "É verdade, eles são boas pessoas. Um povo bom e justo..."

"E eles nos acolheram," completa Gwen.

Aberthol assente.

"Sim, eles fizeram isso," ele responde. "Mas eles não lutam nossas batalhas por nós, portanto não temos obrigação de lutar as guerras deles. Não que pudéssemos ganhar, a propósito. Esse não é, você vê, um convite para que os acompanhemos em uma batalha, e sim um convite para acompanhá-los na morte. São duas propostas completamente diferentes, minha rainha. Seu pai jamais teria aprovado uma coisa dessas. Você acha que ele sacrificaria todo o seu povo? Por uma luta que eles não desejam lutar, em uma batalha que eles não podem vencer?"

Eles continuam caminhando e um silêncio confortável recai sobre eles enquanto Gwen considera aquelas palavras.

Kendrick e Steffen caminham ao lado deles, mas não precisam dizer nada: ela pode ver a compaixão em seus olhares. Eles compreendem muito bem como é ter que tomar uma decisão difícil. E eles entendem Gwendolyn depois de tanto tempo e tantas viagens juntos. Eles sabem que ela deve tomar uma decisão, e lhe dão espaço e tempo para pensar.

E tudo isso faz com que Gwen se sinta ainda mais torturada por aquela situação. Ela é capaz de ver os dois lados da moeda e sua mente se sente confusa. Se Thor estivesse ali ao seu lado com seus dragões, tudo seria diferente. Ela daria qualquer coisa para ver seu amigo Ralibar aparecer voando no horizonte com seu rugido familiar e para dar um passeio montada em cima dele.

Mas ele não está ali e ela nunca mais o veria. Nenhum deles. Ela está, mais uma vez, sozinha. Ela vai ter que seguir sozinha o seu caminho, como já tinha feito tantas outras vezes em sua vida.

Gwendolyn ouve um gemido e, ao olhar para baixo, vê Krohn andando aos seus pés e se sente confortada com a presença dele.

"Eu sei, Krohn," ela diz. "Você seria o primeiro a atacar. Igualzinho ao Thor. E eu o amo por isso, mas às vezes é preciso mais do que um filhote de leopardo para vencer."

Ao caminhar de volta até a base das cavernas, Gwen olha para cima da colina, na direção da pequena caverna onde Argon se encontra. Steffen e Kendrick param ao lado dela.

"Podem ir," ela fala para eles. "Eu me juntarei a vocês em breve. Eu preciso subir sozinha."

Eles fazem um sinal com a cabeça e partem, e Gwen vira na direção oposta. Enquanto o sol se põe e os últimos raios brilham sobre a montanha, ela sobe a colina e se aproxima da única pessoa capaz de lhe dar respostas, a única pessoa que sempre tinha sido capaz de confortá-la em momentos de necessidade.

À medida que ela avança, Gwen sente uma presença em seus calcanhares, e vê que Krohn a acompanha.

"Não, Krohn, volte," ela pede.

Mas Krohn geme e continua andando, e ela sabe que ele não vai desistir.

Eles sobem a montanha até chegarem até a caverna de Argon, e ela para diante da entrada. Ela torce para que ele seja capaz de ajudá-la. Ele não havia dado qualquer resposta das últimas vezes que ela o tinha visitado, permanecendo inconsciente a maior parte do tempo. Gwen não sabe se ele vai ser capaz de responder agora, mas reza para que ele a ouça.

Quando a noite cai e as duas luas começam a surgir no céu, Gwen observa o campo por um longo tempo - apreciando a paisagem estéril e estranhamente bela - e então entra na pequena caverna.

Argon está deitado sozinho, exatamente como ele havia solicitado. Uma forte energia está presente no ar; quando ela era mais jovem, Gwen se lembra de uma tia que tinha permanecido em coma por muitos anos. O ar na caverna tem aquela mesma energia.

Gwen se aproxima de Argon e se ajoelha ao lado dele. Ela estica o braço e sente a mão dele; ela está

fria ao toque. Ao segurar a mão dele, ela se sente mais confusa do que nunca, e anseia pelos seus conselhos. Ela daria qualquer coisa por respostas.

Krohn se aproxima e lambe o rosto de Argon gemendo, mas ele não se move.

"Por favor, Argon," Gwen fala em voz alta, sem saber se ele pode ouvi-la. "Volte para nós. Apenas desta vez. Preciso da sua orientação. Devo ficar aqui e lutar ao lado desse povo?"

Gwen espera por um longo tempo, tanto tempo, que ela não sabe se ele vai responder.

Quando ela está prestes a partir, Gwen se surpreende ao sentir Argon apertar a sua mão. Ele abre um olho e a encara com os olhos brilhando.

"Argon!" ela exclama, chorando de emoção. "Você está vivo!"

"Por pouco," ele sussurra.

O coração de Gwendolyn se anima ao ouvir a voz dele, por mais fraca que seja. Ele está vivo. Ele voltou.

"Argon, por favor, me ajude," ela implora. "Estou tão confusa."

"Você é uma MacGil," ele finalmente diz. "A última Rainha da linhagem MacGil. A líder de uma nação sem um lar. A última esperança do Anel. É seu dever salvar o nosso povo."

Ele fica em silêncio por muito tempo, e Gwendolyn não sabe se ele vai continuar a responder; mas finalmente, ele a surpreende.

"Mas não é um lar que faz um povo, e sim o coração que bate dentro dele. Pelo que eles estão

dispostos a viver - e pelo que eles estão dispostos a morrer. É possível que você encontre uma terra além do Grande Deserto, um lugar seguro, uma grande cidade. Mas do que você está disposta a desistir por isso?"

Gwendolyn continua ajoelhada, assustada com a gravidade das palavras dele e esperando que ele diga mais. Mas ele não fala mais nada. Ele fica em silêncio mais uma vez, e Gwen sabe que ele não vai se mover.

Krohn coloca a cabeça no peito dele e geme, e Gwen continua ali, perdida em seus pensamentos enquanto um vento forte sopra através da caverna.

Do que você está disposta a desistir por isso?

O que importa mais, ela se pergunta: a honra? Ou a vida?

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Godfrey, acompanhado de Akorth, Fulton, Merek e Ario, fica no limite da floresta observando o portão e tentando pensar com clareza, embriagado pelo vinho forte. Enquanto ele permanece ali, Godfrey se pergunta pela milionésima vez como eles farão para conseguir entrar. É muito fácil, ele percebe, se oferecer para uma missão; executá-la é a parte difícil. Ele gostaria de poder ter a ideia e deixar que outra pessoa a execute.

"Vamos ficar esperando aqui o dia todo?" pergunta Akorth.

"Ou vamos nos aproximar daqueles soldados e perguntar se podemos entrar?" completa Fulton.

"Talvez devêssemos levar algumas flores já que estamos aqui," Fulton fala. "Tenho certeza que isso vai ajudar bastante."

"Sempre podemos atacá-los," responde Fulton.

"Certo," Akorth diz. "Eu fico com os trinta soldados da direita, e você encara os trinta soldados da esquerda."

Eles caem na risada.

"Calem a boca, todos vocês," Godfrey grita.

Ele não consegue pensar direito com toda aquela conversa e também por causa do vinho que ele havia bebido. Ele está tentando se concentrar e pensar com clareza. Eles precisam entrar naquele lugar e não podem continuar ali por muito mais tempo, mas ele simplesmente não sabe como. A força nunca tinha sido uma de suas habilidades, e usá-la seria ridículo naquelas circunstâncias.

Enquanto Godfrey continua ali, repassando os possíveis cenários e todas as formas de enganar os guardas, de repente, ele ouve o barulho de cavalos se aproximando.

Ele olha para a estrada atrás deles e vê, na distância, uma caravana de escravos se aproximando em meio a uma nuvem de poeira. Diversas carroças puxadas por cavalos se aproximam acompanhadas por um pequeno exército de capatazes do Império e, atrás deles, centenas de escravos algemados, avançando rapidamente na direção de Volúsia. É uma procissão caótica de pessoas, com escravos em número bem

superior ao de soldados.

De repente, Godfrey tem uma ideia.

"É isso," ele diz animado, sem tirar os olhos da caravana.

Seus companheiros olham para ele confusos, e então olham para a caravana.

"Nós nos esconderemos entre os escravos," ele explica.

Godfrey se vira ao ouvir os portões abrindo-se lentamente, e vê a ponte levadiça sendo baixada ao mesmo tempo em que as portas da cidade são abertas. Ele sabe que aquela é chance que eles estão esperando.

"Vocês estão vendo," ele pergunta, "aquele ponto onde as árvores encontram a estrada?"

Todos se viram e olham na direção que ele aponta.

"Aquele grupo de escravos no fundo," ele fala, "ao meu sinal, vamos começar a correr, e vamos nos esconder naquele grupo. Mantenham suas cabeças baixas e se escondam o mais perto possível daqueles escravos."

"E se formos descobertos?" pergunta Akorth.

Godfrey olha nos olhos deles e, de repente e inexplicavelmente, sente uma força tomar conta dele; por um momento ele é capaz de ignorar seus medos e encará-lo como um homem. Ele tinha assumido um compromisso, e agora pretende honrá-lo.

"Então morreremos," Godfrey responde simplesmente.

Godfrey ouve sua própria voz com a autoridade de um governante - de um comandante, e se surpreende ao reconhecer seu próprio pai no tom de sua voz. É essa a sensação de ser um herói?

A caravana passa erguendo poeira no ar, e o som das correntes toma conta de tudo. Com as carroças apenas a alguns metros, ele pode sentir o cheiro dos cavalos, dos homens e do medo.

Godfrey fica parado com o coração batendo acelerado, e observa um capataz passar diante dele. Ele espera mais alguns segundos, se perguntando se teria mesmo coragem de prosseguir. Seus joelhos se enfraquecem.

"AGORA!" ele se ouve dizendo.

Godfrey parte para a ação, correndo pra fora da floresta na frente dos outros, com o coração acelerado e com suor escorrendo pelo rosto e dentro dos seus olhos. Agora, mais do que nunca, ele gostaria de estar em melhor forma.

Godfrey se aproxima da retaguarda da caravana, misturando-se ao grupo de escravos rapidamente e deixando-os com expressões confusas no rosto. Por sorte, nenhum deles diz nada.

Godfrey não sabe se os outros irão segui-lo, e uma parte dele pensa que eles não o farão, e que simplesmente irão voltar para o meio da floresta, abandonando aquela missão maluca.

Ele se surpreende ao olhar para trás e ver que todos estão com ele, escondendo-se no meio do grupo de escravos. Eles caminham com as cabeças abaixadas como ele havia instruído - e no meio do grupo, é difícil detectá-los.

Godfrey olha para cima por um instante, e vê os enormes portões da cidade diante dele. Seu coração se acelera enquanto ele continua marchando e passa embaixo da grade. Ele espera ser preso a qualquer momento.

Mas isso nunca acontece. Para sua surpresa, dentro de poucos instantes, eles estão dentro dos muros da cidade.

Eles ouvem um barulho definitivo atrás deles - um som que reverbera em seus ouvidos, e Godfrey sente a finalidade da situação.

Eles haviam conseguido o impossível.

Mas agora, não há como voltar atrás.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Alistair segura firme nas escamas do dragão, atravessando as nuvens ao sobrevoar o Anel. Ela não sabe como chegou até ali, mas grita e segura com mais força quando ele voa mais baixo, cortando as nuvens e dando-lhe uma visão privilegiada de todo o território.

Alistair olha para baixo e, ao fazer isso, fica horrorizado ao ver sua terra natal - seu amado Anel.

Aquela não é a terra natal da qual ela se lembra. Tudo está em chamas - o Anel inteiro incendiado, com

chamas que ardem intensamente.

Por onde quer que ela olhe tudo o que Alistair vê está pegando fogo.

De repente, as chamas desaparecem.

Ao voar mais baixo, Alistair vê, em vez de chamas, um grande terreno de cinzas, escombros e ruínas.

O Anel havia se tornado um deserto. Ela sobrevoa a Corte do Rei e vê que não resta uma única parede ainda em pé.

Eles voam para longe dali, e Alistair vê milhões de tropas - os homens de Romulus marcham sistematicamente e ocupam todos os cantos do Anel. Todas as pessoas que ela um dia havia conhecido estão desaparecidas, mortas. Tudo que lhe é familiar tinha sido destruído.

"Não!" ela grita.

O dragão faz uma curva repentina e Alistair não consegue se segurar. Ela se vê caindo, debatendo-se pelo ar enquanto grita e se aproxima rapidamente do solo queimado.

Alistair acorda gritando. Ela se senta na cama, respirando com dificuldade, e olha ao seu redor um pouco desorientada.

Lentamente, com os primeiros raios de sol, ela percebe que aquilo tinha sido apenas um sonho. Ela está sentada, em total segurança, nos luxuosos aposentos reais, em uma cama coberta por lençóis de seda. Ao seu lado está Erec, completamente seguro embora assustado. Ele também se levanta.

"O que aconteceu, minha querida?" ele pergunta.

Alistair se senta na beirada da cama com o rosto frio e úmido e balança a cabeça. Aquilo tinha sido muito real. Real demais.

"Apenas um sonho, meu amor," ela responde.

Alistair fica em pé, veste um robe de seda e se dirige até a sacada, passando pelas longas cortinas diante das janelas do quarto.

Do lado de fora, ela respira a brisa fresca do oceano e imediatamente se sente mais calma. Ela aprecia a bela paisagem - os penhascos altíssimos, as cadeias de montanhas, as vinícolas e as árvores em

flor que cobrem o horizonte. Ela sente o cheiro das flores de laranjeira fortemente presentes no ar e sente em casa. Alistair sente que nada pode dar errado no mundo e que aquele lugar tem o poder de apagar todos os seus pesadelos. Alguma coisa nas Ilhas do Sul, algo sobre a forma como os raios do sol atingem o mar, iluminam tudo de uma forma gloriosa.

Mas desta vez, por mais que ela se esforce, Alistair não consegue esquecer seu pesadelo. Aquilo parece ter sido mais do que um sonho - ela tem a sensação de que aquilo tinha sido uma mensagem. Uma premonição.

Alistair ouve um barulho de asas e um guincho, e ao olhar para cima assustada, vê um falcão se aproximar dela. Ela percebe que ele carrega uma mensagem em suas garras, um pedaço de pergaminho enrolado.

Alistair veste a manopla de prata, atravessa a sacada e estica o braço; o falcão se aproxima e pousa no braço dela.

Ela pega a mensagem amarrada em suas garras e ergue o braço, libertando o falcão. Alistair continua ali parada e examina o pergaminho com medo de abri-lo. Ela tem um terrível pressentimento e não quer ler o conteúdo da mensagem.

Erec caminha até a sacada e se aproxima, ficando ao lado dela.

Alistair estica o braço e lhe entrega o pergaminho.

"Você não quer abri-lo?" ele pergunta.

Ela balança a cabeça. Depois do seu pesadelo, ela sente com absoluta certeza que aquela mensagem contém informações sobre a destruição do Anel. Sua premonição a tinha preparado para aquilo; ela não precisa ler a mensagem.

Erec desenrola o pergaminho e lê, e ela pode ouvir quando ele suspira involuntariamente.

Ela se vira e olha para ele, e a expressão em seu rosto diz tudo que ela precisa saber.

"Receio que eu tenha más notícias, minha senhora," ele fala. "O Anel foi destruído. Os homens de Romulus o ocupam. Nossos irmãos e irmãs fugiram. Estão exilados. Eles cruzaram o oceano, e fugiram para o Império. Essa é uma mensagem de Gwendolyn. Essa falcão atravessou o oceano. Ela pede a nossa

ajuda."

Alistair volta a olhar para a paisagem, sentindo o desespero tomar conta dela. Ela já sabia daquilo, mas ao mesmo tempo ouvir aquelas palavras lhe causa muita dor. Ela sabe o que aquela mensagem significa: aquilo mudaria a vida deles para sempre. Eles teriam que abandonar as Ilhas do Sul imediatamente e, é claro, ajudar o seu povo.

"Há alguma notícia de Thorgrin?" ela pergunta, pensando imediatamente em seu irmão.

Erec balança a cabeça.

Alistair observa a paisagem com carinho, sentindo-se dividida por ter que ir embora. Ela sente que aquela será uma longa viagem através do oceano - e ainda pior, é possível que eles nunca mais voltem para as Ilhas do Sul.

Alistair olha para os preparativos do casamento e imagina a bela cerimônia que teria acontecido se ela pudesse permanecer ali. Ela teria se tornado a Rainha das Ilhas do Sul, e eles teriam vivido suas vidas em paz e harmonia. Eles teriam tido muitos filhos, e os teriam criado naquele lugar magnífico.

Finalmente, depois de uma vida de caos e sofrimento, ela teria tido um pouco de paz.

Em vez disso, eles estão prestes a partir para uma vida de viagens e batalhas, com perigo e sofrimento. Alistair respira fundo e balança a cabeça, tentando afastar aqueles pensamentos.

Ela finalmente olha para Erec, esforçando-se para conter as lágrimas enquanto faz um gesto afirmativo com a cabeça.

"Eu já sabia, meu senhor," ela diz.

"Você *sabia*?" ele fala. "Mas como?"

"Um sonho. Um pesadelo. Na verdade, foi mais como uma premonição."

"Temos que iniciar os preparativos," diz Erec, olhando para o horizonte, com a voz de um comandante preparado para a guerra. "Precisamos ajudá-los imediatamente."

Alistair concorda.

"Sim, é preciso."

Ele olha para ela e seu olhar se suaviza.

"Eu sinto muito," ele diz ao perceber que ela está observando os preparativos do casamento.

"Podemos nos casar em outra ocasião, em outro lugar."

Ela assente, contendo as lágrimas, e sorri para ele quando ele segura a mão dela e a beija.

Com isso, ele se vira e vai embora, afastando-se com propósito naquela manhã, preparado para a vida diante deles. Alistair observa Erec se afastar, e sabe que a vida que ela havia imaginado para eles jamais de tornaria realidade. E que sua vida nunca mais seria a mesma.

*

Alistair caminha descalça pela trilha familiar por onde ela anda todas as manhãs, e abre caminho entre as laranjeiras escondida entre as árvores, afastando-se da propriedade real na direção das piscinas naturais. Enquanto Erec reúne a frota, ainda resta um pouco de tempo antes que ela tenha que deixar aquela lugar - e ela quer que sua última memória daquele lugar seja uma boa lembrança. Ela havia apreciado de longe as fontes de água quente localizadas no platô, e quer mais uma chance de banhar-se antes de deixar as Ilhas.

O sol começa a esquentar à medida que o dia avança, e brilha sobre a floresta quando Alistair chega ao pequeno platô na beira do penhasco, escondido atrás das árvores. Ela remove seu robe de seda e, nua, entra na pequena piscina quente.

Alistair flutua nas águas da fonte natural, nadando até a borda do penhasco para observar toda a ilha estender-se diante dela - os penhascos, o mar e o céu infinito. Pássaros cantam acima dela e os galhos balançam ao vento enquanto ela aproveita seus últimos momentos naquele lugar, saboreando cada segundo e sentindo-se mais contente do que em qualquer outro momento de sua vida.

Alistair reza para que seu irmão e todo o seu povo estejam bem. Ela torce para conseguir chegar até eles a tempo e salvá-los do perigo em que se encontram.

Alistair tenta alcançar um estado profundo de paz enquanto flutua ali, como sempre fazia. Mas hoje, com todas as preocupações em sua mente, ela simplesmente não consegue.

Ela sai da água e se prepara para vestir seu robe quando, ao ficar em pé sobre a rocha, ela de repente vê algo que a faz pensar duas vezes. Alistair vê as folhas brancas e largas de uma árvore acila, e se

lembra do que sua sogra havia lhe dito: aquelas folhas são capazes de dizer se uma mulher está grávida.

Alistair não sabe por que ela está olhando para aquelas folhas agora, mas algo a atrai naquela direção. Ela está com Erec há apenas uma lua, e sabe que as chances de estar grávida são remotas. Mas ao mesmo tempo, ela quer tentar.

Seu coração bate acelerado ao caminhar até a árvore e arrancar uma das folhas brancas e erguê-la até seu seio, exatamente como sua sogra havia lhe instruído. Ela coloca a palma de sua mão sobre a folha e a mantém ali por dez segundos, sentindo o frescor da folha branca contra a sua pele. Finalmente, ela remove a folha e a observa contra a luz. Se ela estiver grávida, a folha ficará amarela.

Para sua decepção, a folha continua completamente branca.

Alistair sabe que tinha sido bobagem tentar, mas ainda assim ela começa a se preocupar: algum tinha ela teria um filho? Não há nada que ela queira mais, nada que possa aproximá-la mais de Erec.

Alistair coloca a folha no chão e se veste rapidamente, prendendo seus cabelos e preparando-se para partir. Quando ela está prestes a voltar para a trilha, ela se vira e olha uma última vez para a folha no chão.

Ao fazer isso, ela se surpreende.

Alistair vê a folha, jogada sobre a rocha, mudar de cor lentamente diante de seus olhos.

Ela se aproxima da folha e a pega em suas mãos trêmulas. Assim que faz isso, seu corpo inteiro se paralisa.

Ela está grávida.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Volússia abre os olhos quando os primeiros raios de sol atravessam a janela do quarto e se vê deitada nos braços do Príncipe desequilibrado com o rosto encostado no peito dele; ambos estão nus embaixo dos lençóis de seda. Eles estão dormindo em uma cama luxuosa nos aposentos reais, deitados sobre o colchão mais macio que Volússia já tinha visto, e assim que ela percebe onde está Volússia acorda sobressaltada.

Ela rapidamente se lembra de tudo; dormir com o príncipe tinha sido uma experiência diferente de

todas que ela já havia tido com outros homens. Ele é tão completamente louco que Volússia havia passado horas convencendo-o a tirar as roupas, e ele havia passado o restante do tempo tentando resistir. Mas finalmente, depois de certo momento, ela o havia domado, e o príncipe tinha sido seu. Ela não havia gostado da experiência, nem mesmo por um segundo. Mas ela pode dizer que ele havia aproveitado - e isso é tudo que importa. Aquilo tinha sido apenas um meio para alcançar seus objetivos, assim como todos os outros homens de sua vida. Volússia seria capaz de qualquer coisa para alcançar o poder, mesmo que fosse preciso matar sua própria mãe ou dormir com milhares de homens. Nada jamais ficaria em seu caminho.

Nada.

Ela é capaz de desligar um botão em sua mente, criando um senso de distanciamento que a carrega para outro lugar. É esse distanciamento que lhe permite dormir com seu pior inimigo e torturar alguém apenas por diversão. O príncipe desequilibrado é um homem cruel e sádico, que por acaso também é louco. Mas em Volússia ele havia encontrado um bom par: ela pode ser ainda mais cruel do que qualquer pessoa - até mesmo alguém como ele.

Volússia pensa no acordo que eles tinham feito, em sua promessa de permitir que ele a matasse apenas após ter dormido com ele. Ela sorri ao pensar nisso. Ela adora fazer promessas.

E adora ainda mais deixar de cumpri-las.

Quando ela senta na cama, o Príncipe abre os olhos e se senta também. Ele olha para ela e Volússia nota algo diferente em seu olhar desta vez. Há uma clareza que ela não tinha visto antes, como se a loucura dele tivesse sido acalmada.

"Minha senhora," ele diz.

A voz dele a surpreende. Ela está clara e firme, e não carrega a loucura excêntrica que ela havia notado antes.

"Você fez algo comigo," ele fala. "Passar a noite com você... Eu não consigo explicar. Eu me sinto diferente de antes. Eu não ouço mais as vozes. Sinto-me calmo. Normal. Sinto-me como me sentia antes."

Volússia se levanta, veste seu robe e o estuda, surpresa. Ele também se levanta e começa a vestir-se, sem demonstrar os movimentos instáveis e comportamento estranho que havia exibido no dia anterior. Ele se aproxima dela e toma as mãos de Volússia entre as suas, olhando dentro dos olhos dela. Volússia não sabe como reagir. Aquilo seria mais um ato de loucura? Ou algo havia realmente mudado dentro dele?

Ela não havia previsto aquilo - e aquele é um dos raros momentos na vida de Volússia que ela não consegue prever alguma coisa.

"Você me deu vida novamente," ele responde com carinho e suavidade, segurando as mãos dela.

“Você me fez *querer* viver.”

Volússia olha dentro dos olhos dele e percebe que ele parece mesmo ser um homem diferente. Ela está sem fala, e não sabe como reagir.

"Minha senhora, fique aqui comigo," ele pede. "Fique ao meu lado. Deixe que eu a torne a minha rainha. Eu cuidarei de você com carinho. Meus exércitos são enormes, e eu lhe darei todas as minhas tropas para que você faça o que quiser com elas. Qualquer coisa que você quiser - basta pedir e ela será sua. O que o seu coração desejar. Apenas fique ao meu lado. *Por favor*. Eu preciso de você."

Ela olha dentro dos olhos dele quando ele se aproxima para beijá-la, um beijo doce e cheio de lucidez. A mente de Volússia se agita, e ela tenta contemplar os novos fatos.

Na distância, Volússia ouve cânticos suaves. O som se torna cada vez mais alto, e o Príncipe sorri e se encaminha para a sacada.

"Meu povo," ele explica. "Essa é a forma como eles começam o dia - cantando o meu nome. Eles me idolatram. Fique ao meu lado, e farão o mesmo com você."

Ele pega a mão dela e a leva para o lado de fora, dirigindo-se até a grade da sacada. Volússia olha para baixo e se assusta ao ver a altura da queda até o chão. Embaixo deles, o pátio já está cheio de milhares de pessoas ajoelhadas, fazendo saudações e cantando.

“Maltolis! Maltolis!” eles cantam.

Ele sorri e olha para ela.

"Assim como você," o Príncipe fala, "tenho o nome da minha cidade."

Volússia observa a cena, e percebe que ele tem razão: aquele povo realmente vê o príncipe como um deus. Eles parecem idolatrá-lo. Dezenas de milhares de pessoas, um exército maior do que o que ela jamais teria.

Ele olha para ela.

"Vamos nos unir, e governaremos o Império juntos," ele diz.

Volússia sorri para ele e se aproxima para beijá-lo.

Eles ficam de mãos dadas e olham para os moradores de Maltolis, que aplaudem com animação.

Volússia sabe que se aceitar a oferta dele, tudo que ele havia dito se tornará verdade. Ela terá tudo o que precisa para governar o Império.

Mas ao considerar aquilo, Volússia sente algo estranho dentro dela. É uma sensação de indignação.

Ela não quer governar o Império com ninguém. Ela não quer governar um exército com ninguém. Ela não quer receber Império como um presente. Tudo o que ela tem, até então tinha sido conquistado. Por força. Por pura força de vontade. Com suas próprias mãos. E ela também não quer o amor de um homem - louco ou não, ou qualquer tipo de união. Ela não quer ser amada - por um homem ou por qualquer outra pessoa. Se ela quiser amor, ela mesma pode conquistá-lo.

"A sua oferta é muito generosa, meu senhor," ela fala, olhando para ele. "Mas você está se esquecendo de uma coisinha."

"E o que seria isso?" ele pergunta.

Com um movimento rápido, Volússia estica o braço, coloca as mãos nas costas dele e de repente e inesperadamente, usando toda a sua força, empurra o príncipe de cabeça de cima da sacada.

Um grito horrorizado irrompe entre os milhares de moradores de Maltolis quando o príncipe, debatendo-se, despenca trinta metros até o chão.

Ele quebra o pescoço imediatamente, ficando ali jogado no meio de uma poça de sangue.

"Eu sou a grande Deusa Volússia," ela diz com orgulho para o corpo morto do príncipe, "e não divido o meu poder com ninguém."

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Thor continua olhando para o Rei dos Mortos com a Espada dos Mortos ensanguentada em suas

mãos, e todas as criaturas mortas jogadas no chão ao seu redor. Thor se sente entorpecido pela sensação de vitória.

O Rei fica em pé em seu trono e olha para Thor com uma expressão de espanto.

"Disseram que você viria um dia," o Rei diz, olhando para Thorgrin. "O homem que derrotaria a escuridão. O homem que empunharia a espada. O Rei dos Druidas."

O Rei olha para Thor com cuidado, e Thor não sabe como reagir. Aquilo seria verdade? Ele seria mesmo o Rei dos Druidas?

"Deixe-me contar-lhe o que significa ser um Rei," ele continua. "Significa viver sozinho.

Completamente sozinho."

Thor o encara ainda com o coração acelerado pela batalha, enquanto tenta processar tudo aquilo.

Ele olha ao seu redor e percebe com alívio que seus homens, embora feridos, também estão vivos.

Ele volta a olhar para o rei, lembrando-se.

"Você prometeu abrir os portões," diz Thor. "Se eu derrotasse suas criaturas, você se comprometeu a nos libertar."

O Rei abre um grande sorriso, uma imagem grotesca, e seu rosto se contrai em um milhão de rugas.

"Um Rei nem sempre mantém suas promessas," ele fala sorrindo - e sua voz profunda ecoa pelas paredes da caverna e machuca os ouvidos de Thor.

Thor o encara desanimado. Ele aperta as mãos em torno do punho de sua espada, e está prestes a responder quando o Rei continua.

"Nesse caso," o Rei fala, "eu vou. Mas não será tão simples assim. A Terra dos Mortos cobrará um preço. Não é tão fácil sair daqui. Sete de vocês entraram aqui, e um preço deve ser pago. O preço que vocês pagarão será sete demônios."

"Sete demônios?" Thorgrin pergunta sem compreender, mas não gostando daquela ideia.

O Rei se vira e, quando ele faz isso, uma porta secreta feita de pedra maciça se abre na parede da caverna. Ela se abre lentamente com um som horrível de pedra raspando sobre pedra, e revela portões de ferro ocultos atrás dela. Atrás dos portões, Thor vê o céu púrpura e o sol se pondo sobre o oceano; ele ouve o vento e sente uma brisa fria soprando em seu rosto.

"Além destes portões está o mundo que vocês procuram," o Rei fala. "Vocês voltarão para a superfície, mas a sua volta também libertará sete demônios, que circularão livremente pelo seu mundo. Estes demônios atormentarão cada um de vocês, em algum lugar e em algum momento de suas vidas. Vocês passarão por sete tragédias causadas por cada um desses demônios. Quando vocês menos esperarem, as tragédias podem afetar vocês - ou alguém que vocês amam. Vocês ainda desejam partir?"

Thor olha para seus companheiros, que olham para ele com espanto. Thor volta a olhar para os enormes portões de ferro, com barras flamejantes de um metro de largura, e observa sete sombras aparecerem de repente voando pelo ar e baterem com as cabeças nos portões sem parar, como se quisessem ser libertadas.

Ele pensa em Guwayne, em Gwendolyn e em todas as pessoas que ele conhece e ama; ele pensa em seus irmão que tinham vindo até ali por ele. Ele sabe que precisa voltar, não por si mesmo, mas por todos os seus companheiros. Seja qual for o custo.

"Eu aceito pagar o preço," Thorgrin responde.

O Rei o encara sem expressão, e então finalmente assente. Ele começa a fazer um sinal para que seus homens abram os portões, mas antes que ele termine, Thorgrin se aproxima e diz:

"Mas e o resto? Você fez uma promessa. Disse que se derrotasse suas criaturas, concederia a cada um de nós um desejo."

O Rei o estuda.

"É verdade, eu disse isso. E qual é o seu pedido?" ele pergunta.

Thor olha dentro dos olhos deles e o encara com toda seriedade que consegue reunir.

"Eu lhe peço, Rei dos Mortos, que não leve o meu filho. Não permita que Guwayne morra, pelo menos não até que eu tenha a chance de segurá-lo em meus braços, de olhar dentro de seus olhos e voltar a vê-lo. Isso é tudo o que eu lhe peço."

O Rei considera o pedido de Thor, e então finalmente assente.

"Seu pedido será concedido."

O Rei então olha para O'Connor.

E qual é o seu?" ele pergunta.

O'Connor responde: "Quero voltar a ver minha irmã antes de morrer. Peço que você não a leve antes de nos reencontrarmos."

O Rei assente e olha para Matus.

"Eu também, peço que você não leve minha irmã até que eu tenha a chance de reencontrá-la."

Elden se aproxima.

"E eu quero reencontrar o meu pai."

"E eu quero voltar para junto do meu povo," Indra diz.

O Rei olha para os dois membros da Legião que ainda não se pronunciaram. Reece e Conven.

Reece dá um passo adiante solenemente e olha para o Rei, dizendo: "Peço que você libere Selese deste lugar. Deixe que eu a leve comigo. Liberte-a. Devolva Selese para a terra dos vivos."

O Rei dos Mortos analisa Reece.

"Esse pedido nunca foi feito antes," ele fala. "É um pedido difícil. Se ela voltar para a terra dos vivos, ela não será como antes. Pois uma vez que você morre, nunca se pode realmente voltar à vida."

"Eu lhe darei qualquer coisa," Reece diz, segurando a mão de Selese.

"É isso que você quer?" o Rei pergunta para Selese.

Ela assente, e lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto ela aperta a mão de Reece.

"Eu daria qualquer coisa para estar ao lado de Reece novamente," afirma ela.

Depois de uma longa pausa, finalmente, o Rei dos Mortos faz um sinal com a cabeça.

"Muito bem," ele diz. "Você voltará para mundo dos vivos. Por enquanto. Mas tenha certeza que voltaremos a nos encontrar."

O Rei olha para o último membro da Legião, Conven, que se aproxima com orgulho.

"Eu peço que meu irmão também receba permissão pra voltar para a terra dos vivos."

O Rei balança a cabeça veementemente.

"Isso não será possível," ele responde.

Conven o encara inconformado.

"Mas você vai permitir que Selese volte!" ele protesta.

"Selese pode voltar apenas por que sua vida não foi tirada por outra pessoa. Mas seu irmão foi assassinado. Receio que ele não possa voltar. Nem agora. E nem nunca. Ele ficará aqui até o último de seus dias."

Os olhos de Conven se enchem de lágrimas ao olhar para Conval, e então ele volta a encarar o Rei dos Mortos.

"Então eu mudo o meu pedido!" Conven grita. "Eu quero permissão para ficar aqui com meu irmão!"

Thorgrin e os outros suspiram, horrorizados.

"Conven, você não pode pedir uma coisa dessas," Thor diz rapidamente, ao mesmo tempo em que todos se aproximam dele.

"Não faça isso!" completa Reece.

Conven afasta as mãos deles e dá um passo na direção do Rei.

"Se o meu irmão não puder ser libertado," ele diz, "então eu também não quero ser. Eu repito o meu pedido!"

Conval segura o braço de Conven.

"Conven," ele fala, "não faça isso. Ficaremos juntos novamente um dia."

Conven o encara com seriedade, sem se deixar abater.

"Não, meu irmão," ele responde. "Ficaremos juntos agora."

O Rei os encara por muito tempo e então finalmente declara: "A ligação de irmãos não se quebra tão facilmente. Se deseja ficar aqui antes da sua hora, seu desejo será concedido. Você será bem vindo aqui."

O Rei assente, e de repente os portões começam a se abrir. Lentamente, um centímetro de cada vez, o céu é revelado. Quando ele está alto o suficiente, as sombras dos sete demônios voam para o ar livre, dando gritos sobrenaturais. Elas imediatamente voam em sete direções diferentes.

Thor e seus companheiros se aproximam da borda e olham para o mundo diante deles, apreciando o céu aberto e o ar puro. Thor olha para baixo e vê o oceano estender-se diante dele, e ouve as ondas arrebatando na costa abaixo.

Ao seu lado estão Reece - segurando a mão de Selese, e os outros membros da Legião. Ele olha para trás e vê Conven, parado ao lado de seu irmão e olhando para eles com tristeza; ao mesmo tempo, de alguma forma, pela primeira vez em muito tempo Conven parece satisfeito, tendo encontrado a paz que nunca havia tido na terra.

Thor abraça Conven com força e seu amigo retribui o gesto com carinho.

Um por um, todos se despedem dele com lágrimas nos olhos, sentindo a dor de deixarem para trás um irmão da Legião, um homem que os tinha acompanhado desde o começo.

Thor olha dentro dos olhos de Conven e coloca as mãos nos ombros dele.

"Um dia, voltaremos a nos encontrar," Thorgrin diz.

Conven assente.

"Sim, com certeza," ele responde. "Eu só espero que não seja logo."

Thor se vira e volta a olhar para o céu aberto, para o seu barco balançando nas ondas abaixo deles, e sabe que em breve eles estarão de volta em alto mar, atravessando o oceano em busca de Gwendolyn, Guwayne e de todo o seu povo. Logo, eles estarão reunidos novamente.

Ele volta a olhar para cima e, ao fazer isso, vê sete sombras negras dos demônios partindo em sete direções opostas, preparando-se para tomar conta do mundo. Finalmente, elas desaparecem de vista.

Thor ouve seus últimos gritos e pensa: *O que foi que eu fiz?*

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Guwayne olha para o céu enquanto voa pelo ar, atravessando as nuvens nas garras gentis de um dragão - um bebê como ele. Os gritos do dragão de alguma forma confortam Guwayne, como já vinham fazendo há dias. Ele sente que poderia continuar voando assim para sempre.

Guwayne havia perdido a noção do tempo, e todo o seu mundo gira em torno daquele dragão - sua

barriga, seu pescoço e sua mandíbula, ele está encantado pelas suas asas e pela forma como as escamas do dragão brilham sob a luz do sol. Ele gostaria de continua voando para sempre, e iria com o dragão para qualquer parte do mundo.

Guwayne sente o dragão mergulhar gradativamente, voando cada vez mais baixo, pela primeira vez desde que haviam alçado voo. Ao fazerem uma curva suave, Guwayne vê o oceano estender-se abaixo dele.

O dragão voa cada vez mais baixo, atravessando as nuvens, e pela primeira vez, Guwayne vê um pedaço de terra: uma pequena ilha circular, cercada pelo mar. A ilha fica bem no meio do oceano, com grandes penhascos em torno dela. Bem no meio, há um amplo platô, e é pra lá que eles se dirigem.

O dragão grita ao mergulhar cada vez mais e então, finalmente, ele diminui a velocidade e bate suas asas à medida que eles começam a parar.

Quando eles estão prestes a aterrissar, Guwayne olha para baixo e chora ao ver um rosto estranho, um homem sozinho vestindo um manto amarelo, com uma barba amarela comprida segurando um cajado dourado brilhante com um único diamante na ponta. Guwayne não chora de medo, e sim por amor. Ao ver aquele homem, ele imediatamente se sente confortado.

O dragão aterrissa e bate suas asas; o homem se aproxima com os braços estendidos e o dragão coloca Guwayne gentilmente em seu colo.

O homem segura Guwayne com carinho, envolvendo-o em seu manto, e Guwayne lentamente para de chorar. Ele se sente seguro no colo daquele homem, sentindo o grande poder que irradia dele e compreendendo que ele é mais do que apenas um homem. O homem tem olhos vermelhos brilhantes, e ajusta sua postura, erguendo seu cajado rumo ao céu.

Ao fazer isso, Guwayne ouve fortes trovoadas.

O homem misterioso segura Guwayne com força, e quando Guwayne olha dentro dos olhos dele, ele tem a sensação de que vai ficar naquele lugar por muito, muito tempo.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Gwendolyn caminha na frente do seu grande comboio assim que o dia amanhece sobre o deserto, levando-os para longe da aldeia, na direção do Grande Deserto. Kendrick, Steffen, Aberthol, Brandt e Atme estão atrás dela, e Krohn caminha em seus calcanhares à medida que eles se afastam lentamente das cavernas, subindo até o topo das montanhas para olharem a oeste e ao norte, na direção do vasto deserto.

Ao chegarem ao topo, Gwendolyn faz uma pausa por um momento e olha para o céu púrpura avermelhado, observando o nascer do primeiro sol e pensando na longa caminhada diante deles - para um lugar que talvez não exista. Ela se vira e volta a olhar para a aldeia, na direção oposta, ainda calma naquele horário da manhã; Logo, ela sabe, as tropas do Império chegarão, e a aldeia estará cercada. E todos serão mortos.

Gwen olha para o seu povo, os sobreviventes do Anel - aquelas pessoas que ela tanto ama. Não muito longe dela está Illepra, segurando a bebê que Gwen havia salvado do fogo de um dragão. O bebê chora, quebrando o silêncio, e Gwen se pergunta: *por que eu salvei a vida dessa criança se eu não puder protegê-la agora?* Mas imediatamente um pensamento conflitante surge em sua mente: *qual o propósito da vida dessa criança se ela não puder vivê-la com honra e coragem?*

Gwen havia passado a noite acordada, atormentada pela decisão diante dela. Os aldeões a tinham encorajado a partir. Seu próprio povo deseja ir embora. A hora havia chegado. Ela não pode, em sua consciência, liderar seu povo para uma morte certa. Não é isso o que uma Rainha faria.

Mas enquanto Gwen fica no topo daquela montanha, algo muda dentro dela. Algo a incomoda. Ela sente que se trata de sua linhagem, de seus ancestrais e do sangue deles que corre em suas veias. As sete gerações de Reis MacGil, ela sabe, estão ali com ela, sussurrando em seus ouvidos. Eles não permitirão que ela vá embora.

Ela tem um dever e uma obrigação com o seu povo. É esse o significado de ser uma Rainha.

Mas uma Rainha, ela percebe, também tem outra obrigação. Em nome da honra. Em nome da coragem. De mostrar o melhor lado das pessoas. De mostrar quem as pessoas realmente são. Mesmo diante da morte - talvez *acima de tudo* diante da morte. Isso, afinal de contas, é o que mais importa.

Gwendolyn ouve as palavras de seu pai ressoando em seus ouvidos:

Um dia você terá uma escolha que irá atormentá-la. O seu lado racional pensará de uma forma; mas os seus ideais lhe dirão outra coisa. Essa dúvida - é disso que eu estou falando. É nesse momento que você saberá o que significa ser uma Rainha.

Gwen se vira, olha para baixo e vê a pequena aldeia; os aldeões estão começando a se levantar e a encarar o dia e a morte que lhes espera. Eles se levantam com orgulho. Sem medo.

Ela olha para o horizonte e, como uma tempestade que se aproxima, Gwen pode ver que as forças do Império já se estendem até onde seus olhos são capazes de enxergar.

Ao voltar a olhar para os aldeões, pensando em sua escolha e sentindo a presença de seu povo atrás dela, esperando a sua decisão, ela percebe: sim, o dever de uma Rainha é proteger o seu povo; mas é também o seu dever proteger o seus espíritos. Encarnar a sua essência. E a essência do seu povo é nunca fugir. Nunca recuar. Nunca dar as costas para aqueles que precisam de ajuda.

A segurança não significa nada quando o preço que se deve pagar é o mal de alguém.

Gwendolyn olha para a aldeia, para o horizonte e para o exército que se reúne, e sabe que tem apenas uma opção:

"Peça que todos voltem," ela pede para Kendrick.

Gwen se vira e começa a descer na direção oposta, dirigindo-se para a aldeia, na direção do exército do Império. Ela é a líder e sabe, como um pastor que conhece o seu rebanho, que eles a seguirão.

Ela sabe que eles estão marchando para suas mortes, mas isso não importa agora. Todos morrem um dia - mas nem todos chegam a viver.

O que realmente importa, ela sabe, é que eles estão marchando para a glória.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Darius, acompanhado de Loti e Dray, fica ao lado de seus irmãos e cercado pelos anciãos e pelos outros aldeões quando o dia amanhece na aldeia enquanto observa a cena diante dele: ali está o exército do Império e centenas de soldados montados em zertas os encaram. O dia da retribuição havia chegado.

Darius continua ali, com as costas em carne viva, sentindo-se completamente vazio. Sabendo o que a aldeia pretende fazer, ele havia passado a noite em claro. Ele agora está sonolento, e só consegue pensar

que os anciãos exigem que ele entregue Loti para que todos possam continuar vivos.

Mas Darius sabe que, se fizer isso - se fizer o que eles pedem - ele não será capaz de continuar vivendo. Algo dentro dele morreria; algo dentro de todos eles morreria. Aquilo - aquele sentimento de preservação - pode ser o costume dos anciãos, mas não é a forma como ele pensa. E *nunca* será.

O comandante do Império se aproxima em sua zerta, liderando uma comitiva de uma dúzia de soldados e deixando centenas de soldados alinhados sob o sol da manhã pra trás, e para a dez metros de Darius. Ele desmonta e se aproxima a pé, andando no chão de terra.

Dray começa a rosnar, mas Darius coloca a mão na cabeça dele e, abaixando-se, olha nos olhos do cachorro.

"Dray," ele diz com urgência. "Lembre-se do que eu disse. Você tem que ficar aqui. Está entendendo?"

Finalmente, Dray fica em silêncio e Darius sente que ele realmente havia compreendido.

Darius se vira e olha para Loti, e pode ver o medo nos olhos dela quando ela o encara. Ela faz um gesto para ele, apertando a mão dele com força.

"Está tudo bem," ela diz. "Deixe-me ir. Eu quero morrer. Por você. Por todos vocês."

Ele balança a cabeça rapidamente, e então se inclina e beija a mão dela.

Depois ele se vira e começa a se afastar sozinho, um único homem enfrentando o Império.

O comandante para, esperando, e Darius se aproxima e para diante dele. Darius o encara com ódio, sentindo as chicotadas em suas costas e o ar frio em seu pescoço onde seu cabelo tinha sido cortado. Ele sente raiva. Ao mesmo tempo ele se sente como outro homem, renascido.

Ele está a alguns passos do comandante do Império, que o encara impiedosamente.

"É um novo dia," ele grita para Darius e para os aldeões. "Vocês têm uma nova oportunidade hoje.

Digam o nome do culpado por este crime, recebam o seu castigo, e todos continuarão vivos."

O comandante faz uma pausa.

"Ou então," ele grita, "continuem em silêncio, e mataremos todos vocês, torturando-os lentamente -

começando por você."

Darius permanece ali, encarando o comandante com determinação. Ele sente a brisa suave do deserto e sua visão entra em foco; ele ouve os batimentos do seu próprio coração. Em meio ao silêncio, Darius vê um arbusto seco rolando pelo chão do deserto. Ele ouve o barulho do vento, um som estranhamente tranquilizador. O tempo parece parar à medida que Darius começa a perceber todos os detalhes do mundo ao seu redor. Os detalhes que ele sabe serão as últimas coisas que ele verá.

Darius assente lentamente para o comandante.

"Eu vou lhes dar exatamente o que vocês estão pedindo," ele fala.

Darius sabe que se ele não entregar Loti, se ele desafiar o Império, aquela será uma batalha que a aldeia não pode vencer. Ele daria sua própria vida por lealdade, por honra. Por justiça. Ele desafiaria a lei dos anciãos. Ele desafiaria todos eles.

O comandante abre um sorriso, se preparando.

"E então, quem foi?" ele pergunta. "Quem de vocês matou nosso capataz?"

Darius o encara com o coração batendo acelerado, sem expressão, mas tremendo por dentro.

"Chegue mais perto, Comandante, e eu lhe direi o nome desse criminoso."

O comandante se aproxima e, naquele momento, Darius tem a sensação de que o tempo se desacelera. Com as mãos trêmulas, ele estica o braço, pega uma adaga em seu cinto - uma adaga de aço que o ferreiro havia lhe dado e que ele havia escondido. Ele salta pra frente e ouve os gritos horrorizados dos anciãos e do seu povo ao enfiar a adaga até o punho no peito do comandante.

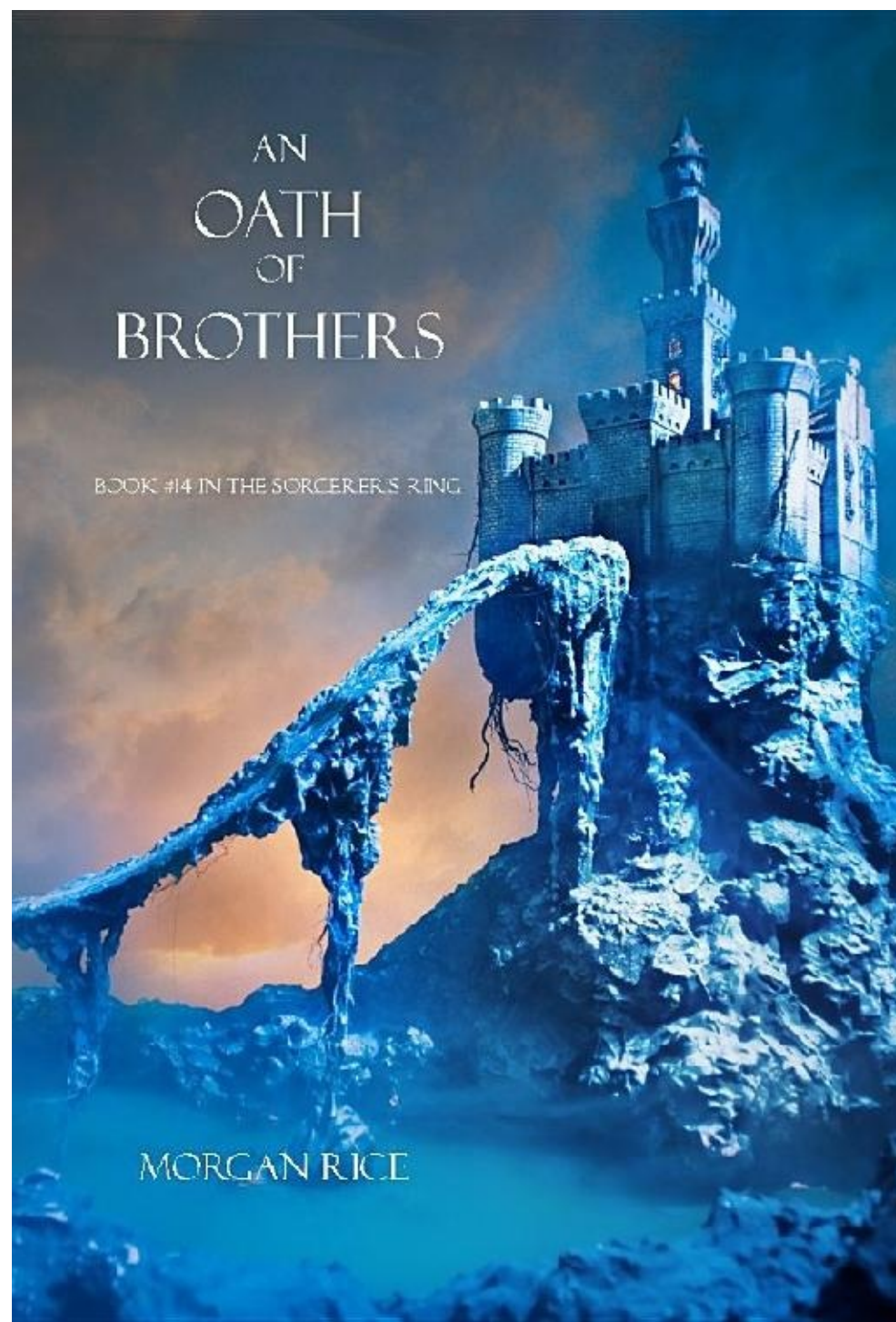
O comandante, com os olhos arregalados de choque, cai de joelhos, sem conseguir acreditar que uma coisa daquelas poderia estar acontecendo.

"O nome desse criminoso é um nome que você jamais se esquecerá," Darius diz com ódio. "O nome dele é Darius."

AN OATH OF BROTHERS

BOOK #14 IN THE SORCERER'S RING

MORGAN RICE



AGORA DISPONÍVEL!

[UM JURAMENTO DE IRMÃOS](#)

(LIVRO N 14 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)

"O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: intrigas, conspirações, mistério, cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, traições e desilusões.

Ele vai deixar você entretido por horas, e vai satisfazer públicos de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

Em UM JURAMENTO DE IRMÃOS, Thorgrin e seus companheiros escapam da terra dos mortos mais determinados do que nunca a encontrar Guwayne, e embarcam em um oceano hostil que os leva a lugares inimagináveis. Ao chegarem cada vez mais perto de encontrar Guwayne, eles também encontram obstáculos como nunca antes, que irão testar todos os seus limites - forçando-os a usarem suas habilidades e treinamento e a permanecerem juntos, como irmãos.

Darius enfrenta o Império, juntando um exército ao libertar diversas aldeias escravas. Diante de cidades fortificadas, contra um exército com mil vezes o tamanho do seu, ele invoca todos os seus instintos e coragem, determinado a sobreviver, a vencer e a lutar pela liberdade a todo custo - mesmo que isso custe a sua própria vida.

Gwendolyn, sem outra opção, leva o seu povo para o Grande Deserto, explorando partes do Império nunca antes visitadas em sua busca pelo lendário Segundo Anel - a última esperança de sobrevivência do seu povo, a última esperança de Darius. Mas ao longo do caminho ela encontra monstros horríveis, terrenos ainda piores e uma revolta entre o seu próprio povo que nem mesmo ela pode ser capaz de controlar.

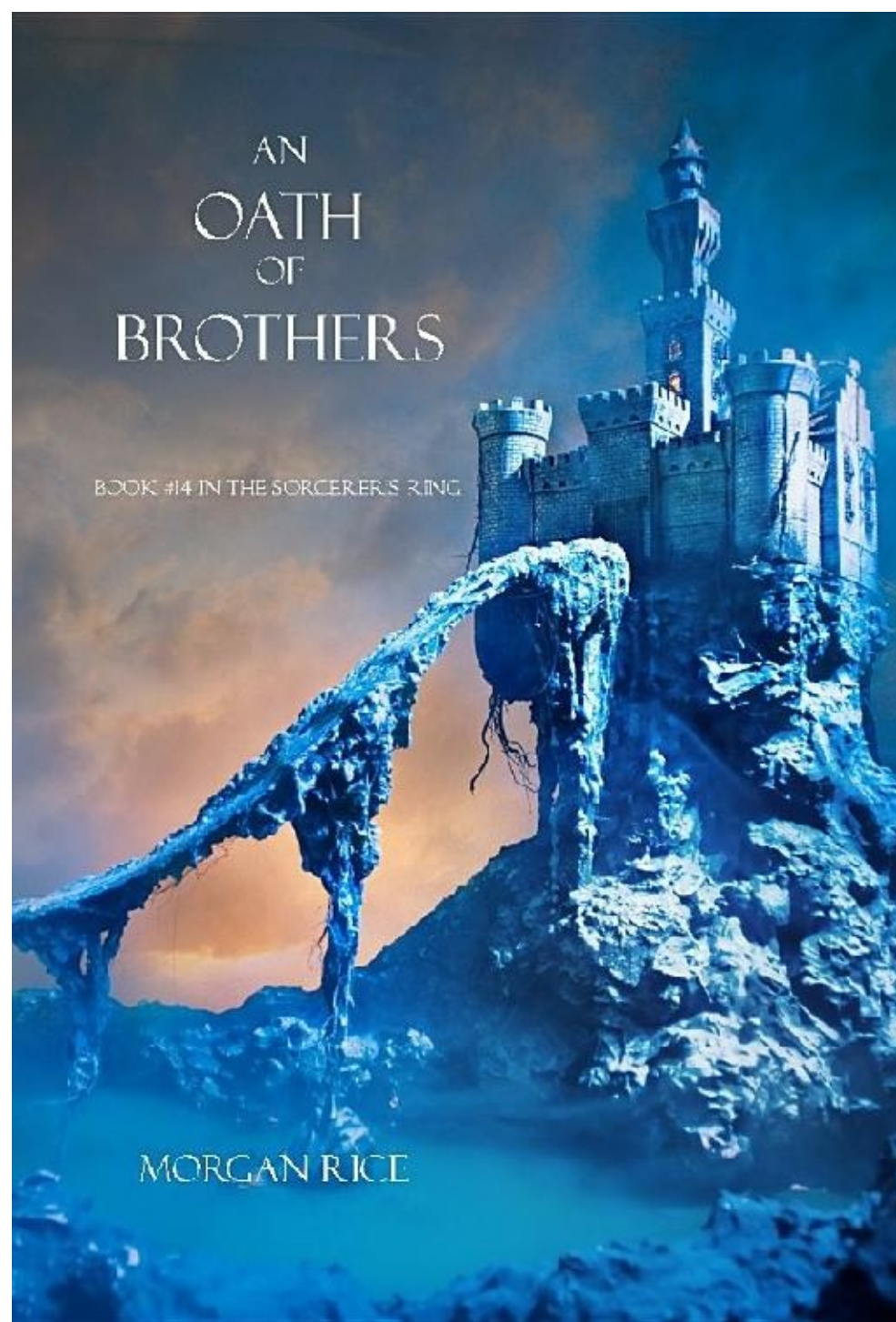
Erec e Alistair embarcam rumo ao Império para salvar o seu povo, e ao longo do caminho param em ilham ocultas, determinados a montar um exército - mesmo que para isso seja preciso lidar com mercenários de índole questionável.

Godfrey se encontra dentro da cidade de Volúsia e em grandes apuros quando seu plano dá errado. Aprisionado e condenado à morte, ele não vê outra saída.

Volúsia faz um pacto com um feiticeiro e, com poderes ainda maiores, continua sua ascensão, conquistando todos que ousam ficar em seu caminho. Mais poderosa do que nunca, ela levará sua guerra até os degraus da Capital do Império - até ficar diante do exército do Império, um exército maior do que o dela, dando início ao que promete ser uma batalha épica.

Thorgrin conseguirá encontrar Guwayne? Gwendolyn e seu povo conseguirão sobreviver? Godfrey será

capaz de escapar? Erec e Alistair chegarão ao Império? Volússia se tornará a próxima Imperatriz? Darius conseguirá liderar seu povo para a vitória?



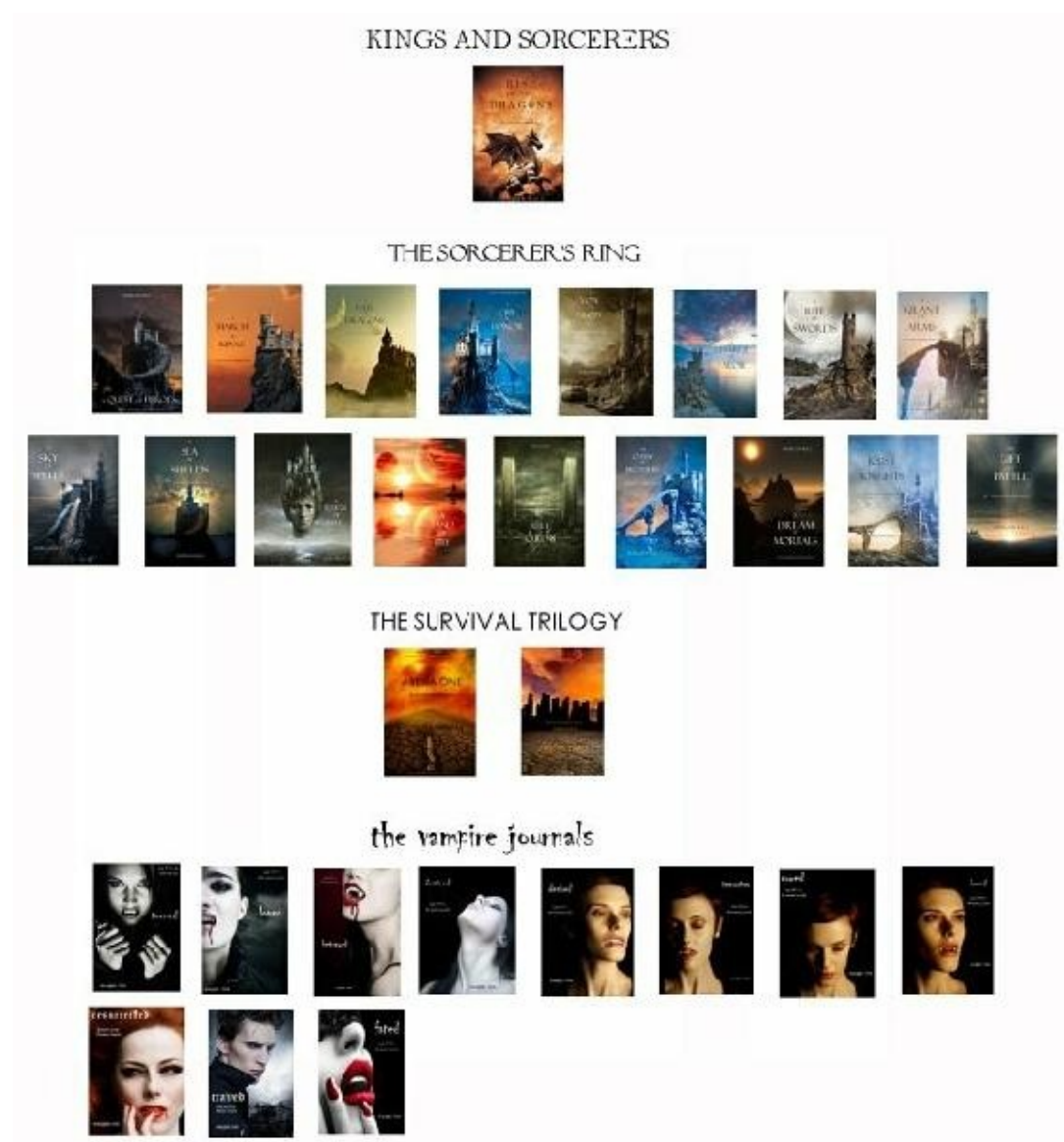
Com uma ambientação e construção de personagens sofisticada, UM JURAMENTO DE IRMÃOS é um conto épico de amizades e amantes, rivais e pretendentes, cavaleiros e dragões, intrigas e maquinações políticas, do processo de tornar-se adulto, de corações partidos, de enganos, ambição e traições. É um conto de honra e coragem, de destino e magia. É uma fantasia que nos leva até um mundo que jamais esqueceremos, e que atrai leitores de todas as idades e gêneros.

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga em seu enredo... Para aqueles em busca de aventuras substanciais, os protagonistas e suas ações e estratégias fornecem um conjunto vigoroso de conflitos que se concentra na evolução de Thor de um rapaz sonhador a um jovem adulto que precisa enfrentar dificuldades impressionantes em sua luta pela sobrevivência. Esse é apenas o começo do que promete ser uma série épica para jovens adultos."

Midwest Book Review (D. Donovan, crítico de E-books)

[UM JURAMENTO DE IRMÃOS](#)

(LIVRO N 14 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)



[Ouça](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Livros de Morgan Rice

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)

O PESO DA HONRA (Livro nº3)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n 3)

UM GRITO DE HONRA (Livro n 4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n 5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro n 6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro n 7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n 8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n 9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro n 10)

UM REINADO DE AÇO (Livro n 11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro n 12)

UM REINADO DE RAINHAS (Livro n 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro n 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro n 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

RENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro n 1)

ARENA DOIS (Livro n 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n 1)

AMADA (Livro n 2)

TRAÍDA (Livro n 3)

PREDESTINADA (Livro n 4)

DESEJADA (Livro n 5)

COMPROMETIDA (Livro n 6)

PROMETIDA (Livro n 7)

ENCONTRADA (Livro n 8)

RESSUSCITADA (Livro n 9)

ALMEJADA (Livro n 10)

DESTINADA (Livro n 11)

Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller nº1 do USA Today autora da série O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série bestseller nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, composta por onze livros (em progresso); da série bestseller nº1

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por dois livros (e contando). Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em 25 idiomas.

[TRANSFORMADA](#) (Livro n 1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência) e

[EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e fazer parte da lista de correspondência, receber um livro gratuito, ganhar brindes, fazer o download do aplicativo gratuito, receber notícias exclusivas, conectar-se através do Facebook e Twitter e manter contato!

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)